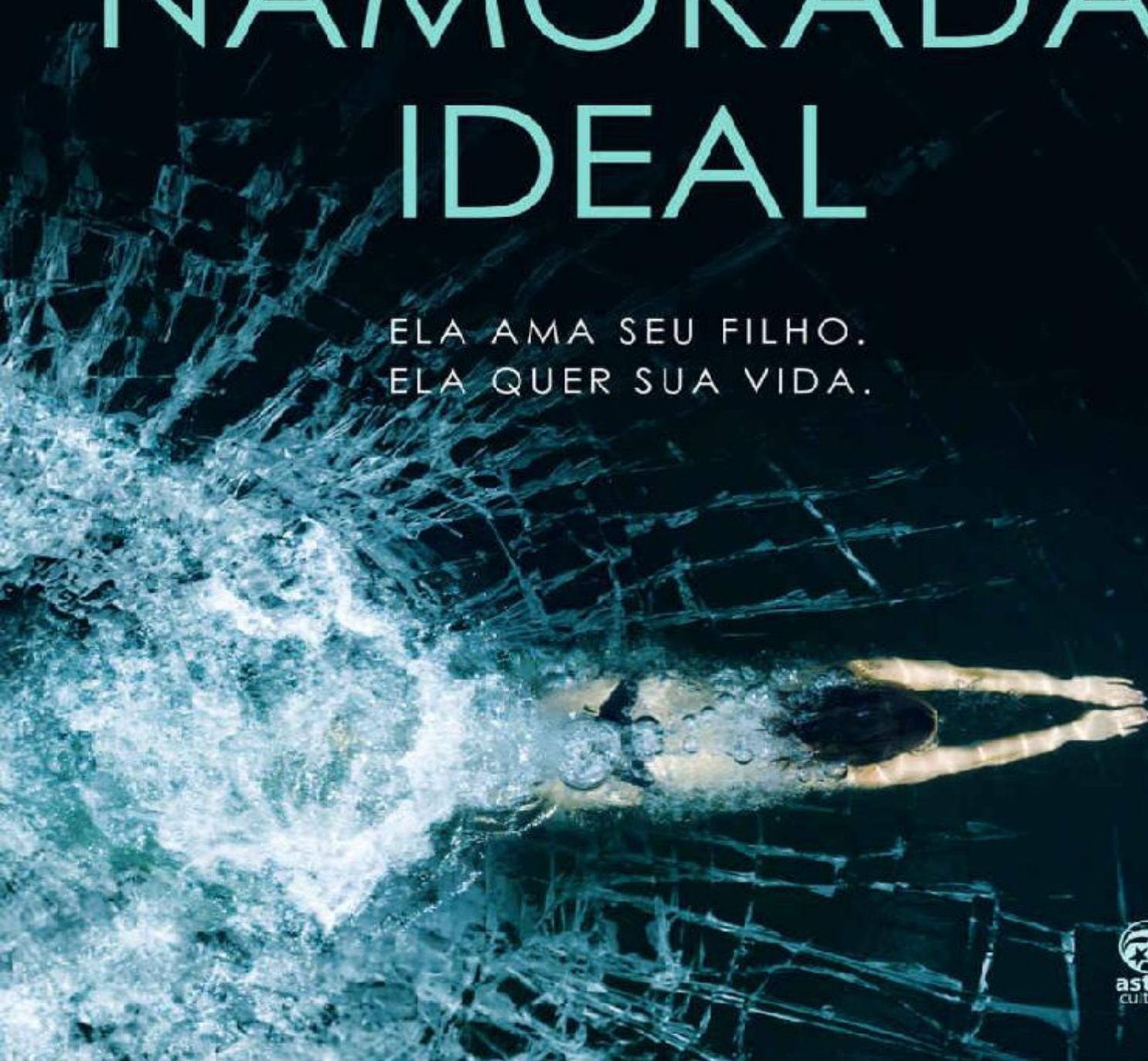


MICHELLE
FRANCES

A

NAMORADA IDEAL

ELA AMA SEU FILHO.
ELA QUER SUA VIDA.





MICHELLE
FRANCES

A
NAMORADA
IDEAL

ELA AMA SEU FILHO.
ELA QUER SUA VIDA.



"AMO MEU FILHO.

Era tudo o que devia ser levado em consideração. Não importava que estivesse prestes a fazer algo hediondo. Uma oportunidade lhe fora concedida, um farol depois dos últimos meses devastadores, e Laura sabia que tinha que aproveitar. Pensara e repensara naquilo por horas, mas agora a decisão estava tomada, e ela sentia uma onda de horror pelo que teria que dizer. As palavras que iriam parti-la em pedaços. Essa seria a primeira vez. Por um instante, pensou em ensaiar o que iria dizer, mas as palavras — a palavra — nem chegavam a se formar em sua mente; seu instinto era rechaçá-las com violência."

Uma mãe capaz de proteger seu filho sem pensar nas consequências de seus atos contra uma namorada disposta a conseguir tudo aquilo que deseja. Prepare-se para começar a desconfiar de tudo e de todos.

A
NAMORADA
IDEAL

MICHELLE
FRANCES

A
NAMORADA
IDEAL

TRADUÇÃO
MARCIA BLASQUES



Star Books Digital

Copyright © 2017, Michelle Frances

Título original: The girlfriend

Publicado originalmente em Língua Inglesa por Pan Books uma divisão de Pan Macmillan

Tradução para Língua Portuguesa © Editora Alto Astral Ltda.

Tradução para Língua Portuguesa © 2018, Marcia Blasques

Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora responsável Tainã Bispo

Produção editorial Aline Santos, Bárbara Gatti, Fernanda Costa, José Cleto, Luiza

Marcondes e Natália Ortega

Preparação de texto Jonathan Busato

Revisão de texto Juliana Albuquerque

Foto autora © Tina Frances

Capa More Visual e W F Howes Limited

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

F885n Frances, Michelle
A namorada ideal : ela ama seu filho : ela quer sua vida /
Michelle Frances ; tradução de Marcia Blasques. — Bauru, SP :
Astral Cultural, 2018.
448 p.

Título original: The girlfriend

ISBN: 978-85-8246-753-4

1. Ficção inglesa 2. Literatura psicológica

I. Título II. Blasques, Marcia

18 0469

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa 823



ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS
DA EDITORA ALTO ASTRAL

BAURU

SÃO PAULO

Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879

Rua Tenerife, 31 - Conj. 21 e 22
CEP 04548-904
Telefone/Fax: (11) 3048-2900

E-mail: contato@astralcultural.com.br

<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

*Para minha mãe, por seu amor pelos
livros, e para meu pai, por sempre ter
uma palavra positiva.*

Sumário

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[CAPÍTULO 53](#)

[CAPÍTULO 54](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

PRÓLOGO

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE MARÇO

Amo meu filho. Era tudo o que devia ser levado em consideração. Não importava que estivesse prestes a fazer algo hediondo. Uma oportunidade lhe fora concedida, um farol depois dos últimos meses devastadores, e Laura sabia que tinha que aproveitar. Pensara e repensara naquilo por horas, mas agora a decisão estava tomada, e ela sentia uma onda de horror pelo que teria que dizer. As palavras que iriam parti-la em pedaços. Essa seria a primeira vez. Por um instante, pensou em ensaiar o que iria dizer, mas as palavras — a palavra — nem chegavam a se formar em sua mente; seu instinto era rechaçá-las com violência.

Ela seguiu até a pia do banheiro da suíte particular no hospital e se olhou no espelho pendurado logo acima. Uma rápida conferida para ver se sua alma ainda estava intacta através dos olhos azuis desgastados a tranquilizou. Nenhuma íris verde reluzente nem pupilas dilatadas demoníacas. Parecia cansada, no entanto, e ficou surpresa em ver o quanto tinha envelhecido. Havia mais linhas ao redor dos olhos e da boca. Também havia uma tristeza, um desespero assombroso que ela tentava desesperadamente deixar de lado com aquele hospital novo e caro, com os melhores médicos que conseguira encontrar e com uma esperança frágil. Por um instante, ela se esqueceu do que estava prestes a fazer, e só pensou no que aconteceria em breve. O desgosto era uma força física que a fez dobrar o corpo, agarrando a pia. Ergueu-se depois de alguns segundos. Nada mudara.

Cherry estaria de volta hoje. Laura vira que os voos do México em geral chegavam em Heathrow logo de manhã. Olhou o relógio. Talvez ela já estivesse em seu apartamento em Tooting naquele instante.

Um nó se formou em sua garganta quando pegou o telefone, mas Laura engoliu em seco. Tinha que fazer isso direito. Qualquer mãe faria o mesmo, lembrou a si mesma uma vez e mais outra, como um mantra para fazê-la passar por isso.

Ela marcou os números do telefone cuidadosamente. Sentiu que estava gelada, depois suada, as ondas de frio e de calor se alternando, aumentando sua agonia. Logo sua vida chegaria ao fim. Aquela que teve significado. Segurando o telefone com as duas mãos para impedir que tremesse, Laura esperou que os toques em seu ouvido parassem.

CAPÍTULO 1

NOVE MESES ANTES — SÁBADO, 7 DE JUNHO

Laura tinha um bom pressentimento sobre aquele dia. Uma sensação deliciosa de início de férias tomara conta dela no instante em que abriu os olhos. Estava de pé e vestida antes mesmo das sete e meia, em um sábado de junho já quente. Ao atravessar o corredor em direção ao quarto de Daniel, ela tentou ouvir os ruídos do filho se mexendo, mas o quarto que mantinham limpo e aconchegante enquanto ele estava na faculdade de medicina estava em silêncio. Ele ainda dormia. Não era surpresa alguma, visto que, nas últimas noites, voltara para casa muito tempo depois de ela se deitar. Daniel já tinha voltado da faculdade há dois dias, mas ela ainda não o vira. O trabalho estava em um momento complicado, Laura saía de manhã e, quando voltava para casa, ele já havia saído. Passando o tempo com os velhos amigos, sem dúvida. Ela tinha inveja daquelas conversas; estava ansiosa por informações. Queria escutar tudo, saber de tudo, aproveitar a animação que sentia por ele estar começando a vida profissional, e saborear o verão antes que ele partisse para fazer seu período de residência médica. Hoje seria o dia deles — nada de mudanças urgentes de última hora na série dramática que ela produzia para o canal de televisão ITV, mantendo-a em uma ilha de edição até às nove da noite; nada de reuniões. Só um dia juntos, mãe e filho.

Laura abriu um pouco a porta, o sorriso pronto no rosto. O quarto estava inundado pela luz do sol, as cortinas abertas e a cama feita. Ela ficou parada por um instante, confusa, e percebeu que ele devia ter descido para preparar o desjejum. Feliz por ele já estar em pé e com seu mesmo estado de espírito, Laura desceu animada as escadas da casa em Kensington e irrompeu cozinha adentro. Estava vazia. Ela olhou ao redor, um pouco perdida, uma pontada de ansiedade atravessando seu corpo. Então viu um pedaço de papel no balcão. Havia uma mensagem rabiscada: “No porão. Estarei COM FOME!”. Ela sorriu. Ele sabia que ela odiava quando chamava aquele aposento de “porão”: a palavra era repleta de falsa modéstia. Era uma maldita extensão imensa da casa que descia na vertical em vez de seguir na horizontal e custara uma fortuna ao seu marido. Mesmo assim, não era muito mais do que um porão. Howard queria um “covil”, dizia, e ela quase ria do eufemismo absurdo, só que sabia que ele queria seu covil para mantê-la afastada. Ele sugerira isso de modo quase casual uma noite, dizendo que seria útil ter um lugar para que “cada um de nós tenha um pouco de espaço”. Ela lutara para disfarçar a surpresa e a mágoa; de qualquer maneira, mal se viam: ele estava sempre no trabalho, jogando golfe ou enfiado em seu escritório em casa. Ele contratou alguns construtores habilidosos e muito caros,

que escavaram a terra sob a casa e encheram o espaço com um salão de jogos, uma adega de vinhos, uma garagem e uma piscina. Os vizinhos ficaram irritados com tanto barulho, com a correia transportadora de entulho saindo do chão e com a mancha disruptiva na paisagem. Sobrou para Laura se desculpar, mas pelo menos era algo temporário, nada comparado ao *bunker* subterrâneo de quatro andares do magnata do aço do final da rua, que causara rachaduras nos pilares dianteiros da vizinhança.

Pegando o elevador até a piscina, ela esperou que o zumbido dos motores parasse e entrou em um crepúsculo azul de lápis-lazúli. Atravessando a água, submerso, estava Daniel, e como sempre sua visão fez o coração de Laura disparar. Ela caminhou até a extremidade mais funda, bem quando ele terminou de nadar todo o comprimento da piscina, e se ajoelhou na beira da água.

Ao vê-la, Daniel parou. A água escorria de seus ombros fortes quando ele se ergueu da água sem esforço algum e jogou os braços ao redor da mãe, sorrindo e abraçando-a com força. Ela deu um gritinho de censura, como ele sabia que aconteceria, e, incapaz de resistir, abraçou-o também.

Sentindo a umidade em suas roupas, ela o afastou e esfregou as mãos nas manchas escuras em seu vestido amarelo.

— Isso não teve graça — ela falou, sorrindo.

— Só estava dando um abraço em minha velha.

— Nem tão velha. — Na cabeça de Laura, ela ainda tinha vinte e cinco anos, e com frequência olhava fascinada para outras mulheres tomadas pela meia idade, antes de perceber que eram da sua mesma geração. Divertia-se em pensar que sofria de algum tipo de amnésia etária; divertia-se mais ainda quando olhava no espelho, confirmando que, embora parecesse bem para a idade que tinha, definitivamente não tinha mais vinte e cinco anos.

— Vamos lá, todos os rapazes gostam de você, e você sabe disso.

Ela sorriu. Era verdade que gostava da companhia dos amigos de Daniel, do jeito que flertavam com ela, aproximando-se e reclinando-se preguiçosamente na mesa onde ela tomava o café da manhã, chamando-a de “sra. C” e dizendo o quanto sua torrada francesa era boa. Já fazia um bom tempo que não os via.

— Como estão Will e Jonny?

— Não sei. — Daniel começou a se secar com uma das toalhas felpudas que a sra. Moore trocava três vezes por semana, independentemente de se tinham ou não sido usadas por alguém.

— Mas você não os viu ontem?

— Estão trabalhando — ele disse irreverente, desaparecendo atrás de uma tela de madeira esculpida. — Já estão por aí, mudando o mundo.

— No ramo de seguros? Sei que estão trabalhando. Estava falando das noites. Por onde você andou, então, nas últimas duas noites, se não estava com os rapazes?

Houve um silêncio atrás da tela, e Laura não viu que Daniel esboçava um sorriso secreto de reflexão. Ele pretendia manter a novidade para si mais um pouco, mas de repente sentiu necessidade de contar para alguém. Pouco a pouco contaria alguns detalhes, não tudo, aproveitando para revivê-los enquanto isso.

— Ei! — Ele exclamou quando Laura colocou a cabeça na entrada.

Ela ficou parada, braços cruzados, esperando que ele respondesse à pergunta.

— Você já está perfeitamente decente.

Observou-o com carinho enquanto ele vestia o short e a camiseta, orgulhosa dos genes que tinham produzido um jovem de tão boa aparência. Claro que Howard tinha parte naquilo, mas o filho deles parecia mais com a mãe. A mesma altura, o mesmo cabelo loiro grosso e ondulado, a mesma estrutura óssea robusta. Em vez de dar a resposta que sabia que ela queria, Daniel sorriu descaradamente enquanto seguia para o elevador.

Ela inspirou rapidamente, frustrada.

— Não aperte este botão.

— Você vem comigo?

Laura seguiu-o até o elevador e fingiu arrancar seu lóbulo da orelha.

— Vou tirar isso de você.

O elevador começou a subir.

— Ei! Posso convidá-la para um *brunch*?

Ela ergueu as sobrancelhas.

— O que você tem para contar exige um anúncio?

As portas se abriram, ele pegou a mão dela e a levou pelo hall até a cara mesa de carvalho e granito da cozinha.

— Só quero mimar minha mãe.

— Seu sedutor barato. Antes de irmos, me dê uma pista. Não consigo aguentar o suspense. — Ela se manteve firme.

Ele se serviu de um copo volumoso de suco da geladeira.

— Andei procurando um apartamento. Sabe, para quando começar a residência.

Ela suspirou.

— Tem certeza de que não posso convencê-lo a voltar para casa?

— Ah, mãe... Sem contar os feriados, e nem foram todos, eu não moro em casa há cinco anos. — Não que Daniel tivesse uma vida social agitada; ele apenas gostava de privacidade, como qualquer rapaz, e não queria passar os próximos dois anos vivendo sob o teto de sua infância, com ou sem piscina no porão.

— Ok, ok. Então, procurando apartamento. À noite?

Ele sorriu.

— Só estava fazendo a vontade da corretora.

Levou um instante e ela entendeu.

— Uma garota?

— Ela é muito minuciosa. Sabe exatamente do que gosto.

— Uma garota!

— Você fala como se eu nunca tivesse saído com alguém antes.

— Mas essa é especial — Laura falou de modo decisivo.

— Como você sabe?

— Bem, você a encontrou nas últimas duas noites, não foi?

— Sim...

— Mesmo tendo acabado de conhecê-la! Vamos lá, conte tudo. Qual o nome dela?

Ele se divertiu com o entusiasmo da mãe.

— Cherry.

— Como cereja em inglês! Uma fruta selecionada, de curta estação.

— Como?

— Exótica?

— Ela tem cabelo escuro... — Ele ergueu a mão, balançou a cabeça. — Não acredito que estou dizendo isso.

Laura agarrou sua mão.

— Não, não pare. De verdade. Quero saber tudo sobre ela. De onde ela é?

— Tooting.

— Ela é exótica mesmo! Desculpe! Era brincadeira. Ficarei séria agora. — Laura beijou a mão do filho de um jeito contrito. — Quantos anos ela tem?

— Vinte e quatro.

— E é corretora de imóveis?

— Sim. Bem, na verdade, está treinando ainda. Começou há pouco tempo.

— E ela trabalha aqui em Kensington?

— Ela queria vender casas bonitas. — Ele se sentou no balcão da cozinha. — Estudou a área fingindo que queria se mudar para cá. Viu vinte e três apartamentos com outros corretores antes de se candidatar ao emprego. Descobriu que conseguia conversar sobre as propriedades com prováveis clientes com muita tranquilidade. — Deu uma gargalhada. — É o que eu chamo de iniciativa. E então... com muita audácia, inventou um currículo. Ou pelo menos embelezou o que tinha. Fez com que parecesse ser o “tipo certo de garota”.

Laura sorriu, embora estivesse um pouco chocada com o comportamento de Cherry. O que era uma bobagem, já que não tinha nada a ver com o trabalho da garota e não era sua empregadora. Deu um tapinha no joelho de Daniel com as costas da mão.

— Vamos lá, achei que você ia me levar para sair.

Ele desceu do balcão e fez uma medida.

— Será um prazer.

Daniel queria mimar a mãe, cuidar dela, ser o filho que sabia que ela, de certa forma embaraçosa, gostaria de exibir. Sentaram-se na cafeteria, e ela aproveitou o bom humor de ambos, sabendo que ele também estava se divertindo. Daniel sempre achava tempo para estarem juntos, em especial porque, desde que se lembrava, estava ciente de que o relacionamento de seus pais tinha pouco carinho. Não havia muito nem mesmo em termos de companheirismo: seu pai raramente estava por perto, já que seu trabalho como sócio de uma grande firma de contabilidade o mantinha ocupado o tempo todo. Por isso, Daniel queria compensar um pouco da solidão que sabia que a mãe sentia. Já fazia um tempo, desde que a vira, que sentia o desconforto irritante de guardar outro segredo — e isso somava-se à culpa. Ainda não contara que seu dia juntos seria mais curto do que o normal. Ele se encontraria novamente com Cherry naquela noite.

CAPÍTULO 2

DOIS DIAS ANTES — QUINTA-FEIRA, 5 DE JUNHO

Talvez ter o melhor de tudo quando era criança significasse que ele nunca tivesse anseio por nada. Pelo menos nada que o dinheiro pudesse comprar.

Daniel tinha recebido uma educação excelente e era inteligente, uma combinação afortunada que queria dizer que gostava da escola e a escola gostava dele. Mostrara uma aptidão especial para ciências, o que satisfez seus pais e tutores, em especial quando foi convidado para estudar medicina em Cambridge. Para complementar sua cultura acadêmica, fez todas as viagens consideradas necessárias; aprendeu a esquiar, a mergulhar e a apreciar o mundo. Fez tudo isso com um prazer e um interesse que tranquilizaram e agradaram seus pais e, apesar de ter sido presenteado com tudo o que um garoto poderia querer, de algum modo não se tornara mimado.

Sua reação à Grande Muralha da China foi de admiração genuína, e ficou grato pelo conforto do voo de primeira classe para casa. Mas, quando chegou em Heathrow, preferiu pegar o metrô, em vez de ligar para que o motorista do pai viesse buscá-lo. Essa atitude descontraída estendia-se às roupas, e ele cresceu perversamente ligado a peças que já tinham tido dias melhores. Certa vez, recuperou uma calça que a sra. Moore tinha jogado na lixeira durante uma das visitas aos pais nas férias da faculdade. Ele escondeu a peça, cheia de buracos, no bolso da mala. Aquela calça era uma velha amiga, e ele não se separaria dela.

E foi assim que ele entrou em uma imobiliária em uma das avenidas mais caras de Londres, que representava algumas das propriedades mais exclusivas da cidade, vestido com uma camiseta superdesbotada e uma bermuda com furos nas costuras dos bolsos.

— Preciso de um apartamento — disse, sorrindo para a garota hesitante que se aproximou educadamente quando ele entrou pela porta.

— Para comprar ou alugar?

— Comprar.

Foi encaminhado para a sala dos fundos, onde uma cabeça morena estava curvada sobre uma escrivaninha grande de madeira polida, analisando alguns papéis.

— Posso ajudá-lo? — Quando ela ergueu os olhos e deu aquele sorriso típico para receber clientes, ele sentiu que respondia da mesma maneira, e de repente a tarefa de procurar um apartamento parecia muito mais agradável. Ela tinha cabelos negros lisos e retos que se moviam ao redor de seu rosto.

— Estou procurando um apartamento.

Os olhos dela também eram escuros, como lagos de profundezas insondáveis. Mas ele percebeu os cálculos mentais enquanto ela analisava sutilmente sua camiseta e seu short esfarrapado.

— Quantos quartos? Prefere uma localização específica?

— Dois quartos. — Ele decidiu naquele momento, pensando que o outro seria útil como escritório. Não tivera muito tempo para pensar no que precisava enquanto dirigia de Cambridge para casa logo cedo, naquela manhã. Vagando pela casa dos pais, estava ciente da provável pressão que sua mãe faria para que ele ficasse lá se comesse a se sentir confortável demais. Era melhor começar a agitar as coisas imediatamente: não seria justo deixar que as esperanças dela aumentassem.

— E a localização? — Novamente ele detectou sua suspeita sobre o que estava fazendo ali. Nenhuma rua perto de Kensington e Chelsea era barata, mas algumas eram proibitivamente caras. Ele sabia que não parecia o tipo de pessoa que tinha alguns milhões para gastar. O que, em teoria, não tinha mesmo.

— Cherry Laine?

Ela deu um sorriso forçado. Estava irritada, mas tentava permanecer profissional.

— Não existe nenhuma rua com esse nome na área.

— Deus, não, eu não estava zoando — ele apontou para o nome dela, letras negras sobre um fundo cor de bronze, e sorriu. — Você devia estar em uma imobiliária em uma cidadezinha em Costwolds ou algo assim.

Ela o encarou com dureza por um tempo, e então virou o iPad para que ele pudesse ver a tela.

— Dependendo da sua faixa de preço, temos quatro propriedades que combinam com o que está procurando. Esta aqui está a apenas dois minutos da estação de Knightsbridge...

— Irei visitá-la.

Ela fez uma pausa e tocou na tela.

— Ok. Este aqui...

— Verei esse também.

— Mas eu ainda não disse nada sobre ele.

Ele gostava de observá-la, de notar que estava insegura sobre como tratá-lo. Sem dúvida, a maioria das pessoas que ia até ali estava cheia de opiniões sobre como uma propriedade devia ser, como se adaptaria às suas necessidades. Era provável que essas pessoas empreendessem muita energia e esforço para encontrar o lugar ideal, algo que, para Daniel, parecia uma grande perda de tempo. Quanto mais rápido escolhesse, melhor.

— E verei os outros.

— Está com pressa?

— Pelo preço, devo imaginar que são todos muito bons? Falando nisso, quanto custam?

— A faixa de preço para essas propriedades em particular é de dois milhões e meio a quatro milhões.

— Uau.

— E, sim, são excepcionais.

— Tudo bem. Preciso de algum lugar para morar, e tenho certeza de que serei extremamente

sortudo em morar em qualquer um desses apartamentos que você escolheu. Então, podemos dar uma olhada?

As mãos delas flutuavam sobre a tela.

— Preciso marcar os horários das visitas.

— Mais tarde, então? — Ele sorriu. — Tenho certeza de que serei seu cliente mais fácil. Até a hora do chá já terei escolhido algo. É você quem vai me mostrar os imóveis, não é?

Ela o examinou, como se quisesse ter certeza de que não tinha acabado de conhecer um maluco.

— Sim — respondeu com firmeza. — Serei eu.

Desta vez, ela percebeu que o cliente havia sido mais esperto. Tinha trocado de roupa desde que entrara no escritório dela naquela manhã, e agora usava calça esporte fino azul-marinho e camisa azul-clara. Até aquele momento, ele a seguira obediente pelo apartamento do primeiro andar, quase sem fazer comentários. Ela o levou para fora da sala de estar.

— Como pode ver, o piso é todo de madeira, e um dos benefícios desta propriedade é, claro, o hall de entrada.

Ele olhou o espaço de cima a baixo.

— O que tem de especial nele?

— Não é que seja especial. É o fato de *ter* um hall de entrada.

Ele se perguntou em que planeta um hall de entrada era considerado um privilégio quando se pagava dois milhões e meio, mas não quis ofendê-la dizendo isso. Mas percebeu que era culpado por associação. Afinal, era ele quem estava procurando um imóvel.

— E ali é a sala de estar — ela falou, indicando a porta.

Ele espiou lá dentro.

— Bonito sofá. Amarelo.

— Limão — ela o corrigiu. — É claro que os móveis serão retirados após a venda. O proprietário os deixou para apresentar a propriedade.

— Então está vago?

— Sim. Pronto para mudar.

— Os proprietários não quiseram o sofá na casa nova?

Assombrada, ela olhou para ele.

— Eu imagino que...

— O quê?

— Que compraram um sofá novo.

Ele sorriu e a seguiu pelo cobijado hall de entrada, olhando por tudo para ver se havia algo que precisasse saber, mas decidiu se concentrar em Cherry. Gostava do jeito que andava, com propósito, como se ela se importasse com o lugar para onde estava indo e com o motivo pelo qual chegaria lá. Ele tinha a impressão de que ela devia estender essa determinação para as outras partes de sua vida, e pegou-se querendo saber mais sobre quais seriam essas partes. Nesse momento, ela se virou e percebeu que ele a olhava. Parou e cruzou os braços.

— A cozinha é ali. — Apontou para ele ir na frente.

— Desculpe. Eu não estava olhando seu traseiro.

Ela ergueu a sobrancelha com sua franqueza.

— Olhe... Você está realmente interessado neste apartamento? — Embora aquele homem tivesse um certo charme, ela não podia se dar ao luxo de perder tempo com gente sem futuro. E ela tinha um bom olho para localizar esse tipo de pessoa, já que tinha sido uma delas, embora isso fosse justificado, já que para ela tinha sido um meio para um fim.

— Sim — ele respondeu rapidamente, querendo tranquilizá-la. — Vou ficar com ele!

— Mas ainda não vimos os outros.

— Este é o mais barato que você tem disponível, certo?

— Sim.

— Por que pagar mais? Mesmo este parece...

— Sim?

— Obsceno?

Ela olhou para ele.

— Desculpe, é só que acho um pouco... ofensivo. Todo esse dinheiro. Por um apartamento.

— Mas você quer comprá-lo?

— Sim, por favor. E gostaria de comprar os móveis também. Se estiverem à venda. — Na verdade, o pai de Daniel lhe dissera, sem deixar sombra de dúvida, que alugar não era uma opção. Era considerado um desperdício completo de dinheiro. Dinheiro de seu pai, na verdade, já que Daniel tinha um fundo fiduciário. Se o apartamento passasse pelo escrutínio do pai, seria um investimento familiar. — De qualquer forma, apartamentos são muito parecidos entre si, não é mesmo?

Cherry abriu a boca para falar.

— É claro que não! Não, não, desculpe... Considere-me muito ignorante no assunto. Mas estava pensando... há coisas melhores que podemos fazer com nosso tempo.

Ela abraçou o próprio corpo, sabendo o que viria a seguir.

— Tem alguma chance de você estar livre esta noite? Posso levá-la para cear?

Cherry sempre achara engraçado o jeito como as pessoas ricas chamavam a última refeição do dia de “ceia”, como se nunca tivessem saído do colégio interno. Pelo menos aquilo lhe mostrava que o rapaz poderia ter condições de comprar o apartamento, como tinha dito. Na verdade, aquele era seu último compromisso do dia; os outros apartamentos nos quais ele estava interessado só poderiam ser visitados pela manhã. Tudo o que ela precisava fazer era deixar as chaves no escritório, e a noite estaria livre.

Ela pensou em seus planos: uma viagem até sua casa, em um metrô suado que deixava outros trabalhadores em várias partes do sul de Londres, nas quais a salubridade diminuía conforme os assentos esvaziavam.

Ela sempre se sentia inferior, subalterna, quando o metrô chegava à Tooting Broadway, mas, pelo menos, pensava com um tremor, não era exatamente o final da linha. Faria uma parada no Sainsbury's para comprar algo para comer antes de voltar para o apartamento minúsculo e sem hall de entrada no qual morava. Penduraria seu precioso terno com os outros, as coisas mais

valiosas que tinha, e certamente passaria o resto da noite estudando o mercado imobiliário na internet e se perguntando quando conseguiria sair daquele lugar.

Cherry olhou para o cliente. Gostava dele e de sua atitude desencanada. Era diferente daqueles que recusavam um imóvel porque os metais do banheiro eram cromados e não de bronze, e que com frequência se ofendiam quando o vendedor não abaixava o preço antes da venda. *Por que não sair para cear com aquele homem?*, ela pensou. Era esse, no final das contas, o motivo pelo qual ela dera tão duro para conseguir um emprego naquela parte da cidade.

CAPÍTULO 3

SÁBADO, 7 DE JUNHO

Laura estava sentada em seu lugar habitual na mesa, à direita do marido, e remexia em sua salada de frango grelhado. Todas as janelas da ampla e arejada sala de jantar estavam abertas, mas mesmo assim o ambiente parecia opressivo. Ela passara uma tarde lânguida no jardim, Daniel largado em uma espreguiçadeira, ela sob um guarda-sol gigante, ele respondendo às suas perguntas com os olhos fechados contra o sol, rindo com o entusiasmo da mãe em saber tudo sobre Cherry, aproveitando-se do fato de que ele não podia vê-la prestando atenção nele. Então, quando ela se levantou para ir à cozinha e começar a cozinhar, ele abriu os olhos e se sentou, uma expressão estranha no rosto...

— Eu queria dizer...

Ela se virou, um sorriso nos lábios.

— Eu meio que prometi para Cherry... é um concerto... no parque... sinto muito... sei que tinha dito que ficaria em casa com você e com o papai...

Ela disfarçou rapidamente o desapontamento e dispensou suas desculpas, dizendo que saísse e se divertisse.

Laura olhou para a mesa comprida, reluzente, formal e vazia, na qual cabiam dez pessoas. De repente, sentiu uma irritação absurda pela maneira bizarra que ela e Howard se sentavam, juntos em uma das pontas da mesa como se estivessem em um navio naufragando, seguindo algum ritual sem sentido por tanto tempo que nenhum dos dois questionava. Voltou o olhar para ele. O marido não parecia incomodado pela mesa, pelo calor, pelo fato de que tinham parado de falar um com o outro, e estava lendo a edição do dia do *Telegraph*, os óculos sob a testa, enquanto enchia a boca de salada e batatas. Ele estivera fora a tarde toda — ela estava acostumada com isso —, mas agora estava de volta, e Laura queria conversar. Ela ouviu o tinir da faca dele sobre o prato de porcelana, Mozart tocando ao fundo, e sua voz soou a si mesma estranha.

— Algo interessante?

Ele nem ergueu os olhos.

— Apenas golfe.

O golfe. Ela sentiu uma contração de dor. Essa era uma das poucas coisas com as quais ele se animava. Isso e Marianne, claro. Ela nunca sabia com qual dos dois ele realmente passava o tempo. Howard sempre dizia que estava no golfe, todo sábado, domingo e algumas tardes da semana também, depois que saía do escritório, mas Laura sabia, sabia pelo jeito que ele voltava,

um pouco mais feliz, uma felicidade particular que mantinha para si, em quais dias ele estava com ela. Não que isso fosse uma surpresa — a surpresa fora há vinte anos, quando ela descobrira o caso. A sra. Moore esvaziara os bolsos antes de levar os paletós dele para a lavagem a seco, e deixara os recibos na bancada da cozinha. Ela viu no desjejum. Howard já saíra para o trabalho, e Laura sabia com certeza absoluta que não tinha recebido aquelas flores, nem almoçara fora com o marido no sábado anterior. Ele negou no início, claro, mas ela sabia, e, depois de um tempo, ele admitiu zangado — como se fosse culpa dela.

— Tudo bem, é verdade. Está feliz agora?

Era a escolha errada de palavras: claro que ela não estava feliz — seu mundo acabara de implodir —, e descobriu que aquilo ocorria há dois anos, e que ele estava apaixonado pela moça. Ela também era casada, mas tinha filhos pequenos e não estava preparada para destruir sua família. Laura cogitou deixar Howard — ela tinha algum dinheiro, então tudo ficaria bem —, mas tinha que pensar em Daniel. E Howard, em um rompante emocional, disse que não queria deixar o filho que mal começara a andar, prometeu terminar o romance, e ela o aceitou de volta. Mas as coisas haviam mudado. Howard ficou arrasado por semanas, trabalhando até tarde e quase sem dizer uma palavra, e a ironia era que, de qualquer forma, nunca via Daniel. Eles entraram em uma rotina. Ele ia para o trabalho, e ela educava o filho deles. Laura estava acostumada à solidão. Sua infância fora uma fila infinita de babás, enquanto sua mãe saía para festas e o pai estava no trabalho. Era filha única — seria inconveniente demais ter outros filhos. Laura sempre desejou ter um relacionamento com a mãe, mas isso nunca aconteceu, e tanto sua mãe como seu pai estavam mortos há muito tempo. Determinada a não deixar que Daniel se sentisse abandonado como ela, Laura enterrou a dor pelo caso de Howard fazendo coisas positivas para o filho: clube, viagens, amigos. O relacionamento deles se fortaleceu, e Howard começou a se sentir excluído. Para ele, ficou ainda mais difícil ficar em casa; ele trabalhava ainda mais horas, e o ressentimento aumentou. Como se sentia deixado de lado, Howard ficou ainda mais cruel com Laura, criticando sua postura como mãe quando Daniel chorava nos finais de semana ao encontrar este homem que o pegava no colo, mas que ele não reconhecia.

Então, em uma tarde, depois que Daniel já estava na universidade, Laura estava em casa quando Howard saiu para um drinque.

— Vou encontrar uma pessoa do clube de golfe — disse a ela antes de sair.

Laura foi atingida inesperadamente, enquanto enchia uma chaleira com água, com um golpe rápido e súbito no coração, e derrubou a chaleira na pia enquanto lutava para recuperar o fôlego. Pois de repente soube quem era “uma pessoa do clube”. Marianne estava de volta, agora que os respectivos filhos tinham crescido. E ela se lembrou que ele saíra com “alguém do clube” na semana anterior. Não conseguia se lembrar de antes disso, e entrou em pânico enquanto forçava o cérebro. Depois que o choque passou, sentiu-se exausta, abatida, e soube que era porque seu marido e Marianne ainda estavam apaixonados.

Gradualmente, o “golfe” tomou conta de todos os finais de semana. Laura via o marido cada vez menos. De vez em quando, pensava se devia pedir o divórcio, mas isso já não parecia mais importar tanto. Embora soubesse que Howard era a causa de sua solidão, enfrentar aquilo e acabar com tudo só deixaria a ferida aberta e em carne viva. Ela sempre preferira se concentrar

em outras coisas. Daniel fora o centro de sua vida por tanto tempo, e agora ela estava secretamente animada com a ideia de que ele encontrara alguém especial, alguém de quem poderia ser amiga.

— Daniel saiu essa noite.

— Imaginei.

— É a terceira seguida.

Ele ainda não tinha erguido os olhos do jornal e deu uma risadinha.

— Ele é um homem crescido.

Ela escondeu a frustração.

— Sim, é claro. E está com uma garota.

Por fim, Howard a olhou.

— Bom para ele.

Ela sorriu.

— Acho que ele foi fisgado. Eles se conheceram há três dias apenas, e ele se encontrou com ela todas as noites desde então.

— Aonde quer chegar?

— Ah, vamos lá, Howard. Não quer saber quem é essa garota que tirou nosso filho do prumo?

— Obviamente você quer.

— Talvez eu mande um SMS para ele.

— Não ouse — ele rebateu.

Magoada, ela parou com o garfo a meio caminho da boca.

— Estou *brincando*.

— Deixe-o em paz. Só porque, pela primeira vez na vida do rapaz, você não sabe cada detalhe. Não interfira.

— Não estou interferindo — ela falou baixinho. De repente, quis deixar o aposento. Colocou o guardanapo sobre a mesa e se levantou. Estava prestes a levar seu prato para a cozinha quando...

— Você é obsessiva — era um rompante súbito —, possessiva.

Ela parou, mortificada.

Nenhum dos dois falou nada por um instante; então ele se levantou da mesa e saiu da sala.

Laura ficou parada ali, com o prato na mão. Formaram-se lágrimas em seus olhos, não só pela surpresa da acusação, mas por causa do olhar que ele lhe deu ao sair. Era um olhar de ressentimento profundo e repugnante. Ela se sentou por um momento e, como se para impedir que aquelas palavras se fixassem nela de algum modo, levantou-se rapidamente e caminhou até a cozinha. Sabia que não seria bom ir atrás dele. Ele fora para o covil e, de qualquer forma, ela não tinha vontade de confrontá-lo. Não estava no clima para uma discussão.

O prato tilintou no balcão, e a raiva e a indignação pelo que ele dissera vieram à tona. Fora ele quem se ausentara todos aqueles anos. O que ele sabia sobre a tarefa monumental de criar uma criança? O cuidado incessante quando era pequeno, a falta de sono, a limpeza do rosto, mãos, bumbum, mesas, cadeirões — limpar, limpar, limpar. A incapacidade de ir ao banheiro sozinho, a certeza absoluta que um abraço materno era capaz de curar machucados e contusões, e aqueles abraços sempre tinham que estar disponíveis, as táticas constantes de psicologia

reversa/humor/diversão exigidas ao longo de um dia normal com uma criança pequena. Ele nunca tivera que lidar com aquilo, ou sofrer com as lágrimas de partir o coração quando Daniel não queria ir para a creche, ou tentar entender por que ele não era capaz de fazer amigos, coisa que seu raciocínio de quatro anos não conseguia explicar. Howard não tinha que tomar decisões sobre os esportes, os clubes e as festas, ou trabalhar fora para encorajar a independência sem que a criança se sentisse sem apoio, ou aplacar os terrores noturnos depois da morte súbita do avô de ataque cardíaco. O que ele sabia sobre tudo isso? Ela sentiu raiva pela cegueira do marido, mas, servindo-se de uma taça de vinho, a raiva diminuiu. Ninguém sabia nada daquilo, exceto uma mãe.

Ela pegou o vinho e o livro que estavam ao lado da geladeira e levou-os para o jardim escuro. O jasmim estava lindamente pungente, as centenas de minúsculas flores estreladas brancas acabando de abrir, agora que junho chegara. Ela acendeu as velas de citronela e logo as mariposas vieram investigar. Enquanto se acomodava no balanço, deixou sua mente vagar. Era engraçado pensar no passado — tinha sido praticamente apenas ela e Daniel durante anos, e agora ele estava prestes a se mudar em definitivo. De repente, ela se lembrou de algo que ele costumava dizer quando estavam ali. Ele fingia ser um cachorrinho e saltava em volta dela.

— Au! — Ele latia. — Você gosta dele?

— É lindo.

— Pode ficar com ele se quiser.

— Posso?

— Pode ficar com ele para sempre. — E ele jogava os braços ao redor do seu pescoço, abraçando-a com força.

O gato veio miando alto, o rabo em pé como uma escova de toalete, e Laura viu uma raposa farejando perto da grande janela opaca no meio do gramado que formava parte do teto da piscina subterrânea. Moisés pulou no colo dela e ficou ali, ainda miando e esperando ser salvo. Ela o comprara para Daniel quando o menino tinha nove anos, para ensiná-lo a cuidar de bichinhos de estimação. Era um birmanês pequeno, cinza-prateado, e ela terminara se afeiçoando muito a ele. Laura pegou uma pedrinha e jogou na direção da raposa; não gostava desses animais, tinha medo de suas habilidades e falta de limites. Recentemente, ouvira uma mulher perturbada e incrédula contar, no programa de entrevistas da manhã no rádio, como uma raposa audaciosa entrara pela porta dos fundos e subira até o berço de seu bebê no meio do dia. Laura estremeceu. Se tivesse sido Daniel quando pequeno, ela provavelmente teria esmagado a cabeça do animal contra o chão.

Três noites seguidas, ela pensou com um sorriso. Quem vê alguém três noites seguidas desde o início? O que aquela garota tinha de tão especial? Enquanto conjecturava sobre Cherry, Laura lembrou de outra garota, uma garotinha um pouco mais velha do que Daniel. Rose foi a primeira filha de Laura. Era um bebê perfeito, comendo e dormindo nos horários certos desde o primeiro dia. Por isso foi tão incomum quando, com apenas alguns dias de vida, Laura teve dificuldades para despertar a filha para comer. Quando isso aconteceu novamente, três horas mais tarde, Laura ficou preocupada o suficiente para levar a criança ao médico. Ele deu uma olhada na menina e a mandou correndo para o hospital. Rose foi diagnosticada com infecção de

estreptococo do grupo B, contraída de bactéria não detectada no momento do parto. Depois de vinte e quatro horas, os médicos disseram que Rose iria morrer. Duas horas mais tarde, ela faleceu nos braços de Laura. Tinha exatamente sete dias de vida.

A culpa quase destruiu Laura e seu casamento. Ela se consumia com a ideia de que Rose teria sobrevivido se tivesse sido levada ao médico quando dormiu durante a primeira mamada. O que salvou a situação foi que ela engravidou novamente. Dez meses depois, quando Daniel nasceu, Laura jurou para qualquer presença que pudesse ouvir que devotaria sua vida àquela criatura minúscula e nunca deixaria nada acontecer com ele se, em troca, pudesse mantê-lo em segurança.

O gato deitou em suas coxas macias, meio adormecido de alívio com o desaparecimento da raposa, e Laura acariciou seu pelo. De vez em quando, ele dava uma ou outra olhada para as mariposas enlouquecidas, mas estava ou com muita preguiça ou cansado demais para fazer algo a respeito. Enquanto se balançava gentilmente, Laura se pegou pensando com carinho na garota que ainda não conhecia, essa garota que tinha a mesma idade que sua filha teria.

CAPÍTULO 4

SÁBADO, 7 DE JUNHO

Em toda sua vida, Cherry nunca tinha estado em três encontros, três noites seguidas. Eles seguiram em direção ao Hyde Park, passando pelo dourado Albert Memorial e atravessando o Serpentine. Daniel carregava uma cesta de piquenique, enquanto ela levava o tapete.

Estava quente contra seu corpo, e ela afastou um pouco o tecido, tentando fazer o mínimo possível de contato. O calor escaldante do dia arrefecera um pouco, e agora parecia um fim de tarde mediterrâneo. Ainda estava claro, e assim permaneceria por mais quatro horas, e o parque estava cheio de pessoas com animação e otimismo como se fosse feriado. Cherry tinha começado a se divertir. Tinham conseguido atravessar os primeiros dois encontros, com o típico potencial de estranheza e ataques de polidez extrema, e laços invisíveis começaram a se formar. Ela sabia que ele estava muito concentrado em se tornar cardiologista, que gostava de ciclismo e *rafting*, e que escrevia com a mão esquerda, mas comia com a direita. Ele sabia que ela gostava de morangos, mas não de geleia de morangos, que seu pai morrera quando ela era jovem, e que crescera em um *flat* com a mãe, a quem raramente via, já que ela tinha que trabalhar.

Cherry guardou para si que o apartamento ficava em uma parte decadente de Croydon, com ruas constantemente cheias de escombros: latas de cerveja vazias, móveis descartados e detritos em geral, trapos encharcados não identificados que tinham a aparência de ainda conter algo volumoso dentro de seus invólucros sujos. Havia pouco dinheiro enquanto Cherry era criança, e menos ainda depois que o pai faleceu. Ele fora tão estúpido, tão egoísta, que não deixara seguro de vida. A mãe teve que aumentar as horas trabalhadas no supermercado monolítico na divisa da cidade apenas para manter o minúsculo apartamento, e Cherry viu seu mundo material se encolher, até passar de lojas populares a lojas de segunda mão, e nenhuma outra viagem exceto um bate-volta ocasional à praia. Também havia passado por constrangimentos na escola, sem dinheiro para uma cópia do anuário de fotos — enquanto todos os seus amigos se reuniam em rodas, aos risos, para ver quem estava perto de quem em cada foto, Cherry ficava de lado, excluída e envergonhada. Odiava ser pobre.

Não, Cherry tinha guardado tudo isso consigo, e dito alguma coisa vaga sobre ser de Surrey, local do qual Croydon certa vez fizera parte, ainda que há centenas de anos. Mais informações foram trocadas, e com a familiaridade veio o entusiasmo: eles puderam começar a brincar um com o outro, as provocações gentis reforçando esses laços de ternura. Também deram o primeiro beijo, uma experiência nada desagradável. Na verdade, Cherry achava Daniel muito atraente.

Chegaram até a arena cercada onde aconteceria o concerto daquela noite. Daniel entregou os ingressos que conseguira milagrosamente em um período bem curto, e entraram. Seguiram a multidão até a área gramada, e ela deixou que Daniel escolhesse um lugar que garantisse uma boa visão do palco. Ele esticou o tapete e ela se sentou, estendendo as pernas compridas e levemente morenas diante de si. Cherry percebeu que algumas pessoas tinham levado cadeiras dobráveis, e ficou levemente chateada por não terem feito o mesmo. Suspeitava que após algumas horas seu traseiro sentiria o chão duro embaixo dele, mas a Orquestra Sinfônica de Londres começou a se aquecer, e ela se esforçou para tirar isso da cabeça.

— Eu costumava vir aqui todo ano quando era mais jovem — Daniel comentou. — Vínhamos caminhando, e trazíamos chá. Era o jeito que minha mãe tinha para me educar em música clássica.

Então esse era o parque local dele. Estava muito distante do parque perto do qual ela crescera: a desolada e sombria coleção de aparelhos de escalada com a tinta descascando que sempre abrigava alguns adolescentes inertes, como mofo do qual você não consegue se livrar. Cherry nunca estivera em um concerto de música clássica antes, embora fizesse questão de ouvir a Clássica FM de vez em quando. Achou que o testaria cuidadosamente com essa novidade.

— É minha primeira vez. Pelo menos com música clássica.

Ele rebateu a declaração.

— Acredite em mim, você não perdeu nada até agora. Pelo menos eu nunca apreciei de verdade esse tipo de música quando era mais jovem. Vinte e poucos anos é a época ideal para desfrutar de música clássica. Pelo menos é o que dizem nos livros.

Ela sorriu, satisfeita com o que ele tinha dito. Parecia que ela não estava sendo julgada pelas falhas em sua educação, o que a fez relaxar um pouco. Se em algum momento cometesse uma gafe ou entendesse mal alguma coisa, isso felizmente não o afastaria dela.

— Então isso quer dizer — ela comentou, aceitando o Chablis gelado que ele lhe serviu na obrigatória taça de plástico — que estamos no nosso auge.

— Toda a temporada de concerto nos acena. O que vai fazer na primeira sexta-feira de julho?

Ela pensou rapidamente sobre a que ele poderia estar se referindo, e se lembrou do que ouvira no rádio.

— Estarei parada no Royal Albert Hall acenando com uma bandeira?

— Combinado — ele disse, rindo, e olharam um para o outro, felizes por apostarem em algo para o futuro, cada um deles tão interessado quanto o outro; foi quando a música começou a tocar, e ela viu os arcos dos violinistas em uníssono feroz, cada músico colocando o coração na partitura. Seus braços se arrepiaram, e ela se virou e sorriu para ele de um jeito que o fez perder o fôlego.

— Eu gostaria de ter um talento desses — sussurrou admirada, antes de virar o rosto novamente para o palco.

Daniel olhava de relance para Cherry, enquanto ela assistia à orquestra. Adorava como havia algo refrescante no fato de tudo ser novidade para ela. Antigas namoradas, irmãs de seus amigos da escola, eram difíceis de surpreender, algumas ainda mais difíceis de agradar, e com frequência ele se sentia cansado só de estar na companhia delas. Cherry, embora estivesse longe de ser

simplória, não tinha recebido uma educação refinada desde a tenra infância, e ele descobriu que podia apreciar um concerto musical que já vira várias vezes antes apenas por estar em sua companhia. De repente, sentiu um desejo de partilhar mais coisas com ela — galerias, concertos, viagens à costa, talvez até uma viagem para o exterior — e o verão carregou-se de novas promessas naquele instante.

Enquanto a sinfonia de Mozart a levantava e depois a derrubava novamente, Cherry sentia que estava sendo observada e permitiu que isso continuasse. Gostava da atenção, e era bom que viesse de alguém de qualidade, algo que só acontecera uma vez em sua vida. Já fazia seis meses desde que vira Nicolas Brandon pela última vez, mas seu rosto era tão nítido como se estivesse sentado diante dela naquele momento. Ela persuadira uma velha conhecida de escola a sair para um drinque (com o pretexto de recuperar o tempo perdido), só que o lugar que escolheu era pequeno, discreto, um bar sofisticado bem diferente dos que existiam onde ambas moravam. Ela entrou, a amiga exclamando em voz alta a admiração pelos arredores, e ali estava ele, como Cherry sabia que estaria. Ela abriu a bolsa e pegou algum dinheiro.

— Você se importa de pegar para as bebidas? Preciso ir ao banheiro.

A amiga foi até o bar, e Cherry foi na direção de Nicolas. Quando estava a poucos metros de distância, ele levantou os olhos, e a expressão surpresa e constrangida dele a deixaram ao mesmo tempo gratificada e magoada. Ele era o filho mais velho de um magnata das telecomunicações, e estava no último ano do mestrado em economia em Oxford, uma antecipação ao treinamento que receberia ao lado do pai. Com o tempo, estava destinado a assumir os negócios da família. Ele crescera em Webb Estate, uma área residencial fechada que abrigava mansões multimilionárias na parte sul de Croydon, onde “regras” centenárias incluíam a proibição de usar short e de lavar roupa no jardim.

Cherry o viu olhar de relance ao redor, como se estivesse fingindo que não a notara, mas de nenhuma maneira ela o deixaria escapar. Avançou direto para sua mesa, até que ele não teve outra escolha a não ser cumprimentá-la.

— Oi — ele falou, fingindo surpresa.

— Oi. Não achei que o encontraria aqui.

— Feriado de Natal. Acabaram as aulas na semana passada.

Ela sabia disso, já que olhara as datas dos recessos de final de ano no site da universidade.

— Então, ah... você ainda vem aqui? — ele perguntou.

Aquele era o lugar dos dois, onde ele a levava no primeiro encontro, e ela se lembrava das vezes em que deram as mãos, por sobre a mesa, e fizeram planos para quando ele tivesse que voltar para a universidade. Ela mudaria seus turnos, para que não tivesse mais que trabalhar aos finais de semana no restaurante em que se conheceram, e em vez disso o visitaria em Oxford. Na época, Cherry não notara o fato de que todos os planos o beneficiavam mais do que a ela.

— Provavelmente é a última vez. Vou me mudar.

— Ah, sim. Para onde?

— Kensington. — Não era a verdade estrita, mas havia verdade bastante naquilo.

— Ah? — Um pequeno sorriso de descrença cruzou seu rosto, como se ela tivesse confundido onde era Kensington e o que o lugar realmente representava.

— O que foi? Não acha que eu seja boa o bastante?

Ele franziu o cenho e afastou o olhar.

— Nada disso.

— Não? Só eu me lembro de ouvi-lo dizer que seus pais tinham feito certas exigências... coisas que você disse não serem ideia sua, mas que não tinha outra escolha se quisesse algum dia ter uma chance de assumir os negócios do seu pai?

Ela levantou os olhos quando uma garota, uma bela loira de cabelos sedosos, se aproximou da mesa vindo dos toaletes com uma expressão preocupada no rosto. Cherry ficou imóvel, o coração disparado. Ele não perdera tempo. Esse era o tipo de garota que seus pais aprovariam, uma garota com dinheiro, boa formação e boas conexões.

— Está tudo bem? — a garota disse desconfiada, olhando de um para o outro.

— Tudo — Nicolas respondeu rapidamente.

— Aqui está você! Tome seu martini de maçã — a amiga de Cherry falou, empurrando o copo para ela. Ela viu Nicolas erguer os olhos. Era a bebida com a qual ele se apresentara no primeiro encontro, e ela desejou no mesmo instante não ter pedido aquilo. Virou-se bruscamente e se afastou, ouvindo a loira perguntar baixinho quem ela era. Quando chegou ao bar, olhou para trás e os viu juntos; ele estava tentando convencê-la a terminar a bebida, para que pudessem ir embora. De repente, Cherry não quis ser deixada para trás. Engoliu a bebida, agarrou a mão da amiga e anunciou que estavam indo embora.

Nada saíra como planejado. Ela queria que ele ficasse impressionado, perguntando-se se cometera um erro ao terminar com ela no final do verão, talvez até percebendo que a queria de volta. Pois Cherry sempre acreditara que Nicolas a resgataria. Que ele a arrancaria da cadeia de restaurantes do *chef* celebridade na qual trabalhava. Um emprego sem futuro que ela jamais deveria ter aceitado.

Ela estava destinada a coisas melhores. Incrivelmente brilhante na escola, seu rendimento era demais para os professores sobrecarregados, que simplesmente lhe davam mais tarefas e a deixavam seguir em frente. Quando terminou o curso com notas máximas em tudo, estava completamente sem dinheiro. A universidade estava fora de questão. Não podia se dar a esse luxo. Não era simplesmente uma questão de custo-benefício; Cherry tinha urgência de escapar do estilo de vida assolado pela pobreza. Queria fazer as coisas mais simples, como aprender a dirigir, sair da casa da mãe, começar a criar uma vida própria, mas sua geração entrava em um futuro que tinha muito pouco a oferecer. O desemprego para quem tinha menos de vinte e cinco anos estava em alta, e certamente ninguém tinha esperança de comprar uma casa. Em vez disso, o encargo financeiro de longo prazo *deles* seria pagar as dívidas da nação.

Desesperada, desapareceu em um feriado para a Austrália, com as magras economias de um trabalho aos sábados. Achava que teria oportunidades ali, que experimentaria vários tipos de empregos, e que alguém notaria sua esperteza, seu potencial. Mas logo percebeu que era uma tarefa árdua e monótona colher frutas ou servir mesas. Pior ainda, sentiu-se pobre. Não podia ser mochileira. Então voltou para a Inglaterra, e o único emprego que conseguiu foi como recepcionista em um restaurante. Um degrau acima de servir mesas. O que supostamente seria temporário acabou durando um ano, e depois outro, enquanto ela via, exasperada, que os

graduados dos programas de treinamento alcançavam mais rapidamente as posições de gerência e os maiores contracheques. Pessoas da sua idade, menos inteligentes do que ela, mas que tinham conseguido pagar a universidade, o que aparentemente lhes garantia créditos automáticos.

Quando estava no fundo do poço, Nicolas apareceu, e seu mundo se abriu novamente. Estar com ele a fazia se sentir bem, especial, como devia ser. Seu cérebro se reativou enquanto discutiam como consertar a economia e o desemprego dos jovens. Ele lhe dera uma amostra de como era a vida com dinheiro, e ela mantinha a cabeça erguida nos restaurantes chiques e era natural ao escolher um bom vinho. Mas tudo acabou abruptamente em uma noite de sábado, quando, em vez de pegá-la, como planejado, Nicolas telefonara para dizer que seus pais queriam que ele se concentrasse na universidade, e achavam que ela era uma “distração”. Estavam obrigando-o a escolher entre ela e o papel nos negócios da família, e ele não podia condená-la a um futuro incerto, que é o que ele teria se não fosse presenteado com um emprego pelo pai. O rompimento acabou com ela. Todo o tempo, ela fora honesta sobre sua educação humilde, a escola inadequada, a família trabalhadora: um erro amargo. Percebeu pelo jeito que ele a deixava de lado que não encontraria nenhuma oportunidade sendo quem era. Então decidiu que se reinventaria. Depois mergulharia no mundo ao qual sonhava pertencer. Só que desta vez não diria para ninguém de onde vinha.

Durante todos os anos de escola, Cherry tivera dois aliados leais, que lutavam lado a lado com ela para colocá-la em uma posição melhor: os livros e a internet. Era extraordinário o que era possível aprender. Ela lia avidamente, um link levando a outro, até que, antes que percebesse, tinha tecido uma teia intrincada de conhecimento autoadquirido. Adicionado a isso estavam os assuntos do dia a dia no *Guardian*, e ela absorvia a linguagem dos jornalistas eruditos e eliminava com cuidado todos os traços de Croydon de sua voz. Quando foi para uma entrevista na imobiliária Highsmith & Brown, sentia-se tranquilizadamente bem armada, e alguns embelezamentos de seu currículo, junto com a pesquisa para sua falsa identidade de moradora de Chelsea e aquela teia de conhecimento que trabalhara tanto para criar, garantiram-lhe o emprego.

Já fazia quase cinco meses que trabalhava ali. Sabia o dia exato porque vira a data se aproximando em sua agenda, marcada com um círculo vermelho, colocado ali como um alvo — ou talvez um aviso —, e, até aquele momento, a única atenção masculina que tivera era a do limpador de janelas.

— Tudo bem, amor? — ele disse quando ela se aproximou da vitrine para mudar os detalhes das vendas, e ela se enrijeceu antes de ver se alguém tinha notado. Ele continuou a lhe lançar olhares enquanto passava o rodo pelos arcos da vitrine, e ela se enfureceu de humilhação. Por que ele não paquerava outra garota? Abigail ou Emily? Ela sentia como se ele pudesse ver através de tudo o que ela construía e reconhecer um espírito da classe trabalhadora. Ficou horrorizada de pensar que a atenção dele pudesse expô-la.

— Fale comigo novamente e farei com que seja demitido por assédio — falou, dando-lhe as costas.

Fora isso, eram todos casados, gays, apareciam com as namoradas, ou egocêntricos demais para notarem sua existência.

Mas tudo ficara para trás agora, como se sua sorte finalmente tivesse mudado. Quando a

orquestra chegou ao intervalo, Daniel virou-se para ela.

— O que achou?

De repente, ela foi tomada por uma alegria inebriante. Era uma noite de verão gloriosa, e ela estava com um homem que parecia querer de verdade que se divertisse.

— Fantástico.

Cherry olhou ao redor e sentiu que conseguia localizar as pessoas com dinheiro. As garotas reuniam um número desproporcional de loiras, os cabelos fluindo sem esforço em longas ondas que balançavam de um lado para o outro, sabendo que voltariam charmosas sobre seus olhos.

Os rapazes eram bronzeados, e suas camisas caras o suficiente para parecerem casuais ficavam para fora dos shorts que pendiam abaixo dos quadris. Eram como os garotos de onde a mãe dela vivia (Cherry nunca chamava o lugar de “casa”), mas a diferença entre aqui e sua parte de Croydon era o preço das cuecas. Ela sentia um orgulho feroz de poder manter a cabeça erguida entre eles. Não era diferente daquelas pessoas — era provável que fosse muito mais inteligente —, e o fato de ter conseguido chegar tão longe provava que era capaz. Isso só mostrava que era possível conquistar algo com planejamento e esforço, e, pela primeira vez em muito tempo, ela sentia que criava uma distância real do lugar no qual crescera.

— Você sabe tocar alguma coisa? — Cherry perguntou.

— Fui obrigado a aprender piano até os quinze anos de idade.

— Obrigado?

— Na verdade, não era tão ruim. — Daniel olhou para ela e sentiu que podia dizer a verdade. — A filha da minha professora, que era três anos mais velha do que eu, costumava tomar sol no jardim, bem diante das portas duplas da sala de música.

Cherry deu uma gargalhada e pensou, *é bom que ele esteja relaxado o bastante para me contar essas coisas*, e ela genuinamente não se importava em ouvi-las. Sabia que os homens odiavam mulheres que exigiam muita atenção, e ela devia guardar os rompantes de ciúmes para quando eles tivessem algum propósito, para quando tivesse que mostrar a ele o quanto se importava com o relacionamento. Era uma daquelas cartas que valia a pena guardar na manga.

— E você?

Cherry já decidira não mentir muito sobre seu passado, se pudesse ser evitado. Mentiras tinham o hábito de entregar aquele que mentia. Mesmo assim, essa amizade estava em um estágio incipiente, e não havia necessidade de sobrecarregá-la com a triste verdade de que não haveria espaço para um piano em sua casa mesmo se tivesse havido dinheiro. Mal havia espaço para o sofá de couro creme, pelo qual sua mãe economizara por vários meses, acompanhando a DFS¹ até que as liquidações comessem. Tinha assentos reclináveis embutidos, algo que Cherry achava diabolicamente de mau gosto.

— Eu nunca fui muito do tipo musical. Idiomas eram meu forte. Em especial francês.

— É fluente?

— *Oui*.

— Mais algum?

— Espanhol.

— Estou impressionado.

— E italiano.

— SÉrio?

Ela deu de ombros, modesta.

— São muito parecidos. Só é preciso pensar nisso.

— Você deve ter sido muito boa na escola.

— Fui. Só que lá só ensinavam francês.

— Então como...?

— Aprendi sozinha. Cursos on-line.

— Uau — ele olhou para Cherry com admiração renovada. — Uau! Eu podia ter aproveitado você no meu *Grand Tour*².

— Você teve um *Grand Tour*?

— Ideia da minha mãe. Foi ótimo. Pegamos o Expresso do Oriente e fomos o mais longe que pudemos... isso foi ideia dela também. Depois viajamos de trem pela Europa. Conheci lugares incríveis.

Cherry, que só estivera uma vez fora do país, na Austrália, ficou maravilhada com a ideia de uma longa estada pelas melhores cidades da Europa, mas não tiveram tempo de falar mais sobre isso, pois a orquestra estava se aquecendo novamente, então eles se acomodaram para ver o palco.

Ela sentou-se com os braços ao redor dos joelhos e observava ávida, perguntando-se quanto tempo levaria para aprender a tocar um instrumento naquele nível, e se ela poderia começar a aprender. Provavelmente existiam cursos on-line.

Depois de um tempo, Daniel colocou o braço lânguido ao redor da coxa direita dela, que sentiu um arrepio com o gesto possessivo, o primeiro toque daquele tipo.

Ela recostou-se nele e, de tempos em tempos, trocavam sorrisos discretos e íntimos.

— Parece cedo — Daniel comentou enquanto saíam do parque, depois que o concerto terminou.

Ainda havia luz, e o fim de tarde se alongava, convidativo. Ambos tinham em mente o que aconteceria na sequência. Nenhum deles queria ir para casa ainda.

— Gostaria de uma bebida? — Cherry perguntou, olhando em dúvida para os bares lotados, as pessoas quase sendo derramadas para fora dos estabelecimentos.

— Estamos um pouco carregados — Daniel disse, apontando para a mochila de piquenique.

— Quer levar de volta para casa?

— E ter que enfrentar minha mãe insistindo em conhecê-la? — Ele sorriu. — Por mais que eu fosse gostar disso, ela terá que esperar.

O coração de Cherry saltou de alegria. *Daniel está pensando em me apresentar para a mãe dele.* Ela pensou nisso e decidiu que já tinham outro encontro na manga, e que, se acordassem juntos, havia uma grande possibilidade de passarem toda a manhã juntos também.

Ela poderia fazê-lo esperar até que se mudasse para o apartamento pelo qual acabara de fazer uma oferta, mas isso ainda levaria semanas. Sentia que era uma espera muito longa.

— Tenho uma garrafa de Sancerre na geladeira.

Ele sorriu.

— Graças a Deus um de nós tem sua própria casa.

Daniel fez soar como se a situação dela fosse preferível, mesmo com ele morando em uma mansão multimilionária. Quando lhe disse onde vivia, ela soube, pelo trabalho na imobiliária, quanto valia. Depois procurou no Google Earth, aproximando o máximo para ver todos os detalhes possíveis da casa, até a imagem ficar borrada.

Sorriram um para o outro, sabendo o caminho que tinham acabado de tomar. Ele pegou a mão dela e a segurou por todo o caminho até o metrô, como se fossem um casal.

¹ Conhecida loja de sofás no Reino Unido (N. da T.).

² Longa viagem pela Europa, antigamente considerada parte fundamental da educação de um cavalheiro britânico (N. da T.).

CAPÍTULO 5

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JUNHO

Laura se sentou na grande recepção da ITV Towers, grata pelo ar-condicionado. Percorrera um longo caminho desde que começara a trabalhar ali, com vinte e poucos anos, como editora de roteiro do departamento de dramaturgia. Foi nessa época que Howard roubou seu coração, e ela largou tudo quando primeiro Rose e depois Daniel chegaram. Foi só quando Daniel chegou à adolescência que, de repente, ela achou que tinha novamente tempo disponível, e, hesitante, resolveu testar suas chances com uma ideia para um novo drama para a TV.

Alguns de seus antigos companheiros de trabalho agora chefiavam o departamento de dramaturgia do canal, e depois de alguns e-mails “lembra de mim?” (a indústria era incestuosamente pequena), ela conseguiu aquelas primeiras reuniões importantes, e vendeu a ideia. Sete anos mais tarde, Laura tinha uma empresa pequena, mas bem-sucedida, e era respeitada no ramo. Tudo bem que seu prêmio BAFTA já tinha alguns anos, mas todo mundo sabia quão arbitrária e dependente da moda essas coisas eram; no momento, uma comediante que também se dedicava ao drama estava no alto das listas de todos, e toda proposta com seu nome recebia luz verde e, esperava-se, ganharia todos os prêmios. Em dois anos, seria outra coisa.

Ela verificou o iPhone para ver se havia mensagem. Daniel não voltara para casa no sábado à noite, como ela suspeitava, mas conforme o domingo passava, Laura ficou mais ciente da ausência continuada do filho.

Preparou o almoço para ele, mas teve que guardar a comida na geladeira, e depois meio que vagou pela casa esperando que ele voltasse, ansiosa por vê-lo e cada vez mais inquieta. Lá pelas cinco da tarde, lhe ocorreu que talvez ele não voltasse para casa naquela noite também, e riu de si mesma e da sensação que teve naquele dia ao se levantar. Deu uma reprimenda severa em si mesma e foi para a cama sem ter visto nenhum membro da família o dia todo, já que Howard fora jogar golfe.

O nome dela foi chamado, e ela se levantou. A secretária da editora responsável pelo comissionamento dos conteúdos a acompanhou no elevador até o oitavo andar, onde Laura se sentou em uma pequena sala de reuniões com Hercule Poirot na janela.

— Laura! — Alison exclamou, como se cumprimentasse uma amiga que não via há muito tempo. Depois as duas se beijaram no rosto. Alison sempre falava com um tom de voz inflado de otimismo e energia, e em geral Laura achava melhor responder do mesmo jeito.

— Como você está? — Alison irrompeu, tomando assento em uma das cadeiras de plástico.

Laura sentou-se diante dela.

— Muito bem!

— Ótimo! Nós estamos *vibrando* com o primeiro episódio. — Alison enchia suas frases com adjetivos extravagantes: “soberbo”, “extraordinário”, “fantástico” eram os mais frequentes, espreitando como ninjas prontos para atacar, em uma exibição vistosa de poder.

Laura deu um suspiro de alívio para si mesma, mas era uma pílula agridoce. Ela fizera as mudanças que Alison “sugerira” de último minuto, depois que seu argumento de que os amantes não partiriam sem dizer adeus para o melhor amigo rejeitado foi desconsiderado, com aquele típico jeito passivo-agressivo já conhecido de Alison.

— Eu não sei, eu só não *acredito* nisso, sabe? — ela dissera, e Laura pensou consigo mesma, *sim, eu sei, assim como você, presumivelmente, quando leu o roteiro há seis meses.*

Tentou persuadir Alison do contrário, mas era como bater em um muro de concreto, e Laura sabia que se queria uma segunda temporada, ou qualquer outro projeto com a ITV em um futuro próximo, não podia ser “difícil”, e tinha que fazer o que lhe era pedido. O diretor, naturalmente chateado com a mudança imensa em seu trabalho no último minuto, foi confortado com a promessa de dois episódios com a tão esperada próxima série.

— Agora o final funciona para mim. Eu vi essa manhã e fiquei... — Alison apertou o peito, em agonia teatral. A jovem secretária trouxe silenciosamente duas xícaras de chá e deixou-as sobre a mesa de vidro antes de partir. Laura respondeu: — Obrigada.

E Alison parecia que estava prestes a romper em lágrimas.

— Fico feliz se o final funciona para você.

Laura sabia, como todo mundo no ramo, que Alison precisava desesperadamente de um sucesso. Sua recente safra de dramas novos não alcançara os números esperados de espectadores, e, quando isso acontecia, as pessoas ficavam inquietas. Ninguém na TV gostava de ser visto perto de um fracasso, e o dedo da culpa já começava a procurar uma vítima.

Alison tinha um talento particular para se esquivar de sua ânsia, mas mesmo ela estava se armando com reforços, e seu ego, sendo como era, lhe dizia que tinha acabado de salvar um bom drama, transformando-o em um sucesso estrondoso.

— Falei com Sean, e ele quer saber o que mais a Cavendish Pictures pode fazer por nós.

Lá estava a recompensa de Laura, e dessa vez o alívio foi mais doce. Os tempos tinham sido difíceis para a indústria da produção independente nos últimos dois anos, e Laura precisava de um novo projeto aprovado. Sean era o diretor de dramaturgia, e tinha o poder de dar luz verde. O fato de ele querer trabalhar com ela novamente era realmente uma notícia muito boa.

— Você tem alguma coisa sobre a qual queira conversar?

Laura pensou em seu quadro de ideias; havia algumas coisas novas ali que já estavam reservadas para a ITV.

— Sim.

— Fantástico, Laura! Pode mandar alguma coisa para nossa análise?

— É claro.

— E gostaríamos de marcar uma reunião, apenas nós três.

— Ótimo. — Laura pegou seu iPhone, e Alison fez o mesmo. Toque, toque, passa o dedo.

— Ele está bem ocupado até o mês que vem. Então que tal dia dezoito de julho?

— Aqui?

— Vamos levar você para almoçar.

— Maravilha! Estou ansiosa por isso.

Tudo combinado, Alison deixou o celular de lado. Todas as notícias tinham sido dadas e a reunião chegou a um fim natural. Mais beijos e trocas de “É fantástico trabalhar com você”, e Laura percorreu o caminho até a rua. Olhou o relógio de pulso — quase três da tarde. Decidiu não caminhar de volta até o escritório em Covent Garden.

Estava quente demais; a onda de calor tinha sido notícia naquela manhã, e ela sabia que faria trinta e dois graus em Londres. Quase sempre as tardes eram piores, quando a poeira e a fumaça pareciam envelopar as pessoas e grudar na pele. Em vez disso, ela ligou para sua secretária, para dizer que trabalharia em casa o resto do dia. Chamou um táxi e partiu.

Assim que chegaram em Kensington, o trânsito estava, como de costume, enroscado com as saídas das escolas, e o motorista pegou um atalho pela Gloucester Road. Laura estava revendo mentalmente todos os projetos que poderia apresentar para Alison e Sean, e não tinha prestado atenção no caminho até aquele momento.

Olhou pela janela e, ao ver onde estava, empertigou-se no assento. Ali estava, na esquina da Old Brompton Road, a sinalização marrom e azul. A placa se aproximou cada vez mais, e quando faltavam apenas pouco metros para chegarem, ela falou pelo vidro: — Você pode me deixar aqui, obrigada.

Laura pagou e esperou que o táxi se afastasse. Então seguiu pela calçada até a Highsmith & Brown.

Ficou parada não exatamente diante da vitrine e olhou em ângulo, fingindo verificar as fotos das propriedades exclusivas mostradas na frente. Na verdade, tentava ver o pessoal no escritório logo atrás.

A combinação de reflexos da vitrine, de sua posição e o fato de ainda estar com óculos de sol tornava difícil ver qualquer coisa. No fim, ela desistiu, colocou os óculos no alto da cabeça, moveu-se para a direita e olhou fixamente lá dentro. Estavam todos ocupados, o que daria a ela mais oportunidades de tentar descobrir qual era ela, mas percebeu que não precisaria de tanto. A moça era deslumbrante.

O cabelo castanho-escuro sedoso e bem cortado mostrava um rosto lindamente estruturado. E um corpo que faria os homens chorarem. Laura observou por um momento, surpresa pela beleza da moça. Não era de estranhar que Daniel tivesse sido fisgado. Estava feliz por ele, mas... Laura sabia como era possível alguém ficar completamente fascinado. A moça sorriu. Estava *satisfeita*. Cherry atendeu um cliente, e Laura viu seu rosto se iluminar; jovem, determinada, a força de vida nela era intimidante. Afastou o olhar rapidamente. De repente, ficou com vergonha de estar espionando e deu um sorriso tolo para si mesma. Saiu andando, mas a imagem de Cherry a acompanhou.

Laura virou em uma rua residencial, deixando o alvoroço para trás. Enquanto passava diante

das casas brancas de estuque, reluzindo ao sol e flanqueadas por árvores uniformemente espaçadas, com suas sombras generosas, flagrou-se imaginando como seria Cherry. Como eram as moças de vinte e quatro anos nos dias de hoje. Como Rose seria se estivesse viva. Então soube o que queria fazer. Ergueu os ombros, determinada, e seguiu para casa.

— Por que você não a convida para a ceia?

— O quê?

Laura voltara para casa e encontrara Daniel dormindo. Agora, estavam todos sentados para o almoço, e os três pareciam náufragos agarrados a uma prancha que flutuava. Nem ela nem Howard tinham mencionado a pequena cena da noite de sábado, mas tempo suficiente já tinha se passado para que pudessem deixar o assunto de lado, e nenhum deles se sentia obrigado a trazê-lo de volta.

— Sua mãe está louca para saber mais sobre a moça.

Laura ignorou o marido. Percebeu que ele nunca lia o jornal quando Daniel estava em casa.

— Queremos conhecê-la! *Não queremos*, Howard?

— Claro — Howard ironizou.

Daniel deu uma gargalhada.

— Já? Não tem nem uma semana que saímos juntos.

— Não sou eu quem está pressionando — Howard comentou.

Laura resistiu à vontade de bufar.

— Howard, se quer ver seu filho durante essas férias, eu recomendaria um pouco mais de entusiasmo. Ele já nos deu o cano antes, lembra?

— Estou encrencado por isso? — Daniel perguntou.

— Terrivelmente encrencado — Laura confirmou. — E tenho a sensação de que você vai se encontrar muitas vezes com Cherry nessas férias, então, antes que vocês dois desapareçam em alguma — ela suspirou profundamente — bolha de felicidade, seria bom conhecê-la.

Daniel assentiu.

— Até que você tem razão.

— Ligue agora para ela.

— Agora? Qual a pressa?

— Preciso ter tempo de planejar tudo. Por que não marcamos para quinta? Seis e meia?

Laura não tinha muita certeza de por que estava forçando tanto a situação. Sabia que era improvável que fosse ver o filho tanto quanto gostaria durante o verão. Embora estivesse ansiosa por isso, aceitava as circunstâncias. Filhos adultos tinham suas agendas próprias. Mas algo a fazia querer conhecer Cherry antes que os dois desaparecessem.

Daniel estava no telefone. Cobriu o bocal.

— Ela não pode na quinta...

Laura pensou rápido.

— Na sexta, então?

A sugestão foi passada, e dessa vez aparentemente deu certo.

— Mais tarde ligo de novo — Daniel falou com suavidade. E desligou. — Ela adorou o convite.

Laura sorriu. Estava surpresa pelo quanto ansiava por aquilo.

CAPÍTULO 6

QUINTA-FEIRA, 12 DE JUNHO

Cada vez que Cherry visitava a mãe, decidia que daquela vez seria diferente. Ela seria aberta, amigável, relaxada. Conversaria com a mãe sem replicar e sem se sentir em pânico, presa por todas as coisas que a faziam se lembrar da infância miserável — não era culpa da mãe que não tiveram dinheiro todos aqueles anos —, mas, assim que entrava no pequeno apartamento de duas peças, o lugar parecia sugar todas as suas boas intenções. A tv grande demais para a sala, o tapete fofo no meio do aposento, o horrível sofá inclinável. A lata de doces na mesinha lateral, aberta para os convidados. Cherry sabia que Wendy, sua mãe, valorizava esses pequenos mimos do supermercado. Sempre sabia das pechinchas em primeira mão; dizia que isso lhe economizara uma fortuna ao longo dos anos. Cherry odiava supermercados, e odiava ainda mais as “pechinchas”. As tranqueiras que as pessoas eram encorajadas a comprar e encher suas casas. Os supermercados tirariam cada centavo dos baixos salários das pessoas se pudessem, e ainda fariam isso com um braço camarada por sobre os ombros dos clientes — *Estamos do seu lado. Sabemos como se sente. Tempos difíceis* —, enquanto tudo o que faziam era acumular lucros enormes. A coleção de DVD de sua mãe, a um preço médio de dez libras cada, valia mais de dois mil. Correção: *custara* mais de dois mil; provavelmente valia algumas centenas de libras, se muito. Cherry ficava frustrada por sua mãe nunca parar para pensar nisso...

— Mas é um clássico — Wendy disse quando comprou *O discurso do rei*.

— É um pedaço de plástico na sua sala. Quantas vezes vai assistir a isso?

Ter um clássico não tornava alguém um fã de filmes, não significava que a pessoa era erudita ou que sabia reconhecer qualidade; só a tornava uma idiota, em especial quando era possível ver o filme na tv ou pegar emprestado na biblioteca. Nunca ocorreu a Cherry que talvez sua mãe gostasse realmente de assistir àqueles filmes, que até mesmo fosse grata por eles, já que era com eles que passava a maior parte das noites quando não estava trabalhando sozinha, sem nunca ter encontrado um relacionamento duradouro depois que o pai de Cherry morreu.

Cherry deu um beijo casto na mãe, tentando evitar o abraço apertado e a marca de batom na bochecha.

— Mãe!

— Desculpe. É que quase não tenho visto você ultimamente.

Era verdade, e Cherry, envergonhada, evitou responder.

— Como você está?

— Tudo bem. Posso pegar uma bebida para você? Uma taça de vinho, já que estamos celebrando?

Cherry sabia que a mãe só teria vinho branco, e que seria doce, coisa que ela detestava, mas não queira chateá-la, por isso deu uma desculpa sobre não começar a beber tão cedo, perguntando se, em vez disso, não tinha chá. Seguiu Wendy até a cozinha, onde a mãe lhe serviu o chá em uma caneca que tinha o rosto de Daniel Craig. Sem pescoço, apenas a cabeça flutuando em um fundo de porcelana branca. Parecia surreal. Enquanto a mãe enchia a chaleira, Cherry levou um instante avaliando-a. Tinha pintado o cabelo novamente. Cada vez que a via, estava com o cabelo de uma cor diferente, como se quisesse experimentar todos os tons castanhos da L’Oreal. (“São 83 no total”, a mãe certa vez lhe dissera, depois de encontrar essa pérola de informação no catálogo da fabricante). Sob a tintura, seu cabelo era grisalho, mas antigamente tinha o mesmo tom castanho-escuro lustroso das madeixas de Cherry. Ela herdara o melhor da aparência dos pais, com o estranho gene introduzido por um avô, uma coleção de aspectos aleatórios que aumentava tanto as probabilidades que era impossível prever.

Wendy levou a filha para a sala.

— Você pode ficar com o encosto inclinável, se quiser.

— Não, aqui está bom. Você pode ficar com ele. — Cherry sentou-se rapidamente no lado oposto do sofá, lembrando da vez que sentara no lado reclinável para satisfazer a animação da mãe, e fora arremessada para trás como se estivesse na cadeira do dentista, sentindo-se um pouco indefesa.

— Hmm... Estou pensando em pintar aquela parede de vermelho. — Wendy apontou com a caneca para a parede ao fundo da imensa tv. — Como uma declaração.

— Uma declaração de quê? — Cherry não pretendia deixar que a irritação aparecesse, mas ali estava ela.

— Não sei. Por que você precisa ser sempre tão... — ela ia dizer “crítica”, mas mordeu a língua. Não daquela vez. Ambas olharam para as canecas de chá, prometendo se esforçarem.

A tv estava sem som, em um *game show*. Cherry odiava todos os *games shows* pelo único motivo de que os competidores estavam sempre fazendo de tudo para entrar, pagando carnês etc., e no fim terminavam se humilhando, ou parecendo mesquinhos ou ridículos. Também não aguentava ver como todos eram tapados. Professores que não sabiam qual era a capital do Canadá... Patético.

— Como vai o trabalho? — Cherry perguntou.

— Ah, você devia ter visto as filas no sábado. Vendemos todas as grelhas portáteis, e eu disse a eles que precisávamos de mais.

— Deviam ouvir você.

— Sim, deviam — Wendy concordou, feliz.

— Há quanto tempo você já está lá?

— Bem, comecei quando você estava com dois anos, porque precisávamos de dinheiro — Wendy começou a falar, e Cherry, que já ouvira a história antes, pegou-se esperando o final. — Era para ser só meio período, e comecei bem debaixo. Subi por esforço próprio, assumi mais dias depois que seu pai morreu. Eu era de confiança, sabe, e trabalhava duro. Nada de precisar sair

mais cedo para levar o cachorro no veterinário, esse tipo de coisa. De qualquer modo, em setembro serão vinte e três anos. — Wendy sorriu orgulhosa, perdida por um minuto em suas conquistas. Cherry não conseguia pensar em nada pior do que ficar presa em um supermercado gigantesco, cheio de gente empurrando imensas caixas aramadas com rodas, e secretamente pensou que virar gerente de caixa depois de vinte e três anos não era exatamente uma bela carreira. Certamente já teria dado tempo de gerenciar toda a região ou algo do gênero, mas pensar nisso a deixava deprimida, então ela parou.

— Coisas boas acontecem com quem trabalha duro. É quando você consegue promoções e outras coisas.

— Como está Holly?

— Não muito bem. A filha dela participou de uma audição do *X-Factor*, mas não se saiu bem. Aparentemente ela foi muito criticada. Holly ficou bem chateada. — Wendy inclinou-se para frente e deu um tapinha no joelho da filha. — Não se importe com isso. E quanto a você? Ainda não acredito que minha filha tem um belo emprego agora! Sempre há dinheiro no ramo imobiliário. — Ela falou com segurança, embora se apoiasse em uma percepção geral, e não em conhecimento direto.

Por fim, Cherry pôde sorrir, embora não fosse entrar em mais detalhes.

— Tudo bem. Muito bem, na verdade. Estou aproveitando muito este momento.

— Bem, isso é ótimo. Eu sempre soube que você se sairia bem. Era a mais inteligente da família. Então, o que você faz? Vende casas chiques?

— Sim, em geral. E alguns alugueis.

— Apostos que colocam os preços lá em cima, não é? Quanto custaria se eu quisesse alugar um apartamento como o meu na terra das maravilhas?

— Bem, não seria exatamente assim, mas, pela metragem disponível, algo em torno de três mil.

— Três mil por mês!

— Por semana.

A expressão de Wendy era tão chocada, tão perplexa, que Cherry começou a rir. Não podia evitar — não estava sendo maliciosa ou zombando, mas o queixo caído de sua mãe e seu rosto imóvel eram engraçados.

Wendy fechou a boca lentamente.

— Jesus Cristo. — E então, ciente de como devia estar parecendo, também começou a rir, e por um tempo, enquanto olhavam uma para a outra, as duas só conseguiam rir mais. Era um momento raro, com as duas se dando bem, partilhando uma piada.

Feliz por aparentemente terem encontrado um tópico seguro, de repente Wendy teve uma ideia.

— Ei, mudaram meu turno na semana que vem. Eu não trabalho na quinta. Talvez eu pudesse ir até seu emprego, para almoçarmos juntas?

Cherry pensou rápido e fez uma careta.

— Só tenho meia hora.

— Isso é ilegal!

— Está tudo bem...

— Não. Você tem direito a uma hora. É a lei. Devia falar com seu chefe sobre isso.

— Deixe para lá, mãe.

— Não...

— Mãe, por favor!

Wendy ficou em silêncio. Por um instante.

— Estão pagando você direito?

— Mãe!

— É só que você nunca foi boa com dinheiro, sempre gastando tudo.

Cherry engasgou com o chá, ao ponto de espalhar um pouco no sofá de couro creme.

— Não me olhe assim. Você acabou com suas economias em uma viagem para a Austrália.

— Uma viagem de trabalho. Uma experiência cultural. — Ela olhou ao redor, procurando algo para secar o chá, e encontrou uma caixa de lenços de papel, Kleenex Collection, com uma fotografia de uma flor de lótus na embalagem. Era projetada para chamar a atenção de donas de casa que achavam importante ter lenços de papel como parte da decoração. Por um instante, Cherry hesitou, sem querer pegar um, como se fosse um doce ofertado por uma bruxa que a prenderia em seu covil assim que você aceitasse. Ela se lembrou que, se algum dia perdesse o emprego, teria que voltar para aquele apartamento. A tristeza de tudo aquilo a assustou.

— Você podia ter investido — Wendy prosseguiu. — Títulos de capitalização ou algo assim.

— Mãe, títulos de capitalização não pagam juros.

— Não, mas é uma escolha melhor do que a loteria.

Cherry apertou os dentes, e decidiu não dizer o óbvio. Em vez disso, perguntou: — O que você faria, se ganhasse?

— Faria uma grande viagem. Levaria Holly. Faria bem para ela se divertir um pouco.

— Você mudaria daqui?

— Há belas casas que construíram perto do rio Wandle.

Cherry fez um som de exasperação.

— Mãe, você poderia sair de Croydon, sabia?

— Nunca. Eu nasci aqui. Está no meu sangue. No que me diz respeito, não há lugar melhor.

Essa declaração fez Cherry se inquietar novamente, e ficar ansiosa por acelerar a noite. Pensou que poderia estar sentada na bela casa dos Cavendish aquela noite. Queria desesperadamente ter aceito o convite de Laura para jantar, mas sabia que cancelar a visita à sua mãe era complicado demais. De qualquer modo, só teria prolongado a agonia, já que teria que encontrar outra data.

Cherry já inventara algo que tinha que fazer — encontrar alguns amigos para um drinque — e dissera para a mãe ao telefone antes de chegar. Olhou o relógio de pulso discretamente. Mais dez minutos e já poderia abordar o assunto. Croydon ficava tão longe que realmente levava décadas para chegar a qualquer lugar em Londres. Na verdade, ela iria para casa, decidir o que vestir no dia seguinte — uma roupa que também pudesse usar à noite. Algo adequado para “cear” com a senhora e o senhor Cavendish. (“Ceia” já não parecia um termo tão ruim agora.) Daniel lhe dissera para não se preocupar com a roupa, mas claro que aquilo era ridículo.

— De todo modo, talvez eu ganhe o bastante para comprar uma daquelas mansões imensas em

Webb Estate.

Cherry empertigou-se.

— Tem ouvido algo de Nicolas? — Wendy perguntou, fingindo indiferença.

— Não.

— Acho que já era de se esperar — ela parecia tranquila, como se suas suspeitas tivessem se confirmado. Cherry ficou com raiva.

— O que quer dizer com isso?

— Você sabe, ele era um pouco diferente, não era?

— Diferente como? — ela perguntou perigosamente.

— Bem — Wendy começou a dizer, nervosa —, os ricos têm uma vida diferente. Não é o tipo de coisa que conhecemos... — Wendy deu um tapinha na mão de Cherry, querendo consolá-la, deixar Nicolas de lado e acolhê-la em seu clube de apoio mútuo, mas internamente Cherry se encolheu. Estava consumida de raiva e orgulho. Até sua mãe achava que ela era demais para ele. Era tão *errado*, tão ridículo acreditar que alguém não poderia ficar com outra pessoa, que os ricos eram melhores porque tinham dinheiro.

— Você não está chateada, está?

— Não.

— Só que...

— O quê?

— Você pode não ter visto isso... — Wendy pegou o jornal local e abriu-o na seção de casamentos. O rosto de Nicolas sorria para ela; perto dele estava a loira do bar com tiara e vestido branco. Eles irradiavam união. Cherry ficou rígida e se obrigou a não demonstrar outra emoção que não indiferença. Ela olhou a foto, procurando sinais de que ele estava pensando nela, que o casamento com — Cherry leu o nome — Gabriella Clara Butler Oswald era algo a que tinha sido obrigado, algo que tinha que manter caso quisesse uma chance de assumir o negócio paterno. Achou ter notado um vestígio de tensão em seu sorriso, mas claro que podia ser apenas uma reação à ânsia incansável do fotógrafo do casamento, foto após foto. Empurrou o jornal.

— Boa sorte para eles. — Seu tom de voz indicava que o assunto estava encerrado.

— Quer dar uma olhada no quarto, para ver se tem alguma coisa que queira levar com você? Separei todos os seus brinquedos de quando era criança.

Cherry não queria. Já tinha tirado tudo o que queria daquele apartamento, e a ideia de levar alguma parte de sua infância para sua nova vida parecia o pior tipo de contaminação.

— Não posso, mãe... Vou encontrar alguns amigos. Talvez da próxima vez, sim? — E com isso ela se levantou. — Na verdade, preciso ir embora. Tenho que voltar para Londres.

Wendy disfarçou seu desapontamento e se levantou também.

— Ah, certo, obrigada por ter vindo de tão longe, querida. Fico feliz com isso.

Houve um breve silêncio durante o qual nenhuma das duas disse nada, e então Cherry deu um sorriso efusivo.

— Certo — ela respondeu, e começou a se dirigir para a porta.

Deixou que a mãe lhe desse um beijo no rosto, e descobriu uma pequena caixa colocada em sua mão.

— Feliz aniversário! — Wendy falou radiante, com expectativa, e Cherry percebeu que era algo que ela estava louca para lhe dar. Estava embrulhado em papel florido, do tipo que parecia feito para uma garota de quatro anos e era vendido na categoria de “coisas fofas”. A coisa certa a fazer teria sido abrir o pacote, mas Cherry não conseguiria fingir não estar desapontada. Guardou na bolsa.

— Tudo de bom, querida — Wendy disse com a voz embargada.

Era agonizante. Cherry sabia que sua mãe estava ciente de que ela queria ir embora, mas afastou-se rapidamente, fingindo não notar o olhar de dor de Wendy. Seu peito estava apertado de culpa. Odiava estar ali; odiava o que se tornava quando estava ali.

— Obrigada, mãe.

Escapou e correu de volta para East Croydon Station. A cada passo, sua culpa aumentava. Pegou o celular e mandou um sms para limpar a alma, algo alegre e despreocupado sobre como tinha sido bom vê-la. Assim que recebeu uma resposta animada, sentiu a dor no peito diminuir, e gradualmente o trem, e depois o metrô, levava-na de volta para casa.

Só levou meia hora para chegar em Tooting, e a noite ainda estava quente. Serviu-se de uma taça de vinho que tinha sobrado do fim de semana com Daniel, e foi até o minúsculo jardim na varanda. Tinha só três passos de largura e seis passos de comprimento, e de lá dava para ver as chaminés do St. George Hospital por trás dos muros e uma fileira de apartamentos vitorianos que seguia paralelo ao dela, mas era um pequeno pedaço do mundo exterior. Uma raposa passou correndo, rápida e silenciosa, por um buraco sob o muro de Cherry e desapareceu no jardim do vizinho. Ela bebericou o vinho e observou o animal partir, impressionada com sua habilidade de se sentir em casa em qualquer parte de Londres. Há algumas semanas, ouvira em um programa de rádio que algumas pessoas de lugares como Barnes e Chelsea ligavam para reclamar de raposas que entravam em suas casas. Tooting era o mais perto que conseguira morar do centro da capital, onde os preços dos aluguéis, como espinhos emaranhados, a impediam de se aproximar. Isso a fez pensar no que vestiria no dia seguinte, e, determinada, levou o vinho para o quarto.

Ao abrir as portas do guarda-roupa, analisou suas roupas criticamente. Seria outro dia quente, então precisava de algo que não parecesse amassado e desganhado depois de um dia de trabalho no escritório. Decidiu usar uma blusa de seda sem manga e uma saia-lápis azul-marinho. Abriu espaço para as peças escolhidas, empurrando todos os outros cabides de lado e colocando-as juntas. Olhou satisfeita por um momento antes de fechar as portas. Voltou para o jardim e pensou animada no dia seguinte, e no quanto ansiava pelo encontro com os pais de Daniel. Sentiu carinho por Laura pelo convite, com tão pouco tempo de relacionamento com Daniel. Era algo que nunca ocorrera em todo o tempo que saíra com Nicolas. Ela imaginava todos se dando bem naturalmente, e uma onda de prazer a atravessou quando se viu entrando naquele mundo. Daniel era tão fácil de conviver, e Cherry tinha a sensação de que seus pais seriam o tipo de pessoa do qual ela gostava.

Foi só muito mais tarde, quando estava indo para a cama, que ela se lembrou do presente. Pegou o pacote na bolsa e o abriu. Era um iPhone de último modelo. Cherry sabia que era uma tentativa da mãe de compreendê-la, comprar algo que achava que as gerações mais jovens pudessem gostar. Também sabia que tinha custado grande parte do salário de Wendy. De algum

modo, aquilo parecia muito triste, e ela já tinha um celular daqueles. A culpa ardeu novamente, e ela deixou o presente na gaveta, recostou-se nos travesseiros e suspirou. Como sua mãe se encaixaria em seu futuro era algo que ainda não sabia responder.

CAPÍTULO 7

SEXTA-FEIRA, 13 DE JUNHO

A casa dos Cavendish estava há só dez minutos de caminhada do ar-condicionado de seu escritório, mas Cherry estava com calor e incomodada. Era início da noite, mas ainda fazia 30 graus, e ela rápida e sutilmente verificou as axilas para ver se estavam manchadas de suor. Sem contar um minúsculo círculo do tamanho de uma moeda de cinco centavos sob o braço direito, estava tudo bem.

Cherry estava nervosa. Queria que gostassem dela. Olhou o buquê de lírios que tinha na mão, artisticamente arrumados com papel pardo e amarrados com barbante como se fosse um espartilho, e perguntou-se novamente se seria demais. Pareciam haver muitos deles, e eram bem grandes. Tinham que ser, pensou com ironia — tinham custado sessenta libras. Mas eram grandes. Ela contou os caules: sete. Tinha certeza de que não era exagerado? Trocou o buquê de mão para que não ficassem muito suados, e decidiu que era tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito. O importante era não chegar de mãos vazias. Ela entrou na rua dos Cavendish, e, olhando o relógio de pulso, percebeu com um instante de apreensão que chegaria cedo demais. Ah, Deus, não queria parecer desesperada ou algo assim. Rapidamente virou em uma rua lateral. Se seguisse por esse caminho, chegaria na outra ponta da rua que estava agora. Caminhou fingindo estar um pouco perdida, caso alguém por ali conhecesse os Cavendish e mais tarde, em uma conversa casual, acabasse contando que ela estava vagando por ali. Essa ideia a fez se encolher de vergonha.

Ela entrou no final da rua dos Cavendish, verificando o relógio e diminuindo o passo para chegar diante do portão de ferro de número 38 exatamente às seis e meia. Atravessou o tabuleiro de xadrez de ladrilhos brancos e negros até a grande porta dianteira, e tocou a campainha. Não demorou muito para que fosse aberta, com uma recepção calorosa e ampla de Daniel. Ele segurou sua mão e lhe deu um beijo rápido na boca.

— Oi! Estão morrendo de vontade de conhecê-la — ele sussurrou em seu ouvido, como um tipo de aviso preventivo, e logo ela ouviu dois pares de passos se aproximando.

O sr. Cavendish veio na frente, um homem grande, de ombros largos, que claramente estava acostumado a entrar nos aposentos sem temer quem quer que estivesse ali. Usava uma camisa de manga curta dentro do short, uma mistura estranha de semiformal e casual, e ela se sentiu presa pela força — não indelicada — de seu olhar. Ele apertou sua mão livre com mais força do que seria necessário, naquele jeito confiante e masculino. E, para ser honesta, doeu.

— Pai, essa é a Cherry.

— Howard — ele falou, apresentando-se. — É um prazer conhecê-la.

— O prazer é meu, Howard.

Ele soltou sua mão, que formigou enquanto os ossos se alinharam e o fluxo sanguíneo voltou a correr. Então foi a vez de Laura. Para surpresa e alegria secreta de Cherry, Laura pegou sua mão e, depois de observá-la de modo encantado, aproximou-se e deu-lhe um beijo em cada bochecha.

— Encantada em conhecê-la, Cherry.

— Digo o mesmo. — Entregou o buquê. — São para você.

Laura pegou o buquê com prazer genuíno, e Cherry ficou feliz por ter pago tanto por elas.

Cherry não conseguia acreditar que aquela mulher glamourosa provavelmente tinha a mesma idade de sua mãe. Elas não podiam parecer mais diferentes. Laura era alta, esbelta e verdadeiramente loira. A blusa de seda creme e a pantalonada caramelo cobriam seu corpo como se fossem privilegiadas em fazê-lo, e o efeito geral era o de uma deusa de ouro polido.

— Adorei sua blusa — Cherry se pegou dizendo, e teve que tentar impedir o rubor que subiu em seu rosto.

— Digo o mesmo — Laura falou. — Essa cor fica maravilhosa em você.

O rubor aumentou, e Cherry sentiu como se tivesse obrigado Laura a dizer algo gentil em resposta. Ficou parada ali, atordoada, sorrindo e desejando com todas as forças do coração que tivesse sido um pouco mais sofisticada.

— Hora de um drinque — Howard anunciou, e guiou o grupo até onde Cherry soube ser apenas uma das salas de estar. Ela se sentou na beira de um grande sofá cinza, e felizmente Daniel se sentou ao seu lado. Laura estava alguns passos atrás e devia ter deixado as flores em algum lugar, pois suas mãos estavam vazias. Ela não podia tê-las colocado em um vaso com tanta rapidez, e Cherry se pegou sentindo-se menosprezada. As flores estariam largadas em algum canto por aí? *Controle-se*, disse a si mesma com severidade. Laura não desapareceria por dez minutos para arrumar as flores logo depois da visita chegar. Elas ficariam bem.

— Um aperitivo? — Howard ofereceu.

— Sim, por favor.

— Bellini? — Mas ele já estava servindo uma taça e entregou para ela. Cherry tentou não deixar que as bolhas entrassem em seu nariz enquanto tomava um gole.

— Você trabalhou hoje? — Howard perguntou enquanto continuava a servir as bebidas.

— Sim. Na Highsmith & Brown.

Laura pegou uma taça do marido e deslizou até a poltrona diante de Cherry.

— Daniel nos contou. Você gosta de lá?

— Sim, muito.

— Há quanto tempo trabalha lá?

— Não muito. — Ela não entrou em detalhes e, no silêncio que se seguiu, mudou a taça de mão. Sabia que tinha que relaxar, mas estava tão ansiosa em causar uma boa impressão que sua mente trabalhava sem parar, tentando lembrar o que queria e o que não queria dizer. Corria o risco de parecer rude.

— O que você fazia antes? — Howard quis saber.

— Estava na indústria da hospitalidade.

Os pais de Daniel sorriram com o que Cherry considerou um interesse polido. Sentiu outro rubor ameaçador. Era óbvio que sabiam que dissera isso como disfarce para “trabalhava em um restaurante”. Sentindo-se tola, falou rapidamente.

— Antes disso, estive na Austrália. Eu estava, hmmm... queria um tempo antes de fazer meus... exames.

— Qual universidade você cursou? — Howard perguntou.

Ela se encolheu internamente.

— Ah... eu não fiz... mas terminei o ensino médio.

Qual era o problema com ela? Tentando se justificar, como uma criança.

— Então você voltou e decidiu começar uma carreira, aprender um ofício. Muito louvável — Laura comentou. — Em especial com o custo das universidades hoje em dia.

Cherry sorriu e assentiu. Sabia que Laura a estava ajudando. Conscientemente mudou a taça de mão e se perguntou o que dizer para mudar de assunto.

Daniel se levantou e a puxou do sofá.

— Venha, deixe-me lhe mostrar a casa. Você pode nos dar sua opinião profissional.

Ela o seguiu para fora da sala, sentindo que havia falhado no primeiro teste. Mal tinham cruzado a porta, Daniel beliscou seu traseiro. Por pouco ela conseguiu segurar um grito e o cutucou no braço como advertência, mas, na verdade, aquela intimidade a alegrou.

— Aqui é o hall de entrada — ele mostrou. — Como vê, nós temos um.

— E um muito bonito — Cherry respondeu, ciente de que os pais dele provavelmente podiam escutar o que estavam dizendo. E era bonito mesmo: o chão reluzente de tacos levava até duas escadarias grandes e curvas, de madeira, uma subindo, a outra descendo. Um tapete turco estava colocado diante da lareira de mármore, que era ladeada por uma poltrona grande. Cherry se perguntou se alguém realmente sentava ali.

— Você não precisa se preocupar tanto. Eles gostam de você. — Daniel disse em voz baixa, mas Cherry lhe deu um olhar de advertência. Tinha ouvido Laura atrás deles.

— Só vou terminar o suflê — ela disse, e foi para a cozinha.

— Tudo bem. Nós não vamos entrar lá. Não queremos perturbar a chef. — Em vez disso, ele a fez subir a escada e, quando chegaram no andar de cima, não parou. — Este é o quarto da minha mãe — disse e continuou subindo, enquanto Cherry notava que o andar inteiro parecia dedicado a um quarto, e provavelmente um banheiro imenso e um closet. Também percebeu que o sr. e a sra. Cavendish aparentemente não dormiam juntos. No andar seguinte, Daniel a levou até um dos quartos. — Este é o meu quarto. Bem, na verdade, não mais. Mas este era meu quarto em minha infância. — Tinha uma cama de carvalho, sólida, *king size*, um guarda-roupa e uma escrivaninha, mas o que chamava atenção era que o ambiente parecia uma homenagem ao homem ao seu lado. Fotos cobriam todas as paredes, todas as superfícies: Daniel em Machu Picchu, na Ilha de Páscoa, nas pirâmides. Uma variedade de esportes radicais: escalada em montanha, esqui, *rafting* no Grand Canyon. E fotos do *Grand Tour*. Havia troféus, taças de rúgbi, críquete e tênis. Cada um deles sem pó e brilhante. Era uma representação visual de sua infância e de tudo a que ele teve acesso.

— Uau. O quarto de um vencedor.

— Nada a ver comigo. Bem, dei mesmo umas voltas. Quero dizer, é minha mãe quem insiste em colocar tudo isso aí.

— Ela deve ter muito orgulho de você.

Cherry se aproximou da janela e pegou uma foto de Daniel andando de bicicleta nos Pirineus. Alguém, presumivelmente Laura, marcara o nome da montanha, junto com a data. Ela colocou o porta-retratos de volta e olhou pela janela. Seus olhos foram atraídos por um retângulo azulado com cerca de três por dois metros, bem no meio do gramado. Parecia vidro.

— O que é aquilo?

Ele se aproximou dela por trás.

— A janela. Da piscina.

Cherry se virou, com os olhos arregalados.

— Você tem uma piscina embaixo da casa? No subsolo?

— Sim. Começa embaixo do jardim e avança para dentro da casa. Além disso, embaixo da frente da casa há uma adega e uma sala onde meu pai gosta de passar o tempo, assistir a alguns filmes. E, no andar de baixo, uma pequena garagem. Quer dar um mergulho?

Cherry olhou fixamente para a janela, tentando imaginar como ela era.

— Não trouxe roupa de banho.

— Não faz mal. — Daniel começou a beijar sua nuca, mas ela se esquivou.

— Sua mãe está lá embaixo — sussurrou.

— Sim — ele disse, continuando a beijá-la.

Ela o empurrou.

— Quero causar uma boa impressão. Não bagunce meu cabelo.

— Você está absolutamente linda esta noite. Que tal uma rapidinha?

— Absolutamente não.

Um sino tocou. Ele gemeu.

— Minha mãe tem outras ideias.

— Não me diga que isso foi uma convocação...

— A casa é grande. Ela tem que me chamar para a mesa de alguma forma. O que vou fazer sobre isso? — Ele apontou para a virilha, que estava protuberante na altura da braguilha do short.

— Pense em mim nua durante todo o jantar.

— Você é uma provocadora. — Mas ele amava, e ela sabia disso.

Segurando sua mão, Daniel a levou para baixo, e eles se encontraram com Laura no hall de entrada. Ela carregava uma bandeja com quatro ramequins fumegantes.

— Desculpe por interromper o *tour*, mas isso aqui ia murchar.

Daniel soltou a mão de Cherry para pegar a bandeja da mãe. Isso lhe deu a sensação irracional de ter sido abandonada, e seus nervos rapidamente se agitaram de novo.

A refeição foi servida na sala de jantar. Cherry sentou-se de frente para Howard, Daniel diante da mãe. Tudo brilhava com um propósito: os talheres, as taças, até mesmo a louça, um conjunto branco com flores pintadas nas bordas. Uma pintura à óleo grande e moderna estava pendurada na parede, ocupando quase a largura da sala, uma declaração de que era tão confidencialmente

cara quanto o restante da casa.

— *Ta-da!* — Daniel falou enquanto colocava a bandeja de suflês na mesa.

Cherry imediatamente sentiu um cheiro forte e inconfundível. Caranguejo. Hesitou.

Tivera uma má experiência com uma das compras com desconto de sua mãe, já no final da validade, e passou grande parte da noite vomitando no banheiro. Agora, só o cheiro a fazia se sentir nauseada, mas ela resolveu encarar. Um prato foi colocado em sua frente, um suflê fofinho só esperando que ela rompesse a superfície. Cherry esperou o máximo que pode, mas todos já tinham sido servidos e comiam a primeira porção. Ela pegou o garfo menor, pensando que com aquilo pegaria menos do que com a colher, e fez uma tentativa. Era tudo o que podia fazer para não vomitar. Cherry se perguntava, arrasada, como atravessaria o jantar sem passar mal ou ofender sua anfitriã. Parou para tomar um gole de vinho, e lentamente levou outra garfada à boca, mas Laura percebeu que ela estava lutando.

— Está tudo bem?

Cherry pensou em mentir, mas desistiu.

— Desculpe. Não gosto de caranguejo.

— Ah, meu Deus! Não coma!

— Me desculpe... — Cherry repetiu, envergonhada. — É que caranguejo não me faz... bem.

Daniel bateu com a mão na cabeça.

— É minha culpa. Desculpe, Cherry. Minha mãe me pediu para perguntar. Eu esqueci completamente — parecia arrependido. — Achei que estava tudo bem.

— Sinto muito — Laura falou, levantando-se e tirando o ramequim.

— Pobrezinha — Howard comentou.

Laura levou o prato para a cozinha.

— Moisés pode ficar com isso.

— O gato — Daniel explicou.

— Bem, achei que estava delicioso — Howard falou, raspando o resto do suflê de seu prato enquanto Laura voltava.

— Muito bom, mãe — Daniel confirmou.

— Fico feliz que tenham gostado. — Ela comeu sua porção, parecendo pesarosa. — Sinto muito, Cherry.

Ela estava sendo gentil, mas Cherry estava mortificada. Ouvia seu estômago roncar e puxou os músculos rapidamente para que ninguém notasse.

— Você está com fome! — Howard comentou. — Não podemos servir outra coisa para ela?

— Estou bem, de verdade.

— Tem certeza? — Laura disse. — Sinto como se tivesse tentado envenenar você ou algo assim! Quer melão? Acho que talvez tenha um pouco de patê na geladeira.

— Uma vez passei mal com mexilhões — Howard lembrou. — Nunca mais consegui encará-los depois disso.

Cherry queria que todos parassem de falar sobre o assunto. Daniel colocou uma mão reconfortante em sua perna, sob a mesa.

— Obrigado, pai. Acho que não precisamos lembrar dessa história.

Um miado veio da cozinha. Laura se levantou.

— Moisés — ela chamou —, ainda está com fome?

— Sempre tenha um animal de estimação — Howard sugeriu. — São lixeiras ecológicas. Embora eu mesmo prefira cachorros.

— Por que nunca tivemos um? — Daniel perguntou.

— Sua mãe não queria. Eles a fazem se lembrar do cocker spaniel que teve quando criança.

— Foi atropelado. Aquilo acabou comigo. Tive pesadelos por semanas.

— Que pena — Daniel comentou. — Eu gosto de cães.

O gato miou mais alto e entrou empinado. Aproximou-se de Laura e se esfregou entre suas pernas.

— Não escute o que dizem! — ela falou para o gato. — Você é nosso favorito.

Cherry olhou para o animal com imenso desgosto. Era irracional, ela sabia, mas até o gato conspirava contra ela ao gostar do suflê. Todo mundo, exceto ela, adorava o maldito suflê. Por que não podia ser uma pessoa que adorava suflê, como todo mundo?

— Bife e batatas salteadas para o prato principal? — Laura falou hesitante para Cherry. — Está bem?

Cherry deu um sorriso exagerado para compensar.

— Parece ótimo.

— O que tem de sobremesa, mãe? — Daniel perguntou.

— Eu estava me perguntando quando você tocaria no assunto — Laura sorriu. — Imagino que saiba tudo sobre o vício de Daniel por chocolate, Cherry?

Cherry sorriu novamente, um sorriso imenso para combinar com a conversa. Ela não sabia.

— Pois é. Tenho que esconder todos quando ele está em casa — Laura contou.

Ah, é? *Hahaha*, pensou Cherry.

— Você vai gostar de saber que a sobremesa é... marquesa de chocolate e pistache.

Daniel colocou um braço orgulhoso ao redor da mãe.

— Você é o máximo!

Cherry não sabia o que era uma “marquesa”.

— Está bem para você? — Laura perguntou para ela.

— Sim, muito bom — Cherry respondeu.

— Eu devo ser louco em me mudar daqui — Daniel brincou, e Cherry sentiu um pouco de ansiedade. Levantou os olhos e, aliviada, viu que ele não falava sério. Mas era óbvio que se davam bem, ele e Laura. Extremamente bem. Era um conceito estranho para ela, ser próximo da mãe, e o gracejo fácil entre eles parecia errado para ela. Cherry imaginou como seria ter aquele nível de proximidade com sua mãe, e instantaneamente encolheu-se de repulsa. Nem sempre fora assim. Tinham sido próximas quando ela era jovem. Quando criança, na verdade, adorava Wendy, mas quando ficou mais velha começou a sentir vergonha dela, da mãe que trabalhava no supermercado e cujo mundo era tão pequeno. Tudo ainda ficava pior por Wendy ser sempre tão gentil; era como um cachorrinho, sempre correndo atrás de Cherry, querendo ser parte de sua vida. Aquilo a deixava culpada, e de vez em quando ela pensava que, se Wendy simplesmente lhe desse um tapa na cara e lhe dissesse como se comportava mal, isso tornaria tudo mais fácil.

Pensar na mãe fazia Cherry ficar de mau humor. Tentou se livrar daqueles pensamentos, desfrutar o bife e o que acabou sendo uma mousse de chocolate elegante.

— Então, já sabe quando terei *realmente* meu covil de volta? — Howard perguntou, servindo vinho para todo mundo.

Daniel deu uma gargalhada.

— Ontem — explicou para Cherry —, meu pai desceu para a piscina. Havia espaço suficiente para nós dois — respondeu ao pai.

— Você espalha água para todo lado. Tinha mais água fora da piscina do que dentro.

— Você só não queria audiência.

— Fico muito bem quando você não está aqui. Cherry, foi uma pena que não tenha podido mantê-lo ocupado ontem também.

— Cherry tinha outros planos — Daniel comentou.

— Sim — ela confirmou.

Todos a olhavam. Ela falara muito pouco durante o jantar, nervosa e constrangida demais para realmente contribuir com a conversa, e parecia estranho ser o centro das atenções. Não queria que a resposta monossilábica parecesse tão misteriosa, mas, percebeu de repente, não tinha dado muito certo naquele momento.

— Algo interessante? — Laura perguntou.

Ela fez uma expressão de vergonha por ter que dizer, como se não quisesse fazer daquilo grande coisa.

— Foi meu aniversário. Passei a noite com minha mãe.

Daniel recostou-se surpreso na cadeira.

— Você nem me disse! — Segurou o rosto dela com as duas mãos e a beijou. — Feliz aniversário!

Ela sorriu com modéstia.

— Obrigada.

— Que adorável! — Laura exclamou. — Muitas felicidades por ontem.

Cherry ficou satisfeita com a reação de todos. Agora não podia ser acusada de contar para Daniel com antecedência para garantir um presente caro, embora secretamente soubesse que a culpa inevitável por perder seu grande dia provavelmente produziria algo ainda melhor. Howard já estava na cozinha pegando uma garrafa de champanhe e quatro taças, que trouxe segurando pelas hastes. Feliz, Cherry notou que era um Veuve Clicquot rosado.

— Ora, ora. Isso pede uma comemoração — Howard disse. Deu uma taça para cada um, com o belo líquido frisante, e ergueu a sua. — À Cherry!

— À Cherry! — Daniel e Laura responderam, e pela primeira vez naquela noite ela se sentiu parte de tudo.

— Então, o que você e sua mãe fizeram? — Laura perguntou.

A bolha se desfez. Cherry sentiu-se pressionada. Não podia falar sobre a hora tensa no apartamento apertado, evitando o sofá reclinável e pensando em desculpas para ir embora. Todos a olhavam em expectativa, sorrindo.

— Nada demais.

Ela viu o rosto de Laura assumir uma expressão intrigada antes de inventar de novo: — Bem, de vez em quando é bom ter uma noite tranquila.

Cherry se agitou por dentro com angústia. Naquele instante, sentiu um abismo separando-a de qualquer um naquela sala, incluindo Daniel. Teve uma necessidade súbita de sumir, recuperar o fôlego e entender o que dera tão errado naquela noite pela qual esperara tanto.

Levantou-se.

— Preciso ir...

Laura apontou para o hall.

— Primeira porta à esquerda.

Cherry trancou a porta atrás de si e sentou-se no chão. Por que não conseguia se encaixar? As palavras de sua mãe na noite anterior ecoavam em seus ouvidos. *Os ricos têm uma vida diferente. Não é o tipo de coisa que conhecemos.*

Será que ela estava certa? Até agora, a noite fora uma coleção horrível de momentos tensos e incômodos. Nada como pensara. Tinha se imaginado iniciando uma relação amistosa com Laura, encontrando algum assunto em comum, talvez fazendo uma ou duas piadas; quem sabe poderia até mesmo ter ido até a cozinha ajudá-la com a ceia. Cherry sonhara com Laura como uma substituta materna, tomando-a sob suas asas elegantes e sendo a mãe que ela gostaria de ter. Corou de vergonha com essa fantasia juvenil. De algum modo, passara a noite sentindo-se inferior, indigna daquelas pessoas. A humilhação se transformou em ressentimento, e, zangada, ela deu descarga e abriu as torneiras, só para o caso de alguém estar escutando. Queria ir para casa, e o desapontamento e a sensação de fracasso eram esmagadores. Como iria escapar daquela vida se não conseguia nem mesmo manter uma conversa com alguém acima de um certo nível salarial? Respirou fundo e abriu a porta do banheiro. O hall de entrada estava vazio. Voltando à sala de jantar, viu que todos tinham deixado a mesa. Howard desaparecera, e Laura e Daniel estavam de costas para ela, espiando a tela de um notebook. Laura tinha um braço carinhoso sobre os ombros de Daniel, e Cherry ficou olhando. O braço apoiado parecia uma barreira impedindo-a de entrar.

— Ela encontrou um lugar maravilhoso para você — Laura comentou.

Eles estavam olhando as fotos do apartamento. O que ela era? A funcionária, a corretora contratada, útil apenas para encontrar a propriedade ideal para o filho de Laura? Mesmo enquanto pensava isso, Cherry sabia que não estava sendo razoável, mas não se importava. Aproximou-se e se juntou a eles. Então, deliberadamente, colocou o braço ao redor da parte inferior das costas de Daniel, e começou a acariciá-lo. Ele se virou para ela e sorriu. Cherry viu no rosto de Laura um olhar de surpresa, e sentiu que ela retirou rapidamente o próprio braço.

— É bonito, não é? — Cherry perguntou. Mantendo os olhos na tela, sorriu para si mesma, uma sensação de satisfação crescendo em seu interior enquanto mantinha a mão possessiva no lugar.

CAPÍTULO 8

SEXTA-FEIRA, 13 DE JUNHO

A cozinha estava repleta de detritos pós-jantar: pratos, taças e travessas empilhadas na pia, a bagunça culinária da noite. A lava-louças terminara há tempos seu gorgolejar com a primeira carga que Laura enchera há algumas horas. Mas agora ela não podia encarar o resto: tudo aquilo teria que esperar pela sra. Moore de manhã.

Laura se sentou no balanço do jardim, empurrando-o com o pé, pensando na noite. A namorada de Daniel parecia bem agradável, embora quieta. Laura imaginava que a garota estivesse nervosa, mas fora difícil fazê-la participar da conversa... De fato, ela praticamente emudeceu quando mencionaram o aniversário com a mãe. E também havia aquela coisa estranha que ela fizera no final da noite. Com a mão. Era quase como se estivesse reivindicando Daniel, querendo marcar um ponto...

Não, aquilo era estúpido, e Laura sentiu-se mal por pensar dessa forma. Provavelmente a garota estava apenas muito nervosa, coitadinha. Logo depois, Daniel se ofereceu para levá-la para casa, e Laura sabia que os dois estavam se coçando para ir embora. Sorriu, compreendendo que precisavam de algum tempo sozinhos. Daniel a levava de volta para Tooting e, quando partiu, deixou claro que a mãe não deveria esperar acordada. Assim que se foram, Howard voltara para seu escritório. Até mesmo Moisés saíra para uma ronda noturna, e agora ela fora deixada com seus pensamentos.

O vento soprava pelas árvores na extremidade do jardim, e Laura estremeceu. A temperatura caía pela primeira vez na semana. Ela percebeu que estava com frio e entrou, fechando as portas biarticuladas atrás de si.

Deitada na cama, tentou dormir, mas sentia-se inquieta. As cortinas se abriam com o vento batendo; então ouviu o estampido de um trovão. Por fim a tempestade que todos esperavam irrompia. A chuva começou a cair e, em questão de segundos, martelava contra a janela em um ritmo torrencial, desarticulado, conforme o vento soprava de um lado para o outro. Laura se levantou, e enquanto fechava a janela viu um clarão de relâmpago contra o céu. Ele iluminou o jardim e a grande janela de vidro opaco no chão brilhou molhada contra a chuva. Foi quando ela ouviu um miado fraco. O clarão seguinte iluminou Moisés sentado do lado de fora, esperando para entrar.

— Ah, Moisés — ela falou exasperada, mas desceu rápido. Mal abriu a porta e ele entrou, esfregando-se grato contra suas pernas. Laura ficou parada por um momento, vendo a

tempestade, mas uma rajada de chuva atingiu seu rosto, e ela fechou a porta. Olhou ao redor, em busca de Moisés, mas ele se fora, atrás de uma ceia tardia. Então ela o deixou e subiu para o quarto.

Deitou-se encarando o teto. Do outro lado do gesso estava Howard em seu escritório, ocupado com o trabalho no andar logo acima, e ela pensou como era triste o fato de eles não conversarem mais de verdade. Ela se virou de lado, e pensou em Cherry. Resolveu fazer alguma coisa pela garota, algo que a deixasse mais confortável. Talvez pudesse levá-la para algum lugar. Sim, isso seria bom.

Laura apagou a luz e o quarto caiu na escuridão. Tentou ignorar a tempestade que batia na janela, e em algum momento deve ter conseguido, já que mergulhou no sono.

CAPÍTULO 9

SÁBADO, 14 DE JUNHO

A manhã seguinte estava fresca, e o céu azul. As ruas tinham sido lavadas pela chuva, mas já estavam secas ao sol matutino. Quando Laura saiu pela porta da frente, viu o Mercedes conversível de Daniel virar a esquina e seguir na direção da casa. Ela foi até o portão e acenou quando eles se aproximaram — Cherry estava no banco do passageiro...

— Olá, vocês dois.

Eles estacionaram o carro diante da casa, e Daniel deu um beijo rápido em Cherry. Então desceu e, para surpresa de Laura, Cherry passou as pernas pelo console e sentou-se no banco do motorista.

— Obrigada novamente pela noite adorável, Laura — Cherry disse com um sorriso que não parecia ter nada da ansiedade que ela demonstrara na noite anterior; a moça partiu rapidamente, cantando os pneus.

Laura ficou surpresa.

— Para onde ela vai?

— Trabalhar.

— Mas... mas aquele é o seu carro.

— Eu emprestei para ela hoje. Acordamos atrasados — ele explicou — e eu não queria que ela se encrencasse no trabalho. — Daniel sorriu para si mesmo; para seu deleite, agora que conhecera o sexo de verdade, Cherry descobriu que gostava da coisa.

— Ah, certo. — Laura tinha que admitir que estava um pouco incomodada. Comprara aquele carro para o vigésimo primeiro aniversário de Daniel. Fora um presente especial, no qual tinha pensado por eras e escolhido com cuidado.

— Está tudo bem, não é?

— É claro! Como você sabe se ela é uma boa motorista?

Daniel deu uma gargalhada.

— Ah, mãe, não se preocupe. Acho que ela ficará bem. Embora aquilo tenha sido um pouco digno de uma pista de corrida — ele comentou, vendo Cherry cantar novamente o pneu ao dobrar a esquina.

— Bem, acho ótimo que vocês tenham uma relação de tanta confiança.

— Obrigado, mãe, por todo o esforço que você fez na noite passada. A carne estava fantástica.

— O prazer foi todo meu.

— Então, o que você acha?
— Hã?
— Gosta dela?
— Muito.
— Ela estava nervosa.
— Também achei. Não precisava. Essa aí é para durar, não é?
— Sim. Espero que sim — ele disse, e começou a entrar em casa. — Gostaria de um café?
— Adoraria, mas tenho um compromisso. Algumas compras, e depois encontrar Isabella para o almoço.

Daniel beijou a mãe no rosto.
— Parece ótimo. Mande-lhe minhas lembranças.
— Pode deixar. — Laura acenou para Daniel, que fechava a porta, e seguiu até o cruzamento principal, onde pegou o táxi que a deixou em *King's Road*.

— Adorei — Isabella falou. — Ficaré adorável em uma reunião de trabalho.

Laura abaixou a blusa listrada.

— Sinto muito, querida. É bonita, de verdade, mas para onde foi toda a diversão?

— Isso é divertido.

Isabella fez uma careta.

— Ok, isso é divertido — Laura falou, puxando o vestido azul sem mangas da amiga.

— Sim... — Isabella concordou, sem parecer muito convencida, parecendo travessa em um vestido frente única esmeralda que combinava com o brilhante cabelo ruivo —, mas o que quero dizer é: qual foi a última vez que você comprou algo para uma ocasião social?

Laura ficou em silêncio. Elas estavam em seu restaurante favorito, um local pequeno e seletivo logo depois da *King's Road*. Frequentavam o lugar há anos; os garçons sabiam qual era sua mesa preferida, e quais entre os especiais do dia elas gostariam mais. Segredos haviam sido trocados ali, promessas feitas, e, com frequência, confissões comemoradas. As duas eram amigas há 25 anos, e contavam tudo uma para a outra.

— Está vendo? — Isabella disse, balançando o indicador.

— Howard e eu não saímos mais.

Isabella colocou sua mão sobre a de Laura.

— Bem, ele está ocupado demais com aquela prostituta. Por que você aguenta isso?

Laura dobrou a blusa e a guardou na bolsa de grife, sem responder imediatamente.

— Divorcie-se.

— Não. De qualquer modo, é o que ele quer.

Isabella suspirou, conhecendo a conversa que tinham tido muitas vezes antes.

— O que mais, então?

— O que quer dizer?

— Outro entretenimento noturno.

Laura estava ciente de que, na verdade, não tinha mais nada.

— Noite de bridge?

— Isso não conta.

— Quando saio do trabalho, estou cansada. Sexta à noite só quero ficar em casa.

— Bem, *essa* é uma razão para desistir de tudo. — Isabella não conseguia entender por que a amiga insistia em trabalhar; não era pelo dinheiro. Mas Laura amava o que fazia. O fato de ter sucesso em uma indústria tão competitiva e agressiva lhe dava uma sensação de identidade e realização. E, principalmente, era algo dela. A empresa fora sua amiga quando Daniel estava fora, estudando, e Howard estava jogando golfe. Ela não podia pensar em desistir.

Laura sorriu para Isabella.

— Eu não saberia o que fazer comigo mesma.

— Ah, confie em mim, minha querida, você logo descobriria. — Isabella se inclinou para frente, maliciosa. — De qualquer forma, você não sente falta?

Laura gargalhou, mas Isabella não deixaria aquilo passar em branco, e esperou uma resposta.

— Ah, não sei... imagino que sim.

— Conheço o homem perfeito. Vou arranjar tudo. Nada demais... você vem jantar, haverá um grupo presente, e eu o colocarei sentado perto de você.

— Quem é?

— Você não conhece.

Para Laura, a ideia de jogar conversa fora com um estranho era tão sedutora quanto uma visita ao dentista.

— Não, obrigada. De todo modo, isso me tornaria tão má quanto Howard.

— Ah, pare com isso.

— Não, de verdade. Além disso — ela falou, tentando mudar o foco da conversa —, não sou eu quem está a fim de romance no momento...

Isabella se inclinou.

— Quem?

— Está completamente apaixonado. Pode até ser algo sério...

Izzy bateu palmas de prazer.

— Não é Daniel, é?

Laura assentiu.

— Como?! Isso quer dizer que nossos planos foram por água abaixo?

— Totalmente naufragados. — Os filhos delas brincavam juntos desde bebês. Brigitte e Daniel acenavam um para o outro, deitados em seus cobertores, enquanto Laura e Isabella assistiam às aulas de pós-natal, participavam do grupo de mães ou tinham sessões com o *personal trainer* durante a semana. Sempre tinham brincado que seus filhos se casariam.

— Nós a conhecemos noite passada — Laura contou.

— Qual o nome dela?

— Cherry.

— Esse é seu nome verdadeiro?

— Menos sarcasmo. Ela é muito simpática.

— Trabalha?

— É corretora de imóveis. Em treinamento.

— Certo.

— Todos temos que aprender, Izzy.

— É claro.

Laura deu uma gargalhada.

— Você está realmente irritada por nossas maquinações não terem dado em nada, não é? Mas Brigitte encontrará um rapaz excelente.

Isabella suspirou e dispensou o assunto com a mão.

— Eu sei. Então, conte-me mais. De onde essa... Cherry vem?

— Ela vive em Tooting.

— Tooting?

Laura percebeu a falta de entusiasmo na voz da amiga.

— Isabella Rudd, você é muito esnobe. Ouvi dizer que há vários restaurantes indianos excelentes por lá.

— Querida, em Goa também. E eu preferia ir para lá. Há quanto tempo estão saindo?

— Uma semana.

Isabella arregalou os olhos.

— Uma semana? E ele já está loucamente apaixonado por ela?

— Bem, ele não disse exatamente isso, mas eles parecem passar todo o tempo juntos. Esta manhã, até vieram da casa dela juntos. E depois ela levou o carro dele.

Isabella franziu o cenho.

— Como é? Ela está passeando pela cidade com o Mercedes dele?

— Bem, até o trabalho. Tenho certeza de que ela teve que estacionar quando chegou lá.

Isabella parecia bem preocupada, e Laura sorriu.

— O que foi?

— Nada...

— Ah, vamos lá, todo mundo vê que você está morrendo de vontade de falar algo...

Isabella deu de ombros.

— É só que, você sabe... ela é de Tooting; ele é de South Ken... duas extremidades do espectro... e ela parece ter se ligado a ele bem rápido.

Laura ficou boquiaberta.

— Você está sugerindo... Não! Meu Deus, Izzy, isso é muita imaginação. Eu poderia aproveitar você em um dos meus roteiros de TV.

Isabella deu uma gargalhada.

— Tudo bem, tudo bem, desculpe. Só estou cuidando dos interesses do meu infelizmente-nunca-genro.

— Sabe, estava pensando em convidá-la para ir até a casa de veraneio. Já que todos vamos para lá na próxima semana.

— Saint-Tropez? — Isabella perguntou, surpresa.

— Sim. Para fazê-la se sentir parte da família.

— Mas é sua folga. As únicas duas semanas nas quais você realmente se permite relaxar.

— Eu sei, mas ela não ficará lá todo esse tempo. Eu estava pensando que talvez ela pudesse passar um final de semana prolongado com Daniel e comigo. Você e Brigitte também estarão por lá, e será divertido.

— Parece ótimo, querida. E vou poder conhecer essa Cherry.

— Seja gentil — Laura falou com severidade.

— É claro! — Isabella sorriu. — Só estou com ciúmes. Eu já tinha planejado o casamento.

CAPÍTULO 10

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JUNHO

— Com licença, Neil. Você tem um minuto? — Cherry acabara de chegar no trabalho, e fora direto para a mesa do chefe.

Ele levantou a cabeça bem penteada e viu a expressão arrasada de Cherry.

— Claro. Prefere ir lá atrás...?

Cherry assentiu e seguiu Neil até o escritório dos fundos, uma sala pequena que mantinham muito bem mobiliada para quando clientes mais privativos desejavam discutir o que desejavam em uma propriedade. Ela sentiu os olhos de Emily e Abigail seguindo-a, ardendo de curiosidade. Que olhassem. Cherry não confiava nelas, não desde que rechaçaram seus esforços em fazer amizade logo que começara no emprego. As duas eram amigas íntimas e não deixavam ninguém mais se aproximar, em especial alguém que sentiam ser “diferente”.

— Sente-se — Neil apontou para uma poltrona de couro marrom. Ela se sentou na ponta, sentindo que o chefe estava um pouco ansioso para saber que tipo de problema estava prestes a revelar. Ele também se sentou, em uma cadeira ao lado, e Cherry sentiu uma pontada de irritação ao ver seus sapatos reluzentes, sabendo que ele pagara para serem engraxados enquanto se sentava em uma poltrona alta, com um cappuccino e o *Financial Times*, completamente alheio ao homem inclinado sobre seus pés.

— Está tudo bem?

Ela olhou para ele, respirou fundo e conteve as lágrimas antes de começar a falar.

— É minha avó. Está doente. Muito doente. Eu queria saber se poderia tirar uns dias... alguns dias para poder vê-la.

— É claro! — Neil exclamou, e ela detectou um tom de alívio por não serem problemas femininos. — Quando você precisa ir?

— Esta sexta. — Ela o viu hesitar. — Eu sei que Emily e Abigail vão viajar no mesmo dia... — Ela se calou, impotente.

Houve uma pausa de um milissegundo, enquanto ele lutava internamente, antes de acalmá-la.

— Está tudo bem. Podemos contratar um temporário. Quantos dias você acha...?

— Não ficarei muito tempo fora, só o bastante para vê-la. Só que ela mora no exterior... então preciso levar em conta a viagem.

— Onde ela vive?

— Na França. Eu já verifiquei os voos, e se eu partir na sexta, posso estar de volta na terça de

manhã.

— Está ótimo. Daremos um jeito por aqui.

Cherry suspirou de alívio.

— Obrigada. Não sei nem como explicar o que isso significa para mim. Somos muito próximas.

Neil assentiu com simpatia.

— Espero que ela fique bem...

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Eu também. É câncer. Acabaram de descobrir, e estão avaliando se será preciso fazer quimio.

Ele a olhou como se desejasse nunca ter perguntado.

— Eu sinto muito.

Uma lágrima correu pelo rosto de Cherry, e ela a secou com um sorriso corajoso.

— Significa tudo para mim conseguir visitá-la, e sei que ela também agradecerá por isso.

Ele fez um gesto de modéstia, indicando não querer agradecimentos.

— De verdade, não é necessário.

— *Il est un merveilleux patron.*

— Desculpe?

— Ele é um chefe maravilhoso — Cherry assoou o nariz. Sorriu. — É o que ela diria.

Neil afrouxou a gravata.

— Bem, se é isso o que posso fazer para ajudar, então... — Estalou a língua, levantou-se e inclinou a cabeça, olhando-a com simpatia. — Precisa de um minuto?

Cherry assentiu com gratidão.

Ele colocou a mão em seu ombro e virou-se para partir.

— *Bonne chance* — Neil falou, e Cherry assentiu novamente.

Ela esperou até que ele deixasse a sala e assoou o nariz com força, caso ele ainda estivesse por perto e pudesse ouvir. Fez uma pausa. Escutou. Nada. Cherry sorriu. Iria para a França! Para o sul da França! Quando o convite chegara, ela ficou muito animada, mas sabia que as duas vacas no escritório já tinham marcado férias, e não havia chance de Neil liberá-la também. Aquilo não era certo. Ela nunca tivera uma oportunidade como aquela antes. Não era justo que tivesse que dizer não para Daniel só porque aquelas duas tinham dinheiro para passar quinze dias em Ibiza.

Cherry ia para a França! Onde seu namorado tinha uma casa! Bem, a propriedade era dos pais dele, mas isso era um pequeno detalhe. Não seria sempre assim. Ela não teria nem mesmo que pagar pelo voo — Daniel insistira, dizendo que não era justo que ela pagasse tanto, já que a viagem fora tão de última hora. Ela fingira bem e parabenizou-se por isso, apreciando a informação por mais um instante, saboreando-a.

Então se levantou, alisou a saia e fingiu uma postura de serenidade corajosa antes de voltar para sua mesa.

CAPÍTULO 11

SEXTA-FEIRA, 20 DE JUNHO

Laura arrumou o vaso de flores no quarto de Daniel — que seria de Cherry também. Provença era renomada por suas flores no início do verão e pelos campos de papoulas que se espalhavam pelas estradas. Ela pegara grandes buquês, junto com madressilvas perfumadas e de tom amarelo vivo. A cama fora feita com lençóis bordados, e ela olhou o efeito final, aprovando. Havia comida na geladeira e uma garrafa de vinho gelado pronta para quando chegassem — ela olhou o relógio de pulso —, em mais ou menos vinte minutos.

Ela caminhou pela casa de veraneio, uma típica propriedade provençal, verificando se tudo estava arrumado e acolhedor. Por fim, satisfeita, voltou para o terraço ensolarado, de onde podia ver toda a península de Saint-Tropez. Viu os iates brancos reluzentes, pequenos pontos na distância, alguns ancorados, outros flutuando gentilmente com o vento. Sentia-se diferente quando estava ali. A propriedade de Londres era de Howard; aquele era o refúgio dela, e, ao longo dos anos, fora o lugar onde ela se abrigara quando as coisas não estavam bem em casa. Desde que voltara a trabalhar, só conseguia ir para lá algumas semanas por ano, mas sempre que fazia isso era como reencontrar um velho amigo.

Era particularmente gratificante estar lá agora, já que seus vizinhos em Londres tinham começado uma reforma no dia de sua partida. Também tinham resolvido fazer uma extensão do porão, e a escavadeira era ensurdecadora, as vibrações sacudindo toda sua casa. Os empreiteiros já tinham até derrubado a energia, e fora um alívio para ela entrar no avião. Parecia que toda Kensington estava escavando o subsolo. Um labirinto de túneis e câmeras amplas. Laura tinha visões de setores inteiros de Londres desabando em um grande buraco. Um pensamento rápido passou por sua mente: como Howard lidaria com o incômodo? Ele não pudera ir para a França por conta de compromissos no trabalho. A resposta veio quase instantânea, e ela soube que ele não ficaria em casa: Howard ficaria com Marianne.

Ela rapidamente afastou o pensamento doloroso. Pelo menos por duas semanas, ela conseguiria fugir de tudo, e sem dúvida Daniel também gostaria de estar ali. Ela sabia que ele tinha muito o que estudar, e isso não seria possível com a cacofonia na porta ao lado. Cherry ficaria com eles até segunda à noite, e Laura tinha muitos planos para sua visita. Ela realmente queria mostrar os arredores e conhecê-la um pouco melhor. Queria muito que essa viagem fosse especial para Cherry, que fosse um lugar onde ela também pudesse relaxar, e achava que podiam criar laços, tornarem-se amigas. Seria bom. Ao ouvir um carro na estrada de cascalho, ela deu

meia-volta e entrou em casa, abrindo a porta da frente para os recém-chegados. Daniel tinha estacionado o carro alugado e tirava a bagagem do porta-malas.

Laura abriu os braços e foi abraçar Cherry.

— Bem-vinda! Estou tão feliz que tenha conseguido uns dias de folga!

— Eu também — Cherry respondeu.

— Entre. Está cansada? Quer uma bebida?

Era quase noite e estava gloriosamente quente. Cherry olhava a casa. As venezianas e janelas estavam abertas, e cortinas brancas de algodão estavam presas contra os batentes. Ela já gostava do que via. Deixou que a levassem para dentro e vagou por ali. Viu as amplas e arejadas salas de estar, com grandes lareiras abertas, e a cozinha estilo campo-chique francês, com tampos reluzentes de teca. Aceitou uma taça de *sauvignon* gelado.

— Como foi o voo? — Laura perguntou.

— Bem, obrigada.

A atenção de Cherry estava tomada pelos arredores, e ela não prestou muita atenção na conversa educada de Laura. Continuou a olhar a cozinha, e ficou surpresa com uma pintura na parede acima dela, um óleo de cores vivas mostrando edifícios de telhado avermelhado ao redor de uma praça em tons pastéis, com iates em um mar azul ao fundo.

— Que bela pintura! — exclamou.

— Não é? — Laura concordou. — Um artista local.

— É de alguém de Saint-Tropez?

— Sim. É claro, há vários pintores na cidade, todos excelentes, mas este está entre os melhores. Temos mais alguns dele espalhados pela casa.

— Bem, o meu favorito está no alto da escada — Daniel comentou, vindo por trás delas e colocando o braço ao redor de Cherry. — *Les Pins*.

— *Os Pinheiros*. Parece maravilhoso.

Daniel olhou para o quadro.

— É fantástico, não é? Eu sempre adorei esse artista. Cherry tem bom gosto, hein, mãe? Esses valem um bocado agora que ele se tornou famoso. Adoro todos eles. Um dia eu gostaria de comprar um para mim, se é que ainda tem algum disponível. Em geral, vendem reproduções deles.

— Gostaria de olhar lá fora? — Laura perguntou.

Cherry seguiu a anfitriã pelas largas portas de vidro até o terraço, e perdeu o fôlego com o que viu.

Além da grande piscina reluzente estava o azul do Mediterrâneo, uma vastidão de elevar a alma que se fundia com o céu nublado. Atraída pelo que via, Cherry caminhou na direção da mureta do jardim, pontilhado com gerânios vermelhos, e inclinou-se para ter uma vista melhor. Bem abaixo dela estavam os telhados avermelhados de Saint-Tropez que ela acabara de admirar na pintura. E os iates! Havia tantos deles. Não era algo que já tivesse visto antes.

— Uma vista meio sem graça, não? — Daniel comentou, juntando-se a ela.

Cherry pestanejou. Sem palavras, desatou a rir.

— Podemos dar uma volta e explorar mais tarde — Laura sugeriu entusiasmada. — Para lhe

mostrar os arredores. E temos um convite de Isabella para o jantar.

— A amiga mais antiga da minha mãe — Daniel explicou. — Brigitte está por aqui?

— Sim, está. — Laura confirmou. — Brigitte é filha de Isabella — acrescentou para Cherry.

Cherry sorriu com educação.

— Bem, espero que esteja com muita energia — Laura falou. — Tenho muitas ideias para sua estadia. Achei que gostaria de dar uma olhada nos vinhedos... é tão bonito nas colinas. E, é claro, um pequeno passeio pelo vilarejo. Ele é classificado como um dos *plus beaux villages* da França. E podemos ir à praia, é claro, e achei que talvez você gostaria de uma viagem rápida até Cannes. De todo modo, há muita coisa para fazer... você pode ir pelo seu ritmo.

Cherry sorriu com educação mais uma vez, mas, internamente, rezou para não ter que passar todo o final de semana com a mãe do namorado.

O primeiro evento foi o jantar na vila de Isabella, em Saint-Tropez. Cherry só teve tempo para um banho, e passou dez minutos estressantes se perguntando o que deveria usar. Um vestido elegante ou algo que parecesse casualmente caro? Cherry não sabia e, depois de um tempo, decidiu-se por um vestido bem simples — e barato — de algodão. Não podia se dar ao luxo de ter um grande guarda-roupa de férias, e aquele vestido era algo que comprara quando estava na Austrália. Esperava que não parecesse muito gasto.

Cherry notou que os olhos de Isabella caíram primeiro sobre ela ao abrir a porta de madeira, embora estivesse ocupada em cumprimentar os conhecidos.

— Ah, meu querido rapaz — Isabella falou, abraçando Daniel com força —, não o vejo há meses, e então você aparece com essa — virou-se para Cherry e sorriu — adorável surpresa para mim. — Ela não era hostil, mas seu olhar para Cherry era, sem dúvida, de avaliação, de curiosidade, cheio de presunção. — Brigitte ficará devastada, sabe...

Daniel riu.

— Acho que ela tem um gosto melhor.

— Bobagem. Mesmo assim, o que está feito, está feito, e que casal maravilhoso vocês formam. E, de minha parte, estou encantada em conhecê-la, Cherry.

— Digo o mesmo — Cherry respondeu, embora desconfiasse do lamento jovial. Ela não queria se encontrar com um monte de estranhos, que incluía uma garota que, aparentemente, podia arrastar uma asa para Daniel, e já estava ficando cansada de manter o sorriso falso. E quem era aquela garota? Algum tipo de ex? Cherry sentia-se vulnerável por não saber.

— Então, vamos entrar, Izzy? — Laura perguntou, erguendo uma sobrancelha severa.

Daniel segurou a mão de Cherry enquanto seguiam até o jardim, e ela foi recebida por outra vista de tirar o fôlego. Uma piscina curva de borda infinita ficava na beira da encosta, além da qual estava o mar, o azul celeste interrompido de vez em quando por borrifadas de grupos de ondas gentis. Deitadas na beira da piscina estavam duas garotas esbeltas.

— Olhe quem está aqui, Brigitte — Isabella chamou, e a morena bronzeada deu um gritinho de alegria. Levantou-se de um salto da espreguiçadeira, os seios pequenos e atrevidos balançando sob o biquíni. Cherry percebeu e se enrijeceu. Quando a garota se aproximou, jogou

os braços ao redor de Daniel, pressionando os seios contra a camisa dele. A antipatia por ela foi imediata.

— É tão bom ver você. Sentimos sua falta em Courchevel este ano. Por onde esteve?

— Estudando — Daniel respondeu bruscamente. — Como estava no ano anterior, e no ano antes desse. — Segurou novamente a mão de Cherry. — Esta é Cherry.

Cherry percebeu que se aproximava de Daniel e segurava seu braço.

— Oi — Brigitte a cumprimentou, percebendo seu movimento. — Você não tem que se preocupar comigo. Somos como irmão e irmã.

Cherry sorriu, tensa, sentindo que estava sendo enganada.

— Olá, tia Laura! — Brigitte acenou. — Esta é Nicole — disse, gesticulando na direção da garota de pernas compridas ainda na espreguiçadeira. Cherry percebeu que Nicole estava aguardando instruções.

Nicole levantou-se lentamente, e caminhou até eles em uma velocidade pensada para que todos a observassem e esperassem sua chegada. Ela beijou Cherry com frieza no rosto, mas seu cumprimento foi muito mais amigável para Daniel.

— É muito bom conhecer você — ela tinha um sorriso sedutor.

Ela estava *flertando*? Cherry olhou ao redor para ver se alguém mais tinha percebido, mas Isabella conversava com uma francesa de meia-idade — algum tipo de cozinheira, aparentemente — e Laura trazia uma bandeja de drinques de dentro da casa. Brigitte voltara para sua espreguiçadeira e ajeitava o corpo com habilidade para pegar os últimos raios do sol que se punha.

— Bebida? — Laura ofereceu.

Cherry pegou uma cerveja da bandeja. Seguiu Daniel até as espreguiçadeiras vazias ao lado da piscina e sentou-se inquieta, observando o olhar de satisfação de Nicole quando Daniel sentou-se perto dela. Laura e Isabella estavam em uma mesa na parte mais alta do jardim e se ocupavam com o que parecia uma conversa repleta de fofocas. Cherry olhou para seu vestido e, de repente, percebeu que tinha uma linha solta na altura do joelho. Ficou com vergonha de puxar e deixar que Brigitte e Nicole percebessem.

— Então, como você está? — Daniel perguntou para Brigitte. — Já arrumou emprego?

Brigitte ergueu os óculos de sol dos olhos e sorriu.

— Atrevido. — Recostou-se novamente na espreguiçadeira, inclinando o rosto para os últimos raios de sol. Eles atingiam sua pele bronzeada e seus cabelos com um tom dourado.

— E você, Daniel? — O sotaque de Nicole irritava os nervos de Cherry. — O que você faz?

— Sou estudante de medicina.

— Um médico! — Ela olhou para ele com admiração, e Cherry fervia de raiva. A garota tinha que ser tão descarada? Como não se sentia constrangida em encontrar um desconhecido de biquíni? Era isso que o dinheiro fazia? Dava um ar de confiança desenfreada? Cherry percebeu que não gostava de nenhuma delas, mas sabia que tinha que fingir o contrário. Pelo menos na frente de Isabella e de Laura.

Daniel ainda esperava uma resposta de Brigitte.

— E aí? Arrumou?

— Alguns de nós querem viajar, expandir a mente e ver o mundo antes de entrar em uma agenda cansativa.

— Você só viaja para estações de esqui e passeios de iate no verão. Pensando bem, alguma vez já deixou a Europa?

— Fui para Malta.

— Fica na Europa.

Cherry se perguntou se Brigitte estava brincando, mas não, ela ergueu os óculos de sol e olhou para ele com uma expressão intrigada.

— É mesmo? Bem, geografia nunca foi meu forte. Sorte que não tenho planos de ser repórter internacional ou coisa assim. Ficaria totalmente perdida.

— Você só precisaria saber qual avião pegar.

Ela se sentou.

— Sêrio?

— Não.

— Sei que você me acha inútil — ela falou, sorrindo como se inutilidade fosse uma qualidade admirável. — Mas, na verdade... Estou quase conseguindo um trabalho. Um muito mais perto de casa.

— Sêrio? Você realmente vai se juntar à força de trabalho?

— Estou esperando que tio Vic consiga uma vaga para mim em uma editora. Um amigo da família — explicou para Cherry.

— Então nada concreto ainda — Daniel comentou.

— Você está errado — ela replicou triunfante. — Ele tem quase certeza de que aparecerá uma vaga em setembro.

E a vaga será dela, Cherry pensou sombria. Sem chance alguma para aqueles que trabalhavam duro para conseguir uma vaga subalterna na indústria, para aqueles que eram mais bem qualificados, mais entusiasmados e que provavelmente se sairiam dez vezes melhor. Esses esperançosos seriam deixados de lado e nem mesmo competiriam com ela.

— O que você faz, Cherry? — Brigitte perguntou.

— Sou corretora de imóveis.

— Aposto que vê casas maravilhosas.

— Vejo.

Brigitte assentiu de modo apreciativo, e aquilo pareceu ser tudo o que precisava ser dito. Cherry percebeu como ela naturalmente presumiu que as casas eram maravilhosas. Talvez não soubesse que existiam apartamentos apertados em prédios grandes e feios.

Nicole começou a passar protetor solar. Colocou um pouco na mão e, lenta e sensual, esfregou no alto dos ombros, esticou-se um pouco para tentar alcançar o meio das costas. Deu uma olhada rápida em Brigitte, deitada de olhos fechados, e então se virou para Daniel.

— *Excusez-moi*, você poderia, por favor...? — ela disse, estendendo o protetor.

Os arrepios de Cherry aumentaram. Daniel parecia inseguro, um pouco constrangido, e ergueu a garrafa de cerveja.

— Minhas mãos estão geladas. Acho melhor você pedir para Brigitte — ele falou, simpático.

Ela não pediu, Cherry notou, a putinha conivente. Nicole simplesmente sorriu e se deitou novamente na espreguiçadeira.

A francesa de avental apareceu na porta e Isabella ergueu os olhos.

— Maravilha! Madame Baudin diz que o jantar está pronto. Podemos comer aqui fora?

Brigitte se levantou e vestiu uma túnica. Nicole também se levantou e se espreguiçou lânguida, de biquíni. Entrou para se refrescar, acompanhada por Brigitte.

— Desculpe — ele murmurou, e Cherry sorriu e acenou com a mão, indicando que não se incomodava com uma francesa boba. Quando Nicole e Brigitte se afastaram, disse: — Você está bem?

— Estou.

Laura saiu da casa com Madame Baudin carregada de pratos e copos, e Daniel levantou-se em um salto para ajudá-la. Cherry precisou de um instante para recuperar o fôlego. Tudo o que queria era ir para algum lugar privado com Daniel, um belo restaurante ou algo assim. Mesmo assim, tinha que aguentar um jantar com essas pessoas. Havia uma boa chance de que Brigitte ou Nicole se sentasse perto de Daniel durante a refeição, nenhuma das quais Cherry achava que poderia suportar. O vento ergueu sua saia, e ela ficou feliz por ter trazido um cardigã. Ao vesti-lo, viu outro pedaço de tecido agitando-se no vento. Era alguma coisa de Nicole, um vestido, talvez, deixado meio fora da bolsa. Cherry ergueu os olhos. Daniel e Laura tinham entrado na casa com Madame Baudin para pegar mais pratos. Não havia sinal das garotas. Isabella estava de costas para ela e arrumava cuidadosamente os copos na mesa.

A peça caiu com um leve *ploc* e o tom rosa escureceu e se espalhou na água. O vento moveu o tecido com gentileza para o meio da piscina, e a roupa assumiu a forma e a quietude de um corpo afogado. Cherry já estava perto da mesa de jantar.

— Posso ajudar? — perguntou a Isabella.

A mulher mais velha pareceu surpresa e satisfeita por aquela desconhecida não ser metida demais para esperar ser servida, e lhe entregou uma pilha de talheres.

— Obrigada.

Cherry começou a colocar os talheres com cuidado na mesa e, de repente, soube como lidar com aquela mulher que não queria que ela superasse a própria filha. Abafou o desejo perverso de fazer exatamente isso, o que não seria difícil, já que Brigitte era claramente burra como uma porta. Não, em vez disso ela fingiria ser educada e agradável, quase mansa.

— Ei! — Uma voz ultrajada exclamou, e Cherry ergueu a cabeça inocente.

— Meu vestido está no meio da piscina! — Nicole parecia zangada, e parou quando se aproximou de Cherry.

Sem se intimidar, Cherry manteve o olhar da garota, apertando os talheres com as duas mãos.

— O que aconteceu? — Brigitte perguntou.

— Meu vestido! Está encharcado.

— Deve ter sido o vento — Daniel sugeriu.

Nicole foi obrigada a voltar para dentro da casa e pegar algo emprestado de Brigitte, enquanto o vestido ensopado secava em um galho do limoeiro. Cherry acabou sentada ao lado de Nicole no jantar. Daniel estava do outro lado, perto de Isabella.

— Pobrezinha — Cherry disse no ouvido de Nicole. — Espero que o vestido não tenha estragado.

Mais tarde, naquela noite, Cherry e Daniel estavam deitados nos lençóis bordados. O quarto deles dava para o fundo, e quando Cherry fechara as venezianas, o mar parecia negro. Ela estava ansiosa para abrir a janela pela manhã e ver as águas azuis ao raiar do dia. Na verdade, mal acreditava em sua sorte. A casa era incrível, e a localidade parecia saída de um sonho. O resto do final de semana seria passado apenas com Daniel, o máximo que ela conseguisse.

— Sinto muito por essa noite — ele murmurou, acariciando a orelha dela, sonolento.

— Não precisa.

— Você foi magnífica.

Cherry sorriu e passou os dedos pelo peito dele.

— Você...

— O quê?

— O vestido?

— Claro que não.

Daniel abriu os olhos, e ela o encarou, inocente.

— Como você disse, foi o vento.

Ele sorriu e a beijou, e ela rolou por cima dele para continuar.

CAPÍTULO 12

SÁBADO, 21 DE JUNHO

Cherry acordou tarde no dia seguinte, e viu que Daniel ainda dormia. Ficou deitada, em silêncio, desfrutando a paz e a privacidade antes que Laura, a quem podia ouvir já se movendo pela casa, aparecesse com qualquer que fosse o plano que tinha para aquele dia...

Uma fina faixa de luz atravessava as venezianas, dizendo-lhe que estava sol lá fora, e ela estava morrendo de vontade de se levantar, mas ao mesmo tempo não queria deixar o santuário que era o quarto para ser obrigada a participar de algum passeio turístico. Sentindo-se presa, ressentiu-se da presença onipotente de Laura.

Daniel se espreguiçou ao lado dela.

— Bom dia. Eu não ronquei, né?

Ela deu uma risada e apontou para a janela.

— Não. Pronto para um pouco de sol?

— Não quer um beijo primeiro? — ele disse, mas ela já tinha se levantado de um salto e estava abrindo as venezianas, como esperava fazer desde a noite passada. O mar iluminado pelo sol lhe deu as boas-vindas, glorioso.

Daniel se encolheu, e ela voltou para a cama, beijando-o.

— Vamos para a praia!

— É o que você quer fazer hoje? Só que... acho que minha mãe tem uma ideia para nos surpreender com um *tour* completo pelos vinhedos da região. — Ele viu o rosto desapontado de Cherry, apesar da tentativa fracassada de disfarçar. — Tudo bem. Vamos para a praia.

— Agora eu me sinto mal — Cherry disse. — Ela teve tanto trabalho...

Ele a puxou de volta para a cama e a envolveu em seus braços.

— Não seja boba. Ela não vai se importar.

Depois que fizeram amor, desceram para um desjejum tardio. Laura, feliz em vê-los, apareceu com *croissants* e preparou café fresco.

— Dormiram bem? Espero que a cama tenha estado boa. Eu estava pensando que podíamos explorar por aí hoje. Gostariam de ir até Château Minuty? Os Matton-Farnet estão no ramo da vinicultura há quase três séculos — ela sorriu, incapaz de conter sua exuberância.

— Mãe, é realmente uma boa ideia, mas... achei que podíamos ir à praia hoje. É o primeiro dia de férias, sabe?

— Ah, certo. Boa ideia!

Para horror de Cherry, parecia que Laura estava prestes a se convidar para ir com eles.

— Eu estava pensando em levar meus livros para lá e estudar um pouco — Cherry disse rapidamente.

— Você trouxe trabalho? — Daniel perguntou.

— Os exames para ganhar a licença de corretora serão logo após meu retorno.

— Acho que posso levar meus livros também. Podemos testar um ao outro.

Aquilo foi o suficiente para excluir Laura, Cherry percebeu, e ela murmurou algo sobre encontrá-los mais tarde, antes de sair para buscar um livro para ler perto da piscina.

Daniel dirigiu até Pampelonne, uma faixa de quase cinco quilômetros de areia dourada que garantia a fama de Saint-Tropez desde a década de 1950. Embora ainda fossem meados de junho, ele insistira para que fizessem reserva, já que não queria ficar andando de um lado para outro na praia, em busca de espaço.

Quando chegaram, Cherry descobriu que ele não se referia a uma mesa para almoço, mas a uma espreguiçadeira. Grande parte da praia era dividida entre clubes particulares e já estava cheia.

Ela viu de relance o total que apareceu no leitor do cartão de crédito enquanto Daniel digitava a senha, e seus olhos se arregalaram. Oitenta euros por duas espreguiçadeiras! E isso nem dava direito à toalha. Eles tinham trazido de casa: Daniel sabia como as coisas funcionavam, e ela já tinha uma guardada pelo costume que tinha das visitas a Brighton, para se sentar nas pedras frias, tremendo, depois de encarar as furiosas ondas cinzentas.

Aqui, o mar era de um verde azulado transparente, e as ondas faziam um som suave quando arrebatavam na praia, parecendo exaustas.

Cherry se deitou na espreguiçadeira ao lado de Daniel, o guarda-sol lançando uma sombra bem-vinda sobre ela, pois já estava quente. Ela levantou o olhar e viu o guarda-sol, um círculo laranja com faixas brancas, contra o céu azul. Os guarda-sóis seguiam por toda aquela área da praia, um padrão de laranja e branco, como pirulitos de duas cores. No mar estavam os iates, brancos, reluzentes, balançando gentilmente na água. Alguns eram ostensivos, outros apenas grandiosos.

— Ei, ali está Brigitte — Daniel comentou, e o coração de Cherry afundou. Ela ergueu os olhos e viu um grupo de pessoas saindo de uma lancha que acabara de ancorar na praia. Vieram todos até eles, a areia grudando nas pernas molhadas, e Cherry viu que, além de Brigitte, estavam Nicole e outra garota, além de dois rapazes, jovens, bronzeados e lindos, todos em trajes de banho. Chegaram e se jogaram na areia, sentando-se com os braços esticados para trás. Um dos rapazes ergueu o braço casualmente para chamar o garçom e pedir bebidas.

As apresentações foram feitas, e Cherry gostou de ver que Nicole se recusava a olhá-la nos olhos, e sentou-se um pouco distante dela e de Daniel. A outra garota também era francesa, uma amiga de Nicole. Os dois rapazes eram namorados, mas Cherry não conseguiu descobrir de quem, teve que se basear em quem esfregava protetor solar em quem, ou quem brincava com o cabelo de quem, embora nada disso fosse garantia de compromisso.

Falaram sobre coisas triviais — festas, um sobre o outro — e brincavam entre si, jogando areia nas barrigas saradas das garotas. Enquanto ouvia, Cherry ficou sabendo que estavam passando o dia no iate do pai de Nicole, embora não conseguisse descobrir qual das luxuosas ilhas flutuantes era a dele. Ela se perguntou brevemente se era aquilo que aquelas pessoas faziam durante o verão, e quase ao mesmo tempo soube a resposta, e também que provavelmente só vislumbra a ponta daquele iceberg de privilégios. Percebeu que Daniel, embora educado, parecia satisfeito em ficar deitado e ouvir preguiçosamente. Depois de um tempo, terminaram as bebidas, e Nicole se levantou e perguntou se queriam ir para o iate.

Cherry ficou tensa: ela definitivamente não queria. Enquanto aquelas pessoas estavam por perto, ela sentia que tinha que manter algum tipo de entusiasmo, ou pelo menos um estado de alerta, e sorrir e assentir nos momentos certos da conversa, quando tudo o que queria era ler seu livro. Só que, se Daniel fosse, ela também iria. Ficou feliz quando ele disse, educadamente, que talvez se juntassem a eles mais tarde.

— Você está bem? — Daniel perguntou casualmente depois que partiram, como se soubesse que ela estava se sentindo um pouco deslocada.

— Tudo bem.

— Tranquilo, não é?

Ela deu uma risadinha.

— Sim.

— Hora da leitura?

— Tirou as palavras da minha boca.

Então os dois se recostaram em suas espreguiçadeiras, ele com um livro sobre ciclismo, ela com um velho clássico da editora Perséfone.

Antes de abrir o livro, ela olhou para o céu. Gostava daquela vastidão e, pelo jeito que seguia até o horizonte, dava para ver a curvatura da Terra. Aquilo a fazia sentir que tinha um lugar no mundo, como se conseguisse perspectiva de tudo o que estava ao redor de si. Aproveitou aquela sensação prazerosa por um momento, recolhendo força e paz da amplitude constante de azul, e começou a ler. Não demorou muito para que seus olhos se fechassem.

Ela acordou com a sensação de alguém acariciando sua panturrilha. Levantando a cabeça, olhou para baixo e viu Daniel passando protetor solar nela com cuidado.

— Eu movi o guarda-sol — ele apontou. — Mas sua perna já estava ficando meio avermelhada com o sol.

— Que horas são? — ela perguntou, grogue.

— Uma.

— Já? — Ela dormira quase uma hora, e o sol estava alto no céu, mais quente do que nunca. Ela observou, sorrindo, enquanto ele continuava a aplicar a loção com cuidado, a mão subindo mais pela perna. Parou no alto de sua coxa, cantarolando, fingindo não perceber onde suas mãos estavam. Hesitou um instante, o dedo acariciando o alto da perna, e sorriu, provocativo.

— Pronto.

— Obrigada.

— De nada. Gostaria de um mergulho antes do almoço?

Foram para o mar de mãos dadas e, quando chegaram na água, ela encolheu os dedos dos pés, antecipando o frio, mas estava deliciosamente quente. Enquanto entravam, Daniel mergulhou diante dela, emergiu e jogou água, e ela gritou. Revidou enchendo as mãos em concha e jogando no rosto dele, e então a guerra começou.

Cherry percebeu que estava se apaixonando por ele. Sim, amava a vida dele e queria aquilo para si, mas também gostava da sua companhia. Escolhera um homem divertido e decente.

Depois do almoço, nadaram mais um pouco e voltaram para as espreguiçadeiras. Cherry tomou o cuidado de fazer o que dissera mais cedo, e diligentemente pegou alguns livros do trabalho. Daniel sentiu que devia fazer o mesmo, e os dois passaram um par de horas estudando, às vezes desconcentrando um ao outro com trechos de seus textos.

Quando começou a esfriar, Cherry disse que estava com fome, e eles saíram andando pela enseada em busca de algum lugar para comer. Daniel mandou uma mensagem para Laura, dizendo que tinham resolvido ficar em Saint-Tropez para jantar, e pediram um peixe *a la meunière* e uma garrafa de *Sémillon*. Era da propriedade Minuty, Cherry percebeu, enquanto o garçom servia a bebida em sua taça. Era engraçado pensar que, se as coisas tivessem sido diferentes, ela teria estado lá hoje. Perguntou-se se Laura estava chateada por não terem passado o dia com ela.

Já era tarde da noite quando voltaram para casa, e Laura estava prestes a sair.

— Ah, vocês voltaram — ela disse. — Esperei um pouco... tiveram um bom dia?

Daniel colocou a bolsa da praia no balcão.

— Ótimo. Obrigada, mãe. E você?

— Tranquilo. Relaxante — Laura corrigiu rapidamente.

— Onde você vai?

— No Vincent. Reservei uma mesa.

Daniel pareceu surpreso.

— Só para você?

— Ah... bem, eu tinha reservado para três. Mas não tem problema — ela sorriu. — Eu já avisei que serei apenas eu.

— Ah, sinto muito — ele pareceu arrependido. — Devíamos ter voltado.

— De verdade, está tudo bem.

Cherry achou que devia se desculpar também.

— Desculpe, Laura. Se soubéssemos...

Ela achou ter visto um relance de irritação no rosto de Laura antes da resposta: — Não se preocupe.

— Foi falta de consideração da nossa parte — Daniel se aproximou da geladeira, abriu a porta e espiou lá dentro. — Diga o que você... vou cozinhar alguma coisa.

— Não, de verdade. — Laura se levantou. — Vincent está me esperando. Ele quer me deixar a par das notícias da família.

— Tem certeza?

— É claro.

— Desculpe. Mais uma vez. Não sei porque não pensei em verificar ou algo assim. Cherry disse que estava faminta, e fomos atrás de algo para comer.

Cherry lembrou-se de que não estava com tanta fome assim. Só dissera que estava porque preferia comer sozinha com Daniel a ter a mãe dele junto. Teria sido mais educado, mais amigável esperar, mas era só uma noite, pelo amor de Deus. Já tinha aguentado toda a coisa com família e amigos na noite anterior. Laura não podia esperar que eles não quisessem ficar sozinhos em *algum* momento. Na verdade, ela pensou com um toque de irritação, se Laura parasse de tentar estar por perto *o tempo todo*, talvez não tivesse ficado sozinha para jantar.

Laura olhou para Cherry e sorriu.

— Certo. Bem, é melhor eu ir. A reserva é para as nove.

— Vamos com você. Podemos tomar uma saideira ou algo assim — Daniel sugeriu.

Cherry não queria ir. Estava cansada depois de um dia de sol e meia garrafa de vinho, mas sorriu como se achasse a ideia ótima.

Laura hesitou.

— Não, está tudo bem. Vocês estiveram fora o dia todo. Acredito que queiram relaxar um pouco. Ficarei perfeitamente bem sozinha. — Ela pegou a jaqueta e a bolsa e beijou Daniel no rosto. — Vejo vocês mais tarde.

— Desculpe novamente, Laura. Vamos ligar da próxima vez — Cherry assegurou.

Laura assentiu e deixou a casa.

Quando a porta se fechou, Cherry fez uma careta.

— Eu me sinto mal.

— Sim, eu também — Daniel disse. — Talvez pudéssemos passar algum tempo com ela amanhã.

— Eu estava pensando a mesma coisa. Acha que sua mãe gostaria de um dia relaxante na beira da piscina? Podíamos fazer o almoço, compensá-la por isso — Cherry sugeriu, e seu rompante de benevolência foi recompensado com um abraço.

Laura voltou para uma casa silenciosa, com uma luz deixada acesa para ela. Não eram nem onze. Havia um bilhete na mesa. “Esperamos por algum tempo, mas dormimos no sofá. Espero que tenha tido uma ótima noite. Gostaria de um dia na piscina? Faremos o almoço!”

Daniel assinara por ele e Cherry. Laura tentou ouvir algum barulho, mas não conseguiu escutar nada, e foi sozinha para a cama.

CAPÍTULO 13

DOMINGO, 22 DE JUNHO

Na manhã seguinte, Laura esperava que Daniel e Cherry se levantassem tarde novamente, mas para sua surpresa eles já estavam em pé e tinham tomado café da manhã quando ela seguiu o rastro de café fresco até a cozinha.

Podia ouvi-los rindo e conversando lá fora. Gostava de escutar sua exuberância juvenil e seu entusiasmo, sua energia ilimitada para o que queriam fazer com suas vidas, sem nenhuma noção de que a energia pudesse acabar ou que as crenças pudessem mudar. A mistura de determinação e idealismo era excitante. Ela gostava, especialmente, de não saber como tudo ia acabar, a antecipação alegre que se alcançava a cada marco na vida de um filho. Seria menino ou menina? Qual seria sua aparência? Como seria sua personalidade? Como se sairia na escola? Como seriam seus amigos? O que resolveria estudar, qual seria sua profissão?

Ter um filho era o melhor tipo de sorte lançada. Laura ainda pensava em como Rose seria toda vez que Daniel alcançava um marco, uma curiosidade dolorosa, ainda que breve, que nunca seria respondida.

Ela se serviu de café, pegou um *croissant* fresco da sacola de papel e, carregando o prato, a xícara e o pires, foi até o terraço. Parou quase imediatamente ao ver Cherry passando a mão pela barriga de Daniel enquanto deitavam lado a lado em suas espreguiçadeiras, os olhos fechados contra o sol. Sua mão desceu e seus dedos entraram por dentro do short de Daniel, e, *cruzes!*, Laura achou ter visto uma contração.

Dividida entre dar uma tossida educada, mas firme, ou virar-se em silêncio e voltar para dentro, a hesitação lhe custou o anonimato. Cherry abriu os olhos, e por um instante sua mão permaneceu onde estava. Ela olhou para Laura e, lentamente, removeu-a. Parecia envergonhada. Laura decidiu que seria mais gentil fingir que não percebeu.

— Bom dia — disse, caminhando até eles e sentando-se perto da piscina.

— Oi, mãe — Daniel respondeu, com um sorriso conspiratório para Cherry. — Como estava Vincent?

— Muito bem. Queria saber o que você anda fazendo. Tentei saciar sua curiosidade o melhor que pude, mas você ainda não me contou tudo — ela disse, despreocupada. — Ele quer conhecer você também, Cherry, e diz que há uma mesa para você esta noite, antes que volte para casa, se quiser. Sem pressão, mas, se decidir aparecer por lá, ele encontrará um espaço.

— Que gentil — Cherry falou.

Laura olhou para cima, mas Cherry tinha fechado os olhos.

Daniel puxou a mão de Cherry.

— Vamos, hora de nadar. Você vem, mãe?

Ela não estava vontade. Esperaria até que saíssem. Aí nadaria um pouco, com calma.

— Vou terminar meu café da manhã primeiro.

Eles entraram na piscina.

— Está fria? — Laura perguntou, já sabendo a resposta pelos gritinhos de Cherry.

Era um pouco patético, ela reconhecia, ser incapaz de manter uma conversa. Mas nenhum dos dois respondeu. Eles não ouviram — estavam absortos um com o outro, e Laura observou-os por um tempo, por detrás dos óculos escuros, enquanto mordida seu *croissant*. Não havia muita natação ali, eram mais mergulhos, água sendo espirrada e braços de um em torno do outro. Ela afastou o olhar, sentindo-se excluída e, teve vergonha de admitir, um tanto enciumada e solitária.

Eles saíram da piscina uns cinco minutos depois, e deitaram-se com os braços pendendo para fora das espreguiçadeiras, os dedos encontrando-se e tocando-se levemente.

Laura resolveu mergulhar. Nadou um pouco e ficou boiando, olhando o céu. Sentia-se sem peso e, com os ouvidos sob a água, o som de seus pensamentos tornaram-se filtrados e puros. Até agora, naquela viagem, sentira-se distante, fora de sincronia. Quando estava na piscina, seu filho e a namorada estavam fora, de olhos fechados. Quando queria sair para jantar, eles já tinham comido e iam para a cama. Quando ela sugerira um dia no campo, eles decidiram ir para a praia. Não era assim que tinha imaginado a visita de Cherry. Sorriu internamente: estava segurando vela.

Laura esperava poder conhecer Cherry um pouco melhor, e se pegou questionando por que ela não parecia querer conversar muito. Devia ter se esforçado um pouco mais, já que era hóspede naquela casa. Alongou-se na água. Aquilo não importava. Eles que passassem seu tempo juntos; de qualquer modo, Cherry iria embora no dia seguinte.

Laura saiu da piscina e voltou para sua espreguiçadeira. Cherry estava falando naquele tom de voz baixo e particular exclusivo aos amantes, e Laura pegou um livro e começou a ler.

Quando despertou, descobriu que os dois tinham saído. Grogue, sentou-se e pegou o relógio para conferir as horas. Meio-dia. De repente, viu Cherry na porta da casa, olhando para ela. Tinha acabado de chegar, ou estava ali há um tempo? Laura enrolou-se na saída de banho e se sentou.

— Nós fizemos o almoço — Cherry falou antes de entrar novamente.

Os três comeram juntos, e, sabendo que não podia passar a tarde segurando vela, Laura decidiu sair o resto do dia. Enquanto partia, ficou ciente de que estava desconfortável em sua própria casa.

Na manhã seguinte, último dia de Cherry, Laura sentiu-se um pouco culpada pelos pensamentos grosseiros, e decidiu fazer um último esforço para agradar antes que a namorada do filho fosse para casa.

— Que horas é seu voo hoje, Cherry? Só para saber se você gostaria de ver algumas das vilas

menores na costa antes de partir. O que acha?

— Ah... — Cherry respondeu, olhando para Daniel em busca de apoio. — Na verdade, consegui mais alguns dias de folga no trabalho. Meu chefe disse que preferia que eu tirasse agora, em vez de no meio do verão, quando todo mundo quer sair. Sei que é meio de última hora... um pouco atrevido, e, por favor, diga se não for possível...?

Laura tentou manter o sorriso acolhedor no rosto.

— Quer dizer que gostaria de ficar um pouco mais?

— É incrivelmente gentil de sua parte! — Cherry exclamou, o rosto iluminado pelo primeiro sorriso realmente genuíno que Laura sentiu direcionado para ela.

— Está tudo bem, não está, mãe?

— É claro que sim — Laura respondeu, recuperando-se a tempo. — Quanto tempo...? Tem muitos dias de férias para tirar?

— Alguns.

— Mãe, estávamos pensando em fazer aquele passeio aos vinhedos que você sugeriu. Gostaria de ir?

Laura ainda estava abalada pela revelação de que sua hóspede não partiria depois daquele dia — na verdade, não parecia que partiria em breve.

— Não, está tudo bem. Vão vocês. Eu ficarei por aqui e encontrarei Isabella hoje.

Eles partiram logo depois, e Laura preparou uma xícara de café, e foi tomá-la no terraço. Percebeu que seu ânimo a respeito dos próximos dias era outro.

Isabella foi mais filosófica.

— Querida, é bom que ela queira ficar mais tempo. Mostra que quer ficar mais perto de você.

— Você acha?

— É claro. Caso contrário, acho que ela partiria no primeiro avião. — As duas observavam enquanto o limpador de piscinas recolhia metodicamente algumas folhas, movendo a rede lentamente pela água. — Há algo realmente calmante em vê-lo, não é? — Isabella comentou. — É como algum tipo de *tai-chi*.

— Ele é novo?

— É filho de Madame Baudin. — Isabella sorriu com maldade. — E maior de idade.

Laura abaixou os óculos, ao mesmo tempo horrorizada e divertida.

— Isabella, você não...

— Ah, querida, relaxe. Eu só gosto de olhar — ela se virou para Laura. — Eu realmente gosto de Cherry. Apesar das minhas primeiras dúvidas. Ela parece bem charmosa. Feliz em participar. De todo modo, achei que era o que você queria, Laura. Uma grande família feliz.

— Bem, sim... só que tenho a sensação de que ela não quer me deixar entrar... de fato — Laura riu desconfortável —, vou mais longe: diria que ela gostaria que eu não estivesse aqui.

— Sério? Por quê?

— Não sei. É só uma sensação. Ela não fala muito comigo. Não se abre.

— Querida, dê uma chance. Ela acaba de conhecê-la. Provavelmente está com medo de você.

Laura pareceu surpresa.

— Medo de quê?

— Você é a mãe do novo namorado dela. E sempre foi muito protetora em relação a ele.
Ela riu.

— Do que você está falando?

— Ah, vamos lá, você sempre foi a mais territorial nos grupos de mãe. Uma verdadeira leoa. Lembra daquela vez que deu um beliscão naquele garotinho? Ele só tinha dois anos.

— Ele mordeu Daniel na perna. Saiu sangue. Uma fileira de dentes ficou marcada nele por dias.

— E não houve um incidente com um garoto na classe dele? Acho que lembro de um taco de críquete... e ele não terminou chorando ou algo assim... e deixou a escola?

O olhar de Laura se voltou para o limpador da piscina.

— Lembra de quando era jovem? Do final da adolescência, dos vinte e poucos anos?

— Acho que me lembro de muitas festas... pelo menos de ir nelas, mas é engraçado que não lembro de muitos detalhes.

— Eu me pergunto como Rose seria.

— Linda e talentosa, provavelmente. Como a mãe.

Laura sorriu.

— É engraçado com Cherry. Eu esperava...

— Ah, não, querida — Isabella falou rapidamente. — Não espere isso.

— Eu sei. É bobagem. — Laura concordou. — Uma fantasia, na verdade.

As duas ficaram sentadas, apreciando os movimentos lentos e ritmados do limpador da piscina, o barulho regular da água, o gotejar quando ele levantava a rede.

Quando ela voltou para casa, Cherry e Daniel ainda estavam fora. Laura fez um pouco de almoço, mas quase não comeu. Então, impaciente, percebeu que aquela era uma oportunidade que tinha que aproveitar ao máximo. Afinal, tinha toda a casa para si e podia desfrutar da paz. Nadar na piscina sem sentir que segurava vela.

Foi até o quarto e colocou um biquíni. No caminho de volta, ao passar pelo quarto de Daniel e Cherry, percebeu que a porta estava entreaberta. Parou e estava prestes a fechá-la, mas, impulsionada por um desejo de se aproximar de sua hóspede, espiou pela fresta. Permanecendo com os pés em segurança em território neutro, olhou para dentro do quarto.

As duas malas estavam empilhadas contra a parede, as roupas penduradas no guarda-roupa. Uma manga rebelde se projetava pelo espaço entre as portas. Algumas roupas estavam dobradas na cadeira, alguns shorts de Daniel e uma camiseta que Laura vira Cherry usar na noite anterior. A cama estava feita meio de qualquer jeito, o edredom de verão puxado por cima dos travesseiros. Na cômoda havia recibos, cartões de embarque, os passaportes deles e alguns livros. Laura reconheceu um de seus favoritos e, sem perceber o que fazia, entrou no quarto e pegou o volume. Abriu-o na página dobrada e sorriu, lembrando daquela passagem da história. Seria de Cherry? Então, sentiu carinho pela garota; havia uma garantia em realmente saber algo sobre ela, mesmo algo tão inócuo quanto os livros que gostava de ler. Veja só, elas tinham coisas em comum! E certamente não havia motivo para Cherry se sentir ansiosa a seu respeito. Incentivada

por essa informação animadora, Laura olhou ao redor. Pegou um passaporte e o virou. Era o de Daniel, e ela riu ao ver o rosto sério de dezesseis anos do filho. Ela o levava para tirar aquela foto para uma viagem da escola a Birmânia.

Laura deveria fazer aquilo? Ah, que mal faria? Era praticamente um ritual estabelecido, comparar fotos do passaporte. Ela pegou o passaporte de Cherry. A foto era igualmente séria. Folheou o documento e havia apenas um visto de entrada, para a Austrália. Consciente de ter cruzado os limites da brincadeira da foto do passaporte, ela rapidamente colocou o documento no lugar. Ficou parada ali por um segundo, sem querer ir embora, ciente de que aquilo era o mais perto que estivera de Cherry desde que a moça chegara há três dias. Laura queria saber mais, queria diminuir a distância entre elas. Ao mesmo tempo, sabia que estava invadindo, que aquelas informações não estavam sendo dadas livremente. Olhou pelo quarto, frustrada por ainda saber tão pouco sobre aquela garota que roubara o coração de Daniel, frustrada por Cherry não deixá-la se aproximar.

Havia algo saindo da contracapa do livro. Devia ter escorregado enquanto ela estava olhando. Laura viu que era a passagem de Cherry e estava colocando no lugar quando franziu o cenho.

Retorno em aberto. Laura tirou a passagem do livro. O voo da vinda fora na sexta-feira anterior, de Nice. Quinhentas libras. Não havia voo de volta marcado.

Por que Cherry só marcara uma parte do voo? Ela sempre soube que, originalmente, voltaria para casa hoje. Laura olhou a passagem, procurando por algo que explicasse... o quê?

Um pássaro passou voando perto da janela, e o movimento abrupto a assustou. De repente, ela se sentiu desconfortável no quarto e rapidamente guardou o bilhete. Saiu correndo e deixou a porta cuidadosamente entreaberta, do mesmo jeito que encontrara antes.

Lá fora, na piscina, ela se deitou na espreguiçadeira, mas não conseguia ficar confortável. Era uma coisa suja mexer nos pertences de alguém, e Laura estava nervosa não só por ter feito aquilo, mas pela rapidez e facilidade com a qual remexeu ao redor, pegando coisas, espiando os pertences de Cherry, seus papéis particulares. Estava embaraçada, envergonhada. Mesmo assim, havia algo naquela passagem que a incomodava, que a deixava inquieta.

Talvez a água pudesse livrá-la daquilo, limpar sua cabeça. Ela entrou na piscina e estabeleceu a meta de cem chegadas. Seis, sete braçadas descentes e ela atravessaria a piscina. Desviaria seu foco. *Por que Cherry não tinha marcado um voo de volta?*

Quando Daniel e Cherry voltaram para casa naquela tarde, ela estava na cozinha fazendo o jantar. Cherry foi se trocar, e Laura esperou até que ela estivesse no andar de cima, e ouviu a água do chuveiro começar a correr. Começou a lavar as folhas de salada que colhera no jardim. Daniel estava sentado na mesa, aproveitando uma taça de vinho com ela. Era o tipo de momento que em geral ela adorava, apenas os dois sem fazer nada em especial e, então, ela percebeu que isso não acontecia desde que ele voltara da universidade.

— Você é tão meticulosa — ele comentou, divertido, enquanto ela segurava cada folha individualmente embaixo da torneira, inspecionando-as com cuidado enquanto a água corria.

— Você ficaria surpreso em ver como eles se escondem. Olhe! Veja, eu quase deixei passar esse aqui.

— Seria tão ruim assim se comêssemos alguns?

— Não seja nojento.

Ele riu e observou enquanto ela sacudia as folhas para secá-las e as colocava em uma tigela. Então Laura começou a cortar alguns tomates-cereja.

— Também são do jardim?

— Alguns dos primeiros. — Jogou um para ele. Daniel tentou alcançar com a mão, mas não conseguiu. Pegou o tomate do chão e, depois de uma inspeção rápida, enfiou na boca.

— Eca!

— O gosto está ótimo — Daniel sorriu.

Ela teria que entrar no assunto logo, ou Cherry voltaria.

— Então, é ótimo que Cherry possa ficar um pouco mais.

— Aham. Tem mais desses tomates?

Ela jogou outro.

— Sorte dela, hein? O chefe dela ligou ou algo assim? Só para saber se ela queria mais alguns dias de férias?

— Não sei. Talvez.

— Um pouco estranho, não é? Seu chefe ligar enquanto você está fora, só para saber se quer mais tempo de folga? — Ela sorriu.

— Sim... Na verdade, agora me lembro. Acho que ela telefonou para saber se precisavam que fizesse alguma coisa específica logo cedo no dia de seu retorno, e o assunto apareceu. Estão tranquilos no momento, e aparentemente o chefe dela está ansioso para que ela já tire as folgas.

— Mas, originalmente... ela ia hoje para casa? Esse era o plano?

— Sim... Por que pergunta?

— Por nada.

— Vamos lá, deve haver um motivo.

Laura tentou rir.

— Eu só estava pensando... era isso que tínhamos combinado.

— Sim... Claro que era.

Ela deu um sorriso casual, mas seu silêncio disse algo mais.

De repente, ele percebeu:

— Você acha que Cherry tinha um dia diferente em mente?

— Tinha?

Agora ele estava ficando irritado.

— Não! Olhe, discutimos as datas com você. Ela marcou o voo e eu mandei seiscentas libras.

Ela teve que se esforçar muito para manter uma expressão agradável, permanecer calma. *Seiscentas libras?*

— Você pagou? — ela disse, despreocupadamente.

— Sim. Uma corretora de imóveis em treinamento não ganha tanto assim.

Ela percebeu o tom de advertência em sua voz e sorriu com bom humor.

— Posso imaginar.

Qualquer um que passasse pelo quarto de Cherry naquele momento teria ficado desconcertado pelo quão imóvel ela estava, os olhos fixos adiante com grande intensidade. Se essa pessoa entrasse no quarto, teria visto que ela encarava a cômoda, ou, para ser mais preciso, o livro sobre a cômoda, e se perguntaria por que um livro mereceria um olhar tão penetrante.

Cherry reposicionou o volume, de modo que a lombada ficasse paralela com a beirada da cômoda. Ela sabia que o livro tinha sido pego, olhado e que o documento escondido lá dentro tinha sido visto. E que a informação que havia no documento provavelmente fermentava, nesse exato momento, algum tipo de bactéria multiplicadora no cérebro de Laura. Ela estava lívida, mas sabia muito bem que não devia confrontar a mãe de Daniel. Não, haveria outra forma de lidar com isso. Por enquanto, guardaria aquele fato consigo.

CAPÍTULO 14

SEGUNDA-FEIRA, 30 DE JUNHO

Cherry não mostrava sinais de partir. Os dias passavam preguiçosos, plenos e cheios de sol, e Laura esperava que ela dissesse quando as férias acabariam ou contasse quando tinha que voltar para o trabalho, mas, pelo contrário: Cherry não mencionava nada sobre isso.

As sugestões para passeios que todos pudessem fazer juntos tinham acabado: Laura não tinha mais o entusiasmo de antes. Era um padrão: no café da manhã, Laura se perguntava o que Cherry e Daniel tinham planejado para o dia e se iriam para a praia. Agora tinha uma sensação de alívio quando eles passavam o dia fora, pois assim ela não precisava manter conversas educadas. Em vez disso, deitava perto da piscina, em paz, mas sozinha, e começava a se ressentir da presença de Cherry. Aquelas eram as férias dela também, e não tinha contado com a presença da namorada do filho o tempo todo com ele. Também queria passar algum tempo com Daniel, mas sem Cherry, apenas os dois.

Laura tentara abordar o assunto mais uma vez com o filho, uma semana depois da data em que Cherry deveria ter ido para casa. A seu favor, Daniel pediu desculpas para a mãe e se ofereceu imediatamente para encontrar um hotel em que pudessem ficar enquanto Cherry estivesse lá, mas então Laura percebeu que, dessa forma, não veria mais o filho também, e, no calor do momento, dissuadiu-o.

A tensão começava a atingi-la de outras formas também. Ela começou a perder coisas. Suas chaves desapareceram do balcão da cozinha. A escova de dentes foi parar no lixo — caiu da pia. E um risco profundo apareceu no carro alugado dela, o que devia ter acontecido quando estacionou na cidade. Não era só a presença contínua de Cherry que a incomodava. Também havia a questão do custo do voo. O bilhete mostrava o valor de quinhentas libras, disso tinha certeza. Mesmo assim, Daniel dissera que tinha pago cem libras a mais.

Laura estava bastante ciente da diferença econômica entre os dois, e não gostava nada da direção por onde seus pensamentos seguiam.

Dois dias antes de Laura voltar para casa, de repente lhe ocorreu que Cherry provavelmente continuaria na casa depois que ela estivesse em Londres. Essa ideia a irritou tanto que ficou um tanto monossilábica quando Daniel lhe disse que passariam o dia em Saint-Tropez. Despediu-se deles com um aceno e foi para a piscina buscar o biquíni, que deixara secando no dia anterior.

Não estava ali, e Laura olhou ao redor. Podia jurar que tinha pendurado na noite anterior. Então ela o encontrou, caído na terra. Foi pegá-lo e viu que estava imundo, como se tivesse caído

ainda molhado, o que era estranho, pois não tinha ventado na noite anterior. Suspirando, levou-o para dentro para lavá-lo.

Enquanto abria a torneira, pensava no quanto poderia enfrentar Cherry, se é que poderia. Dificilmente perguntaria quanto seu voo custara, já que isso soaria como uma acusação direta, mas decidiu que perguntaria novamente quando ela planejava ir embora. Isso ela tinha o direito de saber.

Ela estenderia a viagem por mais três dias. Afinal, funerais na França demoravam muito tempo para serem organizados, e havia as coisas da avó para cuidar. Neil fora muito simpático e concordara em estender a licença quando ela telefonara para dizer que infelizmente a avó falecera. Fora uma decisão simples não dizer a Laura quanto tempo exatamente planejava ficar; isso era para ela aprender a não xeretar o que era dos outros. Quem diabos ela achava que era, mexendo em suas coisas particulares? Ela estava sempre se intrometendo, fazendo perguntas, querendo passar cada minuto com eles; provavelmente achava que era seu direito divino fuçar no quarto deles. Cherry suspirou. Não queria que fosse assim. Teria sido tão bom se tivessem se dado bem. Cherry era da opinião que era importante se dar bem com a mãe do namorado e a incomodava que não fosse assim.

Ela segurava a mão de Daniel enquanto passeavam por Saint-Tropez, bolsas penduradas nos ombros, chapéus protegendo os olhos, chinelos espalhando areia e poeira. Atravessaram a *Place des Lices*, onde os velhos jogavam bocha à sombra dos plátanos, e seguiram até o porto, onde os iates pareciam grandes demais para o ancoradouro.

— Então, como era? — Daniel perguntou, querendo ouvi-la.

— Uma saia rodada curta azul, com uma blusa de listras branca e azul combinando. Eram exatamente do mesmo tom de azul — ela disse, estremeando.

Ele olhou para as pernas dela.

— Quão curta?

Ela puxou o chapéu dele por cima do rosto.

— Ok, desculpe — ele sorriu. — Então o que aconteceu?

— Eu saí com duas amigas um dia, e vi a garota que era a antiga dona das roupas. E aconteceu de eu estar usando bem naquele dia.

— E daí?

— Você não entende. Foi humilhante. E fiquei tão envergonhada que corri pela rua na esperança que ela não me visse. Foi quando o carro me atingiu.

— O quê?! — Ele olhou para ela, horrorizado.

Ela enfiou o braço por baixo do dele.

— Bom, no fim, foi só um tornozelo torcido, junto com muitas contusões.

— Você poderia ter morrido.

— Na época, eu estava mais preocupada em saber se a história seria ou não espalhada na escola. Eu só tinha quatorze anos, lembre-se. Felizmente, a garota não percebeu o motivo pelo qual eu saí correndo daquele jeito. Na verdade — Cherry falou, percebendo de repente —, eu

nunca tinha contado isso para ninguém até agora.

Daniel pegou sua mão e apertou. Cherry sorriu. De vez em quando, essas histórias que assombravam sua infância eram úteis e, ao contrário de algumas coisas que dizia, eram verdadeiras. Daniel atravessou a rua com ela.

— O que foi? — ela perguntou, confusa. Ergueu os olhos e viu que seguiam pelas ruas estreita da parte velha da cidade, onde estavam todas as butikues, e pareciam se dirigir direto para a Dior. Seu coração acelerou; ele pretendia fazer alguma coisa, mas ela ainda não sabia o quê.

Entraram na loja. Ela olhou ao redor, para a decoração imaculada, com produtos selecionados, itens que pareciam zombar dela com sua superioridade, e ficou nervosa. Tudo bem que a história dos tempos difíceis dela fizesse com que ele sugerisse algumas compras, mas ela não podia se dar ao luxo de comprar nada nem próximo daqueles preços.

— É ótimo estar dentro da loja...

— É por minha conta.

Ela o encarou, arregalando os olhos.

— O que você quiser. Na verdade, vamos experimentar tudo. Gosto daquela blusa amarela. O que você acha?

Ela olhou para onde ele apontava, e de novo para ele, como se ainda não tivesse entendido.

— É melhor você se apressar, porque ainda temos outras lojas para ir.

— Outras? — Ela conseguiu resmungar.

— Não me pergunte como se chamam, porque nunca me lembro dos nomes, mas são lojas com belas roupas — ele sorriu se desculpando, indicando seus trajes modestos. — Foi o que me disseram.

Cherry não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Não posso... — Ela começou a dizer, sem entusiasmo.

— É meu presente de aniversário para você — ele respondeu com firmeza.

E aquilo deixou tudo bem. Ele parecia estar tão interessado quanto ela, pegando roupas das araras e segurando-as diante dela, esperando paciente do lado de fora dos provadores e fazendo comentários construtivos que provavam que estava realmente olhando as peças. Também pagou por tudo. Cherry não exagerou — não queria parecer gananciosa ou aproveitar da riqueza dele — e até deixou alguns itens de lado, dizendo que já tinha coisas demais. Mesmo assim, adquiriu cinco ou seis peças de grife. Depois da penúltima loja, Daniel parecia cansado, mas manteve animadamente sua oferta.

— Quer ir naquela última? — ele disse, acenando com a cabeça para o outro lado da rua.

Cherry sentiu que ele já tinha cansado, e o beijou nos lábios.

— Não, obrigada. Essa já foi a manhã perfeita.

Ele pareceu aliviado, e ela percebeu que fizera um grande sacrifício.

— Você não gosta de fazer compras, gosta?

A culpa cruzou seu rosto; então Daniel viu que ela ria.

— Não suporto. Agora, você fica sentada aqui — ele apontou para um banco na sombra. — E eu vou até a *boulangerie* comprar algo para almoçarmos.

Cherry ficou feliz em descansar e o observou subir a rua. Olhou carinhosamente para suas

sacolas, ainda reluzindo de felicidade por tudo aquilo. Um sorriso estúpido enfeitou seu rosto, enquanto ela revia mentalmente todas as suas novas roupas. Talvez pudesse usar um dos vestidos aquela noite. O sorriso de repente vacilou. Laura provavelmente teria uma opinião sobre esse gasto generoso. As coisas tinham ficado decididamente distantes entre elas nos últimos dias — nada que Daniel notasse em particular, mas ela estava ciente de que as boas-vindas liberais de quando chegara tinham desaparecido. Não importava que todas aquelas roupas fossem um presente, nem que Daniel tivesse insistido sem nenhum incentivo consciente dela — ele continuava tendo acabado de gastar quase dois mil euros com ela.

Cherry sentou-se desconfortável. Não queria levantar suspeitas sobre por que estava com Daniel. Isso só complicaria as coisas. Enquanto olhava ao redor distraidamente, viu uma loja do outro lado da rua com uma pintura que parecia familiar e então reconheceu como sendo do artista cujos quadros Laura tinha em sua casa. Recolhendo as sacolas, foi até a galeria e entrou. Exibida em um pequeno cavalete de madeira, estava um óleo do porto de Saint-Tropez. Custava três mil e quinhentos euros, e tinha um aviso de vendido preso nele.

A sineta da porta tocou quando ela entrou. Sabia que não podia demorar, já que Daniel voltaria a qualquer momento. Examinou a galeria rapidamente e encontrou mais quadros do mesmo artista na parede dos fundos. Vendido, vendido, vendido, ela viu, e então uma obra menor, um óleo da Places de Lices, o sombreado das dezenas de plátanos lançando um padrão rendado sobre o chão arenoso. Miraculosamente, parecia disponível. Ela ficaria devendo no cartão durante meses, mas sabia instintivamente que valia a pena.

A vendedora embrulhou o quadro; ela pagou e saiu rapidamente da loja, voltando ao lugar no banco, escondendo o pacote em uma das sacolas. Daniel voltou alguns minutos depois, com o rosto avermelhado como se estivesse correndo. Pediu desculpas por demorar tanto, mas tinha uma baguete e uma torta de cidra para o almoço.

Sentaram-se na praça e comeram, vendo os jogadores de bocha, e voltaram para casa. O carro de Isabella estava na calçada quando chegaram, e, enquanto entravam, podiam ouvir várias vozes; Brigitte também estava ali, junto com Nicole.

— Aí estão eles! — Isabella falou, obviamente já tendo tomado algumas taças de vinho. — Tiveram um bom dia?

— Adorável, obrigada — Cherry respondeu.

— Posso ver que sim — Isabella sorriu, olhando para as sacolas de compras.

— Teremos um show de moda? — Brigitte perguntou.

Cherry corou.

— Não.

— Bem, então pelo menos nos deixe ver o que você comprou. — Ela estava mexendo nas sacolas, tentando espiar dentro, e Cherry escondeu sua irritação. Pegou um vestido de uma das sacolas e ouviu exclamações de apreço e inveja.

— O que mais? — Brigitte quis saber, e Cherry desejou que ela calasse a boca.

— Apenas uma blusa e uma regata.

— Nossa, em todas essas sacolas? — ela falou sem acreditar. — Vamos lá, por que todo esse segredo? Podemos, por favor, ver?

Laura tinha ficado quieta durante todo o tempo, mas Cherry podia sentir que ela queria saber o que havia nas sacolas. Isabella e Brigitte olhavam-na com ar inquisidor, na expectativa. Ela não teve escolha, e logo todos os trajes estavam fora, sendo avaliados e comentados.

Cherry viu que Laura a olhava com curiosidade. Sabia que a sogra se perguntava como conseguiria pagar por todas aquelas roupas.

— Vocês parecem ter feito um belo passeio pelas lojas — ela falou, de modo agradável.

— Nem todas — Daniel falou com alívio.

— Você também foi? — Brigitte estava surpresa. — Como conseguiu convencer Daniel a fazer compras?

— Foi minha ideia — ele sorriu. Colocou o braço ao redor de Cherry e a beijou. — Feliz aniversário. Desculpe pelo atraso.

O rosto de Laura permaneceu impassível. Agora era a hora, pensou Cherry. Ela pegou a sacola em que estava o quadro embrulhado e, tirando o presente, entregou-o para Daniel.

— Isso é para você.

Ele foi pego de surpresa.

— O que é isso?

— Abra — ela pediu, sorrindo.

Ele tirou o papel de presente e seu rosto se iluminou.

— Mas é... — e parou de falar.

Cherry assentiu.

— Eu vi e quis dar para você. — Aquilo quase lhe causara a falência, mas fora necessário.

Ele adorara, dava para ver, mas estava preocupado.

— Você não devia... não posso...

Cherry ergueu um dedo.

— Não. Não quero ouvir isso. Queria que tivesse algo especial.

— Não...

Ela colocou o dedo nos lábios dele.

— Psiu...

Ele olhou mais uma vez para o quadro, os olhos iluminados, e jogou os braços com força ao redor de seu pescoço, beijando-a.

— Obrigado. Adorei. — Ele estava incrivelmente tocado, ela via, e ficou feliz por ter feito aquilo. — O seu era um presente — ele a reprimiu com suavidade.

Beijou-a novamente. Por sobre seu ombro, Cherry viu a expressão de incerteza de Laura. Provavelmente estava tentando descobrir como ela conseguira dinheiro para pagar aquilo. Que ficasse pensando.

Laura dormiu mal aquela noite. Tantas coisas a incomodavam. Daniel pagara pelos voos de Cherry, aparentemente a mais, e por todas aquelas roupas. Era claro que ele gastara uma fortuna e, para ser justa, Cherry compreensivelmente lutara para não exagerar. Então por que o quadro? Como ela podia se dar ao luxo de gastar dois ou três mil euros em um óleo original, quando não

podia pagar nem a própria passagem? Isso a manteve desperta até as duas da manhã, e ela também acordou cedo — por volta das seis. A sensação inquietante e levemente nauseante na boca de seu estômago não ia embora. Acabou levantando e foi até a cozinha pegar um copo de água. Enquanto segurava o copo sob a torneira, ele escorregou por entre seus dedos e se espatifou na pia. Laura xingou; parecia tão desastrada aqueles dias, derrubando e perdendo coisas. Ainda tinha que consertar o carro alugado, e agora era tarde demais, já que partiria no dia seguinte. Pegou com cuidado os pedaços de vidro da pia e os colocou em cima de um jornal velho. Então pegou outro copo e o encheu de água, bebendo devagar, as mesmas perguntas da noite anterior ainda martelando em sua cabeça como uma máquina de *pinball*, mas sem pensar em nenhuma resposta clara.

Laura alongou os membros doloridos e contraídos. Embora fosse o último dia de suas férias supostamente relaxantes, sentia-se mais estressada e exausta do que antes de chegar. Cherry mudara tudo. Ficara à vontade na casa e, até agora, não se mostrara disposta a passar muito tempo com sua anfitriã; na verdade, Laura tinha a vívida impressão de que mal era tolerada.

Pegou o quadro que Cherry tinha comprado para Daniel. A luz capturada pelas paineiras, as sombras arenosas na praça. Era realmente linda. Não admirava que Daniel tivesse adorado.

— É original.

Laura se virou e viu Cherry parada na porta.

— Caso esteja se perguntando.

— Há quanto tempo você está aí? — ela disse irritada, sentindo-se culpada, embora dificilmente Cherry pudesse ler seus pensamentos.

— Não muito tempo — Cherry sorriu, aproximou-se e pegou o quadro dela. Olhou-a nos olhos. — Mais alguma coisa que queira verificar?

Laura estava intrigada. O que ela queria dizer? Ela só estava olhando, pelo amor de Deus! Estava prestes a replicar quando uma lembrança fria e desbotada retornou à sua mente. O dia em que entrara no quarto deles. As coisas de Cherry, os detalhes do voo. Ela sabia que tinham sido vistas, lidas?

Daniel apareceu e colocou o braço ao redor de Cherry.

— Ainda quer ir para a praia?

Ela sorriu.

— Claro. Vou só pegar minhas coisas. — E subiu.

— E quanto a você, mãe? Quer um último dia sob o sol?

— Não, obrigada.

— O que foi?

Ela não pretendia ser grosseira, mas tinha chegado ao limite.

— Cherry aproveitou as férias?

Ele franziu o cenho.

— Sim. Bastante. Algo errado?

— Ah, você não sabe mesmo? Ela já está aqui há muito tempo.

— Achei que você tinha dito que estava tudo bem.

Laura suspirou.

— Eu disse. Mas sejamos francos, eu não esperava que fosse tanto tempo assim.

— Sinto muito. Eu queria ter ido para um hotel. Falei...

— Está tudo bem — Laura falou, tensa. — Eu gostaria de saber, no entanto, por que o dia da partida dela é um segredo tão grande.

— Não é um segredo.

— Mas, quando eu perguntei, ela não disse. E não se ofereceu para dar nenhuma informação desde então. — Laura sentiu a tensão dos últimos dias crescer dentro de si. — Quanto tempo ela pretende ficar? Semanas, meses, o verão todo?

— Ela vai embora no sábado.

Ela ficou surpresa.

— Sábado? Depois de amanhã?

— Sim. Tem que voltar ao trabalho.

— Certo. Então por que ela não disse?

— Ela disse. Eu sei há tempos.

— Mas não pensou em me dizer?

— Ela... eu... provavelmente esqueceu. Desculpe, devia ter pensado nisso. Se eu soubesse que estávamos invadindo seu espaço, teríamos nos mudado. De verdade.

Laura engoliu o desânimo. “Nós...” — Ele continuava dizendo “nós”. Ela perdera o filho nas últimas semanas.

— Você sabe que não é isso que eu queria.

Os dois ficaram em silêncio. Ambos tinham mais a dizer, mas ninguém queria falar.

— Nós realmente gostaríamos que você viesse conosco para a praia, mãe. Eu realmente gostaria. Só algumas horas?

Ela quase cedeu. Quase.

— Desculpe, Daniel. Prometi que me encontraria com Izzy.

Ele podia ver que Laura estava inventando, e ela se sentiu mal com isso, mas como explicar que havia algo em Cherry que ela não conseguia engolir? E tinha certeza de que não estava imaginando a estranheza que havia entre elas. Estava claro pela expressão de dor em seu rosto que Daniel achava que ela não gostava de sua namorada.

— Ok. Bem, nos vemos mais tarde.

Apenas um beijo de leve, ele pegou Cherry, e se foram.

Ela se sentiu culpada por inventar a visita a Izzy, então decidiu tornar aquilo verdade e dirigiu até Saint-Tropez. Mas, infelizmente para Laura, Isabella não estava em casa. Ela ficou parada por um instante na casa vazia da amiga, perguntando-se o que fazer, e então pensou em voltar para casa.

Deixou a mala pronta para a manhã seguinte, e decidiu sair para ver se havia pimentas ou tomates a serem colhidos. Pegou uma cesta na cozinha e conseguiu relaxar por meia hora, até mesmo esquecer Cherry um pouco, até ouvir vozes na cozinha. Pensou em ficar fora por mais algum tempo, mas, com um suspiro, soube que seria uma atitude grosseira, por isso decidiu entrar. Ela carregava uma pimenta vermelha e uma amarela e mais quatro tomates grandes.

— Conseguimos uma bela colheita esse ano — ela começou a dizer, e então reparou em suas

expressões. — O que aconteceu? Qual o problema?

Daniel segurava o quadro. Tinha um rasgo de cinco centímetros na tela, bem no meio da *Place des Lices*.

Laura ficou horrorizada.

— Como diabos...? Seu quadro lindo...

— Pois é... Estava no vidro quebrado quando chegamos, mãe... — respondeu.

No balcão da pia estava o copo que ela quebrara mais cedo, e que tinha esquecido de embrulhar e colocar no lixo.

— Mas... o que isso estava fazendo aqui? — Ela olhou para eles, mas Cherry não a encarou. Em vez disso, abaixou o olhar, demonstrando tristeza.

Precisou de um momento para que a ideia viesse; então deixou-a de lado, rindo. Mas parou de repente, incrédula.

— O que foi?

— O que quer que tenha acontecido, provavelmente foi um acidente — Cherry falou graciosamente.

Laura estava sem palavras.

— Vocês não acham, realmente... que fui eu?

— Não, mãe. Eu só não sei como aconteceu. Chegamos em casa e encontramos ali... caída sobre o vidro quebrado.

— Eu ia limpar mais cedo, mas esqueci. — Laura parou de falar, percebendo que soava culpada. — Quadros não rasgam só de ficar sobre vidro. Eles têm que ser rasgados, cortados. — Chateada, parou de falar. — Sinto muito sobre o quadro — disse para Daniel —, mas não tenho ideia de como estragou. — Ela olhou de relance para Cherry, que olhava o chão, desanimada.

O jantar foi silencioso; ninguém mencionou o quadro. Laura pediu licença e foi para a cama mais cedo.

Na manhã seguinte, Daniel guardou as malas de sua mãe no bagageiro do carro. Cherry ficou parada na porta e apertou a mão de Laura.

— Obrigada pela estadia adorável, Laura.

Era a primeira vez que ela dizia isso, Laura pensou, e tentou esconder a irritação de ser dispensada na porta de sua própria casa.

Daniel estava em silêncio no caminho para o aeroporto, e Laura sentiu uma pontada de tristeza por não estarem nos bons termos de sempre. Queria tentar clarear as coisas entre eles antes de voltar para casa.

— Você sabe que eu não fiz, nem sonharia em fazer algo como aquilo com seu quadro, não é? — ela perguntou, sem acreditar que tinha que dizer aquilo.

— Sim, é claro.

— Você não parece muito convencido.

Ele tirou os olhos da estrada por um segundo e sorriu.

— Ei, não se preocupe, talvez seja apenas uma daquelas coisas inexplicáveis.

Como quais?, Laura pensou. Mas era claro que o assunto estava encerrado. E não seria nada bom ficar remoendo isso até a morte. Ela sabia que não tinha feito aquilo, e era bem pouco provável que tivesse sido Daniel. Com isso sobravam Cherry ou algum acidente aleatório.

Ela não via sentido nessa última hipótese, mas tampouco entendia por que Cherry faria algo assim. Era difícil de compreender, mas havia outra coisa distraíndo-a, uma inquietação incômoda: Cherry ainda estava em sua casa.

Cherry viu o carro se afastar e depois desaparecer no fim da rua. Então ela se fora. Que alívio imenso. Laura sabia das coisas, ela tinha certeza disso. Sabia que Cherry não tinha marcado o voo de volta, talvez soubesse até mesmo que Daniel pagara um pouco mais do que a passagem realmente custara. Precisava desesperadamente de algumas roupas de banho novas, e não tinha como comprá-las. De todo modo, era para ele: queria estar bonita para ele. Então era um alívio que a mãe sufocante tivesse ido embora. Agora podia ser ela mesma; estava livre! Livre para desfrutar daquela casa magnífica.

Cherry acariciou as costas das cadeiras enquanto vagava pela sala de estar. Arrumou a toalha na mesa da cozinha e viu o quadro rasgado de lado. Era uma pena. Todo aquele dinheiro no cartão de crédito que ainda teria que pagar; aquilo a deixava enjoada e levemente em pânico. Mas fora necessário. Precisava soltar aqueles laços maternos que Laura mantinha apertados. Precisava de Daniel ao seu lado, agora que Laura andava bisbilhotando.

Cherry pegou uma maçã da fruteira e foi para o terraço. Comeu-a com delicadeza enquanto olhava a península de Saint-Tropez, e pensou em Laura ali, perguntando-se se ela realmente apreciava o lugar e com que frequência ia até lá. Pelo que Daniel falava do trabalho da mãe, Laura trabalhava duro e por longos dias. Cherry bufou internamente, cheia de desprezo pelo desperdício de uma casa tão linda. Provavelmente meses se passavam sem que ninguém a aproveitasse, exceto as aranhas, que ainda conseguiam fazer suas teias todas as semanas, antes que o aspirador as sugasse, e os pássaros, que tomavam água na beira da piscina. Cherry sabia que, se fosse dona desta casa, passaria semanas ou meses cada vez que estivesse nela. Olhou o porto famoso ao longe e sentiu uma imensa sensação de bem-estar, de pertencimento, como se todos aqueles iates, as praias, as ruas aquecidas pelo sol e o estilo de vida estivessem a um toque de distância, prontos para serem agarrados.

Deitada na cama aquela noite, Cherry pegou seu livro enquanto esperava que Daniel saísse do banheiro. Ouviu-o entrar no quarto, e então ele entrou na cama e afastou o livro de seu rosto. Ela ergueu os olhos e viu que ele tinha uma caixinha na mão.

— Queria esperar até que estivéssemos sozinhos para lhe dar isso.

Ela olhou encantada. Era de veludo turquesa. Uma caixa típica de joalheria. Hesitante, ela abriu a caixinha e ficou sem ar. Apoiada no forro de seda estava uma fina pulseira de ouro, com uma única pedra azul, com um brilho suave.

— É uma pedra da lua. A pedra do seu mês de nascimento, aparentemente, embora eu tenha que confessar que isso foi coincidência. Eu apenas gostei dela. Achei que combinava com você.

Ela jogou os braços ao redor dele.

— Obrigada! Adorei.

— Feliz aniversário. Mais uma vez. — Ele a beijou, pegando a caixa, e ela estendeu o pulso fino e bronzeado. Ele prendeu o fecho, e ela observou enquanto a pedra brilhava misteriosa a qualquer movimento de seu braço. Era a joia mais bonita que já tivera. E foi então que Cherry se decidiu. Nicolas não seria o único a se casar. Ela teria Daniel Cavendish.

CAPÍTULO 15

SEXTA-FEIRA, 4 DE JULHO

Laura chegou em casa, e o ruído era excruciante. A obra na extensão do porão do vizinho estava a pleno vapor, e, por mais irritante que fosse, tinha que tolerar, já que doze meses antes ela fizera a mesma coisa. Supostamente ela tinha que trabalhar em casa naquela tarde em alguma proposta para apresentar para a ITV, no almoço que teria em algumas semanas.

Logo depois que chegou do aeroporto, um roteirista com quem gostava de trabalhar veio vê-la. Ele era recomendado pela ITV por ter tido um sucesso respeitável com uma trilogia no ano anterior. Laura abriu a porta para ele e teve que gritar seus cumprimentos por sobre o barulho da escavadeira. Lá dentro, trabalharam duro em uma ideia comum que tinham sobre um drama que se passava em uma escola particular, e, apesar da algazarra, fizeram um bom progresso. A única interrupção foi uma breve queda de energia causada pelos empreiteiros, o que significava que a internet ficaria fora por mais ou menos uma hora, dificultando as pesquisas. Lá pelo meio da tarde, o roteirista tinha material suficiente para seguir adiante e escrever um argumento, um resumo da série. Era um investimento com o qual Laura teria que arcar, e não era barato: desenvolvimento de dramas era algo notoriamente caro. Ela sentia que valia a pena, já que percebeu que havia uma boa chance de Alison e Sean aceitarem o projeto.

Depois que o roteirista partiu, os empreiteiros também guardaram suas coisas e foram para casa. Já era final da tarde, mas Laura sabia que o fim de semana ainda não começara para todos. Brincou um pouco com a ideia e então, antes de perder a coragem, pegou a bolsa e saiu de casa. Caminhou a curta distância que a separava da Highsmith & Brown e olhou lá dentro pela vitrine. Várias fotos de belas casas, algumas custando milhões, algumas dizendo casualmente que ofertas eram aceitas. Depois de passar um tempo que achou razoável olhando, ela entrou na imobiliária. Um homem de aparência elegante que estava com um cavalheiro talvez aposentado levantou os olhos. Parecia incomodado, talvez ainda mais quando uma garota mais jovem se aproximou dela, hesitante.

— Oi, posso ajudá-la?

Laura queria falar com o homem bem-vestido, não com a garota, que era claramente subalterna. Sabia, pelo site, que ele era o gerente — até se lembrava de seu nome: Neil.

— Só vou dar uma olhada — Laura apontou e se aproximou do balcão de detalhes das propriedades. A garota se afastou com um aceno de cabeça agradecido, feliz por ter escapado.

Laura se perguntou quanto tempo teria que fingir interesse nas casas. Talvez pudesse escrever

alguma coisa, fazer algumas anotações, e estava prestes a pegar papel e caneta na bolsa quando ouviu o aposentado se despedir. Seu coração acelerou quando o homem partiu, mas se obrigou a olhar para Neil.

Ele sorriu para ela.

— Há algo que eu possa fazer por você? — Ele era direto e profissional. Ela teria que ter cuidado.

— Sim. Estou procurando algo com quatro quartos. Sempre quis um sobrado...

Ele indicou uma cadeira do outro lado de sua mesa.

— Gostaria de sentar?

Ela se sentou.

— Talvez eu possa começar pedindo alguns detalhes? — Neil perguntou, e Laura percebeu que seria melhor se inventasse um nome e um endereço falsos. Entrou em pânico; não conseguia pensar em nada exceto os dados de Isabella, e foi o que ela disse, mentalmente pedindo perdão à amiga, só se recuperando o suficiente para alterar de leve o celular e o e-mail dela.

Ele começou a verificar algumas casas em seu iPad.

— Vocês estão muito ocupados — Laura começou a dizer. *Lamentavelmente*, pensou.

— Sim. É a época do ano. — Ele levantou os olhos e acenou com a cabeça para um casal que aguardava impaciente, e ela sabia que tinha que fazer o que queria rápido.

— Temos esse lugar adorável — ele disse, mostrando-lhe algumas fotos na tela. — Fica em Lexham Gardens. Não é sobrado, mas tem quatro quartos e três banheiros.

— Ótimo. Posso levar uma cópia impressa?

Ele abriu um arquivo ao lado de sua mesa e pegou uma impressão luxuosa. Então começou a percorrer as propriedades de novo.

Pense, pense. Deus, ela era tão inútil nisso.

— Você precisava de mais ajuda.

Ele deu um sorriso profissional.

— Bem, em geral somos quatro, mas parece que a época de férias começou mais cedo.

— Ah, então parte da equipe está de férias? — *Ele acaba de dizer isso, sua idiota*, Laura pensou. Ela viu em sua expressão que ele queria acelerar as coisas.

— Sim. Três, na verdade.

— Ah, que planejamento ruim.

Como esperado, ele não disse mais nada, mas Laura decidiu pressionar.

— Não havia uma garota trabalhando aqui? Cabelo escuro, curto. Jovem.

— Está falando de Cherry. Está fora também.

A garota doce e ineficiente se aproximou.

— Desculpe-me, Neil, mas a casa na Victoria Road está recebendo ofertas?

Ele ergueu a mão, pedindo que ela esperasse, e sorriu para Laura.

— Acho que não temos mais nada disponível no momento, mas certamente entraremos em contato assim que novas propriedades aparecerem.

— Seria ótimo. — De repente Laura se sentiu enjoada. Como se estivesse participando de um jogo infantil, fazendo tempestade em copo d'água. Ela se levantou e Neil apertou sua mão.

Assim que ela se afastou da cadeira, o outro casal se sentou.

Envergonhada, ela caminhou na direção da porta, ainda tentando parecer uma compradora de boa-fé, o que quer que fosse aquilo. Deus sabe o que ela achou que encontraria — não havia nada *para* encontrar. A única coisa que não encaixava era Cherry dizer que Neil a encorajara a passar mais alguns dias fora. Ele claramente estava com problemas de pessoal.

— Ela volta semana que vem — a garota falou quando Laura chegou perto da porta. Ela deu meia volta. — Cherry. Sobre quem você estava perguntando. Ela volta segunda. — Havia um sinal de alívio mal escondido na voz da garota.

Laura assentiu. Ela sabia. Observou a garota e viu como ela estava fora de seu meio. Coitadinha. Laura sorriu.

— Último dia?

A garota fez uma careta.

— Amanhã. — Então, lamentando a falta de profissionalismo, acrescentou: — Desculpe, eu não devia dizer isso, não é?

— Não contarei para ninguém.

A garota sorriu.

— Obrigada. Eu estava começando a pensar que ela nunca voltaria.

— O retorno dela está atrasado? — Laura falou com compreensão e simpatia. Ela sabia perfeitamente que Cherry tinha estendido sua viagem.

— Você a conhece?

Um suspiro escapou.

— Um pouco. — Laura sorriu rapidamente e fechou a válvula da pressão novamente. Não pretendia suspirar, realmente não queria que ninguém soubesse, mas estava lidando sozinha com essa preocupação há alguns dias.

— Compreensível, no entanto.

Laura parou.

— Sim — falou novamente, sem saber sobre o que estavam falando, mas algo chamou sua atenção, deixando-a alerta.

— Lembro quando minha avó morreu. Mas era em Norfolk, não no sul da França. Um pouco mais fácil de chegar ao funeral.

Laura ficou parada ali, petrificada, tentando ficar calma, tentando parecer simpática, como se *soubesse* que a avó de Cherry tinha morrido, mas toda sua energia parecia canalizada para a descoberta: Cherry devia ter inventado. Inventado a morte da avó — será que tinha uma avó? —, para que pudesse ir para o sul da França passar uns dias em sua casa. Não podia ser verdade, caso contrário, Cherry teria contado para Daniel, e ele teria contado para ela.

Não era de admirar que Neil não tivesse tido escolha além de deixá-la ir, embora sua equipe estivesse desfalcada. Laura olhou de relance para ele, e viu que a olhava de modo estranho, talvez se perguntando por que ela ainda estava ali, e isso a obrigou a ir embora. Com um rápido agradecimento e um adeus para a garota, que não tinha ideia do quanto fizera por ela, Laura deixou a imobiliária e não olhou para os lados nem diminuiu o passo até chegar na rua de casa. Então aquilo a atingiu novamente. Ela parou no meio da rua, e arrepios correram por seus braços.

Cherry tinha inventado aquilo.

CAPÍTULO 16

SEXTA-FEIRA, 18 DE JULHO

Aquilo a jogou em um turbilhão. Quando deixara a França, havia algo que Laura não acreditava em Cherry, mas nunca esperara realmente descobrir alguma coisa. Agora era real. Cherry mentira para o chefe para sair de férias — mentira para eles também, ou, no mínimo, fora econômica com a verdade, e Laura estava magoada. Fora *manipulada*. Lembrava-se da maquinação de Cherry para conseguir o emprego. E também havia a questão do dinheiro. Cherry aparentemente enganara Daniel em cem libras, e isso levantava uma pergunta sombria e desconfortável: seria ela aventureira?

Não havia ninguém com quem pudesse conversar. Laura pensara em levar o caso até Howard, mas já fazia muito tempo que não confiava nada a ele. Izzy ainda estava na França, e aquele não era o tipo de coisa que se falava pelo telefone. Então deixou o assunto cozinhar e fermentar em sua mente.

Daniel devia voltar para casa naquele dia, e, por mais que desejasse vê-lo, agora estava um pouco assustada. Tinham conversado por telefone algumas vezes, e as coisas estavam mais ou menos normais entre eles, mas agora tinha essa *coisa*, e Laura não sabia o que fazer. Seu retorno para casa duraria só alguns dias, já que ele se mudaria para o apartamento na semana seguinte. Laura organizara um churrasco para os amigos e familiares mais próximos para comemorar sua mudança. Seria a primeira vez que veria Cherry desde as férias. Cherry, que agora se infiltrava em sua mente a cada minuto do dia, enrolando-se como uma trepadeira e deixando-a desconfortável, inquieta.

Os pesadelos tinham voltado, direto dos pensamentos tristes e sombrios que ela tentara enterrar. Tinham começado antes mesmo que Daniel nascesse. Laura sonhava que tinha outro bebê, mas tinha se esquecido dele, só lembrando três dias mais tarde que o deixara no guarda-roupa, em um moisés. Em pânico, ela o pegava, negligenciado, quase morto de fome, olhando para ela com olhos arregalados e confuso, sem saber por que tinha sido abandonado. O alívio misturado com culpa a inundava, feliz por conseguir salvá-lo a tempo, mas, no fundo, ela sabia que faria novamente. E fazia, já que o pesadelo era recorrente.

Depois que Daniel nasceu, quando ela realmente ganhou outro bebê, começou a ter pensamentos sombrios — visões e sensações de pânico do tipo “e se” que abriam caminho por sua mente, deixando-a aterrorizada e vulnerável até conseguir reunir forças suficientes para sacudir a cabeça e forçá-los a sumir. Ela podia estar passeando com Daniel no carrinho de bebê

pela rua e, se um carro passasse, de repente não via nada além das rodas, e imaginava Daniel chicoteando embaixo delas, a cabeça esmagada e mutilada sob o metal. Ela podia estar no chuveiro, e via o bebê caindo de uma janela aberta que tinha esquecido de fechar, seu corpinho minúsculo inerte no andar de baixo. Uma faca na cozinha tornava-se uma lâmina medonha que ela tirava de vista mesmo que ele estivesse brincando feliz em seu cadeirão. Pior, ela ouvia notícias sobre crianças pequenas que tinham sido sequestradas e era tomada por visões de Daniel chamando por ela, gritando, confuso, sem saber por que ela não ia buscá-lo, e por fim destruído ao perceber que ela não chegaria; começava a hiperventilar e tinha que se levantar, caminhar pela sala para expelir aquelas imagens. Tinham sido horas, noites, meses sombrios, mas o medo diminuiu gradualmente conforme os anos passaram, embora nunca tivesse desaparecido totalmente. Se ele chegava mais tarde da escola — ou se atrasava, quando estava na faculdade, e ela ouvia falar de um carro acidentado na M11 —, sua imaginação começava a trabalhar, um pensamento horrível se transformando em outro em alta velocidade, até que ela se obrigava a detê-los, dizendo a si mesma que ele tinha ficado conversando com amigos (o que era verdade) ou que ele não estava dirigindo de ou para Cambrigde no dia do acidente (o que também era verdade).

Um movimento diante dela a fez levantar os olhos, e Laura viu Alison e Sean, os poderosos do departamento de dramaturgia da ITV, que tinham acabado de entrar no La Galette, o restaurante que tinham escolhido para almoçar. Ficava no Upper Ground, não muito distante do escritório deles; mesmo assim, estavam quase quinze minutos atrasados. A secretária de Alison telefonara para pedir desculpas bobas — “Eles sentem *tanto!*” — e tinha conseguido fazer parecer o contrário.

Sean a viu primeiro. Estendendo os braços, pegou suas mãos quando ela levantou.

— Laura, desculpe. Ficamos presos com Helen.

Helen era a superintendente da ITV, e os rumores diziam que ela gostava de chamar as pessoas ao seu escritório de maneira muito mandona, o que não angariava simpatia entre a equipe.

— Não se preocupe com isso — Laura respondeu de modo afável. Tinha encontrado Sean algumas vezes, e gostava dele. Sentia que tinha faro para um bom roteiro e não tinha medo de dar sua opinião.

— Só conseguimos sair quando falamos que vínhamos encontrar você — Alison comentou. Laura tinha certeza de que Helen não dava a mínima se tinham um almoço marcado com uma produtora independente, e o falso incentivo ao seu ego a deixou ligeiramente nervosa, como se não pudesse confiar em nada do que Alison dizia. Não que acreditasse nela antes, Laura pensou, irônica. Nada mudara ali.

Quando se sentaram, Laura se perguntou o que a incomodara por um segundo, e não era a lisonja vazia de Alison — era preciso mais do que aquilo para tirá-la do eixo. Era a incerteza em relação a Cherry. Tinha que deixar isso de lado por uma ou duas horas: aquele almoço podia ser decisivo para o futuro de sua empresa.

Sean a olhava com seus óculos quadrados de armação escura.

— Obrigado por vir, Laura, e obrigado por *Guerra de travesseiros*. Já vi os dois episódios e adorei.

Laura disse que ficava feliz em saber, enquanto Alison se sentava com um sorriso professoral, como se fosse a pessoa por trás de tudo aquilo, sem a qual Laura ou a série não estariam onde estavam.

— Helen já viu? — Laura perguntou.

— Ainda não. Está agendado para semana que vem. Mas achamos que, bem, óbvio que ainda é cedo demais para dizer com certeza, mas temos grandes esperanças.

Ele se referia aos índices de audiência. Eles queriam um grande sucesso.

— E Sasha é *incrível*. Vai se tornar uma estrela quando a série estrear. Como disse, temos que esperar para ver a reação de Helen e do público nas primeiras semanas, mas Alison e eu gostaríamos de ver uma segunda temporada.

Laura sorriu. Era uma excelente notícia.

— Seria fantástico.

— Alison comentou que você tem algumas novidades para nos mostrar.

E tinha. A primeira era sobre uma escola particular. Laura lhes enviara uma versão reduzida do argumento do roteirista antes do almoço. Tocou no assunto e, ao ver o rosto agradável de ambos permanecer impassível, soube que não tinha emplacado.

— Nós gostamos... — Sean comentou. — Gostamos muito. Só que já temos algo muito parecido em desenvolvimento.

Era o beijo da morte. Laura deixou o argumento completo, no qual ela e o roteirista tinham trabalhado tanto, na bolsa. Aquela era a natureza do negócio: algo com o qual você estava animado, e no qual gastara muito dinheiro e muitas horas, podia ser esmagado com uma sentença despreocupada. O golpe pareceu mais forte do que o normal, mas ela tinha que seguir em frente. Também havia uma adaptação de um livro que chamara a atenção de uma estrela britânica que ganhava atualmente dez vezes o que ganharia no Reino Unido em uma série da HBO, mas que — Laura sabia — estava desesperada para voltar para casa, já que sentia muita falta da família. Eles também foram indiferentes a essa ideia, comentando que a audiência principal deles provavelmente não se identificaria com um livro romântico como talvez a audiência da BBC.

— Parece um pouco sombrio — Sean disse. — O que mais gostamos em *Guerra de travesseiros* foi o suspense, o jeito como a personagem principal engana a melhor amiga e acaba conquistando o homem da outra.

Alison assentia em concordância, e ambos olhavam para Laura com expectativa. Ela tinha uma última ideia na manga. Era um drama policial, e como as séries do gênero atualmente em cartaz na ITV aparentemente estavam com a validade vencendo, poderia haver interesse em substituir. Laura gostava dessa proposta, já que a personagem principal era uma detetive feminina formidável que deixava de lado a aposentadoria para evitar ter que ficar com os netos quando a filha resolveu voltar (sem necessidade) a trabalhar. Ela preferia pagar uma creche do que ter que cuidar das crianças. Para sua surpresa, Sean e Alison gostaram da ideia, e os três passaram a meia hora seguinte discutindo detalhes da história e quem poderia ser a atriz principal.

— Pode nos entregar um argumento? — Sean pediu. — Acho realmente que podemos chegar em algum lugar com essa história.

Laura concordou, e o almoço prosseguiu de maneira agradável, entre várias mensagens de

texto e ligações intrusivas.

Laura chegou em casa e encontrou uma mochila no hall de entrada. Mal tinha tirado a jaqueta antes que Daniel aparecesse e a prendesse em um abraço.

— Você está em casa! — ela exclamou, encantada.

— E você também. Bem a tempo para uma taça de Chablis e um quiche com salada. Fiz o jantar.

Ela bagunçou o cabelo dele e seguiu o cheiro delicioso vindo da cozinha, abriu a porta do forno e foi atingida pelo calor. Lá dentro havia um grande quiche de cogumelo.

— Você quem fez?

— Hmmm.

— Engraçadinho. Suspeito que seja do Vincent.

— Ok, me pegou. Mas sobreviveu bem ao voo, não?

Compararam os bronzeados e trocaram notícias sobre Izzy e Brigitte enquanto se sentavam na mesa e serviam o jantar.

— Então, como foi o restante da viagem? — Laura perguntou. — Conseguiu estudar bastante?

— Sim. Mais do que pensei, na verdade. Acho que peguei firme depois que Cherry partiu. Embora tenhamos passado um bom tempo conversando no Skype. — De repente, seu rosto se iluminou, como se tivesse acabado de perceber algo. — Parece que nunca ficamos sem assunto.

Ele estava completamente apaixonado por Cherry, Laura pensou, tentando manter o sorriso no lugar, enquanto seu coração afundava em desânimo.

— Isso é bom.

Ele a olhou intrigado, e ela soube que sua resposta fora inadequada.

— É uma ótima garota...

— Mas...? — ele perguntou, com o olhar penetrante.

— É só que... você acaba de conhecê-la.

— E...? — ele perguntou novamente, com um tom defensivo.

Era sua oportunidade. Devia dizer algo? Teria coragem? Como não fazê-lo?

— Eu percebi... ela é alguém que... você a tem ajudado muito desde que começaram a sair. — Ela sentiu que começava a corar. Deus, aquela era uma insinuação horrível.

— Ajudá-la?

— Financeiramente.

O rosto de Daniel pareceu congelar em uma expressão de incredulidade.

— Ei, ei, está tentando me dizer que acha que ela é algum tipo de... *aventureira*?

O rubor tomou conta do rosto dela.

— Sério?

— Só percebi uma ou duas coisas.

— Como o quê? Mãe, ela não me pediu *nada*. O que...? Eu paguei as passagens, sim, mas as roupas... O problema é esse? Foram um *presente de aniversário*. Além disso, ela gastou mais comigo... Comprando o quadro.

O constrangimento se intensificou com o espectro não resolvido e desagradável do quadro.

Laura ergueu as mãos.

— Sinto muito, mas há algo nela em que não confio.

— Por quê? Você nem a conhece. Não realmente.

O que ela podia dizer? Confessar ter xeretado no quarto deles, ou falar sobre o trabalho de detetive amador na imobiliária?

— Acho que a conheci muito bem... durante as férias — Laura respondeu, sem jeito.

Ele apenas a olhou, e ela tentou amenizar com um sorriso.

— Mãe, você gosta da Cherry?

Aquela franqueza a pegou. Ela se entregou pela hesitação, e ele soube.

— Fico grato com sua preocupação, mas não há necessidade disso. Mãe, estou namorando e espero que continuemos assim por muito tempo. Gostaria que ficasse feliz por mim.

— Ok. — Aquilo saiu quase como um gemido, uma palavra sem significado, na verdade.

— Agora, e quanto ao churrasco de amanhã? Não precisa fazer isso, você sabe, não?

Será que devia ter afirmado que gostava de Cherry? Tranquilizá-lo? Como poderia fazer isso se não se sentia assim? E agora o assunto era um tabu entre eles. E ela *tinha* querido gostar de Cherry, tinha querido conhecê-la, e até se aproximar dela.

— Posso fazer algo para ajudar?

— Não, obrigada. Está tudo pronto.

— Certo. — Ele apontou para o prato vazio dela. — Terminou? — Laura assentiu. — Vou colocar tudo na lava-louças, e depois sair.

Ela sabia onde ele ia, e ele sabia que ela sabia. Laura assentiu, escondendo a dor, a distância estranha que de repente havia entre eles por Daniel não dizer o nome de Cherry. Laura não podia suportar que seu filho se afastasse dela.

Ela observou enquanto ele tirou os pratos, o aperto em seu peito intolerável. Talvez *estivesse* errada sobre Cherry. Afinal, Daniel era uma pessoa inteligente; ele perceberia se algo não estivesse certo. Ela ficara remoendo sozinha seus pensamentos por duas semanas, e a paranoia tinha o péssimo hábito de aumentar as coisas. Talvez houvesse alguma outra explicação, e ela estivesse diante de um erro horrível e embaraçoso. A tensão de repente diminuiu. Talvez tudo isso pudesse ser facilmente resolvido. Cherry viria ao churrasco no dia seguinte; Laura tentaria conversar com ela. Com sorte, havia uma chance de esclarecer as coisas, e ela poderia ficar em paz.

CAPÍTULO 17

SÁBADO, 19 DE JULHO

Sábado foi um dia quente e abafado, e a poeira da obra do vizinho formava uma névoa no ar. Os empreiteiros deviam terminar lá pela hora do almoço, felizmente, mas, no momento, minúsculas partículas conseguiam se alojar na pele e na boca, deixando um gosto desagradável e amargo. Laura não se deixou abater. Molhou o jardim todo com a mangueira e olhou satisfeita para as plantas e para o gramado, verdes e brilhantes como em um belo dia de primavera. Howard fora despachado para o açougue, para pegar as carnes; Daniel colocava garrafas de vinho na grande geladeira do porão. Ele estava um pouco frio com ela desde o dia anterior, mas Laura se obrigou a permanecer alegre e entusiasmada. Afinal, essa era a festa de despedida dele, e ela queria que ambos recordassem desse dia como um momento feliz.

As primeiras a chegarem foram Isabella e Brigitte, que tinham acabado de voltar da França.

— Como foi o resto da sua estadia? — Daniel perguntou.

— Maravilhosa — Isabella suspirou. — Só voltamos porque Richard já estava reclamando que nunca nos via.

— Encantador.

— E para vir ao seu churrasco, menino querido — ela falou, dando um tapinha em sua bochecha.

O jardim dos fundos começou a lotar: alguns dos colegas de escola de Daniel, agora adultos, e seus pais, amigos de Laura e Howard. Não era um grupo muito grande, talvez vinte e poucas pessoas, e todos se conheciam bem. Howard acendeu a churrasqueira, e assim que a fumaça chegou aos olhos de todos, o fogo por fim diminuiu o suficiente para começar a cozinhar os hambúrgueres caseiros e o frango marinado que buscara no açougueiro.

Logo depois das seis, Laura percebeu que Daniel olhou seu celular e desapareceu. Dez minutos depois, reapareceu com Cherry. As apresentações foram feitas, e Cherry percorreu timidamente o jardim. Laura observava com o canto dos olhos enquanto ela conhecia cada um dos amigos deles. Eles foram educados e sorridentes, e estavam encantados em ver que Daniel estava claramente apaixonado. Laura se perguntou quando encontraria um bom momento para falar com Cherry. Estava ansiosa para acabar com aquela história; com sorte, haveria alguma explicação razoável.

Cherry ficou feliz com o jeito como Daniel à apresentou. Ele dizia seu nome com orgulho, com os dedos entrelaçados aos dela. Estava ciente de que ainda não tinha falado com Laura, e

percebeu que Daniel e a mãe não pareciam tão próximos como sempre.

— Está tudo bem entre você e sua mãe? — ela perguntou.

— Claro.

Mas Cherry podia ver que isso não era exatamente verdade, e ficou intrigada — e satisfeita. Perguntava-se qual seria o problema.

Laura encheu a taça de Izzy.

— Obrigada, querida. A propósito, tenho uma surpresa para você. Seu aniversário. Adivinhe? Consegui uma reserva no Bazaar. No próprio dia vinte e três!

— Como conseguiu isso?

— Eu disse a eles que você era diretora de uma série na ITV.

— Você não fez isso!

— Era o único jeito de conseguir uma mesa.

— Vai conseguir me deixar desempregada. — Laura abraçou a amiga. — Obrigada.

O Bazaar era um restaurante persa, muito bem avaliado pelo guia *Michelin*, que Laura estava morrendo de vontade de conhecer — mas, quando telefonara, disseram que estava lotado pelos próximos seis meses. Isabella era amiga de uns amigos dos donos, e dissera que tentaria conseguir uma reserva. Tinha que ser naquele dia, já que era seu aniversário, e ela tinha a tradição de celebrar com um jantar em família desde que Daniel nasceria. Quando bebê, ele se sentava em um cadeirão e ficava brincando com espaguete, feliz, tentando colocar a massa na boca com as mãos. De vez em quando, eram só Daniel e Laura, se Howard estivesse trabalhando. Além disso, ela sempre encomendava um bolo, sabendo que isso agradaria a Daniel, e os dois revezavam para apagar as velas. Aniversários eram os únicos dias do ano nos quais Laura, com determinação, deixava de lado todos os problemas de sua vida (seu casamento, em especial) e mantinha-os à margem, em um lugar de onde não podiam escapar durante todo o dia, e sempre fazia questão de sair para jantar.

— Como se sente por Daniel deixar o ninho?

— Não é a primeira vez.

— Ah, eu sei que você está sendo corajosa. Dessa vez é de verdade, não é?

Laura sorriu.

— Tenho sorte. Ele estará logo depois da esquina.

— Verdade. O primeiro apartamento dele. Para fazer o que quiser. Bom trabalho, você o criou muito bem.

Izzy estava brincando, Laura sabia, mas de repente lhe ocorreu que Cherry poderia passar bastante tempo no novo apartamento de Daniel, e os pensamentos que a perturbavam voltaram à tona.

— Iz... uma coisa estranha aconteceu nas férias.

— Sério?

— Eu, ah... eu estava arrumando o quarto de Daniel e Cherry...

— Falando nisso, aqui está ele. — Izzy agarrou o braço de Daniel quando ele e Cherry passaram. — Ei, adivinha o que sua tia Izzy esperta conseguiu? Você e sua mãe vão comemorar o aniversário dela este ano não menos do que no Bazaar.

— O que é isso?

— Ah, seu pobre garotinho sem futuro.

— Oi, Laura — Cherry cumprimentou. — É bom vê-la.

— Digo o mesmo — Laura respondeu, educada.

— É um restaurante persa — Izzy contou. — Reserva para sábado, vinte e três de agosto. Tive que me ajoelhar para conseguir.

— Ainda temos um encontro marcado? — Laura perguntou para Daniel, e ficou aliviada e feliz quando ele assentiu.

— Não vejo a hora.

— Ah... — Cherry começou a dizer baixinho, antes de se calar.

Daniel viu a expressão de desapontamento no rosto dela.

— O que foi?

— Nada.

— Vamos, o que ia dizer?

— Eu... — Ela olhou para ele, relutante. — Eu... era para ser surpresa... mas eu posso cancelar.

Ele sorriu.

— Cancelar o quê?

Cherry parecia incomodada.

— Eu agendei uma viagem para nós, para você, para fazer *rafting*. Queria levá-lo para passear.

Laura ficou boquiaberta.

— Você fez isso? — Ele a beijou. — Mas... — Daniel olhou para sua mãe. — É aniversário da minha mãe.

— Sério? — Laura perguntou. Não conseguiu disfarçar a incredulidade em sua voz. — No mesmo final de semana?

Daniel deu uma risadinha.

— Não acho que Cherry tenha feito de propósito, mãe.

— Não, tenho certeza... — Ela lutou para conter a irritação. Seria infantilidade insistir. — Está tudo bem. Podemos remarcar.

— Mas a reserva... — Daniel lembrou.

Laura deu de ombros.

— Podemos ir a qualquer lugar.

— Tem certeza?

— É claro. Vocês dois vão viajar.

Daniel sorriu, e Laura soube que fizera algo para compensar o dia anterior.

— Ei, quer outra taça? — Daniel perguntou, vendo que o copo de Cherry estava vazio. Assim como a garrafa que Laura estava carregando.

— Vou pegar uma garrafa do balde de gelo — Daniel falou, e seguiu na direção da churrasqueira.

— Querida, preciso fofocar com Diana. Ela estava me contando sobre uma professora de ioga maravilhosa — Isabella comentou antes de se afastar, e então ficaram apenas Laura e Cherry.

Elas olharam uma para a outra por um momento, sorrindo, sem nada para dizer. É agora ou nunca, Laura pensou.

— Você poderia me ajudar a pegar mais vinho na adega?

Ela viu Cherry olhar ao redor, em busca de Daniel e de sua bebida, mas ele estava conversando com seu amigo Will e, pelo jeito que gargalhavam, não iria resgatá-la tão cedo.

— Claro — ela respondeu, e Laura a levou de volta para casa.

Elas não falaram no trajeto até o elevador, e a descida também foi silenciosa, exceto pelo ruído dos motores. Quando a porta se abriu, Cherry foi convidada a sair primeiro. Parecia estranho entrar em um ambiente escuro depois da claridade lá fora, e ela saiu do elevador com cuidado. Havia apenas um vislumbre de luz vindo da janela do teto, e embora houvesse muita luz lá fora, a opacidade da janela e a distância não faziam nada além de garantir uma sensação de fluidez à água.

Os azulejos da piscina tinham um tom azul tão escuro que a água parecia profunda, como o mar quando não se pode ver o fundo. Então Laura acendeu as luzes, e o som ecoou no espaço vazio. Cherry ficou sem ar; era lindo. A água agora era iluminada pelo fundo, e o azul irradiava das luzes como safiras cintilantes ao sol. Ela viu que estava em pé sobre mármore branco, que subia pelas paredes, esculpido para parecer jali. Ela seguiu os ornamentos com o olhar até os reflexos bruxuleantes no teto.

Laura a levou pela piscina, e Cherry viu a janela de vidro opaco no teto, que diminuía o brilho do sol. Embora pudesse ver sombras das pessoas se movendo ao redor da janela, ninguém chegava a pisar nela.

— É sempre assim — Laura comentou sorrindo. — É como se tivessem medo de cair.

Dirigiram-se para a adega, e Laura pegou algumas garrafas da geladeira.

— Só algumas garrafas de branco e de rosê — falou, entregando algumas para Cherry.

Enquanto voltavam para a sala da piscina, mais uma vez Cherry olhou para o teto, mas não conseguia ouvir nada. Ali no porão, Laura e ela permaneciam em um silêncio quase sobrenatural, quebrado apenas pelo som de seus passos.

— Como foi a volta ao trabalho? — Laura perguntou.

— Tudo bem.

— Férias sempre passam tão rápido, não é?

Cherry não respondeu, apenas sorriu.

— Olhe... provavelmente isso vai parecer um pouco estranho, mas... há duas coisas que quero perguntar para você. — Laura olhou para Cherry, mas sua expressão era inescrutável. — Esses dias que você pegou para viajar... Você realmente tinha férias acumuladas? — Ela assumiu um ar amigável de propósito, querendo que Cherry confiasse nela.

— Foi o que eu disse.

— Só que... eu... você disse para seu chefe que sua avó faleceu? E que precisava ir no funeral dela, na França?

Cherry parou de andar.

— Quem lhe disse isso?

Laura deu um sorriso evasivo e pensava em uma forma de desviar da pergunta quando se

distraiu com uma rachadura no mármore da parede, para a qual olhou, desanimada. Devia ter sido causada pela escavação no vizinho, e ela fez uma anotação mental de que devia falar com os empreiteiros para que olhassem aquilo.

— O que mais?

— Perdão?

— Você disse duas coisas. Qual é a outra?

Laura afastou os olhos do mármore.

— Ah, sim. Bem, é mais um pedido de desculpas, na verdade. Eu realmente não pensei... quando convidei você. Eu sabia que as companhias aéreas aumentavam os preços para viagens de última hora. — Ela aguardou um momento, mas Cherry não falou nada. — Foi desatencioso da minha parte. Não ter pensado nisso. Só queria dizer que da próxima vez, vou verificar... — Ela riu. — Os preços podem ser extorsivos, não é? Seiscentas libras, algumas vezes. Só para ir e voltar da França! — Ela parecia preocupada, como se tivesse colocado Cherry sob pressão. — Ah, Deus, não saiu tão caro assim, não é?

Cherry a observava. Era patético o jeito como Laura tentava obter informação. Percebeu que a mulher estava parada sob uma luminária, e a luz refletia em sua cabeça como um halo. Também iluminava sua testa e lançava sombras sobre suas bochechas. Cherry estava intrigada por ver que quase enxergava o formato de seu crânio.

— Foi exatamente isso que custou.

— Ah, certo.

— Daniel não lhe contou? Ele pagou.

— Ah. Que bom.

— Por que está tão interessada?

Laura deu uma risada desconcertada.

— Não estou!

— Você parece me perguntar muito sobre isso. Como se achasse que há algo que não estou lhe dizendo.

— Não! Não...

Elas mergulharam na escuridão; então houve um grito e o som de vidro se quebrando, seguido por um barulho de algo caindo na água. O cheiro forte do vinho permeou o ar, e o barulho da água foi seguido por ruídos de alguém engasgando. Então as luzes de emergência se acenderam.

— Não sei muito bem o que aconteceu — Cherry falou com cautela, em pé, pingando no jardim, com uma toalha ao redor do corpo. — A luz foi cortada e nenhuma de nós conseguia ver muita coisa... — Ela olhou para Laura com uma expressão estranha. — Acho que Laura tropeçou... talvez por causa da escuridão... e trombou em mim.

Laura servia uma taça de vinho para Cherry e parou no meio do caminho. Ergueu os olhos, confusa.

— Como? Não acho que eu tenha feito isso.

Cherry estremeceu, aconchegando-se em Daniel.

— Não sei o que dizer... — Ela ergueu os olhos para Daniel, como que se desculpando, dando de ombros desajeitada. — Você fez — disse baixinho.

— Cherry, eu nem estava perto de você.

— Ah, Deus, isso é um pouco embaraçoso. Eu não caí sozinha na piscina, você sabe — ela murmurou.

— Não está sugerindo que... — Laura deu uma risadinha incrédula, balançando a cabeça. — Não acho que esteja.

— Sinto ter estragado seu jantar de aniversário.

— Ah, pelo amor de Deus, isso não tem nada a ver — Laura falou, irritada.

— Eu não sabia, ok? Eu não sabia que era seu aniversário. Se eu soubesse, teria escolhido outro final de semana.

— Tudo isso parece um acidente ou coisa assim — Daniel falou rapidamente.

Laura estava ciente de parecer uma vilã em sua própria festa. O que *aconteceria* lá embaixo? A única explicação que encontrava era que Cherry tinha se jogado na piscina de propósito, mas isso era tão manipulador, tão *extremo*... e então de repente ela se lembrou do quadro, e ficou estática. Será que Cherry o tinha estragado? Só para jogar a culpa nela?

Laura olhou ao redor e viu que as pessoas observavam, fingindo tomar seu vinho. Ela viu expressões desconcertadas e olhares constrangidos, pessoas que não tinham certeza no que acreditar. Quando ela se virou para Isabella, em busca de apoio, encontrou um sorriso intrigado.

— Daniel, alguma chance de falarmos um instante? Em casa?

— Acho que ela pensa que sou uma *aventureira*! — Cherry exclamou, com voz entrecortada.

— Não! — Laura tentou manter o humor, dando um sorrisinho de descrença.

Cherry ergueu os grandes olhos castanhos para Daniel, lágrimas brotando.

— Ela acha que estou atrás do seu dinheiro.

— Daniel, por favor, podemos ir lá para dentro? — Laura insistiu.

— Vê? Você nem nega — Cherry falou, abatida.

Todos olhavam para Laura. Daniel parecia irado, e Laura sentiu que suas bochechas esquentavam.

— Acho que já chega — ela falou baixinho. — É hora de você ir para dentro e se recompor.

— Vou levar Cherry para casa, mãe — Daniel falou e, ao ver a expressão desapontada de Laura, acrescentou: — Ela não tem outra roupa. Tenho que levá-la.

Quando entraram em casa, Laura soube que partiriam no carro dele e que ele a levaria até seu apartamento, e ela provavelmente não veria o filho em um ou dois dias, talvez até segunda-feira, quando ele voltaria para pegar suas coisas e se mudar para a casa nova.

— Alguém quer linguiça? — Howard perguntou.

Isabella se aproximou.

— Querida, o que foi aquilo? Achei que você gostasse dela.

Laura não respondeu. Apenas observou-os partir, profundamente inquieta.

CAPÍTULO 18

QUARTA-FEIRA, 23 DE JULHO

Cherry olhou pela janela do escritório. Chovia sem parar há três dias. Quando chovia, ficava silencioso, e quando ficava silencioso, ela se entediava. Sentia-se como um animal de zoológico, só que não podia gastar a inquietude em sua mente andando de um lado para o outro. Seu iPad sob a escrivaninha significava que ao menos podia navegar na internet para passar o tempo, algo que tinha certeza que Abigail e Emily faziam nesse exato momento, já que ninguém podia se interessar por tanto tempo por uma casa. A julgar pela concentração intensa em seus rostos, Cherry suspeitava que estavam comprando sapatos ou roupas. Ela já tinha lido o *Guardian*, assinalado algumas palestras do *TED Talks* para ouvir e depois se pegou procurando o nome de Nicolas no Google, algo que sabia ser um erro. Havia um artigo em uma revista da área de telecomunicações anunciando sua recente promoção a vice-diretor administrativo — aos vinte e quatro anos! —, uma conquista memorável, elogiava o jornal. *O pai dele é dono da empresa*, Cherry queria gritar para a tela. A reportagem prosseguia com a relação de suas conquistas — o emprego, o casamento recente —, e havia uma foto de Nicolas com a esposa em algum tipo de evento de caridade, Cherry observou amarga. Então o artigo questionava, brincalhão, quando ele providenciaria o próximo herdeiro ao trono da companhia. Aquilo a cortou fundo.

Com a garganta embargada de dor, ela fechou o site, e, desafiadora, começou a procurar casas à venda no sul da França. Desde que voltara da viagem, tinha que se esforçar para retornar ao trabalho, reassumir o personagem que criara para si, e o emprego que tinha para garantir os meios para um fim. Era uma sensação perigosa, essa impaciência, e ela tinha que se disciplinar. Não podia se dar ao luxo de cometer um erro agora, não quando parecia ter encontrado alguém com o potencial para arrancá-la definitivamente de uma vida de trabalho duro e enfadonho.

Sentindo-se fisicamente mal por ficar sentada olhando aquela tela para tentar encontrar algo para distrair seu cérebro, Cherry desligou o iPad, contendo-se para não quebrar o aparelho. Queria destruí-lo, de tão entediada que estava, queria arrebentá-lo contra a mesa. Essa ideia a divertiu por um nanossegundo, e ela sorriu. A mente de Cherry trabalhava bem e rápido. Seu cérebro era insaciável por informações, planos e projetos, e rebelava-se contra a inatividade forçada: era como se começasse a girar em volta de si mesmo, explodindo internamente se não tivesse algo para ocupá-lo. Tinha ciência de sua energia mental inesgotável desde a época da escola, quando era a primeira da turma em todas as matérias. De vez em quando ela se perguntava o que teria se tornado se a opção da universidade tivesse sido viável — talvez uma

advogada, já que odiava injustiça, particularmente contra os oprimidos, os mais pobres. Achava que teria sido boa em virar um argumento a seu favor, revelando a verdade como algo totalmente diferente. De toda forma, isso não importava, e ali estava agora, em uma imobiliária em Kensington, um degrau para conquistas muito maiores.

Ela olhou a chuva mais uma vez, ouvindo o bater constante na janela e esperando que aquele som anestesiasse seu estado de inquietação. As pessoas por ali não falavam tanto sobre o clima como as de Croydon ou Tooting. Os moradores podiam se dar ao luxo de fugir do tempo ruim, e com frequência faziam isso durante semanas.

Cherry olhou para o relógio. Pelo menos Daniel chegaria em alguns minutos, para marcar a metade do dia. Recém-instalado em seu apartamento, ele iria levá-la para almoçar e depois sairiam para comprar roupa de cama. Apesar de ter mudado na segunda, ele estava ficando na casa dela desde o dia da festa. Estava chateado com a mãe, algo que ela nunca vira antes.

Ela o animara com detalhes da viagem de *rafting* que agendara (rapidamente, no dia seguinte à festa, enquanto ele ia para casa pegar suas coisas). Ele deliberadamente marcara seu retorno à casa da família, seu último dia como morador, para quando o pai estivesse no golfe (Cherry começava a desconfiar do número de vezes que o pai dele jogava golfe, e fez uma anotação mental para ir atrás daquela história) e a mãe tivesse saído para visitar uma amiga. Então, ele efetivamente se mudou, deixando um bilhete para a mãe, com a promessa de telefonar em breve. Cherry tinha quase certeza de que ele ainda não ligara. Atualmente, tentava decidir se o encorajava a telefonar — um comportamento tão maduro e magnânimo que só o atrairia para mais perto dela — ou se deixava a raiva dele em relação à mãe infeccionar um pouco mais. Era uma decisão complicada.

Daniel puxou o capuz sobre a cabeça para se proteger da chuva e, com os ombros curvados, abriu caminho pelas poucas ruas até o escritório de Cherry. Esperava tirar as compras do caminho o mais rápido possível e, de repente, se perguntou por que simplesmente não deixava que ela escolhesse alguma coisa sozinha. Ele não se importava muito com o tipo de roupa de cama, mas reconhecia que precisava ter algumas, e estava grato por ela tirar esse fardo dele. Era divertido ver como ela parecera ficar feliz com a perspectiva de fazer as compras.

Ele sabia que estava se apaixonando profundamente por Cherry, e isso o deixava feliz. Tudo nela, tudo *neles*, parecia tão compatível, tão divertido, tão fácil... exceto o conflito crescente com sua mãe, é claro. Ele estava zangado que as indiretas dela sobre Cherry ser uma aventureira tivessem se tornado públicas e causado um transtorno real. Não entendia por que a mãe estava tão convencida — tudo apontava para o oposto. Cherry lhe comprara um quadro ridiculamente caro, pelo amor de Deus! Na verdade, Cherry era a mais generosa dos dois. Mesmo quando ele a ajudara, comprando as passagens aéreas, praticamente teve que obrigá-la a aceitar o dinheiro. Só de pensar naquilo ficava zangado de novo, e ele suspirou; odiava confrontos. Queria que sua mãe visse Cherry como ela realmente era e ficasse feliz por ele.

Não deixava de ser um alívio se mudar. Já tinha sido ruim o suficiente nas férias, sem querer romper com a mãe, mas, ao mesmo tempo, sentindo-se desconfortável com seu desencanto

crescente com Cherry. As perguntas principais, os pequenos comentários, a falta de ânimo geral que parecia aumentar com o passar dos dias o deixavam irritado, e ele achava cansativo mantê-las separadas como um pacificador da ONU. Tampouco gostava que sua vida parecesse uma novela — aquilo o envergonhava, como o pequeno espetáculo no churrasco no sábado.

No dia seguinte a isso, recebera uma mensagem de texto que dizia: “Espero que saiba, mas, só para ter certeza, prometo que não a empurrei. Amor, mãe”. Ele não queria mais falar do assunto, e ficou aborrecido por ela continuar insistindo; por isso, não respondeu, embora soubesse que logo teria que ligar para ela, nem que fosse para impedir que as coisas piorassem. Talvez, depois de almoçar com Cherry, pudesse ligar para a mãe e dizer que, se ela queria que todos se dessem bem no futuro, teria que recuar um pouco e parar de pensar que Cherry estava com ele só pelo dinheiro. Seus amigos também tinham mandado mensagens, zombando como os rapazes fazem, e Will tinha escrito “Escola de natação da Laura” sobre a foto de um mergulhador desajeitado caindo em uma piscina, acrescentando: “Sua mãe continua dando aulas ultimamente?”.

De certo modo, a reticência recente da mãe só aumentara seu afeto por Cherry. Ele gostava de mulheres descomplicadas, e ela era exatamente assim. E, apesar do jeito como fora tratada, nenhuma vez reclamara de sua mãe, e ele a admirava por isso. Aparentemente, deixara aquilo de lado e continuara com a vida. Pensar nela o animava, e ele acelerou o passo. Era hora de tirar o horror das compras do caminho; então talvez ela resolvesse passar a noite com ele, para ajudá-lo a estrear os lençóis novos.

O ponteiro do relógio alcançou uma hora e, por fim, passou, como uma bandeira colocada no alto de uma montanha depois de uma extenuante subida.

Cherry estava com a folga da uma da tarde essa semana. Abigail e Emily tinham que esperar até às duas, e Neil acabara de voltar. Era um sistema para cobrir o “rush” do almoço, embora fosse duvidoso que grupos de pessoas aparecessem para alugar ou comprar casas em um dia como aquele.

A porta se abriu novamente, e estava tudo tão silencioso que todos ergueram a cabeça — Cherry gostou de perceber que Daniel tinha tanta audiência. Ela levantou os olhos para cumprimentá-lo, mas o sorriso morreu em seus lábios.

— Oi, querida! — Wendy exclamou constrangida do outro lado do escritório, com um pequeno aceno bobo enquanto fechava o guarda-chuva e a água escorria no chão.

Cherry ficou sentada, imóvel, o horror e o pânico crescente prendendo-a na cadeira, enquanto ela tentava descobrir *que diabos sua mãe fazia ali*.

Wendy ainda esperava alguma forma de cumprimento e começou a entrar no escritório, aproximando-se da mesa de Cherry, ciente de que todos a olhavam.

— Desculpe, querida. Não quis assustá-la nem nada, mas não tenho notícias suas desde que viajou e, como tive folga do trabalho e não tinha planos... meu chefe se foi e mudou os turnos... pensei que, bem, tínhamos falado de eu passar aqui para vê-la e...

Cherry se levantou abruptamente, uma ação defensiva contra o falatório, um jorro de palavras que poderia revelar *qualquer coisa*. Felizmente Wendy parou de falar.

Cherry podia sentir que todos no escritório a olhavam e podia imaginar os sorrisos, os olhares de pena. Sua mãe usava jeans branco capri, sem dúvida comprado na seção de roupas do supermercado em que trabalhava, e a calça estava suja de lama, das ruas molhadas. Assim como suas panturrilhas. O olhar de Cherry desceu mais, e ela viu que sua mãe usava sandálias — *sandálias* em um dia como hoje —, e que seus dedos dos pés também estavam enlameados. De todas as vezes em que sentira vergonha da mãe, aquele era um novo recorde.

— Estou encharcada... está caindo o mundo lá fora — Wendy explicou. E então Cherry sentiu uma pontada de culpa, sabendo que sua mãe percebera seu olhar de repulsa. — Acha que podemos almoçar juntas, querida?

Uma nova onda de horror envolveu Cherry. Daniel estaria ali a qualquer momento. Olhou arrasada para a porta. Talvez conseguisse tirar a mãe dali de algum jeito, inventar algo sobre estar ocupada demais para almoçar, acalmá-la com a promessa de fazerem algo juntas outro dia. Mas era tarde demais. Cherry viu Daniel atravessar a rua e entrar na imobiliária. A porta se abriu e todas as cabeças se viraram novamente.

— Oi! — Daniel disse a todos.

Wendy se virou também, e Cherry congelou. Era o encontro que ela nunca quis. Então, de repente, uma fúria cega a tomou: como sua mãe ousava fazê-la se sentir daquele jeito, em pânico e estressada, colocando todo o futuro dela em risco? Por que simplesmente não a deixava em paz? Ela lutou para não explodir, e imaginou-se empurrando a mãe porta afora, chutando-a para longe e jogando-a no meio da rua, mas se conteve. A imagem a sacudiu bruscamente, e, horrorizada, bloqueou-a da mente. Não podia pôr tudo a perder, *não agora*. Gesticulou nervosa na direção da mãe, um leve agito dos dedos, sem olhar para ela.

— Essa é minha mãe — falou, tensa.

Daniel se aproximou e apertou a mão de Wendy, enquanto Cherry observava cuidadosamente alguma reação, mas não viu nada além de seu charme amistoso de sempre, ainda que com uma nota de confusão.

— Prazer em conhecê-la. Desculpe, confundi os dias?

Wendy se voltou para Cherry, aguardando uma explicação, com um sorriso atrevido no rosto. Cherry sabia que a mãe adivinhara que Daniel era mais do que um amigo.

— Mãe — ela disse com uma voz baixa de advertência, uma voz que dizia *Não diga nada para me envergonhar* —, esse é Daniel.

— Daniel. Que bom conhecê-lo, finalmente. Cherry já me falou muito de você.

O que era uma grande mentira, já que Cherry jamais mencionara Daniel para a mãe. Ela ficou grata por aquela pequena trégua, embora seus sentimentos em relação a ela não suavizassem.

— Você veio almoçar com Cherry? — ele perguntou.

Ela estava prestes a se intrometer, minimizar a situação, sugerir que se encontraria outro dia com a mãe, mas Wendy foi mais rápida.

— Um almoço surpresa — respondeu. — Embora eu ache que foi uma surpresa maior do que eu pretendia.

— Bem, vou levar vocês duas...

— Não, não — Cherry interrompeu rapidamente. — Mãe, Daniel e eu já temos planos.

— Podemos almoçar outro dia — ele respondeu. E acrescentou ao silêncio que se seguiu: — Ou, se estiver ok para vocês duas, por que não almoçamos todos juntos? Seria ótimo conhecer a mãe da minha namorada.

Foi o pior almoço que Cherry teve na vida. Tudo o que mantivera escondido cuidadosamente foi exposto — o apartamento em Croydon, o emprego no supermercado, os detalhes “adoráveis” de sua infância —, e Cherry observou sua mãe florescer de uma maneira que nunca vira antes. Ela estava corada de alegria, uma felicidade que Cherry teria percebido ter vindo do orgulho da filha, se tivesse parado para pensar nisso. Cherry não conseguia ver além do ressentimento mudo, fervilhando, que sentia pela mãe se divertir tanto às suas custas. Depois da história de como costumava se sentar na caixa registradora no fim do turno da mãe, encantando os compradores e insistindo que trabalharia ali quando crescesse, Cherry interrompeu-a com um olhar tão furioso que Wendy hesitou e mudou de assunto.

Naquele momento, Cherry odiou sua mãe com todas as forças do coração. Seu prato ficou miseravelmente intocado diante dela, e a comida presa na garganta. Daniel foi educado, claro, e até riu algumas vezes, mas Cherry sentiu que ele estava perplexo com algumas coisas que a mãe contava, e queria distanciar-se da conversa o mais rápido possível.

Quando ficou insuportável ficar ali, ela fugiu para o banheiro e ficou parada, com as mãos sob a água da pia, encarando-se no espelho. Queria chorar, lágrimas amargas e zangadas de desespero, mas não tinha outra escolha além de voltar e ver aquele ser humano desprezível reduzir tudo o que construíra a uma pilha de entulho irreconhecível. Aquela era sua vida, *sua* vida que estava sendo invadida. Ela apertou os punhos e deixou escapar um gemido baixo de raiva pela incapacidade de sua mãe perceber quando não era bem-vinda, sua incapacidade em ver como estava destruindo com um único golpe a única coisa com a qual Cherry realmente se importava. Por um instante, permitiu-se um pensamento sombrio. Imaginou como sua vida teria sido sem sua mãe nos últimos dezesseis anos, se ela tivesse estado no acidente de carro que matou seu pai. Talvez houvesse o inconveniente dos pais adotivos por um tempo, mas logo isso acabaria, e então ela poderia ter reconstruído sua vida sem nada da bagagem que atualmente tinha que carregar. Ela se perguntou se a mãe tinha algum seguro de vida, ou se o supermercado pagaria prêmios desse tipo. Talvez pudesse viver em um lugar melhor do que Tooting. A fantasia se desfez e, devagar, Cherry percebeu que estava no banheiro há tempo demais. Então secou as mãos metodicamente e voltou ao salão. Sua mãe ergueu os olhos quando ela voltou à mesa, mas Cherry não a encarou.

— Tudo bem, querida?

— Tudo.

Os pratos tinham sido retirados enquanto ela estava no banheiro, e Daniel pegou o cardápio.

— Sobremesa?

Cherry percebeu que Wendy estava prestes a aceitar, então replicou:

— Tenho que voltar ao trabalho.

Daniel pagou, apesar dos protestos de Wendy, e então foram embora. Os três caminharam até

o escritório na chuva, e Cherry parou um pouco antes da porta.

— Você não precisa me levar até a porta — ela disse secamente, e sua mãe a olhou magoada. Então passou um braço por seu pescoço, em um abraço apertado, o outro segurando o guarda-chuva, que bateu no de Cherry.

Cherry sentiu uma marca de batom no rosto e resistiu à vontade de limpar, enojada. Não queria nenhum traço da mãe em si.

— Foi ótimo ver você — Wendy falou melancólica, e Cherry sorriu tensa.

— Também achei.

Então Wendy se virou para Daniel, e Cherry se encolheu quando a mãe deu um abraço afetuoso no rapaz; na verdade, ela parecia mais relaxada com ele do que com a própria filha, algo que a fez se sentir imediatamente culpada. Ela sabia que seu comportamento era abominável, mas não podia evitar.

— Obrigada pelo excelente almoço. Não posso acreditar que Cherry o manteve escondido todo esse tempo.

Ela se afastou, olhando uma última vez para a filha, e aproveitou a deixa para partir. Cherry a observou caminhar até o metrô, as sandálias espalhando mais água da chuva para suas pernas. Ela não queria olhar para Daniel, não queria enxergar a nova distância nos olhos dele, o desejo de fugir agora que sua personagem fora desfeita.

— No fim, não conseguimos comprar a roupa de cama — ele comentou.

— Não.

— Não importa. Vamos em algum outro momento.

Era a primeira rejeição. A referência vaga a um encontro futuro que jamais se materializaria. Cherry ficou parada na calçada, sentindo-se miserável, imobilizada e sem querer desempenhar seu papel naquela separação.

— Você não tem que voltar? Já são duas horas.

E agora ele queria se ver livre dela. Essa era a última vez que o veria. Ergueu os olhos.

— Ei, qual o problema?

— Nada.

— Vamos lá, não está chateada por causa dos lençóis, não é? Quero dizer, sei que você queria comprá-los, mas achei que era mais importante passar um tempo com sua mãe. Em especial porque ela veio de tão longe só para ver você.

Cherry o encarou, procurando sinais de que ele estava sendo genuíno.

— Fiz a coisa certa, não fiz? Só que tenho a impressão que você não tinha tanta certeza. Está tudo bem entre vocês duas?

— Tudo bem — ela falou lentamente.

— Ótimo. Porque ela realmente parece uma ótima pessoa. Engraçada. — Ele sorriu. — Eu só teria uma conversa com ela sobre todo aquele papo de infância, se fosse você.

Cherry não tinha certeza se descreveria sua mãe como engraçada. Inconveniente seria mais provável. Mas, indo ao ponto, ela não podia acreditar no que estava ouvindo. Daniel não se importava. Sua mãe morava em Croydon, fazia bronzeamento artificial e achava que galheteiro era um legume cru fatiado, e ele não se importava nem um pouco. Ela tinha se safado daquela, e

o imenso alívio que a inundou era inebriante. Mas eles não se veriam de novo, não nas próximas décadas, ela jurou rapidamente; tinha chegado perto demais para o gosto dela. Cherry sempre soubera, no fundo, que eles teriam que se conhecer em algum momento, se pretendia ficar noiva de Daniel, mas teria planejado cada instante. Duas ou três horas, no máximo, algum lugar público, de onde poderiam escapar com facilidade, talvez levar algo novo para a mãe vestir, como um presente, e adverti-la sobre o que não dizer. Pelo menos agora aquilo estava fora do caminho. Cherry nunca a perdoaria por aparecer assim, mas tinha dado tudo certo.

Ela pensou na última pergunta dele e lhe deu um beijo de comemoração.

— Sim, você fez a coisa certa. — Então ela o olhou, a felicidade inundando-a. Aquele homem era incrível. Ela tinha que mantê-lo.

CAPÍTULO 19

SEXTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO

Laura seguiu Daniel pelo apartamento, educada, admirando tudo. Ele apontava o óbvio (“Aqui é o banheiro.”) e Laura respondia com algo igualmente banal (“Belos azulejos.”). Toda a diversão de ver a primeira “casa de gente grande” do filho tinha desaparecido. Aquilo a entristecia, e ela podia ver que ele tampouco gostava do distanciamento entre eles. Daniel já estava na casa nova há um mês, mas era a primeira vez que Laura ia visitá-lo.

— Vai ser complicado nas próximas semanas, já que agora estou trabalhando no hospital — ele dissera.

Laura sabia que era verdade — o novo trabalho como médico residente tomava todo seu tempo —, mas isso apenas destacava outra coisa dele sobre a qual não sabia quase nada. Eles tinham conversado algumas vezes pelo telefone desde a fatídica noite do churrasco, conversas curtas que em geral tinham ficado nas amenidades, mas a festa ainda era um obstáculo para qualquer bate-papo mais profundo ou relaxado. Era impossível dizer o que ela tinha a dizer pelo telefone, então Laura esperara uma chance de encontrá-lo cara a cara, e ali estava. Ficava ainda mais nervosa pelo fato de sentir terrivelmente a falta dele. Tudo o que queria era jogar os braços ao seu redor e fazer as pazes, mas não podia.

Nem Izzy entendia bem o que estava acontecendo. As duas se encontraram para um café logo após o churrasco, e Laura tentara explicar o que tinha descoberto: a avó falecida aparentemente fictícia de Cherry e a disparidade nos custos da passagem aérea para a França. Desde o churrasco e as evasivas de Cherry, Laura estava mais uma vez convencida de que algo estava acontecendo.

Izzy fora compreensiva, mas destacou que poderia haver um grande número de explicações. Pior ainda, dissera para ela tomar cuidado e não interferir demais. A paranoia costumava afastar as pessoas.

Laura procurava por sinais de Cherry enquanto andava pelo apartamento: roupas, sapatos, produtos de beleza. Encontrou condicionador e uma escova de dentes — nada mais que pudesse ver — e, com algum alívio, supôs que aquilo significava que ela ficava com frequência, mas não ainda em um *status* semipermanente que precedesse sua mudança para lá. Também procurou por camisinhas ou pílulas anticoncepcionais, e não achou nada.

Daniel tinha preparado sanduíches de presunto na baguete para o almoço. Empurrou um prato em sua direção, enquanto Laura se sentava no balcão da cozinha.

— Tcha-nã!

Ela sorriu. Parecia imenso. Mas delicioso.

— Obrigada. É um apartamento adorável. — Ela o observou de perto; ele parecia cansado. Sem dúvida, todas aquelas horas como residente cobravam seu preço. Laura pegou algo dentro da bolsa. — Isso é para você. Eu não tinha certeza do que você precisava... — Ela se calou, sem querer destacar o fato de não ter visto o apartamento dele ainda, e pensou, não pela primeira vez, que alguns meses atrás ela provavelmente o teria ajudado a se mudar.

Ele abriu o pacote. Dentro do embrulho elegante havia um despertador de última geração, que despertava com um nascer do sol que ia clareando gradualmente, e que também podia ser acompanhado por um coro da madrugada, barulhos de ondas ou o cantar de um galo.

— Você pode escolher por quanto tempo quer que o nascer do sol dure — Laura comentou. — Achei que poderia ser útil, agora que você começou a residência... todos aqueles plantões e trabalho à noite. Isso é feito para regular seu ciclo de sono-vigília.

— Adorei! — Daniel falou. — Obrigado. Um nascer do sol todos os dias, nada de chuva. — Ele leu a lateral da caixa. — Parece que isso ajuda a aumentar os níveis de bom humor e produtividade. Não terei desculpas para não escrever bons relatórios agora.

— Está tudo bem? — Laura perguntou.

Ele se iluminou.

— É difícil, mas adoro. Até já estou um pouco mais tranquilo na hora de receitar. Você devia ter me visto no primeiro dia: conferi umas dez vezes o *British National Formulary* e reli todas as anotações sobre os pacientes umas três vezes. Levei vinte minutos para fazer uma tarefa que levaria cinco. E as rondas pelas alas! Meu orientador dispara todas as instruções como uma metralhadora. Aprendi a escrever bem rápido.

Ela o observava se iluminar enquanto falava, e via o garoto de cinco anos que embrulhava o boneco de ação com papel higiênico, e dizia que seria médico quando “fosse grande, aos dez anos”. E agora, olhe só aquilo.

Ela se sentia tão orgulhosa, mas algo a incomodava. Lembranças da infância a deixavam emotiva. Ela rapidamente afastou esses pensamentos.

— E quanto a você? Como o grande público britânico está recebendo *Guerra de Travesseiros*?

— Nada mal. Vamos ver esta noite, o segundo episódio. Se tivermos uma boa audiência, devemos ter sinal verde para uma segunda temporada.

O primeiro episódio estreara com uma boa audiência, que caíra um pouco no meio do caminho. Nada com que se preocupar, Alison lhe dissera. As críticas na imprensa tinham sido boas. A outra parte da notícia era que Alison também ligara para dizer o quanto ela e Sean tinham gostado do argumento para a série policial (“Reflete *soberbamente* o espírito da nossa época, e tem uma personagem *sensacional*”), e queriam encomendar um roteiro, para ser entregue o mais rápido possível. O boato era que uma das séries principais seria cancelada, e seria necessária uma substituta. Laura não hesitou em contratar uma roteirista e pedir que ela voltasse com sessenta páginas de brilhantismo. Com sorte, a Cavendish Pictures estaria bem ocupada nos próximos meses.

— Dedos cruzados, hein?

— Você assistiu?

— Cherry e eu vimos juntos. Achemos brilhante.

A menção a Cherry reacendeu os nervos de Laura. Ela remexeu em seu sanduíche, perguntando-se por onde começar.

Daniel parou de mastigar e engoliu.

— O que foi? — perguntou, desafiador. Ela tinha que lhe contar o que sabia. Os motivos pelos quais achava que Cherry não era tudo aquilo. Tinha que tentar fazer com que ele a ouvisse.

— Olhe, sei que não encontro Cherry cara a cara há algum tempo, e entendo sua frustração com certas coisas que eu disse, mas escondi deliberadamente algumas coisas. Coisas que fiz e das quais me arrependo.

— Prossiga.

— Fiquei muito envergonhada, e foi por isso que não contei a você. A princípio. — Isso atraiu sua atenção. Ela inspirou profundamente. — Sabe, quando estávamos todos na França, teve um dia que vocês dois estavam fora, e entrei no seu quarto.

Suas sobranças se ergueram de indignação.

— Não planejei fazer isso... Aconteceu de estar passando, a porta estava aberta e... bem, eu entrei. Achei a passagem aérea de Cherry e percebi duas coisas. Primeiro, ela não tinha marcado o voo de volta, o que achei estranho, já que tínhamos combinado quando ela voltaria para casa. Segundo, acontece que ela só pagou quinhentas libras. Você lhe deu seiscentas.

Ele não falou nada. Só olhou para ela, e Laura achou melhor seguir em frente.

— Não foi só isso. Quando voltei para Londres, fui à Highsmith & Brown. Alguém lá me disse que Cherry tinha ido para a França, para o funeral da avó.

— O quê?

— Tenho certeza de que ela disse isso para conseguir uns dias de folga. Acho que precisava de algo importante para ter permissão de sair em uma época em que estavam com pouca gente na equipe.

— Eles provavelmente a confundiram com outra pessoa. Mãe, não estou sendo estúpido, mas isso é tudo o que você tem? É por isso que acha que ela é algum tipo de aventureira? As duas coisas podem ter sido enganos. Talvez Cherry tenha se esquecido do quanto pagou, e essa pessoa com quem você falou na imobiliária... quem era? Seu chefe?

— Não.

— Quem, então?

— Uma temporária, acho.

— Aí está! — ele exclamou, triunfante. — Provavelmente ela nem estava falando da pessoa certa. E, se Cherry queria o meu dinheiro, acho que ela tentaria ganhar mais do que cem libras.

— Não, você não entende — Laura falou, desesperada.

— Por favor, mãe — ele replicou e inspirou profundamente. — Amanhã é seu aniversário... não vamos entrar nisso agora. Podemos deixar para depois que eu voltar do final de semana?

Laura mordeu o lábio inferior. Quanto mais ouvia falar sobre Cherry, mais convencida ficava de que ela não era coisa boa. Daniel lhe contara que Cherry tentara mudar a reserva que caía “bem” no jantar de aniversário dela, mas a empresa não tinha outra data disponível naquele verão que fosse compatível com os plantões dele no hospital. Laura não acreditava em uma palavra

daquilo. Na verdade, começava a pensar que não era só pelo dinheiro. Aquela viagem, Laura suspeitava, fora planejada para mostrar quem tinha o espaço maior na vida de Daniel. Cherry pretendia afastar seu filho dela. Laura teve um pensamento súbito. E se ela conseguisse, um dia, arrancar uma proposta de casamento? Uma avalanche de desespero a dominou. Cherry conseguia maquinar com muita antecedência. Todas as coisas pelas quais Laura tanto ansiava de repente estavam fora do alcance: ver a carreira do filho deslanchar, a miríade de eventos familiares — natais, aniversários, férias. Teria que esperar uma permissão ocasional para ver seus próprios netos.

— Olhe, enquanto estivermos fora, vou conversar com ela sobre isso, e você e eu falamos na semana que vem. Combinado?

Ela voltou ao foco. Olhou para ele e soube que, a menos que quisesse afastá-lo ainda mais, teria que aceitar. Laura assentiu.

— Gostaria de mais alguma coisa? — ele perguntou, olhando para a baguete quase intocada dela.

— Não, não, isso está ótimo. — O apetite dela sumira, mas ela deu uma mordida com vontade. — Está ansioso por amanhã? — Se nada mais restasse, ela faria com que ele contasse sobre o tempo que passava com Cherry, para ver se podia vislumbrar mais alguma coisa.

— Não vejo a hora. Choveu tanto que a água subiu para nível quatro. As emoções começam às oito da manhã.

Água fria e velocidade: parecia o inferno para Laura.

— Você está... tomando cuidado, não está? — ela perguntou.

Ele franziu o cenho, ser ter certeza do que ela queria dizer.

— É uma empresa de turismo séria...

— Não, não estou falando disso.

— Do que, então?

Ela ergueu as sobrancelhas, de um jeito que queria dizer, *não vou ter que soletrar, né?*

Ele ficou boquiaberto.

— Mãe! Sou médico. Não acho que precise de uma aula sobre contracepção.

Ele começou a gargalhar e não conseguiu parar, até que lágrimas começaram a rolar por seu rosto.

— Ah, mãe — ele conseguiu dizer, entre risos —, você é engraçada às vezes.

Ela sorriu sem graça, mas seu estômago ainda estava apertado. E sabia que permaneceria até que as perguntas sobre Cherry fossem respondidas.

CAPÍTULO 20

SEXTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO

— Tem certeza que não quer que eu dirija um pouco? — Cherry perguntou enquanto seguiam por uma rodovia em algum lugar perto de Birmingham.

Ela se oferecera, fizera charme, implorara para ele deixá-la dirigir o caminho todo, mas ele dissera não — ela tinha trabalhado o dia todo, e ele estava de folga. Então, teve que se contentar em programar o GPS e escolher a música, o que não era um lado desagradável na barganha. Ela não lhe dissera exatamente para onde iriam — era uma surpresa —, mas o percurso indicava as vilas galesas nas montanhas, com *pubs* aconchegantes. Era importante não contar; o elemento surpresa tornaria a viagem mais memorável. Tudo fora planejado com cuidado, não só para eclipsar o aniversário de Laura, mas também porque já estavam namorando havia quase três meses, e Cherry sabia que precisavam de uma marca. Algo para ser lembrado. Eles estavam indo bem, mas ela não queria deixar que as coisas continuassem prazerosamente à deriva. Tinha a firme crença de que os acontecimentos consolidavam os relacionamentos, levando-os a um novo nível. Quanto mais coisas o casal fizesse juntos, mais lembranças criavam, e parecia que estavam há mais tempo juntos, e, como consequência, o relacionamento subia um degrau. Não dava para ficar no nível um para sempre; era necessário progredir. Este final de semana seria um progresso.

Na noite anterior, tinham se sentado no chão da sala de estar para embrulhar o presente de Laura. Daniel estava trabalhando como louco, então Cherry se ofereceu para comprar alguma coisa, e ele aceitou com gratidão. Tinha concordado com uma blusa de seda, e ela foi deixada na *King's Road* com o cartão de crédito e a senha dele, uma sensação agradável e perigosa. Um gostinho do futuro. Aquilo lhe dera uma sensação de contentamento egoísta, de superioridade sobre as vendedoras. Não havia nada mais agradável do que gastar o dinheiro dos outros. Ele tinha gostado de sua escolha, e estava aliviado por ela também ter lembrado de comprar papel de presente e fita, além de um cartão. Ela embrulhou a blusa enquanto ele escrevia o cartão e, claro, com ambos sentados lado a lado e considerando o envolvimento dela naquilo tudo, Daniel perguntou se ela gostaria de assinar também. Ela hesitou, como se estivesse pensando na provável rejeição, e então decidiu ser generosa de coração e oferecer a bandeira branca da sua assinatura. Enquanto escrevia seu nome indelevelmente com um floreio, sabia que aquilo causaria uma ansiedade real. Era o primeiro cartão de Daniel e Cherry.

Começou a chover. Logo os limpadores de para-brisas estavam com força total contra o aguaceiro.

— Acha que está chovendo no País de Gales? — Daniel perguntou, com uma animação subjacente na voz.

Cherry conferiu seu celular.

— Está — disse com um sorriso. — Mas não queremos que chova demais, ou não nos deixarão descer o rio.

— Verdade. — Ele soltou um som de alegria. — Mal posso esperar. Sabe, nenhuma das minhas ex-namoradas jamais fez nada parecido para mim.

Cherry fingiu estar surpresa, como se fosse a coisa mais natural do mundo escolher de maneira abnegada um final de semana que fosse do agrado do namorado.

— Sério?

— Sério. Tudo sempre foi centrado nelas. Quero dizer, elas até podiam aceitar a ideia, mas sem chance de se sentarem no carro ao meu lado, prontas para ir. Sempre ficavam preocupadas demais com o cabelo, o frio ou algo assim. — Ele se inclinou e apertou o joelho dela. — Você é incrível.

— Eu só achei que seria um bom jeito de relaxar um pouco, depois de tanta pressão pelo início da sua residência no hospital. — Ela podia ver que sua atenção realmente o tocara.

— Obrigado.

— O prazer é meu, sr. Cavendish.

Ele sorriu, e ela sabia que conversas como essa ajudavam tornar a viagem ainda mais memorável, salientando sua abnegação e reafirmando os sentimentos dele. A chuva continuou durante todo o caminho até Snowdonia. Depois de um tempo, o GPS os guiou até um *pub* caiado, pequeno e pitoresco, por volta das nove e meia. Ambos espiaram através da água que caía nos vidros do carro enquanto estacionavam, incapazes de ver muito bem na escuridão e na chuva. Então Daniel desligou o motor.

— Vamos?

Ela assentiu.

— Vamos! — exclamou. Desceram do carro, ele pegou as bagagens e os dois saíram correndo, gargalhando, até o pub.

Estavam a menos de dez metros, mas chegaram completamente encharcados.

— Vocês devem ser os Laine — disse o rapaz baixo e atarracado atrás do bar, com um forte sotaque galês. — Sou Ted. Estava me perguntando quando conseguiriam chegar. Em especial com esse tempo.

Cherry pestanejou para ele, com os cílios molhados, e sorriu. Ela fizera a reserva em seu nome, e não se incomodou em corrigir a suposição de que eram casados. De fato, estava deliciada por ele ter dito aquilo, e algo no fato de a viagem ter começado de um jeito tão perfeito a fazia pensar que seria um final de semana muito bem-sucedido.

— Querem que eu mostre o quarto, e depois vocês descem para uma cerveja e algo para comer?

— Parece ótimo — Daniel falou, e Ted levantou o balcão do bar e levou-os pelo salão povoado com uma mistura de anciãos locais, a maioria homens com jaquetas acolchoadas verdes, e alguns jovens, pessoas que provavelmente tinham vindo experimentar as águas do rio

Tryweryn. No fundo do salão havia uma porta que levava a alguns degraus estreitos. Eles o seguiram até o andar de cima e chegaram em um corredor comprido, que levava aos quartos.

— Como foi a viagem? — Ted perguntou. — Vocês vieram de Londres, não é?

Ele disse “Londres” como se fosse um país estrangeiro.

— É isso mesmo — Daniel respondeu, enquanto Ted abria a porta do quarto 3.

— É aqui que vão passar a noite. Tudo é autoexplicativo, mas se precisarem de ajuda para abrir as torneiras, sabem onde me encontrar. — Ted fez um aceno de cabeça para eles e desapareceu pelo corredor, de volta ao bar.

Imediatamente, Cherry começou a olhar ao redor. Era um quarto pequeno, com uma cama de casal, um guarda-roupa antigo de madeira, uma mesa baixa com alguns folhetos e duas mesas de cabeceira. A cama parecia ridiculamente pequena, como as camas de casal parecem quando você está acostumado com uma *king*, ou, no caso de Daniel, uma *superking* em casa. Estava coberta com um edredom grosso e tinha uma manta verde dobrada nos pés. Outra porta levava ao banheiro, onde, para alívio dela, as toalhas pareciam limpas, assim como o chuveiro. E as peças, graças a Deus, eram brancas, não algum tom horrível de rosa ou verde abacate. Aquele tinha sido o único lugar disponível perto do rio e barato — algo que a deixara feliz, considerando que já estava bastante endividada.

Ela saiu do banheiro e encontrou Daniel balançando na cama como uma criança.

— Venha — ele disse, estendendo a mão.

Ela sorriu e se juntou a ele. Testaram as molas — definitivamente um pouco gastas, mas felizmente não barulhentas. Então deitaram-se lado a lado por um instante, e Cherry sentiu que rolava para o meio da cama, e levantou uma sobrancelha.

— Assim vai ser mais aconchegante — ele comentou.

Ela gargalhou e, levantando-se, foi espiar pela janela. Lá fora, só conseguia adivinhar o que parecia ser um estábulo e muito campo aberto.

— Está com fome? — Daniel perguntou da cama.

— Faminta.

No andar de baixo, Ted acendera a fogueira, de tão frio que estava. Cherry e Daniel encontraram uma mesa vazia com os talheres embrulhados em guardanapo de papel verde escuro e jogos americanos com os desenhos do *pub* em preto e branco.

— Essa noite só temos torta de cordeiro — Ted comentou, trazendo dois pratos fumegantes. — Minha esposa está meio gripada, então não conseguiu preparar a de frango.

— Cordeiro está ótimo — Daniel falou, e Cherry olhou para o cardápio no quadro-negro. Parecia que o *pub* só servia torta. Torta de cordeiro e, nos dias bons, torta de frango. O giz também declarava que havia torta de carne, e ela se perguntou o que acontecera com aquele prato.

— A carne acabou — Ted explicou, notando o olhar dela, e saiu para pegar bebidas.

Ela olhou para Daniel, mas ele parecia encantado pelo lugar e pela atitude disparatada de Ted. O sotaque de fundo galês dos habitantes locais somava-se ao ambiente, e a torta estava deliciosa e o *pub* aconchegante, com aquela adorável sensação de intimidade criada pelo calor do fogo de verdade e pela chuva batendo nas janelas. Fora de Londres, Cherry se sentia mais relaxada. Não

precisava se esforçar muito para ser mais sofisticada do que as pessoas que estavam ao seu redor, e não precisava estar atenta o tempo todo ou verificar se mantinha os padrões de Kensington. Daniel ergueu o copo e ela brindou.

— A um final de semana maravilhoso — ele disse, fez uma pausa e a olhou com algo mais profundo do que carinho, mais significativo do que afeto. — A nós. Fico muito feliz por tê-la conhecido, Cherry.

Ela o olhou nos olhos e sorriu. Aquilo era exatamente o tipo de olhar que esperava que aquela viagem causasse.

— Digo o mesmo — ela respondeu baixinho.

A chuva parou em algum momento durante a noite. Cherry percebera a mudança no tempo, já que despertara sentindo-se desconfortável e irritada com o colchão que afundava no meio. O quarto estava um breu, e tudo em completa quietude lá fora. O silêncio parecia infiltrar-se e ficar espesso no quarto, como se a observasse. De repente, ela sentiu saudade de casa, das luzes brilhantes nas ruas, e do som de sirenes. Sentia-se como se não pertencesse àquele lugar. Não tinha ideia de hora ou de quanto tempo levaria até que o alarme soasse às sete. Ficou deitada ali, pelo que pareciam décadas, encarando a escuridão, ouvindo a respiração suave de Daniel ao seu lado. Sentiu-se muito sozinha no quarto escuro por um momento, e quase o cutucou para que ele despertasse e a abraçasse, para que pudesse sentir os braços dele ao seu redor. Mas apenas pensar naquilo a fazia se sentir boba, infantil, e ela não sabia muito bem o que dizer se o acordasse. Cherry fechou os olhos e se obrigou a dormir novamente, e em algum ponto isso deve ter acontecido, já que a próxima coisa que percebeu foi um bipe cada vez mais alto vindo do celular de Daniel.

O café da manhã foi composto de ovos, torradas e geleia. Desta vez, o *pub* só estava povoado por meia dúzia da clientela mais jovem da noite anterior. Depois percorreram a curta distância até a sede da empresa de rafting, um edifício de pedra construído para guardar os equipamentos, com vestiários e um pequeno café. Enquanto atravessavam o estacionamento enlameado, inundado de poças da chuva, para se registrarem e encontrarem um guia, viram uma grande placa do lado de fora da sede: “Condições da água hoje: grau 4”.

— Está bem rápida — Daniel comentou, e Cherry sentiu uma pontada nos nervos. Ela, ao contrário de Daniel, que já percorrera as corredeiras no Colorado, nunca tinha feito *rafting*.

Um jovem com cabelo clareado pelo sol e uma prancheta estava parado do lado de fora do edifício, recebendo as pessoas. Estava vestido com roupa de neoprene, um traje que parecia caro e profissional e que, junto com seu cabelo típico de quem vivia ao ar livre, falava de meses no rio, enfatizando a inépcia de Cherry. Ela não gostava da sensação do desconhecido, de fazer algo sobre o que não tinha controle e que não pudera pesquisar ou testar antes. Receberam os bilhetes de entrada e foram encaminhados para vestiários diferentes, para vestirem seus trajes de mergulho, acessórios de flutuação e capacetes. Cherry não conversou com as garotas sorridentes que estavam ali, espremendo seus corpos no neoprene. Vestiu-se, trancou suas coisas no armário e saiu, carregando o capacete. Daniel já estava ali, com outro casal e o cara do cabelo clareado,

que já tinha abandonado a prancheta. Assim que ela chegou, o grupo ficou completo.

— Oi — disse o guia. — Agora que estamos todos juntos, faremos algumas apresentações, e então passaremos para as instruções de segurança. Sou Gareth... — Ele sorriu pela barba e indicou a Cherry que se apresentasse também.

— Cherry — ela disse com um aceno. Depois foi Daniel, e o casal eram Jane e Paul, de Bristol. Ela parecia uma balconista, Cherry pensou, segura de si e levemente desleixada, e ele parecia alguém que trabalhava na prefeitura.

— Certo — Gareth prosseguiu. — Eis o que precisam saber. Estarei no fundo do bote e vou controlá-lo, mas vocês precisam remar também ou vamos afundar. Em nenhum momento vocês podem ficar em pé no barco, ou vamos afundar. Quando remarem, sigam minhas instruções sobre qual lado do bote precisa ser trabalhado ou... — ele fez uma pausa para causar impacto — sim, vocês entenderam, vamos afundar.

Idiota, Cherry pensou. *Ele acha que é engraçado?* Ela captou o olhar de Daniel e mordeu o interior das bochechas para indicar que tinha visto que ele estava tentando não rir.

— Se vocês caírem, vocês *têm* os acessórios de flutuação e o capacete, que é do tipo com furos, então a água vai sair rapidamente. A melhor coisa a se fazer quando se cai na água e não dá para voltar para a canoa é nadar até a margem. Enviarei uma mensagem de rádio para alguém vir buscar vocês. Dependendo do quão distante estiverem rio abaixo, vocês voltarão ou de micro-ônibus ou caminhando até o início do percurso. Quando chegarmos ao fim do caminho, há um trecho tranquilo no qual teremos que remar bastante, para não sermos pegos pelas correntes rápidas mais abaixo no rio, já que elas levam a uma série de pequenas quedas-d'água que estão muito rápidas hoje. Assim que terminarmos, deixamos o bote e alguém nos pegará de micro-ônibus para nos levar de volta ao topo. Então fazemos o percurso de novo! Alguma dúvida?

Todos olharam uns para os outros, mas ninguém questionou.

— Ótimo. Todo mundo sabe nadar?

Risinhos tensos do grupo, e então todos seguiram Gareth até a margem do rio. Ele apontou onde cada um devia sentar: Jane e Paul na frente, Cherry e Daniel atrás. Cada um pegou uma alça do bote inflável e, após instruções de Gareth, a embarcação foi colocada na água. Eles entraram na sequência, e Cherry sentiu o gelo penetrar nas botas de neoprene. Subiram no bote, as garotas nervosas, os rapazes cheios de coragem e animação. Gareth sentou-se na parte de trás e instruiu todos a começarem a remar. No início foi tudo calmo, a água um tom de algas verdes, semiopaca, a margem serena e arborizada. Um agradável passeio pelo rio, e então a água começou a correr ao passar por uma série de rochas no leito do rio, criando uma enxurrada que inundou o bote, encharcando-os. Mas eles não tiveram tempo de reagir antes que o barco fosse levado por outra corredeira e batesse em algumas pedras como um carrinho de bate-bate. Cherry segurou o fôlego enquanto giravam 360 graus e eram arremessados ainda mais rápido rio abaixo, onde foram engolfados por mais ondas, que chegavam na altura dos ombros. Cherry exclamou com o frio que atingiu seu rosto, e gritou ao mesmo tempo que gargalhava.

— Remos à esquerda! — Gareth gritou.

Cherry percebeu, estando do lado esquerdo, que ele falava com ela e com Paul, e que supostamente eles deveriam ajudar a empurrar a canoa pelo próximo conjunto de corredeiras. Ela

mergulhou o remo na água de qualquer jeito, sentindo-se completamente ineficiente, em especial quando foi arremessada de lado depois que o barco acertou outra rocha. Então outra mudança de direção e mais água espumante entrou no bote. E então continuou assim por mais animados vinte minutos, todos os quatro ocupados em gargalhar, segurar os remos no ar, tentar ouvir as instruções e remar quando exigido. De repente, os comandos tornaram-se mais urgentes

— Remos na margem direita! Remos! — Gareth gritou.

Deve ser aqui, Cherry pensou, *onde temos que ir pelo lado para evitar as quedas-d'água*. Embora a água estivesse bem mais calma, era mais difícil remar do que ela pensara, e ela lutou para ir contra a correnteza enquanto todos remavam aos gritos cada vez mais insistentes de Gareth. Depois de um tempo, o bote chegou tão perto da margem que não estava sendo mais arrastada rio abaixo.

— Todo mundo para fora — Gareth falou, e todos desceram do bote e o levaram até a margem, onde uma equipe de dois rapazes os ajudou a colocar na parte de trás de um reboque.

Cherry ficou grata pela ajuda — seus braços e pernas pareciam feitos de borracha —, e pegou a mão de Daniel enquanto saía da água.

— Isso foi incrível! — ele exclamou, dando-lhe um beijo molhado, com gosto de rio. Ela sorriu para ele.

Assim que todos entraram no micro-ônibus, os assentos e o chão molhados pela água do rio, voltaram para o alto da colina. Gareth, que estava na frente, virou-se para encarar os quatro passageiros encharcados.

— Todos prontos para descer de novo?

— Sim! — eles gritaram em uníssono, as barreiras da educação já bem derrubadas.

A segunda vez foi tão divertida quanto, assim como a terceira, com Cherry e Daniel trocando e sentando-se na frente, onde era ainda mais molhado e mais excitante, já que encaravam as corredeiras de frente. Até conseguiram sorrir para o fotógrafo profissional que ficava no meio da descida tirando fotos que podiam ser compradas depois. Tinham prometido mais uma descida para eles, se houvesse tempo, e Gareth parecia pensar que eles já podiam se arriscar um pouco mais. Cada casal voltou ao lugar original, e começaram pelo agora familiar trecho tranquilo até a primeira corredeira. Cherry, depois de ter sido sacudida rio abaixo três vezes, começava a se sentir cansada. Era necessário mais esforço para remar quando Gareth gritava as instruções, mas a descida começou tão inebriante quanto as anteriores. A água era implacável em sua determinação de arremessá-los rio abaixo, tirá-los do eixo.

— Remos à esquerda! — Gareth gritou, e Cherry sentiu uma pequena irritação por ter que fazer isso: seus braços ardiam, e ela estava cansada de ouvir os gritos cheios de si dele. Na hesitação, a canoa foi pega em uma corredeira rápida, e ela levantou o remo, mas foi erguida no ar e seu braço balançou para fora, acertando Daniel bem no meio da testa. Ela abriu a boca, alarmada, e, no borrão de movimento que se seguiu, ela o viu ser arremessado para cima, e ouviu o baque quando ele aterrissou em uma rocha que se projetava na margem do rio.

Ela se esticou para ver por sobre o ombro, sacudindo a cabeça de um lado para o outro enquanto o bote descia o rio, esperando vê-lo acenar para ela, achando engraçado ter sido arremessado para fora do barco. Mas ele não se mexia. Gareth também tentava olhar para trás, os

dois lutando contra o poder da água para que pudessem ver o que tinha acontecido.

— Remos à direita — Gareth gritou de repente, e Jane e Paul, a gargalhada morta em seus lábios quando viram que um dos parceiros de aventura não estava mais no barco, afundaram os remos na água. Cherry estava perdendo Daniel de vista, mas conseguiu ver de relance que ele ainda estava imóvel sobre a rocha. Tentou se levantar para ver melhor.

— Sente-se! — Gareth urrou. Ela se encolheu, sentou-se novamente e seguiu os movimentos urgentes dele para conseguir remar até a margem.

Gareth já estava no rádio, pedindo ajuda, enquanto ela corria pelas pedras. Cherry tentava sair do rio, escorregando na margem e caindo duas vezes na água; então Paul puxou sua mão para ajudá-la. Ela correu rio acima até onde Daniel estava, sem entender por que ele não se levantava, e foi só quando o viu de perto que o medo tomou seu corpo. Ele estava caído sobre um afloramento de rocha, deitado de lado, com a cabeça mais baixa que o corpo e os pés pendurados na água. Seu rosto estava virado para a jusante, mas seus olhos estavam fechados. Seu capacete tinha sido jogado para trás, e ela viu uma mancha vermelha em sua testa. Horrorizada, percebeu que o machucara acidentalmente com o remo. Gareth estava inclinado sobre Daniel, tomando seu pulso.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus — ela disse, escalando as rochas molhadas para chegar até ele. Ajoelhou-se e tocou sua mão, que parecia gelada pelo rio. — Ele está bem? Daniel, Daniel, fale comigo. — Seu rosto estava pálido e imóvel; o único movimento vinha de suas pernas, que iam de um lado para o outro pelo fluxo da água.

O micro-ônibus parou em uma poça de lama e duas pessoas da equipe saltaram, carregando um *kit* de primeiros-socorros. Atrás deles, na margem do rio, estavam Paul e Jane, braços cruzados, expressões de impotência nos rostos.

— Ele está respirando, não está? — ela insistiu zangada, sem acreditar na alternativa, mas dizendo só para eliminá-la.

Gareth assentiu.

— Precisamos de uma ambulância. — Um dos membros da equipe já estava no telefone.

— Daniel, Daniel — Cherry implorava, acariciando o rosto dele com o polegar. Ela apertou sua mão com força, como se isso pudesse despertá-lo. Quando ele não acordou, apertou seu braço.

— Não mexa nele — Gareth gritou, e ela o encarou incrédula, nada daquilo fazendo sentido.

O som das sirenes começou a aumentar, e então uma ambulância chegou correndo pela margem do rio, parando abruptamente, as luzes ainda girando, e dois paramédicos vieram correndo, carregando uma maca. Eles assumiram. Rolaram Daniel na maca com cuidado, mandando Cherry sair do caminho, e tiraram meticulosamente seu capacete. Cherry viu outra mancha, uma lesão circular vermelha na têmpora. Os paramédicos o arrumaram com habilidade, ao mesmo tempo em que faziam perguntas sobre o que tinha ocorrido — alguém tinha mexido nele? Há quanto tempo estavam ali? Quem era o parente mais próximo? Quando o colocaram na ambulância, um helicóptero vermelho apareceu sobre eles e aterrisou em algum lugar atrás das árvores.

Um pouco antes de fecharem as portas, um dos paramédicos falou com ela:

— Você é a namorada dele?

Ela assentiu, atordoadas demais para falar.

— A ambulância aérea vai levá-lo para Wrexham Maelor.

— Isso é um hospital? — ela perguntou, mas não responderam (ou estavam ocupados demais ou simplesmente não ouviram). As sirenes começaram a soar novamente, e eles o levaram colina acima, na direção do helicóptero.

Ela ainda não tinha se mexido quando viu o helicóptero decolar, e não sabia se era porque estava parada há muito tempo ou se a ambulância fora rápida demais. Mas a visão dele sendo levado e o barulho das hélices sumindo no céu enfatizaram o silêncio chocante no solo. Ela estremeceu, de repente morrendo de frio.

— Onde fica? — ela perguntou, referindo-se ao hospital.

— Podemos lhe dar uma carona, ou você nos segue no seu carro — Gareth falou.

De repente, ela percebeu que ainda tinha que se trocar, e a ideia de atrasar mais um minuto a acordou em pânico para agir. Começou a correr colina acima.

CAPÍTULO 21

SÁBADO, 23 DE AGOSTO

Mais tarde, Laura não se lembraria daquele dia como sendo seu aniversário (embora nunca mais passasse pela data sem ter que lutar contra o terror selvagem, com a sensação de parar de respirar, de pânico, contra as perguntas sem respostas e uma necessidade avassaladora e animalesca de estar com ele), mas se lembraria do cheiro das rosas. Um odor que amava, mas que logo teria o poder de arrastá-la para um lugar sombrio. Parada no jardim, perto da cerca, ela estava cortando flores mortas para garantir que as rosas floresceriam de novo. Foi quando o telefone tocou. Distraída, ela atendeu, ainda cortando com a tesoura de poda.

— Alô. Posso falar com a sra. Cavendish, por favor?

Ela se lembrava de ter ficado um pouco irritada, esperando que fosse alguma empresa de telemarketing que conseguira seu número, ou o dentista ligando para lembrá-la do check-up anual.

— É a sra. Cavendish falando.

A pausa de um milissegundo na voz chamou sua atenção.

— Aqui é a enfermeira Hadley do hospital Wrexham Maelor, no País de Gales. Sinto dizer que tenho más notícias sobre seu filho.

CAPÍTULO 22

SÁBADO, 23 DE AGOSTO

A viagem para o País de Gales foi uma tortura. Todos os semáforos fechados, os carros na pista rápida que não saíam do caminho. Cada vez que os sinais de velocidade da autoestrada piscavam para diminuir para noventa ou sessenta quilômetros por hora, ela se remexia impaciente, zangada em seu assento. A necessidade física de estar perto de Daniel era tão forte que, se não estivessem indo o mais rápido possível, o corpo dela começaria a se mover sozinho, como forma de compensação.

Durante todo o tempo, Howard ficou sentado ao seu lado, dirigindo, uma expressão de dor no rosto. Ela tivera que ligar para ele no golfe e, em seu benefício, ele atendera imediatamente (ela nunca telefonava, preferindo deixá-lo em paz, sabendo que estava excluída deste lado da vida dele). Talvez soubesse que algo estava errado. Enquanto ele voltava para casa, ela jogou alguns itens essenciais em uma bolsa — pasta de dente e uma troca de roupa para cada um deles —, e se sentou na poltrona do hall de entrada (isso quando não ficava andando de um lado para o outro, frustrada). Saiu correndo assim que ouviu o carro estacionar lá fora, e ele não teve nem tempo de desligar o motor antes de voltarem para a estrada.

Os primeiros minutos da viagem foram gastos repetindo várias vezes o que a enfermeira lhe dissera, que era muito pouco: “Seu filho está inconsciente depois de cair do bote, em um acidente de *rafting*”. Ele estava naquele momento “em cirurgia”, mas ela não sabia ou, mais provável, não queria dar mais detalhes, ou responder como e porquê. Em vez disso, pediu que fossem para lá “o mais rápido possível, em segurança”. Quando Laura pressionou para conseguir mais detalhes, algo que fizesse algum sentido, a enfermeira Hadley repetiu a mesma resposta — “É melhor a senhora conversar com o médico quando estiver aqui”. Embora entendesse o motivo, Laura sentiu um ódio profundo pela mulher naquele momento, de tão desesperada que estava por esclarecimentos e garantias de que tudo ficaria bem.

— Ele obviamente bateu a cabeça — Howard comentou.

— Você acha? — Laura perguntou. Embora no fundo achasse a mesma coisa, ela não queria admitir.

Ele assentiu.

— E a cirurgia? — A voz de Laura tremeu.

Howard não disse nada no início, mas ambos sabiam que, por onde olhassem, a situação não era boa.

— Ainda não sabemos — ele respondeu de forma gentil.

Laura o viu olhar de relance para o GPS mais uma vez e compartilhou sua ansiedade em relação ao tempo. Restavam duas horas de viagem, com a chegada prevista para cinco e sete. Ela olhou para seu relógio de pulso.

Duas horas a partir de agora, e a chegada deles seria às cinco e sete; estaria com Daniel dois minutos mais cedo, pensou, antes de perceber que essa ideia era ridícula. Duas horas eram duas horas; o relógio dela estava só um pouco atrasado. Disseram que o acidente ocorrera às dez e quinze naquela manhã, então Daniel teria ficado quase o dia inteiro sem sua família quando chegassem.

Pensar nisso quase a sacudiu com a sensação de negligência.

E se ele estivesse esperando por ela, por alguém que segurasse sua mão? E se a presença deles no hospital fizesse diferença na cirurgia? Howard, em um raro momento de ternura, colocou a mão sobre a dela.

— Ele está no melhor lugar possível, e estão cuidando dele. E eles ligaram. Eles ligaram. — Ele enfatizou, significando boas ou más notícias. Qualquer coisa significativa.

Foi nesse momento que Laura percebeu que ele não estava usando as roupas de golfe, o que significava que tinha se trocado depois que ela ligou — o que era altamente improvável, considerando a urgência — ou que ele não estava no clube de golfe. Ela não respondeu, só apertou o polegar dele, mostrando que tinha escutado.

Eles foram levados até uma pequena sala, um consultório. Laura sentiu que aquele espaço era usado para dar más notícias aos familiares, para pedir que tomassem decisões difíceis, ou, talvez ocasionalmente, até para dar notícias alegres. Mas a sala parecia sobrecarregada.

Howard e ela olharam as paredes, os cartazes sobre higiene, os telefones de apoio e, surpreendentemente, um vaso de flores frescas na mesa. Ficaram esperando em silêncio que o médico chegasse e falasse com eles, tendo esgotado o pouco que poderiam extrair do que já sabiam.

Não havia sinal de Cherry.

A porta se abriu e Laura se assustou. Entraram dois médicos. Laura examinou com desespero o rosto da que parecia ser a pessoa encarregada, uma asiática gentil e animada, tentando adivinhar quais seriam as notícias.

— Sr. e sra. Cavendish — a médica os cumprimentou, apontando as cadeiras. — Obrigada por virem tão rápido.

Ninguém se sentou.

— Onde ele está? Podemos vê-lo? — Laura perguntou.

— Muito em breve, é claro. Sei o quanto estão ansiosos — ela apontou as cadeiras mais uma vez. Laura e Howard se sentaram, seguidos pelos médicos.

— Sou a dra. Raina, neurocirurgiã, e este é o dr. Kennedy, anestesista. — Ela apontou para o homem à sua direita, um ruivo desengonçado que sorriu para ela. — Estávamos procurando vocês desde que Daniel deu entrada no hospital, mais cedo hoje. Ele sofreu um traumatismo

craniano enquanto fazia *rafting* esta manhã. Depois de pesquisar, descobrimos que isso causou um hematoma subdural, o que quer dizer sangue no cérebro. Nós o levamos para cirurgia imediatamente e conseguimos remover com sucesso o acúmulo de fluido.

Laura se esforçava ao máximo para se concentrar, mas sua mente se voltava para a menção de certas palavras — “sangue”, “imediatamente”, “com sucesso” —, buscando um significado, um entendimento da seriedade daquilo que os médicos diziam, para que pudesse chegar em um ponto no qual parasse de pensar o pior.

— Agora ele está se recuperando na UTI...

— Ele está bem? — Laura interrompeu.

A dra. Raina deu um sorriso gentil.

— A operação foi um sucesso. Ele está estável, e agora temos que dar tempo para que ele se recupere. A fim de ajudá-lo nesse processo, vamos mantê-lo anestesiado, para que o cérebro tenha uma chance melhor de cura.

— Cura? Então está... danificado?

— Eu estava me referindo ao fato de que ele levou uma pancada, e esteve em cirurgia. Em termos de danos cerebrais, os exames não indicam que esse seja o caso.

Ela quase gritou de alívio.

— Posso vê-lo?

— Sim, é claro. Vamos levar você e seu marido até Daniel agora. Lembrem-se, ele não está consciente, e vai parecer um pouco diferente da última vez que o viram. Tivemos que raspar uma parte de seu cabelo, para que pudéssemos fazer os procedimentos cirúrgicos, e ele está ligado a uma série de máquinas, que ajudam a monitorá-lo enquanto se recupera. Também está em um ventilador mecânico.

— Ele não está respirando?

— Não de maneira independente. Vamos mantê-lo assim por alguns dias, e depois tiramos os aparelhos.

De repente, aquilo que Laura achava horrível, mas administrável, era muito pior. O ruivo desengonçado se remexeu em sua cadeira.

— Ele não consegue respirar sem ajuda dos aparelhos por causa da sedação pesada. Ela precisa ser em um nível que permita que o cérebro descanse.

— Vocês têm mais alguma pergunta antes de irmos para a UTI?

Laura parecia fora de si, e Howard segurou sua mão.

— Não no momento. Só gostaríamos de ver nosso filho.

A dra. Raina sorriu.

— Vou levá-los agora mesmo.

Laura e Howard seguiram a médica até uma ala cheia de enfermeiras que gracejavam discretamente e agiam de modo prático. Muito otimista, muito normal para a seriedade da situação. Então foram apresentados à enfermeira de Daniel, uma mulher que os recebeu com confiança silenciosa e imperturbável, como se lidasse com traumas cranianos sérios nos entes queridos dos outros todos os dias, o que era claro que fazia.

Laura se preparou antes que a enfermeira abrisse a cortina branca que separava Daniel dos

outros pacientes da unidade. Podia ouvir os bipes que anunciavam a presença do filho e sabia que aquilo não seria fácil. Mas vê-lo imóvel a atingiu como se um bloco de concreto fosse arremessado em seu peito. Máquinas estavam presas nele, os fios e os tubos entrando em seu corpo como uma praga de parasitas alienígenas. Era difícil ver onde Daniel terminava e os aparelhos começavam — eram apenas uma única massa de carne e plástico.

Um lado da cabeça dele tinha sido totalmente raspado, a pele exposta mortalmente branca. Seu rosto estava pálido, quase acinzentado, e inchado como se tivesse estado em uma briga, mas sem os hematomas. O ventilador estava preso em sua boca, fazendo com que sua língua se projetasse de forma grotesca; o plástico e os elásticos que seguravam o ventilador no lugar formavam linhas em suas bochechas. Em sua testa havia uma mancha vermelha. Ele estava deitado imóvel, olhos fechados.

Depois de um instante de hesitação pelo choque, Laura correu até ele e pegou sua mão desfalecida com cuidado, tocando-o como se ele fosse um recém-nascido frágil. Tentou falar, dizer seu nome, para que ele soubesse que ela estava ali, para acalmá-lo, mas sua voz falhou e ela teve que parar, sem querer que ele soubesse que estava perdendo o controle. Ela simplesmente deixou que as lágrimas escorressem.

— Ele pode nos ouvir? — Howard perguntou à enfermeira.

— Não temos motivo para acreditar que não possa — a mulher respondeu. — Na verdade, até encorajamos que conversem com ele, que ofereçam conforto, mesmo que ele não consiga se comunicar.

— Estou bem agora. Estou bem — Laura falou, respirando profundamente, enquanto puxava uma cadeira sem largar a mão de Daniel. Sentou-se, sem tirar os olhos do filho.

Howard colocou uma cadeira do outro lado da cama.

— Eu deixarei vocês a sós por enquanto — a enfermeira falou, e correu os anéis de metal pelo trilho até que os três ficaram enclausurados em uma bolha branca que bipava.

Depois de alguns segundos, Laura ouviu o som abafado de alguém engasgando, e levantou os olhos para ver Howard chorando, a mão fechada pressionando a boca, tentando conter o barulho. Ele balançou a cabeça e apertou os olhos com o indicador e polegar, enquanto secava as lágrimas. A última vez que ela o vira chorar foi na noite em que Daniel nascera. Ele finalmente chegara ao mundo às seis da manhã, depois de vinte e quatro horas de trabalho de parto excruciante, que se complicou quando os batimentos cardíacos de Daniel caíram dramaticamente, resultando em uma cesárea de emergência.

Ela ficara deitada, exausta, atordoada, e Howard, sentado na cadeira ao lado de sua cama, segurava o minúsculo Daniel. As lágrimas de repente irromperam em seu rosto.

— Sinto muito — ele falou como se estivesse envergonhado, e rapidamente tentou secá-las, mas elas continuavam a rolar. — Eu achei... achei que você ia morrer ou que ele...

Laura sabia o que ele queria dizer. Aquilo não podia acontecer de novo.

— Psiu. Estamos bem agora — ela dissera, e fora um momento de proximidade dos três, Howard totalmente aberto. Era um Howard que só ela conhecia, só ela via, e ninguém tiraria aquilo dela.

— É só que estou muito feliz — ele conseguira responder através das lágrimas, e ela sorria,

cheia de amor por ele.

— Você está bem? — ela perguntou baixinho, do outro lado da cama de Daniel.

Ele assentiu.

— Sinto muito.

Ela desejou poder lhe falar novamente que tudo ficaria bem.

A enfermeira voltou e começou a examinar os fluidos intravenosos de Daniel. Laura observou em silêncio. Tinham dito que a enfermeira ficava com Daniel o tempo todo, e ela estava grata por isso. Depois de um momento, Laura se virou para Daniel e começou a contar como tinha sido seu dia. Constrangida no início, pois não estava acostumada com os bipes, com seu silêncio. Quando ela vacilou, Howard começou a falar com o filho, e, depois de um tempo, os dois entraram em um bom ritmo, cada um apoiando o outro. Depois de um par de horas mantendo uma série de disparates animados, o cansaço começou a tomar conta. Foi quando outra enfermeira puxou discretamente as cortinas e disse as palavras que Laura estava esperando ouvir cedo ou tarde.

— Alguém lá fora gostaria de ver Daniel. Cherry?

Laura enrijeceu o corpo.

— Não — deixou escapar. — Eu não a quero aqui.

Howard olhou para ela, mas Laura se recusou a ceder.

— Eu vou falar com ela — ele disse.

— Diga que queremos as coisas dele.

Howard assentiu e deixou o cubículo. Laura apertou a mão do filho e jurou em silêncio ficar ao lado dele toda a noite e todo o dia seguinte se isso mantivesse Cherry longe. Era algo que sabia ser inviável, mas o que poderia fazer, como parente mais próxima, era impedir Cherry de visitar Daniel.

Ardeu com profunda raiva emotiva quando pensou nela, no planinho estúpido para se sentir superior, para ganhar um ponto, e que terminara colocando seu filho no hospital. Laura queria saber o que tinha acontecido, mas não suportaria ver Cherry. Sempre que imaginava seu rosto, sentia uma raiva cega que a fazia perder toda a racionalidade, e sabia que, se estivessem no mesmo ambiente, não poderia confiar em si mesma. Howard descobriria.

CAPÍTULO 23

SÁBADO, 23 DE AGOSTO

O tempo tinha um jeito engraçado de potencializar a ansiedade. Cherry estava sentada na cafeteria, segurando a terceira xícara de café. De vez em quando, erguia os olhos para o relógio e ficava apreensiva quando o ponteiro se mexia muito, mais do que cinco minutos. Tinha se refugiado lá no momento em que achou que Laura e Howard deviam chegar, para pensar no que lhes diria antes de encontrá-los. O dia fora longo e parecia um pesadelo. Quando saíra do vestiário, tinha encontrado a polícia esperando do lado de fora, aparentemente o procedimento padrão quando uma ambulância era chamada para um acidente. Gareth já falara com os policiais, e ela sentiu um calafrio de medo. Tinha sido um acidente, bater na cabeça de Daniel com o remo. Mas não tinha sido aquilo que o arremessara para fora do barco — foram as ondas: o rio estava claramente cheio, perigoso demais para descer, e ela sentiu uma pontada de raiva do arrogante Gareth e suas “piadas” condescendentes.

Ela dirigiu o carro de Daniel até o hospital, seguida pela polícia. Quando chegaram, a equipe de enfermagem lhe dissera que ele fora direto para o centro cirúrgico, mas sem mencionar o motivo ou lhe dar mais detalhes, algo que a preocupava ainda mais. Já que não tinha distrações físicas, teve que falar com a polícia. Deu sua versão dos acontecimentos, chorando enquanto revivia o acidente. E foi só. Os policiais perguntaram se podiam ligar para alguém, chamar um amigo para lhe fazer companhia, mas ela não quis. Depois que ela assegurou que estava bem, eles partiram, dizendo que entrariam em contato novamente.

Agora, Cherry estava livre para repassar seus pensamentos. Permitiu que a onda de culpa viesse à tona, para examiná-la e ver se tinha alguma credibilidade. Ela sabia que devia ter remado quando Gareth gritou as instruções, mas naquela fração de segundo ela não queria ser incomodada. Isso possivelmente tinha influenciado para onde o bote tinha ido a seguir, uma área em que as correntes eram particularmente violentas, e pode tê-la feito erguer o remo no ar e acertar Daniel. Talvez isso o tivesse desequilibrado, e ele não conseguiu ficar no bote quando a onda acertou e o arremessou. Talvez, ao atingi-lo, ela tenha batido no capacete, de modo que sua cabeça estava desprotegida em um ponto crucial quando atingiu as pedras. Talvez. Mas eram todas conjecturas, pensou consigo mesma. Ninguém sabia que sua apatia iniciara a cadeia de eventos, se é que uma coisa *realmente* tinha levado à outra. Nada daquilo podia ser provado. E ela não contara aquela parte para a polícia. Tinham perguntado sobre o golpe na testa de Daniel, e, genuinamente lacrimojante e com remorso, ela dissera que seu remo fora lançado para cima,

fora de seu controle. Eles mesmos disseram que o capacete de Daniel tinha sido deslocado, mas poderia ter sido pela queda na rocha, não por causa dela. Em segredo, ela estava aliviada pela culpa não poder ser colocada sobre seus ombros. Pensou no pobre Daniel caído inconsciente na rocha e desejou do fundo do coração ter feito o que lhe pediam, ter remado quando pediram, e então talvez eles estivessem em casa nesse momento, de volta ao apartamento em Londres, fazendo o jantar juntos.

Ela fora até a recepção, ver se havia alguma notícia do progresso dele, e ficou aliviada em saber que a operação tinha ido bem e que ele estava se recuperando. Uma médica viria falar com ela, e depois ela poderia vê-lo. Enquanto isso, Laura e Howard tinham sido chamados e estavam a caminho. Cherry cronometrou a tarde; teria quarenta e cinco minutos com Daniel, e então iria para a cafeteria, para dar aos pais dele algum tempo sozinhos com o filho.

Quando ela o viu pela primeira vez, ficou abalada com a aparência dele, com o quão vulnerável e dependente parecia. Isso a incomodou mais do que esperava, o que reforçava o quanto estava apaixonada por ele.

Cherry terminou de tomar o café. Já estava ali há tanto tempo que “conhecia” algumas das outras pessoas que esperavam. Havia um jovem casal, a mulher em gravidez avançada e parecendo cansada. O homem demonstrava uma animação permanente e de vez em quando massageava a lombar dela com os polegares. Também havia uma mulher de meia-idade, bem-vestida, com casaco creme e um lenço de seda âmbar. Estava sozinha, mas de alguma forma isso não combinava com ela; parecia o tipo de mulher que sempre estava com o marido. Cherry vira uma aliança e se perguntou se o esposo estaria ali.

Tanto o casal quanto a mulher estavam ali há tanto tempo quanto ela, e sentiam-se como companheiros, cada qual em sua própria vigília, mas unidos por uma necessidade essencial de estar no hospital.

Ela e a mulher grávida trocaram olhares quando o marido devotado foi buscar um refil da bebida. A mulher suspirou e recostou-se, as mãos circundando a barriga imensa. A mulher de meia-idade tinha as mãos ao redor do copo quente. As duas sorriram. Cherry se levantou nervosa. Era hora de voltar à UTI.

A enfermeira ergueu os olhos quando ela se aproximou, e disse que os pais de Daniel estavam com ele, e que avisaria que ela estava ali. Quando a mulher desapareceu dentro da UTI, Cherry tentou imaginar como seria a conversa. Não ficou surpresa, mas mesmo assim sentiu-se perturbada ao ver que Howard voltou sozinho.

— Olá, Cherry.

— Posso vê-lo?

Ele colocou uma mão sobre seu ombro e a levou para longe.

— Agora, não. Por que não vamos tomar um café?

Voltaram ao lugar que ela deixara há cinco minutos, mas, de algum modo, no tempo em que estivera na UTI, seus aliados tinham partido. Isso abateu Cherry — ela se sentiu abandonada, e ficou ainda mais nervosa. Bebericou a quarta xícara de café do dia, e, sentindo-se uma criança à espera da reprimenda do diretor da escola, aguardou que Howard falasse.

— Como você está?

Ele perguntar por ela era um bom sinal. Fazia-a pensar que estavam do mesmo lado.

— Bem. Ok. Ainda estou um pouco abalada, mas é com Daniel que estou preocupada.

— Todos estamos — ele replicou, brusco.

Ela assentiu, seu otimismo inicial evaporando.

— O que aconteceu hoje de manhã?

Cherry contou a Howard a mesma história que dissera para a polícia. Mais uma vez chorou quando mencionou que o remo tinha atingido a cabeça dele. Ela odiava dizer aquela parte, já que sentia como se estivesse se incriminando. Fez questão de deixar claro, como quem não queria nada, que não foi o golpe que causou o ferimento. E, no fim, estava esperando perguntas, mas Howard apenas ficou remexendo seu café, o que a enervou. Ele acreditava nela? Dificilmente poderia perguntar isso, já que sugeriria que estava mentindo.

Ele a olhou.

— Você está com a mala dele, suas coisas?

Cherry tinha esquecido disso; tinha pego tudo apressadamente no armário, na sede da empresa de rafting, e guardou tudo em segurança na bolsa que compartilhavam; sentia que era sua responsabilidade cuidar daquilo. Presumia que continuaria a fazê-lo, e achou estranho ter que abrir mão. Hesitou, mas ele continuou a encará-la, e então ela pegou a bolsa que estava carregando o dia inteiro de debaixo da mesa.

— Nossas coisas estão aqui...

— Pode ficar com a bolsa.

Ela tirou os pertences pessoais de Daniel e entregou para Howard por sobre a mesa. Ele pegou tudo e colocou na cadeira ao seu lado.

— Preciso achar algum lugar para ficar. As enfermeiras dizem que ele ficará no hospital pelo menos mais alguns dias.

— Não acho que Laura vá deixá-la vê-lo. Não por enquanto.

Aturdida, ela o encarou.

— Ela não pode me impedir.

— Temo que ela... que nós podemos. Como parentes mais próximos.

A dor se aprofundou.

— Você também?

— Minha esposa está muito chateada com tudo isso. Minimizar seu estresse só vai ajudar Daniel a melhorar.

— E quanto a mim?

— É só por enquanto. Até que ele tenha atravessado o pior.

Cherry ardia de raiva.

— Ela não parece entender que eu o amo.

Ele a observou por um momento.

— Você agendou esse final de semana para irritar deliberadamente minha esposa?

Ela abaixou os olhos.

— Porque, se fez isso... então você não o ama tanto quanto diz, não é?

Ela ficou sentada, entorpecida, enquanto ele se levantava.

— Você vai levar o carro de Daniel de volta para Londres?

Ela deu de ombros.

— Imagino que sim.

— Dirija com cuidado — ele falou, gentil.

Ela observou enquanto ele se afastava, com as coisas de Daniel embaixo do braço: suas roupas, carteira, celular, chave do apartamento. Tinha sido efetivamente deixada de lado.

CAPÍTULO 24

QUARTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO

— Pelos exames, acreditamos que ele já devia estar recuperando a consciência — a dra. Raina explicou e aguardou enquanto a notícia era compreendida.

Estavam de volta ao consultório. Era bem cedo e o sol atravessava a janela, fazendo a poeira rodopiar na luz. A dra. Raina era compassiva, mas profissional, transmitindo os fatos sem embelezá-los. Laura e Howard estavam cansados e assustados. Laura passara os três últimos dias ao lado da cama de Daniel, e então, na noite anterior, os médicos tinham suspenso a sedação. Em algum ponto das últimas doze horas, ele deveria ter voltado a si.

— Então por que isso não aconteceu? — A voz de Laura soava baixa, trêmula.

— Ainda não sabemos. Vamos começar a investigar esta manhã. Ele fará outro exame, e também pediremos um eletroencefalograma e outros testes.

— Quanto tempo vai demorar...?

— Teremos alguns resultados ainda hoje, mais tarde, mas devo avisá-los que eles podem não nos dar as respostas que precisamos — a dra. Raina disse com gentileza. — O cérebro é muito complexo, e algumas vezes leva um tempo até descobrirmos exatamente o que está impedindo alguém de sair do coma. Algumas vezes o paciente se recupera antes que possamos descobrir.

— Você pode dizer... pode dizer quanto tempo ele ficará assim, provavelmente? — Laura sentiu que Howard colocava a mão gentilmente sobre a dela.

— Temo que não. Simplesmente não sabemos. A boa notícia é que ele está respirando sem auxílio dos aparelhos, então está fora do ventilador mecânico.

Laura assentiu, mas não podia deixar de sentir que essa era uma boa notícia de merda. Algo pequeno demais a que se apegar quando o problema principal parecia cada vez maior e pior.

O bipe da dra. Raina tocou e ela o olhou. Era claro que estava sendo chamada em algum lugar, e eles podiam mantê-la ali, mas não parecia haver mais nada a ser dito.

— Você pode, por favor, nos manter informados, doutora? — Howard perguntou.

— Claro que sim. Assim que tivermos mais notícias, entrarei em contato. Posso sugerir que descansem algumas horas? Mudem um pouco de ares?

Ele assentiu só para encerrar a conversa, mas nem Howard nem Laura sabiam para onde poderiam ir. O único motivo de estarem ali era Daniel.

— Daniel, é hora de acordar — Laura falou, inclinando-se sobre a cama, segurando a mão do filho e observando seu rosto em busca de sinais de vida. — Abra os olhos.

Ele permaneceu imóvel, os bipes soando em um ritmo torturante.

— Pode mexer os dedos das mãos? Dos pés? — Ela o encarou, mas nada. — Só um piscar de olhos... Vamos lá, Daniel — ela disse, ficando cada vez mais desesperada. Determinada, puxou uma cadeira, apertou os dedos dele com força, provavelmente força demais, mas só queria conseguir alguma reação dele. Qualquer movimento, qualquer som, só alguma coisa que lhe dissesse que ele estava ali, que estava tentando.

— Por favor? — ela implorou, a voz falhando, lágrimas frenéticas e silenciosas rolando em seu rosto.

No dia seguinte, nada mudara. Os exames não haviam jogado luz alguma no motivo pelo qual Daniel permanecia inconsciente, e ele continuava ali, silencioso, olhos fechados, as mãos com as palmas viradas para os lençóis. Foi o mesmo no dia seguinte e no próximo. Laura já estava averiguando, ligando para amigos de amigos, pesquisando na internet, e descobriu que um dos melhores especialistas do país trabalhava no hospital Chelsea & Westminster, em Londres. Depois de conversar com a dra. Raina, ficou claro que poderiam pedir que Daniel fosse transferido, o que foi arranjado bem rápido. Laura esperava que o movimento pudesse provocar alguma mudança nele, mas ficou desapontada.

O novo especialista disse o mesmo: era impossível prever quando ele sairia do coma. Começou a ficar claro que aquilo poderia continuar por muitas semanas ou mesmo meses, e isso a levou a um redemoinho de terror e angústia que ameaçava sair do controle. Ela tinha que permanecer positiva, lembrava a si mesma, uma palavra que rapidamente se tornou antiga, mas era tudo a que ela podia se agarrar. A vida do seu filho fora reduzida a uma série de clichês. Aceitar cada dia como vinha. Estar ali por ele. Permanecer positiva.

Depois de dez dias, o cotidiano se impôs. Howard teve que voltar ao escritório, para algumas reuniões urgentes. A secretária dela mandou uma mensagem hesitante, dizendo que tinha algumas coisas para resolver quando Laura estivesse pronta. Tinham que ser coisas importantes, ou ela não a teria incomodado.

Eles caíram na rotina. Ela ia ao escritório de manhã e trabalhava em casa à tarde, visitando Daniel pelo menos duas horas por dia. Howard passava no hospital à noite, no caminho do escritório para casa. Laura resolvera deixar Cherry visitá-lo também. Estava disposta a fazer qualquer coisa que pudesse ajudar a tirar Daniel do coma. Se Cherry falasse com ele, talvez a voz dela disparasse alguma coisa dentro de seu cérebro, algo que poderia trazê-lo de volta para Laura. Cherry tinha permissão para visitá-lo no fim da tarde duas vezes por semana, às terças e quintas. Laura dera instruções estritas de que esses eram os únicos dias e horários que ela poderia visitá-lo, e que deveria ir embora antes que Howard chegasse, às oito. Perguntando-se se a equipe de enfermagem estava mantendo as regras, ela conversou uma vez com Howard sobre isso, ele lhe disse que não vira Cherry.

Laura voltou ao trabalho e teve más notícias: a ITV não estava disposta a encomendar uma

segunda temporada da série que estava no ar, já que a audiência continuava a cair, e então, infelizmente, não seria possível continuar com o programa. Mas tinham “grandes esperanças” no novo drama policial, e esperavam para ver o roteiro. Enquanto isso, ela poderia continuar a pagar os salários de sua equipe. Laura estivera prestes a ligar para Howard para contar o ocorrido, querendo ter alguém com quem conversar, mas parara com o telefone na mão. Depois de uma proximidade momentânea, causada pelo acidente do filho, os dois tinham se afastado novamente. Cada um deles voltava do hospital com pouca coisa para contar, já que nenhum dos dois realmente pensava em conversar com o outro sobre o que tinha dito para Daniel. Ficaram afastados por tanto tempo que já tinham vidas separadas; se Howard quisesse discutir sua vida com Laura, teria que começar do início, e era o mesmo com ela.

Laura nunca se acostumaria com a ideia de Daniel deitado naquela cama de hospital, e seu coração se apertava cada vez que o via. Ela conversava animada, sem parar, depois de pesquisar sobre coma em livros e na internet, e de acossar amigos de amigos que trabalhavam com neurologia. Lera relatos de pacientes que se recuperaram e que conseguiam repetir sentenças inteiras do que lhes fora dito enquanto estavam em seu lugar sombrio. Era só questão de tempo. Pelo menos era no que acreditava com obstinação.

O fim do ano se aproximava e, com ele, a usual festa de Natal de Isabella, com músicas natalinas ao redor do piano e muito champanhe e vinho quente. Ela vinha sendo uma boa amiga desde o acidente, disponível todas as vezes em que Laura quis conversar, proporcionando palavras de encorajamento e lenços de papel. Ela sabia que o Natal seria uma época difícil, e disse a Laura que entendia se a amiga não comparecesse, mas Laura sentia que era importante manter a vida o mais normal possível, ainda que iniciasse cada dia com uma dor forte no peito. Assim que chegou, no entanto, sentiu-se uma estranha. Não estava interessada em beber, e nunca fora muito chegada na atmosfera festiva. Também sentia que as pessoas ficavam constrangidas perto dela, sem saber o que falar sobre Daniel. A maioria optava por não mencioná-lo, exceto para dizer “Dê a ele minhas lembranças”, o que faziam com uma expressão dolorida e fatalista, algo que ela entendia como um pessimismo desolado que a irritava. *Ele ainda está vivo*, ela queria gritar. *Ele ainda está aqui, é parte de mim. Ele ainda não partiu*, choramingava para si mesma. Depois de algumas horas que pareciam não passar, ela foi embora. Então por fim o Natal chegou. Howard e ela passaram o dia com Daniel, na área de cuidados de longo prazo, em uma casa de repouso especial para onde ele fora transferido. Dava-lhe conforto estar com ele, ter certeza de que não estava sozinho.

Quando o ano-novo começou, parecia sem alegria e apático. Todos os dias o medo tomava conta dela quando estava fazendo as coisas mais triviais: calçando as meias, trancando a porta da frente. *Quando? Quando?* Às vezes, quando ninguém estava ouvindo, ela gritava bem alto, e a palavra sumia no ar como vapor assim que saía de sua boca, sem deixar traços ou respostas. *Quando ele se recuperaria?* A espera era torturante. Ela encarava o abismo negro, de profundidade desconhecida, que permanecia agonizantemente desafiadora. Jamais desistiria.

CAPÍTULO 25

QUINTA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO

Já fazia mais de cinco meses desde o acidente. Minúsculos sinais da primavera apareciam. Campânulas-brancas eram vistas no Hyde Park, aconchegadas ao redor das árvores. Como Londres tinha seu próprio microclima, com todos aqueles edifícios e pessoas, havia até mesmo algumas flores de açafrão marcando a paisagem com seus tons amarelos e arroxeados. Laura estava sentada no banco de trás de um táxi, voltando da reunião que tivera naquela tarde. O sol fizera uma aparição tardia, e estava um pouco mais de dez graus pela primeira vez desde outubro. Ela sentiu necessidade de descer do carro, sentir o ar em seu rosto, e deu uma batidinha na divisória entre ela e o motorista.

Ao descer do táxi, soube que fora uma boa ideia. O sol estava muito agradável, e ela viu algo que não via há semanas: sombras na calçada. Fazia tanto tempo que parecia um pouco estranho aos olhos, uma novidade. Aquilo animou seu espírito, que estava congelado na melancolia há muitos meses. A reunião na ITV fora boa. Tinham lido o roteiro do drama policial e gostado. De fato, estavam mais comprometidos com o projeto do que nunca, e ansiosos para ver o próximo esboço o mais rápido possível. Presumindo que a roteirista conseguisse escrever satisfatoriamente a partir de todos os pontos discutidos naquele dia, Laura achava que conseguiria sinal verde.

O sol e o ar fresco ajudavam, mas sua dor de cabeça ainda persistia, ameaçando transformar-se em uma enxaqueca. Ela nunca tivera enxaquecas antes do acidente de Daniel, mas agora tinha pelo menos uma por mês. Remexeu na bolsa em busca dos remédios que sempre carregava consigo, mas encontrou a embalagem vazia. Sabendo que a enxaqueca, se viesse, seria debilitante, parou na farmácia para comprar mais medicamentos. Esperava na fila do balcão, concentrada nas prateleiras atrás da atendente até encontrar o que estava procurando. Então chegou sua vez. A garota diante dela se virou. Era Cherry.

Laura não a via há meses, então foi um choque, ainda mais pela aparência da moça. Ela perdera peso e estava mais pálida, com olheiras sob os olhos, e o brilho que Laura percebera na primeira vez que a vira, quando espiara pela vitrine da imobiliária, tinha desaparecido.

Cherry se recuperou primeiro.

— Olá, Laura.

— Olá, Cherry.

As duas ficaram paradas, unidas por um homem, mas inseguras do relacionamento entre elas.

— Acho que é hora de conversarmos, não acha? — Laura falou.

Foram até uma cafeteria na avenida, um lugar cheio e impessoal. Assim que pegaram lugar na fila, Laura se arrependeu de ter chamado Cherry. O que tinha para dizer? Definitivamente não gostava dela, mas mesmo assim queria saber como era quando ela visitava Daniel. Falaria só o suficiente para satisfazer suas suspeitas — que ele era tão indiferente a Cherry quanto era a Howard e a Laura —, e então pediria licença e iria embora.

Acharam uma mesa coberta de grãos de açúcar, e Laura limpou com um lenço de papel antes de se sentar. Cherry claramente não estava a fim de conversa, já que ficou olhando pela janela, vendo as pessoas passarem na rua.

— Você não devia estar no trabalho? — Aquilo saiu mais rude do que ela pretendia, como uma acusação.

Cherry lhe deu um olhar duro e tomou um gole de chá, sem pressa.

— É meu dia de folga. Trabalho aos sábados.

Envergonhada, Laura percebeu outra coisa.

— Mas você vê Daniel hoje, quinta.

— Sim.

— Então vem à cidade especialmente para isso.

Isso irritou Cherry por dois motivos: Tooting *era* na cidade, embora afastado, e claro que viera só para ver Daniel.

— Sim, Laura. Ele é meu namorado.

As duas ficaram em silêncio por um momento, e Cherry voltou a olhar pela janela.

— Como tem achado... as visitas? — Laura perguntou.

Cherry deu de ombros.

— Me preocupo em entediá-lo por ficar falando sobre casas.

— Acha que ele ouve?

— Não sei. Algumas vezes.

Laura foi rápida.

— Por quê? O que ele faz?

— Nada. Quero dizer, não quero criar falsas esperanças ou coisa assim... é mais uma sensação. Ele é muito especial, muito interessado nas coisas, nas pessoas, para não ouvir. — Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela rapidamente as secou. — Eles não sabem quando ele vai acordar, sabem?

— Não.

— Sinto falta dele. — Sua voz soou tão baixa, tão perdida, que o coração de Laura se partiu, ainda que por um instante.

Cherry se recompôs.

— Desculpe. Sei que você também sente. — Ela abaixou a cabeça, brincou com a colher do chá, e ergueu os olhos mais uma vez. — Sinto muito por tê-lo levado naquela viagem, e pelo seu final de semana também. Se pudesse voltar o tempo... — De repente, ela começou a soluçar alto,

com força, e Laura a encarou, horrorizada. Os outros clientes olhavam de relance, e ela pegou um guardanapo e entregou para Cherry.

— Tome. Seque os olhos.

— Sinto muito. Realmente sinto muito... — Mas conseguiu controlar as lágrimas. Laura percebeu que ela parecia ainda mais acabada do que antes. — De vez em quando — Cherry prosseguiu —, de vez em quando sinto que vou me desfazer, pedaço por pedaço e encontrar partes de mim caídas no chão. — Tentou dar um sorriso.

Laura a observava. Não tinha certeza do que pensar sobre essa nova Cherry, arrependida e sofredora. Não confiava nela. Essa era a garota que mentira e manipulava para entrar na vida deles; que se jogara em uma piscina e insinuara que Laura a empurrara; a mesma que estragara deliberadamente o final de semana do seu aniversário e levava seu filho em uma viagem que o deixara no hospital pelos últimos cinco meses. Mas Cherry parecia muito mal. Talvez tivesse consciência, no final das contas.

— Talvez seja melhor você ir para casa.

— Não posso. Vou esperar até as seis.

Ela estava falando do horário que Laura a permitia ver Daniel.

— Olhe, tenho certeza de que ele não vai se importar se você não for hoje. Howard passará lá mais tarde, de todo jeito.

— Não posso. Eu...

— Vou ser honesta, Cherry. Você parece acabada. Vá para casa, tome um banho, descanse. Na verdade, por que não viaja um pouco? Qual foi a última vez que fez uma pausa?

— O que quer dizer?

— Uma semana longe. Uma mudança de ambiente. Algum tempo para não pensar em Daniel.

— Eu sempre penso nele.

Laura começou a ficar irritada e sentia que sua compaixão diminuía.

— Pelo amor de Deus, tome um pouco de sol. Tire férias ou algo assim. Certamente Daniel estará do mesmo jeito quando você voltar.

— Você acha?

Ela assentiu relutante.

Cherry deu um sorriso fraco.

— Acho que pode estar certa. Faria bem sair um pouco.

Laura assentiu novamente, e se levantou.

— Adeus, Cherry.

— Adeus, Laura.

Cherry observou Laura partir e, quando ela desapareceu rua abaixo, decidiu pegar um brownie de chocolate no balcão. Afinal, tinha algo a celebrar. A verdade era que estava exausta. Exausta das visitas, da espera, das perguntas sem resposta. Não estava dormindo bem; o médico lhe prescrevera zoplicona, que ajudara no início, mas a deixava apática. Logo após o acidente, sentira terrivelmente a falta de Daniel. Ele se tornara uma parte importante de sua vida, e eles

passavam muito tempo juntos, mas então, depois de um tempo, a tristeza se espalhou para além dele. Também sentia muito pela perda de sua nova vida, do futuro deles — dela. As coisas mudaram rapidamente depois do acidente. Não havia mais jantares em bons restaurantes, nada mais de ficar no apartamento elegante dele. Ela estremecia cada vez que pensava naquele lugar lindo e caro sendo desperdiçado, vazio, sem ninguém para aproveitar. Até tivera que devolver o carro no dia em que Howard voltou do País de Gales. Ele telefonou para ela no escritório e pediu que o deixasse estacionado do lado de fora de sua casa, e que colocasse as chaves na caixa do correio.

O Natal fora completamente miserável. Wendy a convidara para ir até Croydon, e as duas passaram sentadas na mesa dobrável, com um peru assado e chapéus de papel na cabeça, que ela tirou na primeira oportunidade. Cada vez que via Daniel, pedia que ele se apressasse e saísse do coma, para que pudessem continuar com a vida que ela planejava. Mas cinco longos meses tinham se passado, e nada mudou. Cherry o visitava religiosamente, duas vezes por semana, quando podia facilmente ter arranjado desculpas para não fazer. Mas nunca fazia isso, e a vigília começava a cobrar seu preço. Ela começava a se perguntar quanto tempo mais devia continuar sendo namorada de um homem que não respondia a ela de forma alguma. Ela era jovem, tinha planos, e quanto mais tempo permanecia ao lado do leito dele, mais se perguntava quais oportunidades estava perdendo.

Ela tinha planejado ficar noiva nos próximos quatro meses, um ano desde que conhecera Daniel, e, se aquilo não acontecesse, e parecia que não aconteceria, então teria que começar tudo de novo. Quando pensava nisso, sentia um desespero agitado, lamentando o que poderia ter sido. Tudo ficava ainda pior pelo fato de o trabalho não estar indo tão bem ultimamente. Ela era inteligente demais para aquilo, e ficava entediada. Tinha que trabalhar muito duro para manter a personagem da corretora de imóveis, mas se sentia presa em uma armadilha. Não podia largar tudo, pois se não tivesse emprego, perderia o apartamento e teria que voltar para Croydon. Podia procurar outro trabalho, mas só estava na imobiliária há um ano, e isso não cairia bem em seu currículo. Estava desesperada por uma pausa, por uma chance de descansar, recarregar as baterias, ter uma nova perspectiva das coisas. Tinha economizado um pouco e poderia achar algo barato, de última hora. Mas não queria desaparecer duas semanas, de férias no México, e voltar toda bronzeada e relaxada, pois não queria que Laura pensasse que ela era insensível. Agora, no entanto, tinha sua permissão. Cherry sorriu. As lágrimas tinham vindo no momento certo.

CAPÍTULO 26

TERÇA-FEIRA, 24 DE FEVEREIRO

Quase duas semanas mais tarde, Laura recebeu um telefonema da casa de repouso. Seu coração estava acelerado, desesperado para deixar aquela prisão miserável, mas as notícias do médico não eram nada do que ela esperava.

— Sra. Cavendish, temo ter más notícias.

— O que aconteceu?

— Temo que Daniel não seja mais capaz de respirar sem o auxílio de máquinas. Ele foi levado para o hospital, e tiveram que colocá-lo no ventilador mecânico.

Seu mundo desabou mais uma vez.

Foi a primeira a chegar no hospital. O especialista veio falar com ela imediatamente, e explicou que às nove e vinte daquela manhã Daniel parara de respirar e, como consequência, sofrera uma parada cardíaca.

A equipe tivera sucesso em ressuscitá-lo, mas ele agora estava de volta ao ventilador mecânico. Howard chegou no meio da explicação e ela ouviu tudo de novo, as palavras entrando como facas em seu coração. Era como se Daniel, depois de todo esse tempo no hospital, estivesse indo embora, e Laura não conseguia entender o motivo.

— O que causou isso? — perguntou ao especialista, desesperada para entender a mudança.

— Ele contraiu pneumonia. Sinto dizer que os pacientes na condição dele são altamente suscetíveis a isso.

Laura sucumbiu à aflição e à frustração.

— Ele não pode estar perfeitamente bem em um dia e, no outro, amanhecer com pneumonia e ter um ataque cardíaco! Não faz sentido!

O especialista manteve a paciência.

— Sra. Cavendish, ele não está perfeitamente bem. Ele está em coma. Com frequência é difícil, talvez impossível, prever o resultado de tal condição.

Aquilo não a satisfaz. Ela se sentia como se não estivesse prestando atenção, apenas visitando e esperando, rotineiramente. Desejando. Ela devia estar *fazendo* alguma coisa.

— Temos que esperar e ver se ele recupera o uso total dos pulmões. Vamos tentar tirá-lo do ventilador mecânico mais tarde, ainda hoje, e, se não funcionar, vamos ajustar o aparelho para

encorajá-lo a fazer mais esforço para respirar, mas a máquina ainda vai ajudá-lo.

— E se ele tiver outra parada?

O especialista fez uma pausa.

— Ele está em coma há muito tempo. Temos que pensar no que é melhor para ele.

Um horror crescente tomou conta de Laura.

— Quer dizer, vocês podem não... podem simplesmente deixá-lo morrer? — ela perguntou, incrédula.

— Não necessariamente. Se ainda for sua vontade, faremos o melhor possível para ressuscitá-lo.

— Sim, por favor! — Laura exclamou, as lágrimas escorrendo.

Quando ficaram sozinhos, Howard e Laura se sentaram em silêncio por um instante.

— Eles estão fazendo o melhor possível — Howard comentou.

— Estão?

Ele ficou levemente surpreso.

— Sim, é claro.

— Ah, Howard, não quis dizer que estão sendo negligentes ou algo assim, e sei que há médicos incríveis aqui... ele é um dos melhores, afinal. Mas sinto que estamos deixando a coisa seguir cegamente, quando devíamos ficar de olho em tudo. — Ela sentou-se ao seu lado e segurou as mãos do marido no colo. — Já passamos por isso antes, lembra? E se nós... se eu tivesse levado Rose ao hospital no instante em que ela não mamou pela primeira vez?

— Espere...

— Sei o que você vai dizer, o que todos sempre me disseram, que eu fiz o que era possível, que não foi minha culpa. Mas a pergunta “e se?” nunca vai embora. E eu prometi, Howard, *prometi* que sempre cuidaria dele; que ficaria atenta a ele; que faria as perguntas que ele não era capaz de fazer. Que eu me superaria. Ele foi minha segunda chance.

Ele apoiou a mão sobre as dela.

— Então o que sugere?

— Tem outro médico... um americano. Eu não fiz nada porque achei que estávamos em boas mãos. *Estamos* em boas mãos, mas quero aumentar nossas opções. Ele foi recém-contratado por um hospital particular no centro da cidade que se especializou em problemas neurológicos. Ah, não, eu não posso suportar, Howard... E se estivermos deixando escapar algo? E se nos permitimos ser complacentes? Só acho que devíamos procurá-lo, deixá-lo ver Daniel.

— Isso não exigiria transferi-lo?

— Sim, mas lá tem tudo o que tem aqui, e ainda o Dr. Bell. Posso telefonar, e aposto que é só questão de autorizar o Chelsea & Westminster a transferi-lo, e eles tomarão conta do resto.

— É seguro transferi-lo, quando ele está tão mal?

— Podemos perguntar.

Howard pensou no que a esposa dizia, e Laura confundiu aquele silêncio com relutância. Sua voz falhou.

— Se ele... não conseguir, Howard, não acho que serei capaz de viver comigo mesma sabendo que não tentei tudo, que não fiz o melhor que pude por ele. Esse Dr. Bell pode nos dizer a mesma

coisa, mas pelo menos teremos outra avaliação.

Howard a olhou. Eram duas pessoas perdidas, procurando qualquer tipo de resgate. Por mais que fosse um tiro no escuro, era melhor do que continuarem abandonados na ilha.

— Vamos falar com o especialista daqui.

Perceberam que o especialista não achava que fosse fazer muita diferença, mas não foi contra, e Daniel foi transferido para o Wellington Hospital de ambulância dois dias mais tarde. Laura estava no caminho quando se lembrou que Cherry iria visitá-lo naquela noite, já que era quinta-feira. Ela se perguntaria o que estava acontecendo, já que fazia dois dias que Daniel deixara a casa de repouso. Laura fez uma ligação e falou com uma das enfermeiras que conhecia bem, mas ficou surpresa em saber que Cherry não aparecia há um tempo.

— Ela foi viajar — a enfermeira falou. — Foi para Cancun, ficar umas duas semanas. Ela não disse?

Laura se lembrou da conversa que tiveram.

— Ah, sim, sim, é claro. Quando ela partiu?

— Segunda-feira passada, acho.

Laura estava esperançosa na primeira consulta com o dr. Bell, mas infelizmente a avaliação dele foi a mesma. Daniel não respondia à retirada do ventilador. Três dias depois de ser admitido no hospital, teve outra parada cardíaca. Laura e Howard foram chamados às pressas e o dr. Bell os advertiu gentilmente de que a situação não era boa.

— Temo dizer que é extremamente provável que ele tenha outra parada cardíaca em breve, e quando isso continua acontecendo é muito difícil manter o paciente vivo.

— Em quanto tempo? — Laura perguntou.

— É difícil dizer, mas pode ser nas próximas vinte e quatro ou quarenta e oito horas.

Laura voltou ao espaçoso e ensolarado quarto particular de Daniel, e sentou-se em silêncio ao lado da cama do filho. Tinha tentado, de verdade, fazer tudo o que podia, mas parecia que não era o suficiente. Ela pegou a mão dele e seu coração partiu. Fragilizado por tanto tempo, estilhaçou-se em mil pedaços minúsculos que se espalharam e rasgaram suas entranhas.

Era isso. Era tudo o que lhe sobrava dele. Depois de vinte e quatro horas, ela teria talvez um ou dois dias dele deitado ali, pálido, indiferente, impotente. De repente, teve uma sensação avassaladora de que não queria compartilhá-lo.

Acontecera o mesmo quando ele nasceu: ela não aguentava que as pessoas o segurassem tempo demais; parecia não ser natural estar separada dele, mesmo com ele apenas do outro lado do quarto. Não era capaz de se sentar quieta — cruzava os braços agitada, lutando contra o impulso de arrancá-lo da mãe de Howard, que parecia arrulhar para o bebê e sempre deixava Daniel fedendo tanto a seu perfume que Laura tinha que banhá-lo depois. Ela o queria de volta a seus braços. Queria aproveitar cada segundo daqueles últimos dias, fazê-los durar o máximo possível, embora soubesse que a areia estaria passando pela ampulheta. Mas Cherry estaria de volta no dia seguinte, e, quando soubesse das notícias, iria querer vê-lo. Laura não podia suportar a ideia daquela mulher perto do seu filho amado. Não queria ouvi-la pedindo para visitá-lo, ou que ela fosse até o hospital e implorasse para a equipe. Cherry afastara tanto Daniel dela que a ideia de sua invasão nessas últimas horas a encheu de desespero e fúria ardente. Mas ela sabia

que isso aconteceria. Bem no fundo, Laura sabia que, mesmo se pedisse para Cherry se manter afastada, mesmo se explicasse como se sentia sobre precisar estar a sós com o filho, ela viria mesmo assim.

O caráter definitivo de tudo aquilo a atingiu de repente, e, apertando a mão de Daniel, ela chorou, ao lado de sua cama, como nunca chorara antes.

Era tarde quando Laura voltou para casa, e Moisés, sem saber do que acontecia na vida miserável dela, esfregou-se em suas pernas. Estava com fome. Laura tinha voltado para alimentá-lo e para fazer uma mala com alguns itens essenciais. O táxi esperava do lado de fora da casa, pronto para levá-la novamente ao hospital. Howard estava lá, mas iria embora quando ela voltasse, e Laura planejava passar a noite ali.

Ela abriu uma lata de comida de gato e mal colocou no chão antes que Moisés começasse a devorar tudo, ronronando enquanto comia. Depois foi para o andar de cima pegar o que precisaria para passar a noite fora. Colocou na bolsa somente o essencial: um pijama, escova de dentes, itens para se lavar e também uma muda de roupas.

A ideia veio de repente, a ponto de tirar seu fôlego. Ela ficou parada diante do guarda-roupa, segurando uma blusa limpa, e um arrepio gelado percorreu seu corpo. Era isso. Era sombrio, medonho, mas era a única saída. Agora que o pensamento estava em sua mente, seus pés foram desenraizados, e ela foi carregada por uma correnteza contra a qual não podia lutar.

Faria aquilo amanhã.

CAPÍTULO 27

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE MARÇO

Amo meu filho. Era tudo o que devia ser levado em consideração. Não importava que estivesse prestes a fazer algo hediondo. Uma oportunidade lhe fora concedida, um farol depois dos últimos meses devastadores, e Laura sabia que tinha que aproveitar. Pensara e repensara naquilo por horas, mas agora a decisão estava tomada, e ela sentia uma onda de horror pelo que teria que dizer. As palavras que iriam parti-la em pedaços. Essa seria a primeira vez. Por um instante, pensou em ensaiar o que diria, mas as palavras — a palavra — nem chegavam a se formar em sua mente; seu instinto era o de rechaçá-las com violência.

Ela seguiu até a pia do banheiro da suíte particular no hospital e se olhou no espelho pendurado logo acima. Uma rápida conferida para ver se sua alma ainda estava intacta através dos olhos azuis desgastados a tranquilizou. Nenhuma íris verde reluzente nem pupilas dilatadas demoníacas. Parecia cansada, no entanto, e ficou surpresa em ver o quanto tinha envelhecido. Havia mais linhas ao redor dos olhos e da boca. Também havia uma tristeza, um desespero assombroso que ela tentava desesperadamente deixar de lado com aquele hospital novo e caro, com os melhores médicos que conseguira encontrar e com uma esperança frágil. Por um instante, ela se esqueceu do que estava prestes a fazer e só pensou no que aconteceria em breve. O desgosto era uma força física que a fez dobrar o corpo, agarrando a pia. Ergueu-se depois de alguns segundos. Nada mudara.

Cherry chegaria hoje. Laura vira que os voos do México em geral chegavam em Heathrow pela manhã. Olhou o relógio. Talvez ela já estivesse em seu apartamento em Tooting naquele instante.

Um nó se formou em sua garganta quando pegou o telefone, mas Laura engoliu em seco. Tinha que fazer isso direito. Qualquer mãe faria o mesmo, lembrou a si mesma uma vez e mais outra, como um mantra para fazê-la passar por isso.

Ela marcou os números do telefone cuidadosamente. Sentiu que estava gelada, depois suada, as ondas de frio e de calor se alternando, aumentando sua agonia. Logo sua vida chegaria ao fim. Aquela que teve significado. Segurando o telefone com as duas mãos para impedir que tremesse, Laura esperou que os toques em seu ouvido parassem.

Os toques pararam, e a voz que atendeu parecia curiosa, desconhecida. Não era de estranhar, já que Laura nunca ligara para ela antes e seu número não seria reconhecido.

— Alô?

— É Cherry?

— Ela mesma.

— Cherry, aqui é Laura Cavendish.

Houve um breve silêncio. Laura sabia que os pensamentos corriam pelo cérebro de Cherry, tentando descobrir por que ela estava ligando.

— Cherry, sinto dizer que estou ligando para dar más notícias... Daniel morreu há alguns dias.

— Ah, Deus, aquilo doía, doía muito. Ela apertou os olhos com força, mas não conseguiu impedir as lágrimas.

Houve um silêncio aturdido do outro lado do telefone, e então:

— Como é?

— Ele teve um ataque cardíaco, um de vários, na verdade, e teve que voltar para o Chelsea & Westminster. Não foram capazes de salvá-lo.

Mais silêncio.

— Sei que é muito para absorver...

— Por que não me ligou?

— Eu sabia que você precisava de algum descanso... e não parecia justo fazer isso quando você tinha acabado de viajar. Sinto muito... foi uma decisão difícil, mas achei que era melhor.

— Entendo. — Era a declaração de alguém que não sabia o que dizer, que ainda não processara completamente o que tinha ouvido.

Laura viu de relance seu reflexo no espelho; a angústia em seu rosto era real. Seu coração estava acelerado, e ela só queria que aquilo acabasse.

— Quando é o funeral?

O peito de Laura ficou apertado de apreensão.

— Já foi. Só para a família.

Se Laura pudesse ver o quanto este último afastamento machucara Cherry, a culpa em seu rosto a teria entregado.

Quando Laura desligou o telefone, sentiu-se vazia. Nada de alívio, nenhum triunfo alegre por ter tirado Cherry do caminho. Mas também sentia uma espécie de paz. Agora poderia dizer adeus para Daniel. Os médicos não sabiam quando seria seu último instante, e ela não queria ser pega de surpresa antes de dizer tudo o que queria a ele.

Ela precisou de um momento para se recompor, e jogou um pouco de água no rosto. Então abriu a porta do banheiro e voltou para o quarto do filho, onde ele continuava deitado na mesma posição que estivera nos últimos meses. Ela ficaria sozinha com ele por algumas horas, já que Howard voltara para casa para trocar de roupa.

Laura puxou uma cadeira e, olhando pela janela, viu que era um daqueles dias de início de primavera, que pareciam um ato gentil da natureza, um presente inesperado. De repente, quis que Daniel também aproveitasse aquilo e abriu a janela. O ar que entrou era fresco, mas não gelado, cheio de vida, e ela podia ouvir os pássaros cantando. Ela se sentou novamente e segurou a mão do filho.

— Está um dia adorável. — Não disse mais nada, e acariciou o cabelo dele, para dar um momento a si mesma, pensando que teria que fazer aquilo melhor ou estragaria tudo. Não era

hora de desmoronar. Tentou de novo. — Caso eu não tenha chance de lhe dizer isso mais tarde, caso... — Ela parou abruptamente. Estava prestes a dizer “caso você tenha que partir de repente...”, mas algo a impedia, algum mecanismo protetor materno. Tinha pensado por muito tempo nos últimos meses sobre se Daniel podia ouvir o que era dito para ele, e achava, esperava, que sim. Estava prestes a lhe contar todas as suas lembranças, tudo o que amava nele, mas agora sabia que não podia. E se ele não soubesse que estava morrendo, mas pudesse ouvir tudo o que ela dizia? Laura estremeceu de terror.

Ele estaria preso em uma armadilha, ouvindo o fim da sua vida ser anunciado, mas incapaz de se comunicar, de pedir consolo. Seria como ser enterrado vivo.

Ela subiu desajeitada na cama dele, e gentilmente apoiou o rosto ao seu lado, tomando cuidado para não deslocar nenhum dos tubos plásticos presos em várias partes dele. Então segurou sua mão. Em sua mente, reviveu duas lembranças. Uma era de uma garotinha, uma coisinha perfeita com grandes olhos azuis e cabelos loiros que morreu em seus braços alguns dias depois de nascer. A outra era um garotinho igualmente perfeito que, quando pequeno, acordava à noite e ia até sua cama com um macaco de pelúcia, aconchegava-se nela e dividia uma das orelhas do brinquedo, a mais macia, a parte mais preciosa do macaco, com ela. Ficavam deitados ali, aquecidos e próximos, sussurrando segredos um ao outro.

— Daniel, espero que não esteja assustado, mesmo porque você não precisa ter medo. Vou ficar aqui até... até... Vou ficar.

CAPÍTULO 28

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE MARÇO

Cherry desligou e deixou o telefone no sofá ao seu lado. Daniel estava morto. Não conseguia aceitar. Ele *morrera*; desaparecera; não existia mais. Enquanto ela estava viajando. De repente, percebeu que nem perguntara para Laura o dia exato. O que ela estaria fazendo naquele dia? Deitada preguiçosa na espreguiçadeira na praia? Passeando em Chichén Itzá? Talvez até jantando com Elliot. Fora uma coisa fugaz — deixara isso claro —, mas ela precisava do alívio de passar um tempo com ele. Elliot se aproximara dela no bar do hotel e descobriu que os dois viajavam sozinhos, e que suas férias se sobrepunham por quatro dias. Acabaram passando grande parte desses quatro dias — e noites — juntos. Cherry não se sentia culpada; via aquilo mais como um bálsamo curativo depois dos últimos meses. Então ele foi embora e ela continuou com o resto da viagem.

Ficou perturbada em não saber quando Daniel morrera, que não pudesse relacionar um acontecimento de tal magnitude com um momento de sua própria vida. Quase ligou de novo para Laura, mas largou o telefone assim que o pegou. Não se sentia capaz de fazer perguntas ainda — tudo era irreal demais. Um movimento na janela chamou sua atenção: pessoas passando, seguindo com suas vidas, alheias ao que acontecia dentro do apartamento. Levantou-se de repente e foi fazer um chá. Enquanto segurava a chaleira embaixo da torneira, o fato a atingiu. Ela irrompeu em lágrimas, soluços estridentes, e largou a chaleira na pia; então, de repente, lembrou-se que o vizinho podia ver se a porta dos fundos estivesse aberta, e que o apartamento de cima podia ver se alguém se abaixasse em certo ângulo. Recuou, odiando aquele apartamento, Tooting, Londres, a Londres dos pobres e o jeito como as pessoas viviam umas sobre as outras. Então foi para o quarto, onde tinha um pouco mais de privacidade, e deitou-se, completamente vestida, na cama.

Daniel estava morto. Ela achava que se sentia sozinha, abandonada, enquanto ele estava doente, mas percebeu que aquilo não era nada se comparado com agora. Sempre acreditara que ele se recuperaria — lera inúmeros relatos, casos na internet, estudara nos livros e revistas, até sentir que poderia se passar por médica. Mas, em vez disso, ele a deixara. E sua nova vida, aquela que planejava, se desintegrara. Nem pudera dizer adeus. Encolheu-se por dentro ao lembrar das palavras de Laura: “Apenas para a família”. Ela não estava incluída. Não era boa o bastante? Não era digna? Não era rica o suficiente? Mais uma vez fora menosprezada. De novo, era como com Nicolas. Nem Laura nem Howard a reconheciam como namorada, como alguém

que significava algo para Daniel.

Onde ele estaria enterrado? Ou fora cremado? Nesse caso, onde estariam as cinzas? Ela não sabia as respostas para nenhuma dessas perguntas e tinha sido deixada em um vácuo de ignorância. Sentiu uma raiva súbita e violenta de Laura, por guardar isso para si. Aquela mulher a cortara da vida de Daniel. E ela, Cherry, estava presa em um emprego sem futuro que odiava cada vez mais, sem rota de fuga no horizonte. Não podia passar por tudo aquilo de novo. Percebeu que Daniel tornava seu emprego palatável, não só porque em algum momento ele a tiraria daquilo, mas porque ele era o que a aguardava no final do expediente. Conversar com ele, trocar histórias sobre as pessoas com as quais cada um teve que lidar durante o dia — ele como residente no hospital e ela como corretora de imóveis. O jeito como ele a abraçava e a beijava a fazia se sentir bem, como se tivesse valor. Agora, tudo se fora. Era ninguém novamente. As pessoas que ela aspirava ser tinham fechado a porta em sua cara sem cerimônia alguma. No fim, Laura vencera.

CAPÍTULO 29

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE MARÇO

Laura não deixou o hospital, temendo que, se saísse, Daniel morreria enquanto ela não estivesse ali. Ligou para a sra. Moore separar algumas roupas limpas, e mandou um táxi buscá-las. À noite, dormiria em uma cama temporária ao lado da dele, que as enfermeiras tinham preparado para ela. Howard ficava o máximo que podia, mas seu trabalho exigia que passasse pelo menos algumas horas no escritório todos os dias. As enfermeiras disseram que com frequência podiam ver quando um paciente “não tinha muito tempo”, e que avisariam Laura para que ela pudesse ligar para o marido quando esse momento chegasse. Quatro dias depois, ela percebeu que algumas das flores estavam morrendo. Deprimia-a pensar que elas espelhavam o que estava acontecendo naquela cama, e as pegou com desgosto. Não queria nem que fossem para o lixo do quarto, e levou-as para fora, para jogá-las em algum outro lugar. Ao fechar a porta do quarto atrás de si e começar a andar pelo corredor, ouviu alguma coisa, uma mudança no ritmo dos bipes que haviam se tornado tão familiares quanto as batidas de seu próprio coração.

Uma enfermeira passou correndo por ela. *Jesus*, Laura pensou, *ele está morrendo. Ele está morrendo enquanto saí do quarto*. Ela soltou um grito angustiado e voltou correndo até a cama dele, desesperada para impedi-lo, se não fosse tarde demais.

O dr. Bell chegou um segundo depois.

— Sra. Cavendish, se puder nos dar espaço — ele disse, e a enfermeira a segurou com firmeza pelo cotovelo e a puxou de lado, enquanto o médico examinava Daniel e os monitores.

— Ele está tentando respirar.

Laura encarou o médico incrédula.

— Ele o quê?

— Respirar. Por conta própria. — O dr. Bell sorriu e olhou o monitor. — Três respirações no último minuto. Ora, ora, ora.

Ela balançou a cabeça.

— Não entendo.

— Ele está respirando sozinho. De vez em quando. São boas notícias — ele disse com cautela. — Acho que vamos testá-lo com o ventilador mecânico, mudar as configurações para reduzir a quantidade de trabalho do aparelho. Vamos ver se aceitará bem isso.

— Ah, meu Deus.

— Ele será monitorado cuidadosamente nas próximas vinte e quatro horas, para que possamos

ver quanto seus pulmões conseguem dar conta.

— E depois?

— Vamos pensar nas próximas vinte e quatro horas primeiro — o dr. Bell disse, gentil.

Laura ficou em êxtase — por alguns minutos —, e depois voltou ao desespero novamente. Era uma pegadinha cruel, a medicina brincando com suas emoções, um estranho sopro de vida antes que ele a deixasse para sempre. Ficou colada ao lado da cama dele, observando-o, olhando seu peito, notando cada respiração. Perguntou à enfermeira exatamente o que cada um dos números da máquina queria dizer, quais eram relacionados aos pulmões, e ficou obcecada, desejando que registrassem outra respiração. Mal dormiu aquela noite, deitada perto dele na cama de armar, e levantava toda hora para verificar os monitores.

Bem cedo, na manhã seguinte, Howard e ela aguardavam impacientes o prognóstico do dr. Bell.

— Ele está indo extremamente bem. De fato, acho que devemos tirá-lo do ventilador mecânico.

Laura se virou para Howard, e eles trocaram sorrisos radiantes e tensos, mal ousando acreditar no que acontecia.

— Vou remover o tubo endotraqueal. — Ele desconectou o ventilador e então puxou gentilmente o tubo que alimentava os pulmões de Daniel. Ele tossiu de repente, e seus olhos se abriram.

— Ah, meu Deus! — Laura exclamou, as mãos no rosto.

— Daniel, pode me ouvir? — O dr. Bell perguntou, colocando uma máscara de oxigênio nele. — Você está em segurança. Está no hospital. Meu nome é dr. Bell, e estou aqui para cuidar de você.

Daniel olhava ao redor descontrolado, sem entender.

— Não entre em pânico. Está tudo bem. Vou segurar sua mão e quero que pisque se puder me ouvir.

Por alguns segundos, nada aconteceu. Então ele piscou, e Laura foi tomada por uma alegria que a enfraqueceu; explodiu por todo seu corpo, e lágrimas começaram a descer descontroladas.

— Você está no hospital, e sua mãe e seu pai estão aqui.

— Estou aqui, estou aqui — Laura falou, secando as lágrimas enquanto se aproximava do filho e segurava sua outra mão. Ele olhou para ela, mas Laura não tinha certeza se podia vê-la.

— Você teve um acidente, mas está melhorando — o dr. Bell explicou.

Os olhos de Daniel se fecharam novamente, e Laura entrou em pânico.

— O que aconteceu?

— É perfeitamente normal. Ele vai voltar gradualmente; recuperar a consciência com o tempo.

— Então ele está bem?

— Saberemos melhor mais tarde, talvez ao longo dos próximos dias e semanas, mas isso é muito bom.

Sua recuperação começou lenta, e no início Laura era constantemente lembrada do quanto ele

não podia fazer. Foram necessárias duas semanas para que ele se sentasse na cama; ainda precisava ser alimentado; as feridas em seu corpo e lábios levaram muito tempo para se curarem, mas gradualmente percebia pequenas partes dele retornando para ela. Um sorriso, uma palavra rouca, um momento de lucidez, e depois de cada uma dessas coisas ela ficava admirada com seu progresso.

— É porque ele é jovem e quer melhorar — o dr. Bell explicou, e Laura sentiu um orgulho imenso da determinação de Daniel, olhando-o maravilhada, encantada pela transformação.

Os médicos a lembravam repetidas vezes que havia um longo caminho a percorrer — ele ainda podia ter algum dano cerebral; a memória dele podia ter sido afetada —, mas Laura estava cheia de euforia e deixava essas ninharias de lado. Estava tão envolvida na recuperação do filho que no início se esqueceu de Cherry. Então, na cozinha, uma noite, preparando o jantar para ela e Howard, tudo voltou como um trem a vapor, rápido, trovejante, arrasando os pensamentos no caminho. *Tinha dito a Cherry que Daniel estava morto.* Era um problema imenso, mas não queria lidar com isso naquele momento. Todos os seus pensamentos estavam voltados para a recuperação de Daniel e o trabalho que estava envolvido — fisioterapia, fonoaudiologia, o tempo que ela tinha que passar apenas conversando com ele, encorajando-o. Laura não queria que aquilo fosse interrompido ou que tivesse qualquer tipo de complicação, e Cherry era, definitivamente, uma complicação. Teve uma visão dela sugando a nova vida de Daniel, contando mentiras, manipulando-o emocionalmente, de olho no prêmio desejado, e teve um arrepio de medo. Embora a recuperação corresse bem, ele não estava nem perto de sua força ideal, e ela deixou de lado a culpa e disse a si mesma que o melhor para ele era que Cherry ficasse longe por enquanto.

Foi até a adega buscar um vinho para a refeição, e viu Howard dando braçadas na piscina. Percebeu que tinha que lhe dizer algo que explicasse a ausência de Cherry. Ainda bem que ele não tinha perguntado; era provável que estivesse tão envolvido com Daniel que não tinha nem pensado nisso. Que diabos poderia dizer? Ela se sentiu em pânico ao recordar o que fizera, a mentira que contara, e atravessou rapidamente a sala da piscina até a adega e pegou uma garrafa gelada de Chablis na geladeira. Quando voltou para a escada, viu algo no chão — uma área de azulejos molhados — e inclinou-se para investigar. Parecia ser água, mas não vinha da piscina. Uma gota lânguida caiu em seu cabelo, e, surpresa, ela olhou para cima. Estava bem embaixo da janela opaca. Franziu o cenho. Estava vindo dali? Estava longe demais para ver, mas aquilo significava que tinham um vazamento.

— Qual o problema? — Howard perguntou.

— Acho que temos um vazamento.

Ele nadou até perto dela e olhou o teto.

— O quê? Acabamos de consertar os azulejos. Malditos empreiteiros da casa ao lado.

— Vou falar com eles.

Mais tarde, enquanto ela e Howard sentavam-se à mesa, ela tentou abordar o assunto.

— A propósito, falei com Cherry há algumas semanas.

— Sim? Que dias ela está visitando Daniel?

Laura escondeu as mãos trêmulas sob a mesa.

— Ela se mudou.

Ele abaixou a taça de vinho.

— Como?

— Sim, acho que tomou a decisão logo depois das férias.

— Isso foi há décadas. Você não mencionou nada.

— Não achei importante. Estava muito preocupada com Daniel... Você sabe, as más notícias que estávamos aguardando.

— Então ela não sabe que ele voltou a si?

— Não, ela sabe. Foi por isso que liguei para ela. — Era outra mentira, a quarta agora. Uma levava à outra.

— Ele sabe?

— Não toquei no assunto, e ele não a mencionou. Mas acho que deve ter adivinhado. — Ela fez uma pausa. — Acho que precisamos protegê-lo. Se ele disser alguma coisa, pode ser mais fácil fazer com que ele pense que ela partiu há alguns meses.

Howard ficou em silêncio por um momento, zangado em pensar no que o filho ainda teria que passar, e então assentiu.

Por um instante, Laura não conseguiu acreditar no quão fácil aquilo fora. Então deu um suspiro silencioso de alívio e deixou todo aquele assunto de lado.

Dois meses após recuperar a consciência, Daniel terminou as sessões de fisioterapia e, voltando à sua cadeira, sentou-se, exausto. Aquilo doía — Laura podia ver nos olhos do filho —, e ela estava prestes a dizer como estava indo bem quando ele disse: — Onde está Cherry?

Uma camada grossa de pavor tomou sua garganta. Era sua chance, o momento em que poderia acertar as coisas. Poderia dizer algo sobre Cherry dar espaço para a recuperação dele, mas que estava morrendo de vontade de vê-lo. E podia dizer a Cherry — o quê? Que estava delirando? Destruída pela dor de saber que seu filho tinha um ou dois dias de vida?

A vida ganhara uma nova alegria, um novo propósito desde que Daniel voltara. Era como se alguém ou alguma coisa tivesse decidido, no último instante, não tirar o filho que ainda lhe restava, apesar do fracasso dela em manter sua promessa. Porque *tinha* falhado. Dissera que o protegeria, que nunca deixaria nada acontecer com ele e, em troca, ele permaneceria em segurança. Nenhum descuido como com Rose, nenhum sinal mal compreendido. *Esse fora o acordo*. E ela falhara em manter sua parte. Convidara Cherry para dentro da família. Sim, Daniel estava saindo com a moça, mas ela encorajara isso sem nem pensar em quem ela era. Convidara-a para ir à França; Deus, a certa altura, até desejara que ela fosse algum tipo de filha substituta. Laura estremeceu. Fracassara de maneira abismal, e mesmo assim tivera outra chance. Que tipo de mãe ela seria se simplesmente deixasse Cherry voltar novamente? De repente, sentou-se reta. Estava louca? Quantos avisos precisava receber?

— Ela não tem vindo ver você há algum tempo — falou com pesar, dor. Não era mentira, mas tampouco era a verdade completa. O olhar em seu rosto lhe disse tudo; ele deduzira que ela o deixara enquanto estava em coma.

Ele olhou pela janela por um momento, e Laura afastou o olhar, sentindo-se mal. Teve um impulso súbito, urgente, de lhe dizer que não era verdade. Mas os segundos passaram e ela não disse nada.

Daniel continuou a melhorar, e não mencionou Cherry novamente. Mesmo assim, Laura se preocupava. E se ele tentasse entrar em contato com ela? Uma vez, quando estavam no jardim do hospital, caminhando lentamente, pois os músculos da perna dele ainda estavam atrofiados, ela tentou trazer o assunto à tona. Estavam falando sobre os antigos amigos de escola que o visitariam naquele final de semana, e pareceu o momento certo.

— Você vai entrar em contato com Cherry?

— Não.

E o assunto foi encerrado. Embora estivesse aliviada por ele parecer ter superado aquilo, parte dela sabia que bastava um simples telefonema para desvendar tudo.

Seu telefone estava em uma caixa no closet dela. Laura foi para casa à noite, e estava prestes a apagar o número de Cherry, só para ter certeza de que ela deixaria suas vidas para sempre, mas então percebeu que pareceria um pouco estranho se só aquele número sumisse. Então ela levou o telefone até o pátio e o esmagou; tirou o chip e o destruiu também. Ficou olhando os pedaços e recolheu-os rapidamente, guardando-os em um saco de plástico. Enfiou no lixo, embaixo de algumas coisas, feliz por saber que o lixeiro viria no dia seguinte. Tudo aquilo a deixava muito desconfortável, e a única coisa que a consolava era saber que estava chegando ao final das consequências da sua mentira. As pontas soltas estavam sendo amarradas. Ninguém sabia mais o telefone de ninguém de cor. Todo mundo confiava muito nos celulares; os aparelhos diziam aos donos por onde caminhar, se pegariam chuva ou não, e guardavam seus contatos, de modo que a maioria das pessoas não sabia o número nem da própria mãe. Daniel, sem dúvida, era assim. Provavelmente ele digitou o número de Cherry apenas uma vez, isso se ela não ligou primeiro e ele só salvou o contato, e nunca mais deve ter prestado atenção nisso. O telefone cuidaria disso para ele. Ela compraria um celular novo para o filho, e diria que o antigo se perdeu em algum lugar, entre um hospital e outro. Teria um número novo, por precaução caso Cherry ligasse acidentalmente para ele.

Mas ainda havia uma coisa. Algo que fazia seu estômago se contrair de preocupação.

Cherry ainda trabalhava a menos de dez minutos a pé da casa deles. Se Daniel passasse pela imobiliária... bem, não aguentava pensar nisso. Aquilo a atormentava, deixava-a acordada à noite, e ela não sabia o que fazer. Foram os médicos quem lhe deram a ideia. Era só temporário, mas lhe daria algum tempo para pensar. Disseram que Daniel estava pronto para voltar para casa, mas ainda tinha semanas de fisioterapia pela frente: natação, caminhadas e muita recuperação. Então soube exatamente o que fazer: iriam para a França, onde era quente. Daniel concordou sem um pio, e Laura ficou profundamente aliviada. Marcou o voo para o dia em que ele teve alta.

CAPÍTULO 30

SEGUNDA-FEIRA, 8 DE JUNHO

Daniel estendeu o braço para alcançar a beira da piscina, mas não conseguiu. Seu rosto ficou submerso por um segundo antes que boiasse de novo, e desta vez sentiu o contato. Ignorando a dor, virou-se para nadar outra volta. Suas roupas ainda não lhe serviam bem, e de jeito nenhum compraria roupas novas — pra começar, a ideia de ir às compras drenava toda sua energia, e energia era algo que não podia desperdiçar agora. Não, tinha que recuperar massa e músculos, e então poderia parar de puxar o jeans sobre o traseiro — e isso quando estava com cinto.

Quando completou sua meta, estava tão cansado que simplesmente apoiou a cabeça sobre os braços na beira da piscina. Como sempre, quando não estava se distraíndo com exercícios, sua mente estava a todo vapor. Ainda estava se acostumando com o tanto que sua vida mudara. Despertara do coma sem reconhecer os arredores, ou mesmo seu corpo. Sua última lembrança era o momento anterior ao acidente, de estar no bote e de se precipitar rio abaixo. Seu trabalho e sua namorada, as duas coisas que amava, tinham desaparecido. Sua vida cotidiana tinha entrado no ritmo de um aposentado, mas, mesmo se quisesse mudar isso, fisicamente ainda não era capaz. Frustrava-o o fato de estar preso dentro do próprio corpo.

Ele suspirou e saiu da piscina, jogando uma toalha sobre os ombros. O sol brilhava — junho na Côte d'Azur era glorioso —, e ele resolveu se aquecer no calor. Sentou-se por um instante na mesa de teca e olhou para vista de Saint-Tropez ao longe, os telhados avermelhados brilhando sob a luz do sol. A vila toda parecia estar de frente para o mar, algo que achava ao mesmo tempo charmoso e reconfortante. Ainda não fora lá, no entanto, e já estavam em Gassin há uma semana. Não era particularmente sentimental, mas estava achando aquela viagem difícil. Havia recordações do último verão — e de Cherry. Ele estava no mesmo quarto em que dormiram juntos. Haveria ainda mais lembranças em Saint-Tropez. Parte do problema, ele sabia, era que estava com dificuldade de aceitar que fora largado quando não sabia o que acontecia. Nem mesmo estava mentalmente presente.

Suas últimas lembranças de Cherry eram excessivamente alegres, e era como se uma grande parte de sua vida estivesse faltando — e estava. Tinha vontade de ligar para ela, como se tudo aquilo fosse um grande engano, mas então se lembrava que ela desistira dele. E não achava que ela fosse assim. O relacionamento deles, ainda que curto, parecia sólido. Parecia que teria longevidade, parecia que teria um futuro. Com frequência ele se perguntava o que teria feito se fosse o contrário, se Cherry tivesse sofrido o acidente, e gostava de pensar que teria ficado muito

mais tempo com ela. Então o que a tinha feito ir embora? Sim, ele estava em coma, mas sua mãe dissera que ela desaparecera antes do Natal — no início de novembro, mais precisamente —, então ele estava “fora” há poucos meses. Perguntava-se como ela teria tomado aquela decisão. Fora fácil? Ela queria ficar livre? E então havia a coisa que ela não sabia. Ele tinha saído daquela. Mas não podia telefonar e contar aquela parte: se ela voltasse, ele nunca saberia se era porque realmente queria ou se era por algum tipo de obrigação. Também não podia ligar porque seu celular desaparecera em algum lugar durante o trânsito do armário do escritório da empresa de *rafting* até os vários hospitais, e ele não sabia o número do telefone dela.

Seu estômago roncou, e se levantou saindo em busca de algo para almoçar. Estava fascinado em ver o quanto comia — devia ser o modo de a natureza reabastecer o corpo danificado. Ele podia devorar baguetes inteiras, cheias de manteiga e queijo. Enquanto se dirigia para a cozinha, viu sua mãe sentada na mesa, lendo algo no notebook. Parecia preocupada, a testa franzida. Quando ela o viu, deu um sorriso e abaixou a tela.

— Mãe, você precisa voltar ao trabalho?

Ela hesitou; então, quando respondeu, Daniel soube que estava mentindo.

— Não seja bobo. Posso trabalhar daqui.

Ele se sentou diante dela.

— É que você está gastando tempo demais para cuidar de mim. — Ela começou a protestar, mas ele colocou a mão em seu braço. — Não pense que não aprecio isso. Eu não estaria onde estou se não fosse você, mas... todos esses meses no hospital, vir para cá comigo... é hora de pensar um pouco em você.

O alívio tomou conta dela, coisa que não conseguiu esconder. Para sua alegria, o drama policial recebera sinal verde, e deviam começar as filmagens no final do ano. Isso significava que, de repente, toda a máquina começaria a girar: episódios inteiros precisavam ser lidos e editados, o elenco tinha que ser escolhido, diretores entrevistados, a equipe principal contratada, as locações pesquisadas, sem mencionar o problema com os empreiteiros, que supostamente deveriam consertar a janela do jardim — e ela não conseguia fazer tudo isso do sul da França. Mas não era apenas o trabalho que era uma distração. A sempre presente sombra de Cherry, trabalhando no final da rua da casa deles, mantinha-a acordada, e ela sabia que estava ficando sem tempo.

— Tem certeza absoluta?

— Nunca tive mais.

Ela colocou uma mão de cada lado de sua cabeça e o beijou.

— Virei nos finais de semana.

— Não precisa...

— Psiu. Esse é o trato.

Laura voltou para casa naquela noite. Fora uma despedida emotiva, e ambos ficaram com lágrimas nos olhos.

— Obrigado por tudo — Daniel disse enquanto se abraçavam com força. — Eu não teria conseguido sem você.

— Eu liguei. Todos os dias, só para ter certeza que está fazendo os exercícios.

Assim que ficou sozinho, Daniel sentiu falta dela mais do que imaginou. Deitou-se na cama e, como sempre, seus pensamentos se voltaram para Cherry. Só queria saber por que ela decidira romper com ele. E então uma ideia se formou. Ligaria para o escritório, falaria com ela lá. E se fosse muito difícil, muito público, poderia pegar o número de seu celular novamente e ligar no final do expediente.

Sentiu uma certa paz fatalista depois que decidiu o que fazer, embora não estivesse ansioso pela conversa. Tinha certeza de que seria rejeitado uma segunda vez, e duas vezes pela mesma garota era difícil demais para qualquer rapaz aguentar.

A manhã seguinte estava quente e sem nuvens. Daniel levantou cedo e caminhou até a *boulangerie* para pegar uma baguete fresca, e depois tomou o desjejum no quintal. Tinha dormido bem, mas agora estava acordado. O momento de ligar para Cherry estava cada vez mais próximo, e ele estava nervoso. Pegou seu celular e pesquisou a Highsmith & Brown no Google. Ver a foto do exterior da imobiliária no site o deixou ainda mais nervoso. Não podia ligar ainda: eram só sete da manhã em Londres, e ela não estaria no trabalho. Para passar o tempo e se impedir de ensaiar mais uma vez o que dizer, decidiu dar uma volta em Saint-Tropez.

Foi bem fácil dirigir, já que era cedo demais para a multidão de turistas, e o trânsito estava agradavelmente manejável. Era dia de feira, e ele se pegou vagando pelas barracas lotadas na *Place des Lices*, cheias das hortaliças do início do verão: maços de favas, torres de alcachofras e ervilhas cheirosas em suas vagens. Ele comprou algumas nectarinas e, sentindo o esgotamento físico, sentou-se em banco a poucas ruas do mercado. Descansou sob o sol e olhou seu relógio de pulso. Faltavam quinze minutos para as dez. Em quinze minutos, Cherry estaria no escritório. Seu coração ficou apertado, e ele olhou ao redor para afastar a mente da ligação iminente. Foi então que percebeu onde estava. Do outro lado da rua estava a loja de roupas de marca que Cherry dissera que não precisavam entrar, na expedição de compras que tinham feito. Ele estava sentado exatamente no banco em que a deixara quando saíra correndo para comprar o almoço e a pulseira de ouro. Endireitou o corpo abruptamente, a madeira quente parecendo, de repente, desconfortável. Inseguro do que fazer por um instante, olhou ao redor, distraído, e deu de cara com a galeria. Viu um quadro na vitrine que era sem sombra de dúvida de seu artista favorito, e então percebeu que devia ter sido ali que ela comprara seu presente. De repente notou que era estranho que a galeria estivesse bem de frente ao banco, como se tivesse sido uma compra por impulso. Mas então raciocinou: e daí se tivesse sido?

Teve vontade de se mexer, se afastar do banco, e decidiu entrar na galeria. A sineta tocou quando entrou, e ele seguiu até a coleção do artista. Olhou as pinturas: a praia, a praça, os pinheiros na paisagem. Não via seu próprio quadro há alguns meses, e presumiu que ainda estava pendurado em seu apartamento agora vazio, o corte consertado, mas ainda visível. Quando recebera o quadro, tinha sentido uma onda de amor por ela. Era uma coisa incrivelmente atenciosa e generosa de fazer. Então, por que ela mudara? Porque certamente ela mudara. Tinha-o deixado apenas dez semanas depois que ele entrou em coma. *Dez semanas*. Claro que estavam namorando há pouco mais do que isso antes do acidente.

Os quadros brilhavam ao redor, suas cores brilhantes e as luzes do Mediterrâneo cutucando-o com algo da alegria esquecida que ele sentira quando os vira pela primeira vez. Aquilo lhe deu uma força inesperada, e ele pensou na ligação que estava prestes a fazer. Perguntou-se o quão surpresa ela ficaria, se tinha se preparado para aquela eventualidade. Provavelmente sim. Haveria alguma resposta ensaiada quando ele perguntasse por que ela decidira deixá-lo; ela lhe diria que fora uma decisão difícil, mas que sentia não ter escolha. Balançou a cabeça para a própria estupidez. O que mais esperava que ela dissesse? Que não tinha interesse em namorar uma vítima em coma? Talvez tivesse conhecido outra pessoa. O que quer que tivesse acontecido, ela tinha partido há mais de sete meses. *Sete meses*. Provavelmente já o esquecera. Ele riu, a percepção dura atingindo-o. Para ela, o rompimento fora há muito tempo, tempo bastante para curar as feridas e seguir em frente. Como deveria ser para ele. De repente, soube que não precisava de uma explicação. Nada de bom sairia daquele telefonema, e ele se encolheu com a ideia de que ela, hesitante, relutante, sugerisse que deviam se ver ou que — de repente teve a ideia horrível — ela poderia ir para a França encontrá-lo, para conversar sobre a situação. Já estava cansado de pessoas sentindo pena dele. Os quadros pareciam animá-lo, as cores entrando em suas veias. As obras lhe traziam mais alegria do que dor, e foi quando ele soube que começava a esquecer Cherry. Foi um momento edificante. Saiu da loja se sentindo leve.

CAPÍTULO 31

TERÇA-FEIRA, 16 DE JUNHO

O que ela ia fazer? Ele estava mais forte a cada dia. Logo voltaria para casa, e então seria questão de dias até que trombasse com Cherry e tudo o que dissesse fosse por água abaixo. Laura se contorceu enquanto andava, o estômago tão embrulhado que teve que parar por um instante. Como pensou que se safaria? Devia estar *insana*. A preocupação afetava tudo o que fazia: não conseguia trabalhar, comer, dormir sem ser consumida com um pânico crescente. Parada do lado de fora do prédio de Daniel, ela inspirou profundamente, uma vez e outra, e mais outra, enchendo as bochechas de ar, tentando se livrar da sensação de náusea em seu estômago. Ficou parada por um momento, esperando algum descanso, e então entrou. Ele queria voltar a morar na casa da família quando retornasse da França, pelo menos no início, o que parecia muito bom para Laura. Ela gostava de tê-lo por perto, e se oferecera para ir até seu apartamento buscar algumas roupas. Cumprimentou o porteiro e olhou a caixa do correio: só um pouco de lixo. A maioria tinha sido pega alguns meses antes. Daniel também lhe pedira que pegasse seu notebook.

Lá em cima, ela abriu a porta da frente e sentiu um cheiro mofado e rançoso, resultado do sol de verão cozinhando o ar lá dentro muitas e muitas vezes. Primeiro, foi até o quarto, já sabendo vagamente, pelas instruções que ele dera, onde as coisas estavam guardadas: camiseta, shorts, cuecas, uma jaqueta da qual particularmente gostava.

O quarto tinha um estranho ar de *Marie Celeste*¹ — um copo de água deixado na mesa de cabeceira desde o verão passado, uma camada de pó sobre os móveis, um par de meias sujas no chão. Uma faxineira fora até lá algumas semanas depois do acidente, mas Laura só lhe pedira para esvaziar as lixeiras e a geladeira. Todo o resto permanecera intocado, na esperança de que fosse apenas uma questão de dias até que Daniel voltasse.

Guardou as roupas dele em uma mala grande que estava guardada no alto do guarda-roupa. Ele também queria alguns de seus livros de medicina, já que fora aceito de volta ao programa de residência, com um ano de atraso, mas disse que pegaria pessoalmente quando voltasse, em duas semanas. *Só duas semanas*. O que ela iria fazer? O suor frio irrompeu mais uma vez, e Laura se apressou, dessa vez indo até a cozinha. Os livros de medicina e alguns papéis haviam sido deixados no balcão, alguns abertos. Viu um jornal de agosto do ano anterior, amarelado pelo sol. O notebook de Daniel também estava ali, ligado na tomada, e Laura estava prestes a pegá-lo quando percebeu a luz de stand-by piscando. Ele não devia ter desligado o computador completamente no fim de semana que foram ao País de Gales; apenas abaixou a tela. Era melhor

desligar antes de sair carregando o equipamento pela casa.

Laura ergueu a tela e o computador ganhou vida. Um lembrete visual da vida de Daniel todos aqueles meses atrás, logo antes do acidente. Uma a uma, ela fechou todas as janelas: o jornal *Guardian*, um site que vendia *mountain bikes* caras, a previsão do tempo no País de Gales. Parecia estranho; era como olhar para um instantâneo congelado no tempo, ainda iluminado, mas ainda assim esquecido — e uma vida inteira atrás. Um site médico, e então mais alguma coisa. Uma conta do Twitter. Era estranho, ela pensou. Daniel não estava no Twitter. E então ela viu. Era de Cherry. As bolhas ácidas irromperam nela novamente. Cherry esbarraria nele, tinha certeza. Voltaria com ele, e não haveria como impedi-la desta vez. Ela ficaria com tudo. A ansiedade tomou conta dela, aumentada por não saber nada sobre a moça nos últimos meses. Onde estaria? O que estaria fazendo? Laura não podia deixar de se sentir atraída pela adversária, pela necessidade de saber alguma coisa, a necessidade do combatente cansado, de saber a posição do inimigo antes da derrota final.

Laura olhou a tela novamente, e percebeu algo que não vira antes. *A caixa da senha estava preenchida com vários “x”*. Tudo o que precisava fazer era clicar no botão de login.

Podia descobrir algo que queria, apenas rolando a tela. Seu dedo pairou sobre a tecla. Era *errado*, uma invasão de privacidade, provavelmente ilegal.

E então ela teve uma ideia. Engasgou, e a adrenalina a fez se sentar ereta. Era brutal, nojento, mas deveria acabar com seu problema. Ficou sentada por um instante, a respiração rasa e acelerada, sem querer acreditar naquilo. Clicou. Mas não perdeu tempo com as publicações, afinal das contas. Em vez disso, começou a escrever.

¹ Navio norte-americano encontrado abandonado, sem sinal da tripulação, mas em perfeito estado de navegabilidade, em 1872, no oceano Atlântico (N. da T.).

CAPÍTULO 32

TERÇA-FEIRA, 16 DE JUNHO

Cherry sentou-se em sua mesa e examinou o escritório em silêncio. Abigail e Emily estavam paradas lado a lado, olhando intensamente para uma tela, verificando as fotos de uma nova casa que tinham acabado de pegar. Ela se perguntou por que nunca formara laços reais com elas; seria porque reconheciam um espírito parecido nas origens umas das outras? Não sabia responder, e já passara do ponto de se importar. Elas arrulhavam por causa de uma escadaria de vidro e o terraço da cobertura com vista para o Hyde Park, e Cherry as desprezava por isso. Era patético quando se pensava no assunto, facilitar a compra e a venda de algumas das propriedades mais caras de Londres, enquanto se recebia uma ninharia. Insultante, na verdade, e todo tempo pensando que estar em contato tão próximo com as casas era um “benefício”. Era preciso andar por tapetes tecidos a mão e pisos de bordo polido, mas nove em cada dez vezes havia uma cláusula no contrato que dizia ser obrigatório tirar os sapatos ao entrar. Algo que Cherry teria feito de toda forma, mas ser instruída a fazê-lo, como se fosse algum tipo de criada que não sabia como demonstrar respeito a algo de valor, a enfurecia. Os proprietários estavam todos rindo deles, essas pessoas com seus milhões no banco. “Olhe, mas não toque” era seu lema, enquanto os corretores tinham que se prostrar, servir e continuarem respeitosos ou ofenderiam alguém e perderiam os negócios. Aquilo fedia. Também era terrivelmente chato. Cherry estava lá há um ano e meio agora. Sentia-se presa em uma armadilha, como se sua vida e seu precioso tempo estivessem se esvaindo, sua juventude escorrendo pelo ralo e desaparecendo. Aquilo a assustava e aumentava seu tédio, até que começava a dar volta em círculos dementes, tentando descobrir o que fazer.

Não era assim que devia ser. Daniel fora sua rota de fuga, e estava tudo indo tão bem. Ainda sentia dor por sua morte, tornada ainda pior pelo fato de se sentir parcialmente responsável. A mudança de vida, o retorno ao início do tabuleiro, bem, tinha que assumir certa responsabilidade pelos fatos. Fizera aquilo consigo mesma. Se tivesse se concentrado em remar... Se não tivesse acertado a cabeça dele, Daniel provavelmente estaria ali agora; estariam vivendo juntos, talvez até noivos. Ela estaria a caminho de uma vida de liberdade. Liberdade! Da labuta, do trabalho e do medo. Por um instante, imaginou como seria sempre ter dinheiro, antes que o gosto amargo da realidade voltasse.

Cherry reconhecia que estava em uma posição ruim. Andava impaciente com alguns clientes ultimamente, cortante mesmo. Neil ouvira e a chamara de lado para uma conversa séria. Ela

fervia por dentro enquanto ele falava, mas sabia que não tinha escolha a não ser permanecer na linha. A sempre presente nuvem de Croydon se assomava, seus tentáculos cada vez mais perto, prontos para arrastá-la de volta à obscuridade e a uma vida monótona, sem perspectivas.

Tentou procurar outros homens, um namorado novo, mas cada homem solteiro ou potencialmente solteiro que entrava pela porta a irritava. Eram todos tão presunçosos; mal olhavam para ela, e falavam com os amigos como se não estivesse ali, enquanto ela se incomodava, se desgastava e desejava mais uma vez nunca ter agendado aquela viagem para fazer *rafting*.

E também havia Laura. Não tinha notícias dela desde março, quando ela ligara para contar que Daniel estava morto. Ninguém ligara para se certificar de que ela estava bem, para saber como estava lidando com sua dor. Ninguém perguntara se ela queria ver o túmulo ou onde quer que ele estivesse. Suas entranhas se retorciam de mágoa e humilhação.

Duas mulheres se aproximaram. Cherry ouvira a porta se abrir, mas não se incomodara em levantar o olhar; agora percebia que era a única que não parecia ocupada. Deu um olhar ressentido para Abigail e Emily, mas elas não perceberam. As mulheres chegaram em sua mesa. Uma era vinte ou trinta anos mais jovem do que a outra, e a mais velha parecia impecável. Imaginou que fossem mãe e filha.

Cherry pegou os detalhes e ouviu o que tinham a dizer sobre o apartamento que queriam. A filha precisava de um “apartamentinho” para quando começasse a faculdade. Estavam procurando agora, já que ela queria “experimentar” durante o verão. Queria um jardim ou, preferencialmente, um terraço. Tinha que ter portaria e academia. Precisava ser iluminado e perto da *King’s Road*, já que ela queria estar perto da “diversão”.

Não havia muitos apartamentos que preenchessem todos os critérios da moça. Cherry mostrou um, depois outro, odiando a loirinha de pernas bronzeadas difícil de agradar que era apenas alguns anos mais jovem do que ela.

Julgando pelo tom da pele, ela provavelmente já fizera duas ou três viagens aquele ano, e agora lhe era oferecida a oportunidade que Cherry tanto desejara, mas nunca tivera: universidade, independência, uma mãe de quem era próxima, tanto que saíam para comprar apartamentos juntas. A inveja ficou presa em sua garganta, e ela queria rosnar para a moça por ser tão mimada, tão egocêntrica que não conseguia ver a sorte que tinha de ter um apartamento em Kensington.

Quem dava a mínima se os armários da cozinha eram pretos e não brancos? Certamente sua querida mãe poderia desembolsar móveis novos para a casa toda se choramingasse o suficiente. Em vez disso, Cherry sorria, ainda que com frieza, e dizia com um tom de voz entediado que só tinha mais uma propriedade para mostrar. Ela colocou o imóvel na tela, e dessa vez os elogios se derramaram.

— Ah, adorei! Olhe, mamãe, tem um forninho fofo. Eu podia aprender a cozinhar!

Cherry se encolheu; odiava ouvir mulheres adultas chamando os pais de “mamãe” e “papai”. E o forninho fofo era um *La Cornue* de última linha. Mamãe sorriu indulgente, divertida, e Cherry soube que a garota era um desses tipos que achava engraçado dizer que queimava ovos, e qualquer tentativa de cozinhar estaria mais focada em quão adoravelmente incompetente ela era, e não em se tinha ou não se esforçado.

— Posso ficar com ele? Posso? Por favor?

— Só se convidar o papai e a mim para jantar primeiro.

A garota deu um gritinho de alegria.

Cherry sentia-se enjoada. Olhou descaradamente o relógio de pulso. Ainda bem que iria para casa em dez minutos.

— Podemos olhá-lo agora?

A mãe falou e a pegou de surpresa.

— Sinto que não seja possível. — A mentira não soou convincente, e a mãe franziu o cenho.

— Por que não?

Porque quero ir para casa, e a ideia de passar um minuto do meu tempo levando você e sua filha superprivilegiada para um lugar com o qual jamais poderei sonhar em ter durante toda minha vida me faz ter vontade de virar essa mesa, era tudo o que queria dizer.

Em vez disso, contentou-se com:

— Precisamos avisar aos proprietários com vinte e quatro horas de antecedência.

— Mas achei que tivesse dito que o lugar estava vazio.

Cherry se voltou para a garota. Então ela estava ouvindo.

— Mesmo assim, precisamos avisá-los.

O ar de desprazer no rosto da garota lhe trouxe uma onda de satisfação, de poder. Cherry sentia a necessidade de estragar aquele direito divino autoproclamado e tirar algo dela, fazê-la saber como era não ter tudo o que se queria.

— Você não pode ligar para eles agora?

Cherry ficou tensa. Não gostava do jeito que falavam com ela. *Você precisa deste emprego*, disse a si mesma rapidamente, forçando um sorriso. Não viu que Neil vinha do escritório dos fundos, com Emily logo atrás.

Ele se dirigiu às clientes primeiro, cheio de um charme apaziguador.

— Desculpem-me interromper, mas Emily pode providenciar a visita. Cherry, se incomodaria de classificar algo para mim no escritório, por favor?

Ela o encarou, perplexa, mas o braço dele estava esticado, indicando o caminho, e ela não teve outra alternativa a não ser se levantar. A garota loira lhe deu um olhar zombeteiro enquanto Emily sentava-se na cadeira ainda quente. Cherry sentiu a atmosfera mudar para um obsequioso clima de “desejo realizado” enquanto seguia Neil até a sala dele.

— Sente-se — Neil pediu.

— Do que se trata isso? — Ela perguntou, tentado recuperar alguma dignidade, mas sentou-se mesmo assim.

— Vou fazer com que seja rápido, já que acho que essa é sempre a melhor maneira de resolver as coisas.

Seu estômago revirou. Estaria metida em algum tipo de encrenca?

— Seus últimos comentários sobre os clientes que estiveram aqui. Isso não é aceitável.

— A garota lá fora, ela foi um pouco estridente — Cherry se defendeu. — Foi rude comigo, na verdade. Mandona. Mas não lhe disse nada.

— Não para ela. Não para ninguém em específico. Ou talvez para todo mundo. — Ele se

inclinou sobre a mesa, onde o computador estava ligado. — “Mais uma vez meu dia foi cheio de estrangeiros arrogantes e ricos que parecem insistir em comprar Londres inteira. Já estou cansada deles, esbanjando seus milhões e pegando todas as nossas casas”. — Ele parou de ler e olhou para ela. — Você até mencionou esta imobiliária pelo nome em outra mensagem.

Cherry olhou para ele horrorizada, deu um pulo para ver a tela e percebeu que ele tinha lido dois tuítes — tuítes *seus*.

— Mas não fui eu. Eu não escrevi essas coisas! — ela disse acalorada.

Ele a analisou por um momento.

— É a sua conta.

— Alguém a invadiu. Acontece o tempo todo: você já deve ter lido nos jornais...

— Isso é incrivelmente prejudicial.

— Sem chance! Deus, você acha que eu escrevi isso?

— Estou falando da imobiliária. Já perdemos uma venda. Um empresário chinês caiu fora de uma casa que deveria ser trocada no final da semana. Encontrou algo em outro lugar. Com outra pessoa. Vale mais de trinta e cinco mil para nós em taxas. E acabo de passar meia hora no telefone com uma cliente, tentando persuadi-la a manter seus dois apartamentos conosco. Ela se recusou.

O medo tomou conta dela; tinha que convencê-lo.

— Mas, Neil, por favor, não fui eu. Não pode me culpar por algo que não fiz.

— Sinto muito, Cherry, mas não acho que esteja dando certo.

— Não...

— Não é só isso. Sinto uma mudança geral de atitude...

— Meu namorado acaba de morrer! E agora você está me despedindo. Vou processá-lo.

— Ou você pode ir embora sem reclamar, e eu lhe pagarei dois meses de salário.

Era insignificante. Aviltante. Ela ardia de raiva.

— Seis. E uma referência.

— Três. É minha oferta final. Os clientes precisam saber que são bem-vindos aqui, que podem trabalhar conosco. E sinto muito, mas acho que uma referência está fora de questão, dadas as circunstâncias. Acho que seria melhor para todos nós se você levasse suas coisas para casa agora.

Minutos mais tarde, Cherry saiu desafiadora pela rua, sem se importar em trombar nas pessoas. Conseguiu alguns olhares desaprovadores, mas não deu a mínima. Quem fizera aquilo? Era algum tipo de piada? Poderia ter sido Emily ou Abigail? Então as lágrimas chegaram. Ela rapidamente se obrigou a engoli-las. Uma dor aguda nasceu em seu peito. Sem referências, teria poucas chances de conseguir outro emprego. Não ter emprego significava não ter dinheiro para pagar seu apartamento. Teria que voltar para Croydon.

CAPÍTULO 33

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JULHO

Como sempre, ela acordou às seis da manhã. Sem despertador; apenas um hábito inútil, já que agora não tinha motivos para levantar tão cedo. Ficou deitada na cama, refletindo. Quem fizera aquilo? Nada mais fora postado. Ela fechara a conta, mas o dano fora causado, e ela ficaria ali, em silêncio, até as sete, para não ter que ver sua mãe. Ouviu Wendy desligar o chuveiro, o barulho maçante do secador de cabelos pelas paredes finas do quarto, o tilintar da colher na caneca e então, finalmente, o bater suave da porta da frente. Nem assim ela levantou, não no início. Queria ter certeza de que sua mãe não voltaria para buscar alguma coisa esquecida, que teria tempo bastante para pegar o ônibus até o imenso supermercado, a menos de cinco quilômetros dali. Lá pelas sete e vinte da manhã, Cherry saiu da cama. Era uma cama de solteiro, encostada na parede do segundo quarto do apartamento. As cobertas eram as mesmas de quando ela morava ali e estava no colégio, rosadas e florais. O quarto todo estava do mesmo jeito — o guarda-roupa bege da Ikea com painéis brancos que eram vendidos aos milhares no eBay e não custavam nem uma libra, uma reprodução barata de uma foto de Nova York na parede, provavelmente também comprada na Ikea, alguns lenços de papel em uma caixa “especial” —, e ela sentia o mesmo desespero sufocante de quando morava lá antes. Cherry teve que dar o aviso prévio em seu apartamento depois que perdeu o emprego. Empacotou seus pertences, que agora estavam amontoados embaixo da cama e em cima do guarda-roupa no quarto minúsculo, seu último vestígio de privacidade. A maior parte de seus equipamentos eletrônicos ainda estava na caixa. Não parecia haver motivo para tirá-los de lá.

Quando Cherry ligou para a mãe, para perguntar, hesitante, se poderia ficar ali por algum tempo, Wendy soube bem que era melhor não fazer perguntas demais.

— Sempre há lugar para você aqui, querida — ela respondeu com gentileza, mas, para Cherry, aquelas palavras sinceras pareciam uma armadilha da qual jamais escaparia. Ela mencionou algo sobre excesso de gente no escritório, e Wendy lamentou de leve e disse “Que azar”, e fora compassiva ao extremo, já que perder o namorado e o emprego em questão de meses era um golpe bem duro.

Cherry já estava ali há quatro semanas, e mostrava poucos sinais de conseguir um emprego e se mudar. A verdade era que não sabia o que fazer. Passava os dias caminhando, seguindo pela Reeves Corner, onde o solo ainda estava arrasado pelo incêndio iniciado durante os tumultos, passando pelas manicures, as casas de aposta e as lojas de um e noventa e nove, com as sacolas

de plástico xadrez balançando sobre as cabeças de quem entrava. No calor, até o asfalto parecia suar, dando ao ar um cheiro azedo, grudento. Ela caminhava sem parar, esperando inspiração. Uma ideia, um plano, qualquer coisa que lhe dissesse o que fazer. Queria se sentir motivada novamente, recuperar o foco e a ambição que tinha há dezoito meses, quando começara a trabalhar na imobiliária. Caminhava até que sua mente rodasse em círculos, passando por placas do lado de fora de agências de empregos que a provocavam com ofertas de trabalho como administrador por oito libras a hora. Trabalhos chatos, sem futuro, subalternos.

Nem mesmo a Biblioteca Central conseguia motivá-la. Parecia estar cheia de desempregados e estudantes vadiando, cheios de grandes ideias, mas sem força de vontade. Ela não devia estar ali com aqueles estranhos, aqueles fracassados; devia estar em um apartamento na sw3, planejando sua festa de noivado. Ardia com a injustiça de tudo aquilo, o desperdício, a oportunidade perdida.

Saiu da biblioteca e ficou parada do lado de fora, impotente, vendo os ônibus passarem acelerados ao seu lado. Deprimia-a não ter objetivo. Pensou em seguir adiante, cruzar a George Street e seguir em direção à East Croydon Station, mas e depois? Não podia se dar ao luxo de ir a nenhum lugar e, de qualquer forma, para onde iria? Estava tentando fugir de si mesma. Deu meia volta e começou uma lenta caminhada de volta ao apartamento.

Cherry tentava chegar em casa antes que a mãe voltasse do trabalho. Não para recebê-la, mas porque sentia que devia merecer seu sustento, já que não estava pagando nada e precisava de comida e hospedagem gratuitas. Vasculhou a geladeira da mãe, cheia de produtos com desconto do supermercado, e preparou algo para o jantar. Wendy sempre era excessivamente elogiosa, algo que irritava Cherry, já que sabia que era uma tentativa de estimulá-la.

— Ah, o que você preparou hoje? — Ela perguntou, abrindo a porta do forno e cheirando de um jeito dramático. — Você está me mimando. Não tem ideia de como é bom ter algo pronto, depois de passar o dia inteiro em pé.

Elas se sentaram, e Cherry fez questão que a conversa girasse em torno do dia da mãe no trabalho: quem da equipe ficara doente, o que a filha de Holly gravara no YouTube (uma balada no violão, aparentemente) e se a promoção de panelas tinha atraído mais clientes. Em geral, depois disso, Cherry lavava a louça enquanto a mãe assistia *EastEnders*. Cherry odiava ficar na sala enquanto a TV estava ligada — era outra coisa a arrastá-la para o denominador comum mais baixo —, e preferia ficar sozinha.

Naquela noite, no entanto, Wendy foi até a cozinha.

Cherry ergueu os olhos, surpresa. Podia ouvir a música tema do programa vinda da sala de estar.

— Você não vai assistir ao seu programa?

— Em um minuto, querida. — Wendy parecia desconcertada, e sinos de alarme tocaram bem alto nos ouvidos de Cherry. Será que sua mãe lhe pediria para ir embora?

— Eu estava pensando... você passa o dia inteiro aqui, sozinha. Isso não pode ser bom para você. Em especial com... você sabe... sua perda recente.

Cherry enrijeceu o corpo, e a mãe se apressou.

— Espero que não se importe, mas tomei a liberdade de falar com meu gerente, contar a ele

um pouco sobre você, o quão esperta você é e tudo mais, e, bem, há uma vaga. É no departamento de tecnologia e jogos. — Ela disse a última parte como se fosse um golpe de sorte.

Cherry se encolheu. Trabalhar no supermercado? Isso era tudo o que a mãe pensava dela?

Wendy viu sua expressão.

— Sei que é um pouco diferente do que você fazia antes, mas, veja bem, você não tem que ficar lá por muito tempo. Poderia ser um paliativo.

Ela deveria estar noiva de um médico, com um fundo fiduciário e herdeiro de uma fortuna multimilionária, com uma casa no sul da França.

Wendy tomou seu silêncio como encorajamento.

— Ou você poderia fazer carreira lá, sabe. Eles reconhecem talentos e promovem as pessoas bem rápido.

Ela preferia morrer do que trabalhar no supermercado. Sua confiança atingiu o ponto mais baixo, e ela secou as mãos. Tinha que permanecer calma e civilizada, ou viver ali se tornaria intolerável.

— Uma xícara de chá, mãe?

— Adoraria. Então... o que você acha?

Cherry fingiu pensar no assunto.

— Talvez. Mas quero tentar outros caminhos primeiro.

Wendy sorriu.

— Claro. Mas se quiser conversar com ele, posso marcar uma reunião — estalou os dedos — rápido assim.

— Obrigada, mãe. Por que não levo o chá para você daqui a pouco? Você está perdendo seu programa.

Wendy fez o que lhe era pedido e, assim que deixou a cozinha, uma lágrima rolou pelo rosto de Cherry. Ela rapidamente a secou — olhos vermelhos só causariam perguntas. Ao levar o chá, fingiu uma dor de cabeça e disse que iria se deitar.

Foi para a cama e percebeu que chegara ao fundo do poço. Talvez isso fosse necessário para recuperar o espírito de luta, porque ela sabia agora que tinha que sair dali. O primeiro estágio era esquecer o que poderia ter sido. Parar de olhar para trás e pensar onde estaria agora se Daniel ainda estivesse vivo. Uma visão de seu apartamento lhe veio à mente mais uma vez, mas, zangada, ela a deixou de lado. Tinha que acabar com aquilo. Era hora de esquecer Daniel de uma vez por todas. Ele se fora. O que precisava era de um encerramento.

CAPÍTULO 34

QUARTA-FEIRA, 12 DE AGOSTO

Quanto mais o tempo passava, mais segura Laura se sentia. Estava até mesmo começando a esquecer. Um dia ou dois se passaram e ela percebeu que não pensou nenhuma vez no que fizera. Algumas vezes, em um dia particularmente bom, conseguia até se convencer de que nada acontecera. Distante, como um sonho.

E o tempo continuava a passar. Ora, se isso viesse à tona em dez, vinte anos, suas vidas teriam mudado tanto — novos empregos, novas namoradas — que todos dariam risadas daquilo. Talvez. Mas, certamente, perderia o gume afiado, que ficava menos cortante a cada dia, embora não rápido o bastante para Laura.

Ela entrou no site da imobiliária dois dias depois de postar as mensagens e viu que o perfil de Cherry havia sido retirado. Então arriscou uma ligação. Pediu para falar com ela, e lhe disseram que ela não trabalhava mais ali. O alívio foi inebriante. Até Isabella notou uma diferença nela.

— Você parece, não sei... mais leve, mais feliz — ela disse durante o almoço e segurou a mão da amiga. — Você teve um ano infernal. Não consigo nem imaginar pelo que passou. E agora, olhe: ele está em casa, saudável, recuperado. Não é de admirar que você pareça tão bem.

Laura sorriu e deixou que Izzy atribuisse seu novo bem-estar apenas à recuperação de Daniel.

— Então, posso tentá-la com algumas compras agora, para comemorar?

— Iz, tenho que trabalhar.

— Querida, eu sei. — Ela fez um aceno de lamento com mão. — Só penso em todas essas tardes desperdiçadas. Agora que você está em uma posição melhor... — Fez uma pausa, e Laura a olhou com suspeita. — Ele está com cinquenta e poucos anos, divorciado, ainda tem cabelo, tem um negócio próprio. Pratica triatlo para se divertir. — Ela deu de ombros. — Sinto que estou fazendo propaganda do pobrezinho, só para que pareça valer a pena.

Laura deu uma batidinha de leve na mão da amiga com a colher de chá.

— Eu já lhe disse... Howard e eu estamos bem, do nosso modo disfuncional.

Isabella bufou.

— *Ele* é que está bem. Desculpe, sou protetora quando se trata de você.

— Eu meio que preciso dele. Não sei por que... talvez seja a força do hábito.

Tudo isso provocou um aperto de mão de simpatia e, sabendo que já forçara o suficiente, Isabella mudou de assunto.

— E quais são as novidades?

— Bem, além da nova série com a ITV...

— Não acho que já parabeneizei você de maneira adequada. Você e Daniel.

— Ele volta ao hospital na próxima semana.

Izzy bateu palmas.

— Vocês dois estão muito ocupados profissionalmente!

— As boas notícias continuam chegando. A obra do vizinho finalmente acabou, graças a Deus, então eles podem consertar a janela da nossa piscina.

— Isso tudo é brilhante. E aqui vai uma pequena notícia para você. Sabe aquela, qual era o nome dela... Cherry?

O peito de Laura se apertou.

— Bem, você conhece minha amiga Ângela, aquela que ainda usa biquíni tamanho P? Ela está vendendo sua casa. Estão usando a Highsmith & Brown. Aparentemente, Cherry foi demitida. Então ela se foi para sempre! Ainda não acredito no quão mal ela tratou Daniel. Eu a julguei muito mal, não foi? Desculpe, Laura.

Laura sorriu com educação. Estava agradecida por tudo aquilo ter acabado.

E estava acabado; *estava*, ela lembrou a si mesma mais tarde. Não só Cherry, mas o que acontecera com ela. A pessoa que se tornara, a quem, olhando para trás, não reconhecia. Era como se outra pessoa tivesse feito aquelas coisas, e isso a assustava, a extensão do que fizera. Talvez agora, sabendo que Daniel se recuperaria, não teria feito aquilo. Mas a autojustificação era uma coisa maravilhosa — na época, todas as evidências médicas indicavam que seus dias estavam contados. Ela realmente pensara que estava passando as últimas horas com ele, e estava perplexa, com o coração partido e desesperada. Era mais provável que não estivesse raciocinando direito. Algo devia ter mudado em seu cérebro. Era melhor esquecer e seguir em frente, mas, agora que tinha sua sanidade de volta, sabia que algo assim *já jamais poderia acontecer novamente*.

CAPÍTULO 35

TERÇA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO

— Esse é exatamente o motivo pelo qual ainda não voltei ao meu apartamento — Daniel comentou quando Laura tirou um *croissant* de chocolate crocante e quente do forno. A verdade era que não via motivo para se mudar. De fato, perguntava-se por que tinha se incomodado com isso no início. Viver na casa dos pais estava funcionando bem, não porque era recebido com café da manhã de vez em quando, mas porque gostava de companhia. Tanto ele quanto os pais trabalhavam longas horas, em turnos irregulares, então tinha um pouco de sorte quando os via, mas isso significava que apreciavam ainda mais o tempo que passavam juntos. Sempre próximo de Laura, Daniel achava que começava a conhecer melhor o pai também. Howard e ele acabavam no covil algumas noites, para tomar algumas cervejas e ver um filme.

— Está frio lá fora — Laura comentou. — Você precisa de mais um casaco.

E estava mesmo. O outono começara feroz, e o vento martelava contra a janela, as árvores já quase sem folhas, embora ainda estivessem no meio de setembro.

— Acho que só um suéter resolve — Daniel respondeu, devorando o *croissant*. — Isso também faz mal para as artérias. Sabe que estou na cardiologia, não sabe, mãe? Dificilmente isso é um bom exemplo para os pacientes.

— Você é o retrato da saúde — Laura sorriu, apertando a bochecha dele. Tinha tempo só de dar uma olhada no jornal antes de ir para o escritório.

— Então, o que você recomenda?

— Sobre o quê?

— Devemos alugar o apartamento? Devo ficar aqui?

Laura abaixou o jornal.

— Você sabe que é sempre bem-vindo, e adoro encontrá-lo nos raros momentos em que não está no hospital. Mas é com você. Entendo se precisar de seu próprio espaço.

— Você vai me levar *croissant* de chocolate todo dia?

— Não.

— Hmm... poderia haver uma negociação.

Laura se levantou.

— Está com pouca sorte. Preciso ir embora.

Daniel inclinou-se, em tom de confiança.

— O que está acontecendo na nova série, hein?

— Não posso contar.

— Não pode ou não vai?

— Um pouco de ambos. Vou planejar o episódio final esta manhã com a roteirista. E, se não sair agora, vou chegar atrasada.

O vento soprava de lado enquanto ela cruzava a rua até seu escritório, e Laura riu, uma risada divertida e animada que era ainda mais notável, já que os risos tinham sido tão escassos por tantos meses. Era uma alegria que a preenchia de felicidade, de prazeres simples, e ela nunca se cansava de recordar a si mesma do fato maravilhoso, inebriante, de que *Daniel estava bem*. Ela podia acordar de manhã, ou estar escolhendo maçãs no mercado, ou estar supostamente concentrada em uma reunião de pré-produção, e sempre que dizia isso a si mesma uma explosão de fogos de artifício acontecia em algum lugar dentro dela.

Ele voltara da França parecendo mais ou menos como antigamente. Mais importante, ele parecia o Daniel de antigamente — despreocupado — e sua ambição voltara. Na verdade, ele parecia mais forte do que nunca e, enquanto estava fora, conseguiu uma vaga para voltar ao primeiro ano de residência no hospital. Dizia que se sentia como se tivesse conseguido uma segunda chance. Alguma coisa acontecera depois que ela o deixara para voltar para Londres — ele fizera amizade com uma mulher da cidade que administrava o negócio dos pais. Laura a vira rapidamente em um final de semana em que estivera ali; Vivienne passou por lá, e ela e Daniel saíram para um drinque. Ela era pelo menos dez anos mais velha, com a confiança que vinha desse fato, e não tinha tempo para autopiedade. Ele não era alguém propenso à depressão, mas seu espírito sensato acelerou sua recuperação. Ele voltara bronzeado, relaxado e, de algum modo, um pouco mais resistente.

Laura entrou no prédio e subiu as escadas até onde Willow se sentava, do lado de fora de seu escritório. Ela era sua nova secretária, e estava ansiosa em agradar.

— Sua visita está aqui — ela falou. — Eu a deixei na sala de reuniões.

Ela estava um pouco adiantada, mas estava tudo bem. Laura estava ansiosa pela sessão — era um dos estágios mais divertidos no desenvolvimento de um drama, inventar as histórias, e a roteirista era inteligente e criativa. Laura foi até a sala de reuniões e abriu a porta.

Cherry estava sentada na mesa de vidro redonda, folheando uma revista.

— Olá, Laura.

Em estado de completo choque, Laura não disse nada.

— Suspeito que deva ser uma surpresa me ver, mas não uma surpresa desagradável.

O pânico tomou conta dela, e Laura virou-se rapidamente e fechou a porta. *Por que ela estava ali?* Levou um instante para tentar se recompor antes de se virar novamente. Deixou a voz a mais calma possível, embora seu coração estivesse acelerado.

— Olá, Cherry. Temo dizer que me pegou em um mal momento. Tenho uma reunião que começará a qualquer minuto.

— Ah. Bem, vou aproveitar esse minuto, se não for um problema para você. — Ela não esperou permissão. — Era muito importante que eu conversasse pessoalmente com você. Desde que nos falamos pela última vez, quando você me ligou após eu voltar do México com a notícia... Bem, todos esses meses se passaram, mas estou com muita dificuldade em aceitar.

Laura não falou nada. Ainda não conseguira decidir o que fazer. *Pense, pense*. Já haviam se passado... quanto? Seis, sete meses? O cabelo dela estava mais comprido, o que a deixava ainda mais atraente, mais sensual. Laura sabia que tinha que permanecer calma e, quando a roteirista chegasse — maldita Willow por não saber a diferença —, ela teria que pedir com educação, mas firmeza, que a outra fosse embora.

— Apesar do que você pudesse pensar, Daniel era o mundo para mim. — De repente, o tom de Cherry ficou duro. — Por que nunca me ligou para saber se eu estava lidando bem com tudo?

— Eu... eu sinto muito. Estava muito ocupada com minha própria... dor.

— Sim, e suponho que tivesse um funeral para arrumar também. Não, espere um pouco... você fez isso enquanto eu estava viajando. Não pôde esperar. Que dia ele morreu, falando nisso? Você sabe, eu realmente gostaria de saber onde ele está enterrado, para que possa visitá-lo e dizer adeus.

Laura estava nervosa com as perguntas, por Cherry nem esperar para ouvir as respostas. Ela a observava, e ficou grata por já ter pensado naquilo antes.

— Sinto dizer que foi cremado. E levamos as cinzas para a França, um lugar que ele sempre amou.

Cherry a encarou, e Laura afastou o olhar.

— Eu sinto muito, Cherry, mas realmente preciso ir para a reunião...

— Só mais uma coisa.

Laura começava a se sentir impaciente. Ok, provavelmente Cherry estava sofrendo, mas tinha sido preciso tanto tempo para ficar chateada com aquilo?

— O que é?

— Se Daniel não tivesse morrido, você teria ficado feliz por estarmos juntos?

Laura parou, tentou um sorriso afetuoso, exasperado.

— Que tipo de pergunta...

— Ah, bom. Porque eu sempre pensei que você faria alguma coisa para impedir. É bom saber que eu era como parte da família. Mesmo que você não tenha me convidado para o funeral do meu namorado. — Cherry se levantou. — Obrigada, Laura. Isso ajudou bastante. Eu só precisava de algum tipo de encerramento. Tudo aconteceu tão de repente, e não havia nada concreto que eu pudesse ver ou visitar... só não parecia real, sabe?

Sentindo-se levemente enjoada, Laura assentiu.

— Posso ver que está ocupada, então vou embora. — Cherry estendeu a mão e, depois de alguns instantes de hesitação, Laura a apertou. Então Cherry se virou e saiu da sala. Sentindo-se abalada, Laura segurou a beirada da mesa e soltou o lenço de seda do pescoço. Esperou um ou dois minutos para dar tempo para Cherry deixar o prédio, e foi até a mesa de Willow. Ainda não havia sinal da roteirista.

— Se meu compromisso das dez chegar, por favor, leve-a até a sala de reuniões. Estarei lá em dois minutos.

Willow assentiu, surpresa com o rosto da chefe, e decidiu que não era hora de lhe contar que a convidada anterior entrara em seu escritório antes que pudesse lhe dizer que aquela não era a sala de reuniões. Willow a pegara remexendo alguns papéis da mesa de Laura. “Ah, que boba sou”, a

moça se desculpara e seguira a secretária até a sala ao lado. Laura desceu as escadas correndo. Já estava melhor, mas ainda se sentia abalada. Precisava de um café, uma dose forte, e havia uma cafeteria italiana do outro lado da rua, cujos expressos duplos a ajudaram a superar a exaustão nos dias sombrios da doença de Daniel. Ela abriu a porta do prédio para ir para a rua, e desceu na calçada. Então gritou de susto. Cherry estava parada do lado de fora, reclinada na parede.

Ela sorriu.

— Bem, você me poupou algum tempo. Achei que teria que esperar até você terminar o dia, e estava me perguntando o que fazer enquanto isso.

Laura a encarou, completamente sem entender; sua mente já estava confusa por tê-la visto, por ela ter ido ao escritório.

Cherry se inclinou para frente.

— Sei que ele está vivo — sussurrou.

Laura gaguejou.

— Do-do que você está falando?

— Que tipo de mãe é você, mentindo sobre a morte do próprio filho?

Ela sentiu o sangue abandonar seu rosto, a aversão pelo que fizera tomando conta.

A voz de Cherry endureceu.

— Você tentou tirar tudo de mim. Vou fazer o mesmo com você.

Laura ficou boquiaberta. Cherry sustentou o olhar da outra mulher por um instante, os olhos frios, implacáveis. Quando teve certeza de que a mensagem fora compreendida, virou-se e foi embora.

Tremendo, Laura a viu partir. Tentou considerar aquilo uma ameaça boba e juvenil, mas havia algo no tom de Cherry que a assustava profundamente. Instintivamente sabia que, não importava o quanto se esforçasse, não seria capaz de se livrar daquilo. Ficaria esperando. Esperando e se perguntando o que aconteceria.

CAPÍTULO 36

TERÇA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO

Cherry sabia que, se Laura tivesse sido só um pouco mais generosa com suas informações, se tivesse lhe dito, meses atrás, que as cinzas de Daniel tinham sido mandadas para a França, se tivesse telefonado novamente para saber se estava bem e deixado que perguntasse que dia ele morreu, jamais teria ligado para o hospital. Não para o último hospital, claro — não sabia absolutamente nada sobre isso. Não, o Chelsea & Westminster, onde supostamente ele tivera o ataque cardíaco fatal. Temerosa em ligar para Laura para saber dos elos perdidos, da informação de que precisava para seguir com sua vida, ela ligara para a UTI, mas, como suspeitava, recusaram-se a lhe dizer qualquer coisa, já que não era “parente próxima”. Em seguida veio o mar de lágrimas, e depois a alegação de que não sabia quando ele morrera porque ficara tão traumatizada com todas aquelas visitas, por vê-lo em coma por tanto tempo, que também ficara doente e só agora descobrira, por ouvir dizer, que esse poderia ser o caso. “Ele está realmente morto?”, exclamara dramaticamente, e então pediu acesso aos serviços de luto do hospital, o que sabia que não podiam negar. Também sabia que, assim que tivesse acesso ao serviço, conseguiria a informação desejada, pois como poderiam ajudar no luto sem saber onde e quando? Em vez disso, ela ficou atônita ao ouvir que ele não tinha morrido (então os serviços de luto não estavam disponíveis para ela), mas não podiam dizer mais nada.

Primeiro, ela ficou tão completamente chocada que demorou para entender. Estava convencida de que tinham se enganado, algum erro bobo, mas terrível, do hospital, e por um breve momento se perguntou se poderia processá-los, e que compensação poderia haver para danos psicológicos. Então começou a pensar na possibilidade de aquilo ser verdade. Era importante demais para ignorar, então ela foi até o hospital e aguardou do lado de fora da UTI, até que alguém da equipe de limpeza saísse, alguém que ela reconhecesse da vigília que fizera naquelas primeiras semanas e com quem conversasse com regularidade em suas tardes solitárias. A mulher, no início, recusou-se a ceder, mas as cinco notas novinhas de dez libras de Cherry ajudaram, e ela lhe contou que Daniel fora transferido para um hospital particular, o Wellington, a noroeste de Londres, em algum momento no final de fevereiro. Não diria mais nada, mas Cherry já tinha o bastante. Ao ligar para Wellington, disseram-lhe que não lhe dariam outra informação além do fato de que ele tivera alta em vinte e seis de maio. Se alguém morria, não recebia alta.

Uma percepção fria começou a tomar forma. Ela se lembrou do funeral súbito, do fato de ser só para a família. Era muito conveniente acertar tudo antes que ela voltasse. No início, a ideia

que surgiu em sua mente era tão incrivelmente insensível, tão *inacreditável*, que ela achou que deveria haver um engano. Ninguém a odiava tanto assim, pensou hesitante, mas não conseguia enterrar o sentimento doído de que talvez, apenas talvez, odiassem. Em meio à mágoa, obrigou-se a encarar o possível cenário fictício que a enganara. A única forma de ter certeza era confrontar Laura, e então fora até o escritório dela. A confirmação final veio ao observar o rosto de Laura naquela manhã.

E pensar que, se tivesse sido um pouco mais gentil, um pouco mais humana, Laura teria se safado.

Ela tirara tudo pelo que Cherry trabalhara tão duro, tudo o que amara, desejara, toda sua *raison d'être*. Em um único golpe cruel e megalomaniaco. Será que Laura rira dela todo aquele tempo? Será que falava da pobre garotinha de Croydon que tinha ideias acima de sua posição? Pensar que se esforçara tanto para que fossem amigas! *Como ela ousa?*, Cherry pensou. Como ousava pensar que era melhor porque tinha dinheiro, que podia controlar a vida das outras pessoas? Ela não seria humilhada de novo. Fora necessária toda sua força, ao ver Laura naquela manhã, para não voar sobre ela, mas teria sido um desperdício. Cherry queria que a outra mulher sentisse exatamente o que ela sentira, a sensação de injustiça e impotência que vinha quando alguém simplesmente tirava tudo o que era importante para você, e pisando-o enquanto fazia isso. Não, Laura precisava aprender uma lição.

Cherry também queria Daniel de volta. Recebera outra chance, e desta vez não estragara tudo. Nada de viagens estúpidas para fazer rafting. Tinha que ir com cuidado — afinal, era provável que tivessem lhe dito que ela desistira dele, que o largara enquanto ele estava em coma. Seu coração parou de repente. E se ele tivesse conhecido outra pessoa? *Ah, por favor, não deixe que seja verdade*, ela pensou, e soube que tinha que fazer algum movimento. Então, entre seus dois objetivos e a urgência em alcançá-los, ela tinha muito o que pensar, muito o que planejar. Sua mente estava ligada, e era uma sensação ótima. A energia fluía por seu corpo pela primeira vez em meses. Sua mãe, em casa no meio da tarde depois de trabalhar no turno da manhã, foi a primeira a perceber a mudança.

— Consegui um emprego, querida?

— Sim, mãe, consegui. Um bem importante.

Ela ganhou um abraço de urso.

— Parabéns! O que é?

— Corrigir um erro.

Wendy pareceu intrigada.

— Está trabalhando em uma instituição de caridade?

Cherry pensou. Bem que podia considerar que era algo assim.

— Isso mesmo.

— Que bom para você, querida. Já passou da hora de mais pessoas fazerem algo pelos demais. Estou pensando em fazer a Caminhada da Meia-noite... você sabe, para o câncer de mama. Gostaria de vir comigo?

— Acho que ficarei um pouco ocupada com o novo emprego, mãe.

Cherry sentia-se viva. Esse era o projeto, o foco pelo qual procurava. Fugiu para o quarto e

começou a escrever uma lista de tudo o que Daniel dissera em algum momento sobre Laura, sobre seus pais, tudo que pudesse ser de alguma serventia. Tinha uma memória excelente, algo do que era particularmente orgulhosa, e usara isso para obter vantagens durante toda sua vida. Uma vez, tivera que faltar alguns dias da escola, com gripe, e o temido teste sobre verbos em francês era no dia do seu retorno. Tudo o que teve que fazer foi ler o livro-texto na fila para a aula, e soube as conjugações de *souhaiter* com perfeição.

Quando terminou a lista, havia bastante coisa, algumas bem úteis. Iria se divertir muito. Mas a primeira coisa a fazer seria ver Daniel. Laura não lhe contaria sobre sua ida ao escritório, não imediatamente, porque teria que explicar o motivo. E não poderia fazer isso sem admitir que mentira sobre sua morte. Não, ela provavelmente iria se preparar. Mas Cherry sabia que ela não deixaria passar muito tempo, não ousaria. Tinha medo demais de que chegasse primeiro. Então Cherry decidiu se assegurar de fazer exatamente isso. Pegou a jaqueta e disse para a mãe que iria tomar ar fresco.

Caminhou dez minutos até Wandle Park e achou um banco tranquilo. O parque estava bem movimentado, com passeadores de cães, mães empurrando carrinhos de bebê e algumas crianças que tinham saído da escola, mas ainda era grande o bastante para que as pessoas tivessem espaço, e ninguém se aproximou dela. Assegurando-se de discar um prefixo que esconderia seu número, Cherry ligou para o escritório de Laura.

— Alô. Posso falar com Willow, por favor?

Um clique e ela foi transferida.

— Alô. Cavendish Pictures.

— Ah, oi, Willow. Aqui é Rachel Thornton, secretária de Alison Forest, da dramaturgia da ITV. — Fora uma boa ideia conversar com Willow mais cedo, quando fora ao escritório. Descobrira que a moça só estava ali há alguns dias e que era seu primeiro emprego na TV. Era improvável que conhecesse as vozes das pessoas, e era útil que fosse inexperiente. — Estou ligando sobre *A nova vida de Heather Brown*.

— Ah, adoro esse projeto.

— Eu também. É um dos meus favoritos na nossa grade.

— Sério? — Willow estava encantada.

— Claro. Tem um roteiro tão bom.

— Não vejo a hora de ver pronto — Willow confessou.

— Você podia pedir para Laura para visitar o set de filmagens.

— Ah, meu Deus, eu adoraria.

Cherry sorriu. Ela confiava com tanta facilidade. — Escute, Alison perguntou se Laura pode vir para uma reunião amanhã de manhã. Ela está com alguns problemas com o elenco e está bastante empenhada em resolvê-los o mais rápido possível. — A ITV era muito útil por colocar o nome de todos os executivos no site quando promoviam novas séries. Fora incrivelmente simples, e não exigira nada dela.

— Ela tem um horário entre dez e onze. — Willow parecia preocupada com o futuro da série. Era tão inocente que Cherry quase sentiu pena dela.

— Está ótimo. Nós a aguardamos, então. Alison está fora do escritório e off-line esta tarde,

mas responderá a todas as perguntas amanhã.

E era isso. Cherry só tinha mais uma coisa para preparar e começou a voltar para o apartamento de sua mãe. Era hora de abrir as caixas.

CAPÍTULO 37

QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO

Na manhã seguinte, vestida cuidadosamente com um vestido azul que Daniel lhe comprara na França, o que destacava seu cabelo preto, Cherry seguiu pela Cadogan Square. Quando chegou na frente do número 38, sentiu o coração pesado. Tocou a campainha. Depois de alguns momentos, ouviu passos se aproximando. A porta se abriu, ela levantou os olhos e gritou. Então desmaiou, caindo bem em cima da soleira.

Quando voltou a si, Daniel a colocara no hall de entrada e fechara a porta. Ela tentou se sentar, mas sua cabeça doía. Ela batera ao cair, algo para o que já estava preparada. Ela o encarou chocada, ainda horrorizada.

— Você está bem? — Ele perguntou com naturalidade.

Ela ficou em silêncio.

— Qual o problema?

— Você está...

Daniel franziu o cenho.

— O quê?

— Vivo.

— Sim. Pelo menos na última vez que chequei.

— Não entendo...

— Quer um pouco de água? — Ele parecia impaciente, como se quisesse que ela fosse embora.

Cherry continuou a encará-lo, uma expressão dolorida no rosto. As lágrimas explodiram.

— Você podia simplesmente ter dito que tudo tinha acabado.

Ela lutou para ficar em pé e ir até a porta, mas ele colocou uma mão para impedi-la.

— O que você disse?

— Se não queria me ver mais. Eu poderia lidar com isso, sabe. Ser largada. Não precisava pedir para sua mãe fazer o trabalho sujo. Foi ideia dela ou sua?

Ele pareceu perplexo.

— Do que você está falando?

— Então você simplesmente vai negar agora? Desculpe, mas mereço mais do que isso — ela engoliu as lágrimas e tentou novamente abrir a porta.

— Cherry, você poderia, por favor, me dizer o que está acontecendo?

Ela parou e olhou para ele.

— Sua mãe me disse que você estava morto.

O hall de entrada ficou em silêncio.

— Diga isso de novo.

Cherry franziu o cenho.

— Ela me telefonou. Em março. Disse que você tinha morrido enquanto eu estava fora.

Daniel a encarou.

— Ela disse o quê?

Cherry sentiu que não era realmente necessário repetir. Seu rosto era uma máscara de total espanto.

— Cherry, tem tempo para um café?

Ela tinha. Ele seguiu para a cozinha.

— Mas não aqui — ela falou rapidamente. — Se estiver tudo bem para você, prefiro não ficar... — Ela olhou ao redor, desconfortável, e ele entendeu.

— Deixe-me pegar minhas coisas e guardar meus livros.

— Posso usar o banheiro?

— É claro.

Daniel desapareceu dentro da casa, e depois de alguns segundos, quando não podia mais ouvi-lo, Cherry subiu sorradeira até o quarto de Laura. Fechando a porta com suavidade, olhou a escrivaninha e viu o papel de carta que vira quando conheceu a casa, naquele primeiro jantar, há tantos meses. Com o nome e o endereço de Laura em relevo. Em silêncio, atravessou o quarto, notando o quanto o carpete grosso abafava qualquer rangido ou barulho de passo. Pegou algumas folhas e guardou-as na bolsa. Então viu uma anotação feita à mão, algo sobre uma mulher passando por um momento extenuante por ter que cuidar dos netos, e pegou aquilo também. Dois ou três minutos depois, já estava no andar de baixo.

— Pronta? — Daniel perguntou, vindo da cozinha com sua jaqueta.

Ela assentiu.

Foram até uma cafeteria a algumas quadras dali. Era melhor daquele jeito — Laura logo descobriria que não fora chamada à ITV Towers, e Cherry não queria que ela se intrometesse na conversa.

Ele se sentou e ouviu, enquanto ela contava o que tinha acontecido, constrangida, claro, como se fosse difícil ouvir, e ela não quisesse ferir seus sentimentos mais do que o necessário. Tentou ser breve, e cuidadosa; ainda havia um longo caminho a percorrer.

Ele não falou nada por um tempo, depois esfregou o rosto com as mãos. Então levantou os olhos, parecendo tão perplexo quanto antes.

— Por que você não pediu para ir ao funeral ou algo assim?

A insinuação era que ela devia ter se esforçado para descobrir a mentira.

— Eu pedi. Ela disse que aconteceu enquanto eu estava fora. E que não havia túmulo, porque suas cinzas tinham sido levadas para a França.

Ele enrijeceu o corpo, e ela soube que devia ser difícil ouvir como sua mãe falara sobre seu próprio funeral. Ele pegou a colher e mexeu o café lentamente, sem olhar para ela.

— Sinto muito que tenha passado por isso.

Ela assentiu.

— Precisei de muito tempo... Bem, na verdade nunca superei. Foi por isso que fui até o escritório de sua mãe ontem. Estava desesperada para falar com ela, ouvir sobre o que tinha acontecido depois que você... você sabe...

— Você foi até o escritório dela?

— Ela não contou? — Cherry se surpreendeu. — Bem, não, acho que não. — Ficaram em silêncio por um momento. — Você está bem?

— Por que você apareceu lá em casa?

Ela percebeu que ele ainda não estava muito receptivo.

— Fui levar isso. — Ela abriu a bolsa e pegou um envelope com algumas fotografias. — São da nossa viagem. Do rafting. Só achei que ela pudesse gostar de ver suas últimas fotos...

Ele pegou as fotos de sua mão.

Ali estavam eles, rindo e gritando enquanto desciam o rio. Cherry desenterrara as fotos das caixas enfiadas no guarda-roupa na noite anterior. Tinham sido tiradas por um fotógrafo profissional, e ela as pegara na empresa de *rafting* mais ou menos um mês após o acidente, como recordação.

Ela teve um ímpeto repentino de consciência.

— Bom... espero que elas não o incomodem — disse rapidamente. — Por causa do acidente...

— Não. — Ele olhou para ela. — Foi uma coisa bacana de fazer.

Ela deu um pequeno sorriso.

— Então... quando você acordou?

— Em março. Alguns dias depois de ela ligar para você. Quando fiquei bem o bastante, fomos para a França. A recuperação lá é melhor. Mais quente.

— Você parece bastante bem.

Ele assentiu, aceitando o elogio.

— Posso perguntar... o que ela disse sobre mim? Sobre o motivo de eu ter parado de ir ao hospital?

— Não deu muitos detalhes. Só fez com que parecesse que você tinha parado de ir há muito tempo.

O rosto de Cherry se enrugou.

— Eu sei que nem sempre nos demos bem... mas não achei que fosse tão ruim.

O rosto dele tinha uma expressão de pedra.

Ela se sentou sem jeito por um instante, e isso pareceu melhorar seu estado de espírito. Depois se sentou um pouco mais reta, dando-lhe um pequeno sorriso.

— Ainda está estudando?

— Voltei ao hospital. Me deram outra vaga.

— Isso é ótimo.

— Sim. E você? Notei que saiu da imobiliária...

— Não deu certo.

Ele pareceu surpreso.

— Não?

— Não, as coisas ficaram um pouco... Minha mente não estava realmente naquilo.

Ela balançou a cabeça, sem querer ir mais longe.

— Espere aí, isso foi por... por minha causa? Pelo que disseram a você?

Aquilo era meio verdade, Cherry pensou, e outra coisa que podia colocar na conta de Laura. Deu um sorriso sem jeito.

Ele bufou de irritação; era visível que estava mordendo a língua no que se referia à mãe.

— Acho que lhe devo bastante.

Ela sorriu.

— Já estou bem feliz de que esteja aqui.

— Deve ter sido uma surpresa e tanto quando abri a porta.

— Sim.

Os dois se lembraram de seu desmaio e riram.

— E o que mais você está fazendo? — ele perguntou.

— Nada demais. Estou morando com minha mãe no momento.

— Mande minhas lembranças. Mas explique que estou vivo primeiro.

— Farei isso. E quanto a você?

— Só estudando, tirando o atraso.

Olharam um para o outro por um instante.

Com o coração na boca, ela falou primeiro.

— Conheceu outra pessoa?

— Não. — Ele fez uma pausa. — E você?

Ela ouviu a esperança na voz dele. Sorriu e negou com a cabeça.

CAPÍTULO 38

QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO

Começara como uma manhã de estudos. Daniel ainda agradecia a sorte de não ter tido a memória pré-acidente afetada, e por misericórdia tinha mantido os cinco anos da faculdade de medicina. Havia um bilhete para ele quando desceu: “Preciso falar com você. Estarei em casa à tarde. Pode me esperar? Mãe. Beijos”. Ele pegou os livros e uma torrada, e o tempo desapareceu sem que percebesse até que a campainha tocou. Lembrava-se de ter ficado irritado com a interrupção, e levantou-se pensando que, com sorte, seria apenas o carteiro.

Quando viu Cherry parada na porta, no vestido azul impressionante que lembrava a viagem deles à França, algo saltou em seu peito. Mas ele rapidamente se lembrou de que ela o havia abandonado. Então ela gritou e desmaiou, algo que ele achou ao mesmo tempo desconcertante e irritante, embora pudesse se dever ao fato de que aquilo acendia o instinto de cavalheirismo nele, ainda que estivesse relutante em agir.

No início, quando ouviu as notícias, nada fez sentido. Não conseguia entender. Tentou pensar em todas as explicações razoáveis, mas o que voltava o tempo todo era que ela tinha mentido. Tinha inventado uma história sobre sua morte. Gradualmente, essa noção abriu caminho em seu cérebro e ficou ali, recusando-se a sair. Para deixar tudo ainda pior, ele percebeu não só que ela fizera essa coisa horrível, mas que perpetuara a mentira muito tempo depois de sua recuperação. Ela ficara sentada ao lado da cama dele no hospital, até que ele gradualmente conseguira forças para ir embora, empurrara sua cadeira de rodas pelo jardim, passara dias encorajando-o durante a fisioterapia. Havia tido tempo mais do que suficiente para trazer o assunto à tona. E todo o tempo ele lutara para lidar com tudo que havia sobre suas costas, não só seus ferimentos, mas a dor aguda do rompimento também. Ele superara, claro, mas uma ou duas vezes tinha se sentido tão miserável que fora necessário um grande esforço para não desistir.

Como ela podia ter feito isso com ele? Por quê? Ele sabia que ela não gostava de Cherry, mas isso era... doentio. Tentou afastar a dor que se alojara em seu peito. Parte dele queria uma explicação, mas ainda não confiava em si mesmo para conversar com a mãe. Não queria ouvir o que ela tinha a dizer; sua justificativa frágil, débil, provavelmente o repeliria. Pelo mesmo motivo, tampouco queria falar com o pai. Não queria incriminar a mãe e, sabendo como era o relacionamento entre os dois, seu pai a acharia desprezível. Não podia lidar com nada daquilo naquele momento.

Não levou muito tempo para empacotar suas poucas posses. Olhou ao redor do quarto, e soube

que seria a última vez que partiria. Então desceu as escadas. Quando leu o bilhete da mãe naquela manhã, não causara grande impacto; ele estava ali, feliz em ver como poderia ajudar. Agora, no entanto, podia ler a urgência contida nas entrelinhas — ela queria falar com ele antes de Cherry, o que não era de estranhar. Se Cherry não tivesse aquela ideia compassiva e aleatória de levar as fotos, sua mãe provavelmente teria conseguido. Perguntou-se se teria reagido diferente se fosse sua mãe quem lhe contasse. Tentou imaginar as palavras saindo de sua— “Fingi que você estava morto. Inventei um funeral” — e elas soaram ridículas e, ao mesmo tempo, incrivelmente insensíveis. Aquilo o fazia se lembrar do tipo de coisa relatada nos jornais sensacionalistas — mães que fingiam que seus filhos tinham câncer a fim de conseguir doações substanciais.

Ele virou o bilhete, escreveu algo na parte de trás e o deixou no balcão. Então pendurou a mochila em um ombro e deixou a casa, fechando a porta atrás de si. Enquanto descia a rua, pensou na única coisa boa que saía de tudo aquilo: veria Cherry novamente.

CAPÍTULO 39

QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO

A recepcionista da ITV Towers ligou para Alison, enquanto Laura preenchia a ficha de visitante.

— Sra. Cavendish?

Laura ergueu os olhos.

— Estou com sua secretária na linha. Ela diz que não há nada na agenda.

— O quê?

— Alison está fora do escritório.

— Quando ela volta?

— Só depois do almoço.

Eram dez da manhã.

— Mas eu tenho uma reunião...

A recepcionista ergueu o dedo e ouviu algo pelo fone de ouvido.

— A secretária está descendo.

Laura moveu-se de lado, para liberar a fila, e conferiu sua agenda. Estava no horário certo, então Alison devia ter se esquecido. E supostamente era urgente. Olhou as telas que transmitiam um mix de notícias e programação da manhã e se perguntou, irritada, quando conseguiria se acostumar com Alison. Esta tarde já estava cheia, e ela queria voltar para casa mais cedo, para conversar com Daniel.

Rachel, a secretária, veio pelas portas giratórias.

— Laura, parece que houve algum engano. Não temos compromisso marcado com você esta manhã.

— Mas você ligou para Willow. Ontem à tarde.

Ela franziu o cenho.

— Não. Não liguei.

— Ela falou com você. Algo sobre o elenco.

— Juro que não liguei.

De repente, algo soou no cérebro de Laura e, com isso, uma sensação crescente de mau agouro. Sim, ela sabia quem estava por trás daquilo.

— Minhas sinceras desculpas. Vou conversar com Willow. Ela deve ter se enganado — ela respondeu, e então deixou rapidamente o edifício.

Quando estava fora do prédio, tentou acalmar seu coração acelerado. Alguém tinha uma

câmera em um tripé do lado de fora que apontava para a entrada principal, bem onde ela estava parada. Aquilo a irritou, era como se Cherry estivesse, de algum modo, observando-a em uma tela em algum lugar, um olho que tudo via.

Como ela descobriu?

Laura se afastou rapidamente das lentes da câmera. Aquela ideia rodopiara em sua mente na noite anterior, mas ainda não conseguira descobrir.

De uma coisa tinha certeza, no entanto: Cherry estava por trás daquela façanha. Mas por que faria algo tão bobo, tão juvenil como mandá-la para uma pegadinha daquelas, para uma reunião que não existia? Era algo inofensivo — a menos que deliberadamente quisesse tirá-la do caminho. Jesus. Daniel.

Laura entrou na casa ameaçadoramente silenciosa e soube quase no mesmo instante que Cherry estivera ali antes dela. Teve uma sensação persistente de pavor enquanto seguia pelos aposentos vazios. O bilhete deixado no balcão da cozinha dizia simplesmente: “Vi Cherry. Decidi voltar para o apartamento, afinal de contas. Acho que isso vai tornar as coisas mais fáceis para todo mundo. Já é hora de eu andar com meus próprios pés e ter um pouco de independência. Dan.”

A última frase fora um acréscimo, dava para ver. Algo para suavizar o golpe. Ela largou o bilhete e sentou-se pesadamente. O que Cherry contara a ele? Como pintara o quadro? Laura sabia a resposta: do jeito que a deixasse melhor.

Pegou o celular e estava prestes a ligar para Daniel quando viu a imagem de Cherry ali, ouvindo ao lado dele. Não, aquela era uma conversa que tinha que ser apenas entre os dois. Em vez disso, mandou-lhe uma mensagem de texto: “Daniel, sei que provavelmente, e com razão, você está chateado e furioso comigo, mas, por favor, pode me deixar explicar o motivo de tudo isso? Podemos nos ver mais tarde?”

A resposta foi rápida. “Amanhã. Às cinco, no apartamento. Mas só tenho uma hora.”

Não era bem o que ela queria ouvir, e seu coração afundou. Pelo menos Howard estava fora, em uma viagem a trabalho, e ela não teria que explicar por que o filho deles tinha saído de casa de repente.

Moisés veio do jardim, alegre em vê-la em um horário tão incomumente cedo. Ele pulou no balcão e esfregou o rosto nos nós de seus dedos, enquanto Laura apoiava a cabeça entre as mãos, em desespero. Ela o coçou atrás das orelhas.

— Ah, Moisés, fiz algo realmente... horrível.

E fizera. Tinha começado tudo aquilo ao contar aquela mentira monstruosa.

CAPÍTULO 40

QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO

Cherry ficou sentada na plataforma da estação Notting Hill do metrô e esperou que o relógio marcasse sete minutos após as quatro. Então se levantou. Era hora de começar a ir para a rua. Daniel, ela sabia, era pontual, então já devia estar esperando, desejando que ela chegasse. Ela subiu correndo os degraus, para chegar um pouco sem fôlego, e saiu correndo da entrada da estação. Lá estava ele, parado ao lado de uma lanchonete de luxo, tentando parecer como se não tivesse levado um bolo.

— Desculpe, estou um pouco atrasada — ela falou. — O metrô foi detido em South Ken. — E ele sorriu, toda as dúvidas se desfazendo.

— Não tem problema. — Os dois ficaram parados ali, conscientes da situação, sorrindo constrangidos um para o outro, sentindo-se como se fosse o primeiro encontro. Era estranho, mas parecia um pouco prematuro para beijos, embora há pouco mais de um ano estivessem dormindo juntos. Aquela tarde seria um passeio ao cinema, um apreço mútuo por Steven Soderbergh. Uma vez que ambos admitiram que ainda estavam solteiros, o passo seguinte natural foi arranjar um encontro. Cherry teve que pensar em algo modesto para facilitar a situação, algo que não parecesse muito estranho, algo inócuo que não o faria questionar se estava fazendo a coisa certa. O filme estava prestes a sair de cartaz, e seria uma pena não assistir; ele concordou, e ela disse que estava pensando em ir ao cinema naquela tarde, então, se ele precisasse fazer uma pausa nos estudos... Ele não pensou muito antes de aceitar, e planejaram se encontrar mais tarde. Cherry foi para casa tomar banho e se trocar. Queria estar com a melhor aparência possível, já que tinha grandes intenções para a tarde.

Caminharam pela rua, em direção ao Gate Cinema, e, no meio-fio, ele estendeu a mão de maneira protetora quando um carro dobrou a esquina correndo, e Cherry sentiu uma onda de calor, uma sensação difusa de proximidade.

Cruzaram a rua em segurança e seguiram até a frente do cinema. Do lado de fora, o cartaz trazia más notícias.

— Parece que já saiu de cartaz — Cherry lamentou, embora já soubesse disso quando ele sugeriu o local. Sentar-se em silêncio em uma sala de cinema o persuadiria a sair com ela, mas não ressuscitaria o relacionamento deles.

Ele se aproximou.

— Como é? Não pode ser.

Mas era. Algum filme novo, sobre alienígenas, estava passando na sala.

— Que tal tentarmos o Electric Cinema, no final da rua?

— Boa ideia — Cherry falou.

Correram até o Electric, mas o gênio de Steven Soderbergh tampouco estava em cartaz ali, algo que Cherry também já sabia. Daniel pareceu envergonhado e bateu com o punho na testa.

— Sinto muito. Arrastei você até aqui para nada.

— Ultrajante. Como foi capaz de fazer algo assim?

Ele sorriu.

— Vamos procurar outro cinema?

— E que tal o zoológico? — Ela deu um pulinho. — Sempre quis ir lá.

— Sério?

Ela cronometrou a hesitação dele.

— Você não está interessado.

— Se você quiser...

Mas nenhum dos dois se moveu. Cherry podia sentir a tarde fugindo ao seu controle. O que quer que fossem fazer, ela tinha que decidir agora.

— Olha só, por que não andamos até o parque? Está um dia adorável. — Ela se virou, sem dar chance para ele se negar, e seguiram na direção de Kensington. Não era o mais promissor dos começos, e, em desespero silencioso, ela soube que teria que se esforçar mais. De repente pensou que caminhar não era uma boa ideia, afinal de contas, eles estavam constrangidos e precisavam de uma distração, algo sobre o que falar. Ela se virou animada para ele.

— *Jazz*.

— O quê?

— Também tocam um pouco de R&B. E tem peixe e fritas maravilhosos.

— Não deveria ser camarão crioulo?

— Podemos pedir.

Ela prendeu a respiração e enviou um agradecimento silencioso à sua memória. Nunca penetrara o muro da amizade, da indiferença e da superioridade de Abigail e Emily, mas ouvir cuidadosamente cada conversa que tinham na imobiliária fora útil, afinal. Mais de uma vez elas falaram sobre um bar com “a melhor” música ao vivo, mas nunca pensaram em convidá-la. Cherry conferira melancolicamente o lugar na internet uma noite em que as duas foram lá depois do trabalho, e ficou ainda mais impressionada com o fato de que *parecia* bom, mas não chique ou pretensioso. Ela sabia que abria às quatro; de fato, provavelmente encontrariam uma mesa ainda.

Ela o olhou, animada.

— Gostaria de tentar?

Seu entusiasmo era contagiante.

— Onde fica?

— A dez minutos daqui.

— A pé?

— De táxi.

Ele chamou um táxi, e os dois subiram. Cherry deu as instruções, e alguns minutos depois estavam passando por um pequeno beco. Aninhado entre uma loja de vinhos e uma joalheria, lá estava o bar.

Uma vez lá dentro, Cherry soube imediatamente que tinha sido uma boa ideia. Conseguiram uma mesa só para os dois, e já havia gente o bastante para criar um ambiente de reunião de amigos, de pessoas que tinham tido a sorte ou a habilidade para sair mais cedo do trabalho.

Daniel olhava o cardápio.

— É cedo demais para um coquetel?

Cherry sorriu e negou com a cabeça.

— Esse lugar é ótimo. Como você o encontrou?

— É um dos meus favoritos — Cherry disse como se tivesse passado várias noites ali e agora partilhava o lugar com ele.

Foram atraídos pelos cantores, um jovem branco com um pomo de adão proeminente e uma mulher negra escultural com um vestido roxo de lantejoulas. Ela já devia ter mais de cinquenta anos, mas sua voz era forte e provocante. De vez em quando, o jovem flertava com ela no palco, e ela o tratava com desdém digno. Isso o divertia, e entre eles havia uma presença de palco eletrizante.

Cherry olhou de relance para Daniel, procurando sinais de que sua mãe tinha entrado em contato desde aquela manhã. Laura já devia ter descoberto sobre a reunião fictícia na ITV há horas. Sem dúvida ficara extremamente desconfiada de quem a teria mandado ali, e provavelmente já tinha adivinhado. Provavelmente entrara em pânico querendo falar com Daniel, mas até agora ele não mencionara nada. Ainda se comportava como se não tivesse conversado com ela, o que significava que ainda não sabia como Cherry ameaçara Laura no dia anterior. Mas Cherry não estava muito preocupada com aquilo: se Laura trouxesse aquilo à tona, ela simplesmente negaria. Era tudo muito melodramático e exagerado, e era Laura quem tinha o histórico de mentiras grotescas. De fato, mais do que não estar preocupada, Cherry tinha certeza de que poderia fazer com que o comportamento de Laura parecesse pior do que nunca, e isso lhe traria Daniel ainda mais rápido. Já tinha perdido tempo suficiente, e estava cansada de ser pobre. Felizmente, Daniel pagara pelo táxi, e deixara o cartão de crédito no bar para pagar os drinques.

A banda mudou de música, e a mulher começou algo animado e orgulhoso. Sua voz era poderosa, agitando Cherry bem na boca do estômago. Murmúrios de apreço vieram por todo o salão, e Daniel se levantou de um impulso. Estendeu a mão para ela e a levou até outros casais que estavam em uma pequena pista de dança. Cherry sorriu. O gelo tinha sido quebrado. Não havia como voltar atrás.

Enquanto segurava sua mão e a rodava pela pista, Daniel pensou novamente na sorte que tivera por Cherry ter decidido fazer uma visita surpresa à casa de seus pais naquela manhã. E na sorte de seus plantões permitirem que ele estivesse lá na hora. Recebera de volta tudo o que lhe fora tirado depois do acidente. Sentiu uma pontada de dor quando pensou em sua mãe e na rapidez com que se mudou, mas rapidamente deixou aquilo de lado.

O apartamento tinha cheiro de mofo. Ele imediatamente abriu todas as janelas e as torneiras, que falharam com bolhas de ar. Seu antigo cartão de transporte estava na mesa de centro, deixado lá depois que ele voltara do trabalho, no dia em que tinham viajado para o País de Gales. Estava organizadamente ao lado do crachá do trabalho e de todas suas correspondências antigas. Ele olhou os carimbos postais. Tinham parado de chegar no início de novembro, provavelmente quando sua mãe conseguiu avisar a maioria das pessoas que ele estava em coma. Olhou os envelopes rapidamente, mas eram só cartas comerciais, propagandas e coisas do gênero, e ele jogou tudo no lixo. Então abriu a geladeira. Estava vazia. Sentiu a necessidade urgente de enchê-la e tornar o lugar mais parecido com um lar, então deixou a mochila no hall de entrada e saiu. Quando voltou, colocou um pouco de música e preparou o almoço. O lugar já parecia melhor, mas ele não conseguia se livrar da dor no peito. E, pela primeira vez, sentiu raiva. Fora enganado a respeito de algo com que se importava. Todos aqueles meses em que poderia ter estado com Cherry, a garota que amava. Por quê? Por que sua mãe tinha ido tão longe?

A música vibrante e o canto poderoso liberaram algo nele, e Daniel se sentiu livre. A cantora terminou com uma nota sentimental e um pequeno irromper de aplausos tomou o salão. Daniel levou Cherry de volta à mesa.

— Bela dançarina.

Ela corou.

— Não...

— Já tínhamos dançado?

O rosto dela ficou sombrio.

— Acho que não tivemos tempo.

— O que mais não fizemos?

— Nadar com golfinhos.

— Que casais nadam com golfinhos?

— É uma opção. Não tivemos nossos retratos pintados.

Ele sorriu.

— Comprar camisetas combinando.

— Dar uma festa.

— Ter “nossa” música.

— Brigar.

Ele pensou naquilo.

— Não, não brigamos, não é? — Na verdade, ele percebeu, não tinham tido mais do que uma discussão saudável. Era um pensamento agradável. — Voltei para o apartamento.

Ela o encarou.

— O que quer dizer?

— Estava vazio. Desde o acidente.

— O que sua mãe disse?

— Ainda não falei com ela. Deixei um bilhete em casa. Parece que não vai ser uma conversa fácil, e preciso de tempo para pensar.

Cherry assentiu.

— Isso foi hoje? Depois que nos encontramos?

— Sim.

Ela podia ver que ele ainda estava sofrendo. Colocou a mão sobre a dele e ergueu sua taça.

— Feliz casa nova — ela disse e encostou a taça na dele.

No final da noite, ele sabia exatamente o que queria. Quando saíram do bar, e antes que se tornasse uma coisa muito grande, ele perguntou: — Você quer voltar?

Ela o encarou por um instante, e ele se perguntou se tinha ido longe demais.

— Está tudo bem se você não...

— Não... eu gostaria.

Ficaram em silêncio no táxi no caminho de volta, felizes com a companhia um do outro e com seus próprios pensamentos. Daniel abriu a porta e ela entrou. Assim que a porta se fechou, eles se aproximaram para um beijo. Cherry tirou a camiseta dele com pressa, e estavam despidos antes de chegarem ao quarto.

Mais tarde, deitados na cama, cada um estava mais feliz do que estivera em muito tempo. Os meses perdidos tinham se dissipado, e sentiam-se tão ligados quanto no ano anterior, e mais ainda, pelo que tinham passado. A perna de Cherry estava dobrada sobre a dele, e Daniel olhou para sua linda pele, levemente bronzeada, luminosa na penumbra.

— Cherry?

Ela se aninhou ao lado dele.

— Sim.

— Venha morar comigo.

Seu coração acelerou de encontro ao braço dele. Ela se apoiou em um cotovelo e o fitou, olhos arregalados.

— Aqui?

— Claro que sim. Não quero perder mais tempo. Meu acidente me ensinou isso. E não sei quanto a você, mas isso — ele apontou para os dois — parece tão bom quanto antes, até melhor. Só quero estar com você.

— Também quero estar com você.

— Então, o que acha?

Ela fez uma pausa.

— E quanto à sua mãe?

— Ela não vai vir.

— Não, quero dizer...

— Sei o que quer dizer. Ela terá que se acostumar com isso. É minha vida, e quero você nela. Se você quiser.

Ela o beijou.

— Eu quero.

CAPÍTULO 41

QUINTA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO

Laura interfonou para o apartamento de Daniel da rua. Tinha a bolsa bem presa no ombro, e percebeu que suas palmas estavam úmidas. Secou-as rapidamente na jaqueta. Era uma sensação nova, estar nervosa ao visitar o próprio filho. Acenou para o porteiro, que a olhava pela porta de vidro e, por fim, uma resposta. Ela sorriu para a câmera e ouviu o clique na porta. No primeiro andar, ele deixara a porta da frente aberta. Ela bateu e espiou lá dentro, procurando por ele.

— Oi? Sou eu. — Parecia estranho não ser recebida, como se estivesse invadindo. Ele veio da cozinha e parou no hall de entrada. Laura estava prestes, instintivamente, a lhe dar um abraço, mas os braços cruzados e sua expressão seca a detiveram.

— Chá?

— Sim, por favor.

Ele deu meia volta e retornou à cozinha, e ela ficou sozinha por um instante.

— Hortelã? — Ele perguntou, e ela o seguiu e sentou-se no balcão da cozinha, observando-o preparar o chá. Nenhum dos dois disse nada. Ele empurrou uma caneca na direção dela e, segurando a sua, recostou-se na pia e olhou para ela, esperando.

— Sinto muito — Laura começou. — Muito mesmo. Tinham acabado de me dizer que era provável que... — ela fez uma pausa, lembrando-se do encontro horrível com o médico — ...que você não conseguisse. Na verdade, você não tinha muito tempo de vida. Eu estava devastada, sabia que estava prestes a perder você, e queria... queria você só para mim. Para lhe dar tudo o que eu tinha. Queria que aquelas últimas horas fossem como quando você era pequeno. Só nós dois.

— E depois?

— O que quer dizer?

— Bem, eu acordei. Em nenhum momento você disse para Cherry que eu me recuperei. E me disse que ela tinha me abandonado há meses.

— Eu sei. Eu...

— Você não pensou que eu sentia falta dela? Que eu poderia ter ficado com ela enquanto estava me recuperando? — A voz dele doía de sofrimento, e ela sentia vontade de colocar os braços ao seu redor, mas ele não era mais uma criança que ela pudesse consolar. E, de todo modo, era ela a fonte do sofrimento.

— Daniel, não foi uma decisão fácil. Eu sofri muito com isso, mesmo depois que você voltou

a si.

— Isso torna tudo ainda pior... como se você tivesse meu futuro nas mãos, jogando-o de um lado para o outro.

— Não, você entendeu mal...

— Ainda se você tivesse certeza de que ela era uma má pessoa, isso seria mais fácil de suportar.

Laura suspirou profundamente.

— Olhe, sei que tem sido difícil, e que eu que devia ter contado para você, mas... bem, não vai ser fácil escutar isso...

Ele enrijeceu o corpo.

— O quê?

— Cherry maquinou para me tirar do caminho ontem. Ela ligou para minha secretária, fingindo ser da ITV, e disse que eu tinha uma reunião ontem de manhã. Enquanto isso, foi até nossa casa e soltou a bomba.

Daniel abaixou a caneca, exasperado.

— Mãe, ela não sabia que eu estava vivo.

— Não, veja bem, ela *sabia*. Ela foi ao meu escritório no dia anterior.

— Sim, ela me disse.

Laura ficou surpresa.

— Ela disse?

— Disse que tinha ido em busca de algum tipo de encerramento. Que você não tinha lhe dito nada sobre meu funeral ou se ela poderia visitar meu túmulo inexistente.

Ela tentou ignorar o sarcasmo.

— Foi tudo o que ela disse?

— O que mais?

— Ela me ameaçou. Disse que sabia que você estava vivo e, como vingança pelo que eu fiz, ia tirar tudo de mim.

Ele bufou, incrédulo.

— Como é?

— Sinto muito, Daniel. Sei que você gosta dela, mas ela é uma má pessoa.

— Vingança? Tirar tudo? Como ela faria isso?

— Não sei.

Ele a encarava de um jeito que a deixava desconfortável. O sofrimento crispava seu rosto, junto com outra coisa contra a qual ele lutava.

Desgosto.

— Ela foi até nossa casa ontem de manhã para lhe levar algumas lembranças. Fotos da nossa viagem ao País de Gales. Achou que você gostaria delas.

O coração dela deu um salto.

— Ela é esperta, você não vê? Está brincando com você.

O interfone tocou. Daniel pegou o aparelho, ouviu e abriu a porta.

— Está esperando alguém? — ela falou, apreensiva. Achava que sabia quem era.

Seu olhar confirmou o fato, e ela se sentou reta.

— O que vai dizer a ela?

Houve uma batida na porta e Daniel saiu. Laura ouviu murmúrios no hall de entrada. Alguns segundos mais tarde, ele voltou, seguido por Cherry.

— Laura — ela a cumprimentou com humildade. — Espero não estar me intrometendo.

Laura a olhou. Cherry estava simpática como sempre, e nenhum traço da conversa anterior podia ser visto em seu rosto.

— Ele sabe de tudo.

Cherry pareceu intrigada.

— Sobre o que você me disse? A mentira?

— Não — ela começou irritada, antes de se recompor. — Sobre você. Sobre sua ida ao meu escritório e as ameaças que me fez.

Cherry arregalou os olhos para Daniel.

— Não sei do que ela está falando.

— Ah, por favor...

— Sinto muito, Daniel — Cherry falou. — Sei que ela não gosta de mim, que não quer que nos vejamos, mas acho muito difícil lidar com isso. Talvez seja melhor repensar nossos planos.

— Que planos? — Laura perguntou ansiosa, olhando para Daniel.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Cherry está se mudando para cá. Vai *morar* aqui.

— Ela o quê?

— Não vou. Não posso lidar com isso. — Chateada, Cherry se virou para ir embora. — Olhe, só vou pedir um táxi para levar minhas coisas para casa de novo.

Daniel segurou seu braço.

— Não...

— Ela está se mudando *agora*? Você não perde tempo, não é?

— Mãe!

— De quem foi a ideia?

— O quê?

— De ela se mudar.

Daniel estava perdendo a paciência.

— Foi minha, é claro.

— Tem certeza? Pense bem. Tem certeza de que ela não plantou a ideia?

— Não!

Cherry estava no hall, levando a bolsa para a porta.

— Cherry, espere! — Daniel correu até lá e colocou a mão na porta para impedi-la de sair.

Laura respirou fundo. Falou constrangida, baixinho.

— Daniel, era disso que eu estava falando... sobre o dinheiro. Teve a história da passagem também, lembra? Dizer para você que o voo para a França custava seiscentas libras, quando eram só quinhentas. *Eu vi a passagem*.

Ela o viu hesitar.

— Daniel, por favor, acredite em mim. Tudo o que estou dizendo é verdade.

Ele olhou para Cherry, que estava fazendo o possível para parecer perplexa.

— Está falando daquela vez que fui até sua casa de veraneio? — Cherry perguntou. — Não entendo... — Ela pestanejou, magoada, e começou a remexer na bolsa. — Acha que tentei tirar dinheiro de você? Eu não... olhe... tenho certeza de que está aqui em algum lugar... eu guardei, uma lembrança... foi nossa primeira viagem juntos... aqui! — Ela pegou um pedaço de papel amarrotado com um floreio. — Minha passagem.

Daniel a pegou.

— Foi isso que pedi a você, não foi? — Cherry prosseguiu.

Laura franziu o cenho para o pedaço de papel na mão de Daniel. *Parecia* o mesmo, mas o total era de seiscentas libras.

— Isso não está certo. Não foi a passagem que eu vi...

— Preciso ir — Cherry falou, com lágrimas nos olhos.

— Ainda não. — Daniel se voltou para Laura. — Mãe, acho melhor você ir embora.

— Mas você não vê? Ela deve ter inventado, impresso outro bilhete ou algo assim. Ela está mentindo!

Ele falou baixinho.

— Mãe, não é Cherry a mentirosa aqui.

Ela afastou o olhar quando sentiu que as lágrimas irrompiam, e, mantendo a cabeça o mais erguida que pôde, saiu do apartamento.

Enquanto seguia pela rua, podia sentir Cherry observando-a da janela. Não ousou olhar para cima; não queria ver seu rosto exultante de triunfo.

A escuridão se aproximava, lançando sombras reverenciais na sala, mas Laura estava deitada no sofá, sem conseguir reunir energia para se levantar e acender as luzes. De fato, quase gostava daquilo, de ficar deitada, com Moisés sobre sua barriga, ronronando ritmicamente, os dois observando as sombras tomarem conta. Combinava com o estado de espírito dela. Ela sabia que tinha perdido as estribeiras mais cedo, mas a performance de Cherry a tirara do sério. Agora, deitada ali, de barriga para cima, assustava-a ver como Cherry controlara todo o incidente. Provavelmente estava se divertindo com o jeito como Daniel se virara contra ela. Tentou ligar para ele quando chegou em casa, mas a ligação caíra na caixa postal. Deixou uma mensagem pedindo que ligasse, mas ele não fizera isso até aquele momento, e ela não esperava resposta naquela noite. Honestamente, não sabia quando teria notícias dele de novo.

A porta do elevador se abriu no hall de entrada, e Moisés ergueu as orelhas. Howard devia estar chegando da garagem. Ele entrou na sala e acendeu a luz. Laura se encolheu e cobriu os olhos.

Ele ficou surpreso em vê-la.

— O que está fazendo aqui no escuro?

— Nada. Relaxando.

Howard fez carinho em Moisés, que estava passando de um lado para o outro em seus

tornozelos.

— Olá, garoto. — Ergueu os olhos. — Onde está Daniel?

Um nó se formou no peito de Laura. Teria que contar.

— Ele voltou para o apartamento.

Howard se levantou.

— Quando?

— Ontem.

— Ele nem se despediu?

— Não é tão simples.

Ele olhou para ela, esperando mais. Sentindo-se sob pressão, ela se levantou e foi até a cozinha. Serviu-se de uma taça de vinho da geladeira.

Howard a seguiu.

— O que está acontecendo?

— Daniel e Cherry estão juntos de novo.

Ele pareceu surpreso.

— Como... Depois do jeito como ela o largou?

— Ela não o largou. Eu lhe disse... — Houve uma longa pausa.

— Sim...?

— Quando pensamos que ele não ia conseguir... eu disse a ela que ele já estava morto.

Howard a encarou e então começou a rir, uma gargalhada selvagem, incrédula. O riso morreu.

— Você está brincando, não está?

— Ela não o amava, tenho certeza... eu sei que ela está com ele por dinheiro.

Ele esfregou o cabelo com a mão, desarrumando-o.

— Ah, meu Deus.

Laura ofereceu seu vinho.

— Quer um pouco? — Perguntou, apontando a garrafa.

Ainda chocado, ele negou com a cabeça.

— E quando ele despertou? Você não pensou em lhe contar a verdade?

— Ah, Howard, como eu poderia? — ela perguntou, frustrada com sua falta de compreensão.

— E agora ele descobriu, através de Cherry, que o manipulou para voltar à sua vida.

— *Cherry* o manipulou?

— Ela é uma mulher muito esperta, muito determinada.

Howard pegou a garrafa e uma taça.

— Talvez eu precise, sim, de uma bebida. — Ele olhou para ela, e Laura desejou que tirasse aquela expressão de julgamento do rosto. — Então, quando ele descobriu, sentiu a necessidade de voltar para seu apartamento e, julgando pelo seu estado de espírito quando entrei, ele não está muito feliz com você.

— Ele não quer vê-la como ela realmente é.

— Acho que é você que não está vendo.

— Mas ela...

— Não ela, você. Olhe para si mesma. Para o que fez. — Ele balançou a cabeça. — Em que

mundo você achou que iria se safar dessa?

— Você está se esquecendo. Na época, não achávamos... Os médicos nos disseram que ele estava morrendo. Eu só precisava daqueles últimos dias. Como mãe, sob as circunstâncias, eu não acho que seja tão difícil justificar, não é?

— “Como mãe...”? Ele é um homem adulto, Laura. Você não tem mais que decidir o que é melhor para ele. Como acha que ele se sentiu quando despertou e você... Cristo, eu também... nós dissemos que ela o deixara? Eu o consolei com um monte de besteiras sobre como ela não valia a pena se não era capaz de ficar por perto. — Agora ele estava zangado e bateu a taça no balcão. — Ele acha que fui cúmplice nisso?

— Não sei.

— Bem, é melhor você dizer a ele que não fui. Não, não... eu vou falar. — Ele deu um suspiro profundo. — Cherry é uma boa pessoa. O que exatamente você tem contra ela?

Laura lhe lançou um olhar de exasperação.

— Eu já lhe disse. Ela está atrás do dinheiro dele, do futuro dele. Agora pode simplesmente se pendurar nele e conseguir outra vida.

— E como você sabe disso?

— Pequenos detalhes. Ela mente sobre as coisas. Dinheiro. Inventou desculpas para ir à França. Mas é mais do que isso; é... não sei... uma sensação...

— O quê? Instinto materno?

— Não zombe disso — ela replicou, magoada.

— Você está delirante. Deixe para lá. Deixe-o em paz. — Olhou para ela com uma nova distância, como se não a conhecesse mais. — Pare de inventar desculpas para seu comportamento obsessivo. Você o afastou. *Você*. E só pode culpar a si mesma. — Ele balançou a cabeça enquanto olhava para ela, como se estivesse tomado por uma grande tristeza, e saiu do aposento.

Ela o ouviu ir para o andar de cima, e depois de um tempo o barulho de passos desapareceu. Ela se sentou, serviu mais vinho e notou que sua mão tremia. Não dissera nada sobre as ameaças de Cherry, mas tinha a impressão de que Howard pensaria que estava sendo exagerada ou, do que ele a chamara? *Delirante*.

CAPÍTULO 42

SEXTA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO

Duas semanas mais tarde, ela ainda não tivera notícias de Daniel. Por fora, ela demonstrava ser sensata e racional, agindo como se tudo tivesse ficado para trás, mas por dentro estava consumida pela ansiedade. Não havia ninguém com quem pudesse conversar. Ela e Howard estavam mais afastados do que nunca, e agora não pareciam nem conseguir compartilhar refeições eventuais. Ele enviava uma mensagem dizendo que tinha uma reunião tardia no trabalho, e ela acabava em um jantar solitário na cozinha. Comer sozinha logo perdeu o apelo, e ela adquiriu o hábito de não cozinhar, algumas vezes não se incomodando nem mesmo em comer, e perdeu alguns quilos. Notou que suas bochechas estavam mais fundas ao inspecionar o rosto no espelho sobre a penteadeira. Mas não era o visual mais magro que estava diferente; era o embotamento em seus olhos. Ela rapidamente afastou o olhar. Esta noite pararia de pensar nessas coisas. Iria a um jantar na casa de Isabella. Um punhado de amigos fora convidado, Izzy dissera, e então perguntou se Howard estaria trabalhando, em vez de perguntar se estava livre para ir. Laura não pressionara por um convite para ele — ele não iria, de qualquer jeito, não como as coisas estavam entre eles. Na verdade, ela não estava no clima para conversas despreocupadas, mas era melhor do que ficar em casa.

Esperava que Isabella estivesse ocupada demais para fazer perguntas sobre Daniel. Não tinha contado para a amiga que o filho se mudara, e não queria acabar sendo puxada de lado, constrangida, inventando alguma coisa para evitar explicar sobre a mentira. Não, o plano era sair de casa, mudar de ambiente, misturar-se com alguns velhos amigos e voltar para casa cedo. Também evitaria beber muito — não queria começar a se sentir desesperada ou sentimental e acabar deixando escapar alguma coisa. Preferia nem pensar naquilo; era como um segredo vergonhoso, um grande duende maligno sentado em seu ombro, cutucando sua nuca de tempos em tempos, só para lembrar que estava ali.

Ela deslizou o batom com habilidade sobre os lábios, bem quando ouviu a porta do elevador se abrir. Howard estava em casa. Aquilo imediatamente a deixou nervosa. Ela fechou o batom e o guardou. Então saiu do quarto. Era bom que ele estivesse em casa cedo, disse a si mesma, pois havia algo que queria perguntar a ele já fazia algum tempo. Ela foi até a sala de estar, onde Howard, ainda com as roupas de trabalho, servia-se de um uísque.

— Teve um bom dia? — ela perguntou, com alegria forçada.

Ele se virou, viu com alguma surpresa que ela estava vestida para sair, mas não fez

comentários.

— Tive. E você?

Laura não ia contar que tentara ligar para Daniel pela terceira vez desde que ele a mandara embora, e, pela terceira vez, caíra na caixa postal. Ela não deixara mensagem, sem saber o que poderia dizer a mais do que nas vezes anteriores. Mas a falta de comunicação estava matando-a e, de algum modo, ela tinha que tocar no assunto.

— Sim, ótimo, obrigada. Vai fazer algo esta noite?

— Não, na verdade não. Foi uma longa semana.

— O que quer dizer um belo final de semana. Vai sair com alguém? Ver Daniel?

Aquilo era tão sutil quanto uma tijolada, mas ela manteve o sorriso fixo no rosto.

— Não tenho planos ainda. — Ele falou lentamente.

Ela abraçou o próprio corpo, e deixou o fingimento de lado. Aquela pergunta a queimava há dias, e tinha que fazê-la.

— Ele entrou em contato? Sabe, desde que se mudou?

Howard tomou um gole de seu drinque.

— Sim.

Aquilo a machucou, embora fosse a resposta que secretamente esperava.

— Ele está bem?

— Vou considerar que você não falou com ele.

Ela não sentiu necessidade de responder.

Ele estava constrangido.

— Ele está bem. Ocupado no trabalho. Não tem muito tempo livre... Sabe como é, esses programas de residência.

Saber que ele mentia para poupá-la da dor tornava tudo pior. Se Daniel tinha tempo para falar com o pai, então tinha tempo para falar com ela.

— Cherry se mudou para lá? — A voz dela soou tensa, estrangulada.

Ele olhou para a esposa.

— Quer mesmo que eu responda?

Laura inspirou profundamente e olhou ao redor da sala, sem realmente enxergar.

— Deixe para lá, Laura.

Ferida, ela olhou para ele. Não queria discutir de novo.

— Certo. Bem, é melhor eu ir.

— Vai em algum lugar agradável?

— Só na casa de Isabella.

— Bem, divirta-se.

Ela estava prestes a perguntar por que ele não ia junto, já que chegara em casa mais cedo do que o esperado, mas ele já tinha dado as costas. Estava preparando outra bebida. Assentiu para as costas dele, foi para o hall, calçou os sapatos e partiu.

Foi a última a chegar. Isabella contratara um bufê, e uma jovem de cabelos lisos e escuros, que a

fazia se lembrar de Cherry, pegou seu casaco. Ela foi levada até a sala da frente, cheia de conversas e bom humor, e reconheceu as pessoas ali: Diane e seu marido, Phillip, que tinham participado do churrasco no ano passado, assim como Sally e Edward. Alguns outros que encontrara no Natal, mas ninguém depois daquela data, já que socializar tinha ficado fora da sua vida nos últimos meses. Ninguém a notou. Ela ficou parada na porta, meio de lado, incapaz de se juntar ao ritmo da festa. Sentia-se como se não pertencesse àquele lugar, como se, caso resolvesse se aproximar e tentar se juntar à conversa, fosse receber olhares frios. Ela tinha mentido que seu filho estava morto. Laura não tinha ilusão do que aquelas pessoas pensariam se soubessem. Todos se recolheriam em choque e em um horror mudo coletivo. Mesmo se soubessem a verdade sobre Cherry, não seria o bastante. Ela dissera o indizível, e permitira que aquilo penetrasse fundo na vida de outras pessoas. Eles se distanciariam de tal sordidez. Eles julgariam, fofocariam, alguns até ergueriam uma sobrancelha, divertindo-se sutilmente às suas custas. Ela começava a lamentar ter ido e perguntava-se se poderia voltar para casa quando Isabella a viu. Ela acenou, deliciada, e se aproximou.

— Querida, você quase se atrasou. Espero que não seja porque está trabalhando muito. — Ela não esperou resposta, mas beijou a amiga no rosto e fez sinal para que o garçom trouxesse champanhe, ao mesmo tempo em que erguia sua taça para um brinde. — Venha conhecer meu novo amigo, Andrew. Você está ótima, diga-se, esse cinza prateado faz maravilhas por seus olhos.

Laura foi puxada na direção do marido de Isabella, Richard, que estava conversando com um homem enérgico e magro, cabelos grisalhos e rosto bronzeado e marcado.

— Andrew, permita que eu apresente uma amiga, Laura.

— Olá, Laura. — Ele estendeu a mão calorosamente, e ela a apertou, vigiada por Isabella.

— Laura é produtora de TV, e Andrew administra uma empresa de exportação. Ah, estamos prontos — ela falou, enquanto se afastava para a sala de jantar.

Laura descobriu que estava sentada ao lado de Andrew, e, enquanto olhava ao redor da mesa, percebeu que eram os únicos que tinham vindo sozinhos.

Um lampejo de suspeita cruzou sua mente, e então ficou claro durante o primeiro prato.

— O que você faz para se divertir? — Andrew perguntou.

Laura sorriu.

— São perguntas como essa que sempre me fazem lembrar que preciso de mais tempo livre.

— Sei o que quer dizer. Administrar um negócio, monstros que tomam todo seu tempo acordado.

— Então não tem muito tempo para mais nada?

— Tento me manter em forma.

— O que gosta de praticar?

— Triatlo, principalmente. Definir um objetivo para mim mesmo duas vezes por ano.

Laura continuou sorrindo, mas por dentro estava bem desconfortável. Ela dissera expressamente para Isabella não lhe arranjar um encontro. Parecia outro peso em seus ombros, uma noite que tinha que passar sendo educada com um homem no qual não tinha interesse algum, pelo menos romântico. O que lhe tinham dito? Cristo, isso era tão embaraçoso.

De repente, ficou zangada, o que a deixou exausta, o que a zangou ainda mais. Mais de uma vez se perguntou o que Daniel estaria fazendo naquele momento. Quando teria notícias dele? As perguntas rodavam em sua cabeça, atormentando-a, enquanto ela respondia perguntas educadas sobre a diferença entre um diretor e um produtor. Ela anunciou sua partida assim que achou razoável. Andrew disse um adeus superficial, e ela sentiu uma pontada de culpa — ele sabia que ela não estava interessada em sua companhia para o jantar. Maldita Isabella por ser tão intrometida. Ela se aproximou e a acompanhou até a porta.

— Eu gostaria que não fosse embora tão cedo — espiou a amiga, e percebeu seu estado de espírito tenso. — Você está bem, não está? Não está incomodada com nada, está?

— Não, Isabella, não estou.

— Então o que há de errado?

— Ou você acha que sou algum tipo de rameira, ou já considera meu casamento morto, Isabella. E nenhuma das duas opções são sentimentos particularmente bem-vindos de alguém considerada amiga.

Era duro, muito duro, mas fora dito. Laura imediatamente se culpou quando viu a expressão de mágoa e surpresa de Isabella. Mas, de alguma forma, não sabia ou não queria fazer as pazes. Foi embora e entrou no táxi que havia sido chamado para ela.

Seu humor não melhorou no caminho para casa e, quando entrou, descobriu que Howard não estava. Ela foi até o segundo andar e, ao ver que não havia luz sob a porta dele, bateu hesitante e depois abriu devagar. O quarto e a cama estavam vazios. Ele tampouco estava no covil, e percebeu que ele devia ter ido para a casa de Marianne.

Teve um ímpeto de raiva; devia tê-lo traído com Andrew, afinal. Não que agora ele fosse querer. Por que conseguia queimar pontes com tanta facilidade ultimamente?

Sozinha, foi até a cozinha e pegou uma taça de vinho. Não era a vida que imaginara: um casamento de mentira, apesar dos protestos acalorados para Isabella, e seu único filho afastado. Foi atingida tão repentinamente por um golpe de solidão que ficou sem fôlego. O que aconteceria se perdesse os dois? A tristeza tomou conta dela, a despiu, e Laura se levantou da mesa da cozinha. Deixando o vinho para trás, subiu correndo as escadas, tropeçando em um degrau no meio do caminho, e entrou em seu quarto. Sentou-se na escrivaninha.

Tinha que fazer alguma coisa; não deixaria Daniel ir embora sem saber como ela se sentia, deixando aquela garota distorcer tudo.

Uma foto estava pendurada sobre a escrivaninha, uma foto em branco e preto dela e de Daniel quando ele era bebê. Ela olhou a imagem e viu seu olhar adorável e alegre enquanto ela o segurava por sobre a cabeça.

Algo ficou preso em sua garganta.

Ela lhe dera tanto de si; ele era sua alegria, uma pessoa que ela criara em todos os sentidos da palavra, seu investimento, seu bebê. Ela o ensinara a escrever seu nome, a jogar bola, a andar de bicicleta. Encorajou-o a debater, a ter opinião, a abrir sua mente. Mostrara a ele como cozinhar e como tratar as mulheres. Se ele não a deixava ir até seu apartamento e não atendia suas ligações, então ela tentaria outra coisa.

Um e-mail era arriscado; Cherry usava o computador de Daniel; isso ela sabia. E não podia

colocar uma carta no correio — havia uma boa chance de ser interceptada. A única opção era deixá-la com o porteiro com instruções precisas de só ser entregue para Daniel. Ela pegou a caneta e começou a escrever.

CAPÍTULO 43

SEXTA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO

Era seu primeiro dia livre, sem ser interrompido pelo hospital ou pelos estudos, no que pareciam ser semanas. Daniel sentira vontade de fugir, e eles acordaram cedo e foram para Cambridge. Cherry nunca tinha estado lá, e dissera que queria ver onde ele vivera e estudara todos aqueles anos.

Passearam pela *King's Parade* e pela *Trinity Street*, os edifícios tradicionais da universidade, observando-os como uma coleção de diretores severos, mas afetuosos, e ele apontou em qual ficava seu quarto e onde ia comer sanduíche domingo de manhã, depois de uma noite daquelas. Ela o ouvia exclamar e rir enquanto as lembranças voltavam, mas não era uma nostalgia melancólica, o que a deixava satisfeita.

Cherry não gostava de não saber sobre essa parte importante da vida dele e não queria que ele sentisse falta daquilo e das garotas que podiam ter feito parte daquela história.

Depois que ela viu os lugares da época da universidade, decidiram juntar-se aos turistas. Parecia uma pena não dar uma volta no rio, e Daniel observava Cherry deitada de costas, os olhos fechados contra o sol inesperadamente quente, o último resquício do verão antes que o outono chegasse com tudo. Como sempre, o estômago dele se remexeu quando a olhou.

Ela era tão incrivelmente bonita. Os cílios escuros e compridos cobriam os olhos como sorrisos impertinentes, e a marca de sua clavícula era banhada pelo sol de um jeito que parecia convidá-lo a mergulhar os dedos em seu calor. Não era só que estivesse profundamente atraído; Daniel podia passar horas com ela sem se sentir entediado.

Ela era inteligente, e algumas vezes ele se perguntava por que escolhera um emprego tão abaixo de suas capacidades, mas respeitava a decisão dela, e, de todo modo, ela não trabalhava mais naquilo. Na verdade, e o pensamento recente e inquieto apareceu em sua mente novamente, ela não parecia estar fazendo — ou procurando — nada.

O rosto dele se anuviou. Ele não pensaria daquele jeito se sua mãe não fosse uma mulher tão inflexível sobre os motivos de Cherry estar com ele. Ela estava errada — Cherry era verdadeira; mesmo assim, Daniel não conseguia se livrar de uma sensação incômoda.

Por que sua mãe estava tão convencida?

Ele ainda não retornara suas mensagens, já que não sabia o que dizer. Estava cansado de tentar ser delicado com as incontáveis acusações sobre sua namorada. Estava cansado de ter que defendê-la.

Para ser honesto, estava enjoado e cansado do assunto, e só queria seguir com sua vida. Não poderia ignorar Laura para sempre, mas sabia que, assim que ligasse, ela tocaria no assunto mais uma vez. Além disso, havia o incômodo, a coisa que ele não conseguia deixar de lado. Estava cada vez mais ciente de que, desde que se mudara, Cherry não dissera nada sobre arrumar um emprego.

— No que está pensando? — Cherry estava com um olho aberto e o observava.

Ele sorriu.

— Nada. Só desejando que não chova.

Cherry olhou para o céu.

— Acho que não vai chover.

Ela estendeu o braço e passou a mão em um galho de salgueiro chorão enquanto desciam o rio.

— É bom sair um pouco de Londres.

— Amanhã você volta ao hospital?

— Sim. — Ele espantou um par de mosquitos de perto do seu rosto. — E você?

— É sábado... Pensei em ter um dia preguiçoso. Talvez ver um filme.

— E depois? Quero dizer, o resto da semana? — Ele tentou parecer casual, mas viu que ela se enrijeceu.

— O que quer dizer?

Ele empurrou o leito do rio com o remo.

— Eu só estava pensando se você não fica entediada. Ficar no apartamento o dia todo.

— Não fico o dia todo... eu saio.

— Sim, mas você sempre foi... é... tão ambiciosa. Quando estava na imobiliária. — Ele sorriu para ela.

Cherry ficou quieta por um minuto.

— Eu estou abusando?

— Não...

— Só que eu realmente não posso pagar aluguel no momento. Você sabe disso.

— Eu não quero que...

— As contas também são altas.

— Eu sei. Está tudo bem...

— Mas eu ajudo com o supermercado — Ela olhou para ele, com uma expressão defensiva, magoada.

Daniel estava recuando. Não queria aquela dissecação da vida doméstica deles, e estava se arrependendo de ter tocado no assunto com Cherry.

— Vou mudar isso. A partir do mês que vem.

Cherry parecia estar determinada, mas a expressão em seu rosto era de resignação. Daniel não tinha ideia do que ela estava falando.

— Me ofereceram um emprego — ela explicou.

Ele parou de remar e olhou feliz para ela.

— Uau! Sério? O que é? Por que não me disse?

— Porque não é nada demais. Só assistente, não corretora sênior, e o dinheiro não é muito.

Minha intenção era continuar procurando, mas...

— Não aceite.

Ela o olhou com exasperação silenciosa.

— Acho que, à luz do que acabamos de discutir, é melhor aceitar esse emprego.

— Não, por favor. Não há pressa. É só que eu estava pensando... você é inteligente, e obviamente quer fazer algo com sua vida, e deve ser tão *frustrante* ficar à toa o dia todo... quando você não sai, é claro. — Ele ficou ciente de que ignorava deliberadamente a ideia de que ela estava se aproveitando do fato de morar no apartamento dele.

Cherry se sentou e segurou suas mãos.

— Eu realmente acho que devo. Pelo menos como paliativo. Tive outra ideia... eu não ia contar para você, não até que desse certo, mas estive pensando em abrir uma empresa. Mas, até lá, se eu aceitar esse trabalho, consigo pagar umas mil libras por mês para você. Sei que não é muito...

Ele colocou o dedo em seus lábios, constrangido por tê-la colocado naquela posição. Envergonhado, também, porque ele tampouco pagava pelo apartamento — fora comprado por seu pai. E ali estava ela oferecendo o que devia ser metade — provavelmente mais do que metade — do salário de um emprego para o qual ela era inteligente demais e que não queria aceitar.

— Não quero ouvir mais nenhuma palavra sobre isso. Vamos ao ponto: que empresa é essa?

Ela fez uma pausa.

— Tem certeza?

— Sim. Agora, vamos lá. Conte tudo.

— Bem, ainda estou começando a planejar, mas com meu conhecimento sobre o mercado imobiliário... Ainda acho que dá para ganhar dinheiro com reformas.

— Vou investir em você.

— Sério?

— É claro.

Ela sorriu educadamente. Daniel começou a remar de novo. Um silêncio caiu entre eles.

Daniel sentiu que devia fazer as pazes.

— No que está pensando?

— E se... você sabe, se toda essa história de dinheiro interferir entre nós?

— Por que deveria? Ok, ok, sei que acabou de acontecer, mas agora sabemos que conseguimos lidar com isso. — Ele olhou para ela e soube no que Cherry estava pensando.

— Não é só entre nós, no entanto. Ela acha que é por isso que estou com você.

— Isso não tem nada a ver conosco.

— Tem, sim. Nunca vou ser tão rica quanto você. Você sabe disso. Sempre seremos diferentes. Você sempre vai acabar pagando mais do que eu se formos manter seu estilo de vida. De vez em quando é difícil aceitar, não me importar. Tenho meu orgulho, sabe. — Chateada, Cherry olhou para a margem do rio.

Daniel parou de remar e sentou-se no bote.

— Está tudo bem...

— Eu gostaria de poder comprar isso, comprar aquilo, mas não posso. É assim que a vida é. Se isso o incomoda, é melhor dizer.

— Sinto muito, Cherry.

Ela se virou para ele e lhe deu um pequeno sorriso. Permitiu que segurasse suas mãos.

— É claro, sempre podemos nos mudar para Croydon.

Ele gargalhou.

— Eu não me incomodaria.

Ela fez uma careta.

— Eu, sim.

Ele gargalhou de novo.

— Tenho medo do que sua mãe fará — Cherry falou baixinho. — Tenho medo de perder você.

Ela parecia tão frágil, como se estivesse à beira da derrota, e ele sentiu a súbita necessidade de lutar por ela. E um temor. Percebeu que deixara algo tóxico entrar no que era deles, no espaço deles, no amor deles, e zangou-se consigo mesmo por deixar que as palavras de sua mãe o influenciassem tanto.

Ele nunca tinha sido tão feliz, mas, se não tivesse cuidado, ele acabaria afastando-a. E então soube que não conseguiria passar meses com a desaprovação constante de sua mãe, com seus argumentos dissuasivos. Era como arrancar um dente — quanto mais se pensava nisso, pior parecia. Seria melhor para sua mãe que aquilo tivesse um fim. Um puxão curto e forte.

— Case-se comigo.

O olhar de susto dela o fez rir.

Então ele percebeu, em um lampejo de pânico, que ela poderia dizer não. Ele se apoiou em um joelho, o barco balançando precariamente, e pegou a mão de Cherry, enquanto ela ria.

— Você vai nos fazer virar!

— Casa?

Ela riu novamente, e a alegria se irradiou por seu rosto.

— Sim!

CAPÍTULO 44

SÁBADO, 3 DE OUTUBRO

Para frente e para trás, ela inclinava lentamente a mão, enfeitada pelas cores mutantes que brilhavam diante dela, desaparecendo e sendo substituída por outras cores, aparentemente mais vivas ainda. Tinham ido às compras imediatamente, Daniel dizendo que queria tornar aquilo oficial, fazer o pedido de maneira adequada, e desculpando-se por não estar mais bem preparado.

No início, Cherry ficou tão perplexa que mal conseguiu acreditar. Deixou-se ser levada até uma pequena joalheria exclusiva, a menos de cinco minutos da casa de barcos, e foi apresentada como “minha noiva”. As vendedoras tinham arruhlado sobre o quão “romântico” fora o pedido e perguntaram se eles tinham preferência por algum tipo específico de pedra. Isso fez Cherry se sentar e prestar atenção; tinha que empreender algum esforço ali, para no futuro conseguir o que queria.

De fato, ela sabia — um diamante, é claro, bem chamativo —, mas ali estava uma oportunidade de fantasiar sobre um arco-íris de joias, algumas das quais apareceriam mais tarde em sua vida, de forma diferente: um presente de aniversário, o nascimento do primeiro filho deles talvez, um anel para demonstrar amor. Ela experimentou primeiro uma safira, cercada por diamantes menores. Depois uma água-marinha, que tinha a cor do mar do Caribe, e por fim um rubi vermelho-sangue, antes de sentir uma nota de inquietude em Daniel e ver que a vendedora estava claramente começando a perder o interesse.

Ela escolheu um que vira dez minutos antes. Um diamante de dois quilates, de corte quadrado em uma banda de platina. Deixou a loja usando a peça, e, enquanto caminhava, sua mão direita segurando a de Daniel, com a outra esfregava o polegar contra a lateral do anel, sorrindo e sentindo a dureza fria da joia, com algum tipo de reconhecimento pessoal de que seriam amigos por toda a vida.

Depois que Daniel saiu para o trabalho no dia seguinte, Cherry experimentou seu anel em todos os aposentos, vendo como ficava sob determinadas luzes e contra tecidos específicos, e depois com várias roupas. Experimentou como ficava quando servia um pouco de água da chaleira, quando estava ao telefone, acenando com a mão, quando teclava no computador. Ficava mais deliciada a cada cenário. Colocou as cortinas cor de marfim da sala em volta da cintura e rodopiou, o coração cheio de alegria. *Tinha conseguido.*

Ela iria se casar com alguém que a tiraria de sua antiga vida para sempre. Nunca teria que se preocupar com a luta, com o dinheiro ou o trabalho penoso e monótono que sua mãe tivera que

aguentar. Ela era melhor que aquilo, e podia manter a cabeça erguida. Enfrentar gente como Nicolas e seus pontos de vista intolerantes. Talvez comprassem uma casa em Webb Estate. Imagine se fossem vizinhos. Se Nicolas e sua estúpida esposa um dia saíssem de casa, e ali estaria ela.

Deliciou-se com essa ideia e imaginou a expressão no rosto deles por um bom tempo; então, começou a ficar inquieta e olhou pela janela. Queria sair e contar a novidade para alguém. Levar seu anel para passear em algum lugar. Pegou-se dirigindo na direção de Croydon; queria surpreender a mãe. Iria visitá-la e esperar para ver quanto tempo ela levaria para perceber.

Wendy não estava acostumada a visitas improvisadas, e convenceu-se de que algo estava errado. No fim, Cherry teve que mostrar o anel só para calá-la, o que estragou seu plano de esperar que percebesse o anel de dez mil libras em seu dedo.

— Ah, meu bom Deus! — Wendy exclamou, segurando a mão da filha. — É de verdade?

— É claro que é.

— Você está...? — O rosto de Wendy se iluminou e Cherry sorriu e desviou o rosto do beijo que se seguiu. — Parabéns! — Wendy bateu na boca com a mão, e seus olhos brilharam com ameaçadoras lágrimas de felicidade. — Pensar que minha garota vai se casar... Ah, Cherry, se casar com *Daniel*. Ele é tão *adorável*... De verdade, gosto muito dele. Ah, é como um conto de fadas. Como Catherine e William. Terei que ir em algum lugar bom para comprar meu vestido, Designers na Debenhams ou algo assim...

Enquanto dirigia de volta para casa, Cherry passou por vários lugares antigos que costumavam lhe trazer vergonha ou pavor. O restaurante em que trabalhara, a escola. Não eram mais nada para ela. Era uma pessoa diferente, uma pessoa melhor, e eles nunca mais seriam capazes de ameaçá-la novamente. Agora que escapara de seu domínio, sentia uma nova liberdade, e era emocionante.

Ela voltou um pouco antes das duas horas, ainda em estado de graça. Ao passar pela mesa do porteiro, ele a chamou.

— Está sozinha, querida?

— Sim. Daniel está no trabalho.

Ele se levantou da mesa e desapareceu na sala dos fundos, falando por sobre o ombro.

— Isso explica tudo, então.

Cherry se perguntou, indiferente, o que o rapaz tinha ido buscar, quando seus olhos foram subitamente atraídos por um envelope guardado no pequeno cubículo que ela sabia ser reservado para cartas registradas, que o porteiro recebia em nome dos moradores. Era uma carta escrita à mão, endereçada para Daniel.

Ela estava prestes a perguntar se o porteiro queria que ela levasse a correspondência quando reconheceu a letra. Era de Laura. Sem pensar duas vezes, ela pegou o envelope e o guardou na bolsa, bem quando o rapaz voltou com um grande ramalhete de flores.

— A menos que você tenha outro admirador.

— São lindas! — Ela leu o cartão colocado entre a folhagem. — “Para minha noiva, no

primeiro dia do nosso compromisso”.

— Sim, o anel ainda está me cegando — o porteiro brincou, protegendo os olhos do dedo de Cherry.

De volta ao apartamento, Cherry se sentou no sofá cor de limão e pegou a carta. Segurou-a por um momento, pensando. Provavelmente era um apelo, cheio de súplicas patéticas; mas claro que podia haver mais veneno sobre ela, e ela não podia se dar ao luxo de que nada atrapalhasse seu noivado. Ela já mencionara que queria um casamento no inverno, e estava planejando algo para janeiro; no que lhe dizia respeito, quanto antes a cerimônia fosse realizada, melhor.

Mas ainda havia o obstáculo representado por Laura, e, apesar de todos os protestos de Daniel de que decidia o que acontecia em sua vida, Cherry estava um pouco preocupada. Laura continuaria a meter o nariz onde não era chamada — o que incluía cartas para Daniel denegando seu nome.

Ela abriu o envelope e leu rapidamente:

Daniel,

Sinto muito que não tenha retornado minhas ligações, e sei que é em parte porque não quer ouvir o que fico dizendo. Mas não posso ficar de lado e assistir quando há algo muito errado. Também sei que você ama Cherry e é difícil ouvir coisas negativas sobre a pessoa que amamos, mas tudo o que peço é que você leve em consideração o que estou falando.

Investigue. Acredite em mim quando digo que eu não exageraria só para destruir o seu relacionamento simplesmente porque não aprovo. Essa situação é muito mais séria do que isso. Talvez você possa fazer algumas perguntas simples e discretas. Lembra da história da avó que morreu — aquela que ela contou para o chefe? Foi exatamente o que disseram e, mesmo assim, ela não mencionou nada para nós. Por que não? O que não é verdade? Ou talvez tenha algo mais, algo no passado dela que você pode descobrir. Ela já contou sobre seus ex-namorados? Quem eram? Por que terminou?

Se você descobrir que não existe nada, é só me falar que eu deixarei para lá, mas, por favor, tente. Não me importa o que ela vai fazer comigo nesse meio tempo, e, de certa forma, até gostaria que ela fizesse algo, para que você pudesse ver. Não posso deixar de dizer que sinto muito sua falta, e quero mais do que qualquer coisas que fiquemos bem de novo.

Com amor,

Mamãe.

Cherry colocou a carta no colo e soube imediatamente que Daniel não poderia vê-la. Tinha se perdido, extraviada pelo porteiro. Havia uma chance de o rapaz mencionar a carta para Daniel, até mesmo dizer que era de Laura, mas como Daniel não estava falando com a mãe, ele provavelmente não se incomodaria em descobrir o que ela continha. Ficou em pé de repente.

Laura ainda não sabia sobre o noivado, mas Cherry sabia que Daniel teria que lhe contar. Laura precisaria recuar e fazer o que qualquer futura sogra fazia quando o filho ia se casar: reconhecer a diminuição de seu lugar na vida dele e *manter a boca calada*. Ela precisava saber com quem estava lidando e o que era melhor para ela. Cherry fechou a carta e a guardou na bolsa.

Esperou até segunda-feira, já que havia uma chance maior de Howard não estar no clube de golfe. Daniel mencionara de qual clube o pai era membro e, enquanto ela atravessava os portões do Royal Surrey Golf Club, viu que era tão exclusivo quanto parecia na internet. Com as rodas esmagando o cascalho, ela passou lentamente pela sede, com as paredes cobertas de hera, e se dirigiu ao estacionamento.

Parou o carro em um canto tranquilo, sem ninguém por perto, mas de onde pudesse ver a sede. Desceu e caminhou até a entrada. Abrindo as grandes portas duplas, entrou. Cheirava a cera de abelha e dinheiro, e o tapete era grosso e felpudo. Enquanto caminhava, notou quadros de madeira pendurados na parede, listando os vencedores dos torneios. Parou e leu as letras douradas, fileiras de nomes que retrocediam até 1875. Então viu o nome dele, sr. Howard Cavendish, sobre o ano de 2015, vencedor da Liga de Inverno com a sra. Marianne Parker. Eles também venceram em 2014, 2012 e 2011. Uau, que dupla. Desapareceram por um tempo, mas então ela os viu novamente como campeões de 1995. Era um longo intervalo, e Cherry se perguntou o que teria acontecido; talvez estivessem fora de forma. Os vencedores mais recentes também tinham as fotos expostas, e os olhos de Cherry foram atraídos para a imagem de Howard e Marianne. Ela analisou, procurando algo interessante. Ele tinha o braço ao redor dos ombros — um tanto largos — dela, e os dois sorriam para a câmera.

— Posso ajudá-la?

Um homem de meia-idade, vestido com blazer e calça clara, parou ao lado dela.

Era o tipo de homem que devia saber tudo sobre o clube, um homem com ideias bem fortes sobre quem devia ser membro e a etiqueta que isso envolvia. Ela estava feliz por usar um dos trajes da época que trabalhava como corretora, e lhe deu um sorriso desarmante.

— O senhor é o secretário do clube?

— Sim — ele falou, claramente esperando que ela dissesse quem era.

— Eu estava me perguntando se poderia me dar alguma informação sobre associação, uma brochura ou algo assim?

A suspeita dele diminuiu levemente, e ela recebeu uma brochura bem grossa, teve que ouvir o discurso de vendas, mas depois de alguns sorrisos e comentários complementares sobre os campos de golfe, conseguiu escapar. Voltou para o carro e sentou-se ao volante, perguntando-se o que fazer. Howard passava muito tempo ali, ela sabia, e queria descobrir o motivo. Abriu a brochura e ligou para o número impresso na contracapa, disfarçando a voz.

— Ah, alô. Eu devia me encontrar com uma amiga, Marianne Parker, hoje, mas esqueci o horário que combinamos e não consigo entrar em contato com ela. Pode me dizer qual é hora do chá? Duas da tarde? Ah, já perdi a hora, não é? Terei que falar com ela mais tarde. Sinto muito por tê-lo incomodado. — Ela desligou antes que ele fizesse mais perguntas.

Então Marianne estava ali. Poderia valer a pena esperar um pouco. Deixando a brochura no assento ao lado, Cherry se acomodou. Depois de quase uma hora, ela viu uma mulher sair da sede que parecia aquela da foto. Apertou os olhos e teve certeza, pela estatura, pelo cabelo castanho, que era Marianne. Cherry a observou conversar com uma amiga que a acompanhava; então, depois de alguns minutos, as duas se abraçaram e entraram em carros separados. Marianne entrou em um BMW prata, um novo conversível. Cherry esperou até que ela saísse do estacionamento e a seguiu cuidadosamente.

Marianne voltou para a cidade pela A3, e Cherry se assegurou de deixar pelo menos dois carros entre elas durante todo o caminho. Cruzaram o rio pela Battersea Bridge e seguiram para norte, em direção a Kensington. As ruas ficavam mais cheias, e os motoristas mais erráticos quanto mais entravam na cidade, e Cherry quase a perdeu de vista algumas vezes. Quando chegaram em Swiss Cottage, Marianne virou na direção de Hampstead, onde ficavam as ruas residenciais. Audis e Range Rovers ficavam estacionados um atrás do outro em tranquila exclusividade. Então o BMW diminuiu a velocidade e entrou em uma vaga ao lado de uma casa vitoriana, de tijolos vermelhos, de três andares. Cherry ficou para trás e viu enquanto Marianne trancava o carro, seguia até a porta e entrava na casa. Aguardou um momento, perguntando-se o que fazer na sequência, mas não havia mais nada para ser visto.

Ela estava prestes a ir embora quando outro carro veio em direção a ela, no sentido oposto. Alarmada, rapidamente deu ré e estacionou novamente. O outro motorista parou em uma vaga um pouco mais adiante, soltou o cinto de segurança e desceu do carro. Mantendo a cabeça baixa, Cherry observou enquanto Howard seguia até a casa de Marianne. *Howard!* Ela esperou que ele tocasse a campainha, mas arregalou os olhos quando o viu pegar sua própria chave e entrar. Cherry ficou olhando a porta fechada, animada, e deu uma risadinha. Então era isso o que ele estava aprontando. E há algum tempo, julgando pelas datas nas fotos dos dois juntos. Cherry pensou na mulher que acabara de ver. Era morena, ao contrário de Laura, loira, e mais robusta, com feições mais rudes. Cherry se perguntou como seria saber que a amante do marido não era tão bonita quanto você. Devia ser um soco ainda maior no estômago. Manobrou o carro e foi embora.

CAPÍTULO 45

TERÇA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO

Era hora de pedir desculpas. Hora de “calçar as sandálias da humildade” e admitir que estava errada. Fora muito dura, muito rápida em julgar — Laura admitia isso, arrependida por seu comportamento abominável.

Ela esperou com alguma agitação na porta da frente, enquanto olhava ao redor, notando como as noites caíam rápido agora. Estava nublado, e o cinza parecia cobrir tudo. Alguns segundos mais tarde, a campainha foi atendida.

— Sinto muito — ela disse ansiosa, rápido, como se sentisse fragilizada e não tivesse certeza de aguentar se Isabella ainda estivesse zangada com ela. — Minha reação foi totalmente desproporcional, e eu não devia ter falado com você daquele jeito.

Isabella pensou por um momento, então abriu mais a porta e fez um gesto para que Laura entrasse.

O alívio foi tão grande que Laura poderia irromper em lágrimas, mas isso seria absurdo, então ela mordeu as bochechas para se conter. Parecia que ficava à beira das lágrimas com muita frequência ultimamente.

— Quer uma bebida? — Isabella ofereceu, enquanto seguiam para a sala, onde Laura participara da festa há poucos dias.

— Sim, por favor — e observou em silêncio enquanto Isabella preparava duas gins tônicas. — Foi uma festa adorável — começou a falar sem convicção.

— Acho que nós duas sabemos que não é verdade — Izzy comentou, entregando-lhe um copo. — Pelo menos não para você.

Laura sentiu-se punida.

— Desculpe. Mas pedi expressamente para você não arrumar ninguém para mim.

— Eu não arrumei nada... Só aconteceu de ele estar na mesma festa. Ele e Richard têm negócios juntos, e Richard queria estender a aliança socialmente. Ele estava aqui como convidado de Richard...

— Ah, Deus, sinto-me ainda pior.

— ...mas admito que coloquei vocês sentados juntos no jantar. Não para arranjar nada — ela falou rapidamente. — Só achei que você pudesse gostar da companhia. Não, não desse jeito... não quero dizer que esteja... solitária ou algo assim. É só que todo mundo já se conhecia. Achei que pudesse ser divertido para você conversar com alguém diferente.

Laura se lembrou, lamentando, das respostas educadas, mas indiferentes durante o jantar.

— Não acho que ele tenha achado muito divertido.

Ela estava esperando algum tipo de reprimenda, mas Isabella tomou um longo gole de sua bebida e disse: — Ele vai superar.

E ali estava novamente, a maldita represa se rompendo e o alívio inundando-a, e então ela começou a se sentir melhor. Pelo amor de Deus! Aquilo era ridículo. Pestanejou rapidamente, sabendo que essa reação exagerada à gentileza, a uma reconciliação muito necessária, era só por causa de Daniel e, em alguma medida, por Howard. Ela não tivera nenhuma resposta à sua carta, e começava a se perguntar se teria. E se eles não se falassem até o Natal, ou se o Natal passasse com eles separados? E se durasse ainda mais tempo, um ano, dois? Talvez um dia simplesmente se trombassem na rua. Dariam um aceno de cabeça mútuo. Talvez tanto tempo se passaria que acabariam se acostumando a ficar um sem o outro. Essa ideia era tão insuportavelmente triste que quase a fez titubear, caindo de fraqueza no sofá.

— Laura, está tudo bem?

Ela percebeu que mal ouvira o que a amiga estava falando, e ajustou o olhar, de modo a focar novamente no rosto de Izzy.

— Você parece um pouco...

— O quê? — Sua voz a entregou.

— Preocupada. Está acontecendo alguma coisa?

Laura tentou sorrir.

— Como o quê?

— Não sei.

— Honestamente, as coisas não podiam estar melhores.

Podia ver que Izzy não acreditava nela.

— Você pode me contar, sabe disso. Sou sua amiga. Esqueça essa bobagenzinha que aconteceu. — Izzy apertou o braço de Laura com carinho, suavizando a voz. — Você e eu já passamos por muita coisa.

Laura quase contou. No fundo, ansiava por isso. Mas como começar? A mentira a deixara muito envergonhada — não podia suportar que mais alguém soubesse o que tinha feito, e tinha medo do que Izzy pensaria dela. Olhou para o rosto da amiga, aberto e gentil, e forçou um sorriso.

— De verdade, não aconteceu nada.

Izzy a observou com cuidado e então percebeu que estava sendo deixada de lado. Parecia magoada.

— Tudo bem — falou e, com essa resposta, Laura sentiu uma porta se fechar entre elas. O clima ficou pesado, e ela se pegou arrumando desculpas.

— Acho que preciso ir. Ainda não alimentei Moisés.

Ela sabia que Izzy estava ciente de que ela só estava inventando coisas, o que era fraco e deprimente e, de repente, teve que sair dali. Em geral, quando se despediam, já tinham algo planejado — “Vejo você amanhã”, “Nos encontramos no almoço, na terça”, ou “Ligarei para você para falar da ioga” —, mas desta vez não havia nada .

— Te vejo em breve — Laura falou depois de um tempo, enquanto dava um beijo rápido no rosto de Isabella e seguia para a rua procurando por um táxi. Hesitou antes de olhar para trás, já que estava insegura de como estaria a expressão de Izzy. Quando olhou, pretendendo sorrir e acalmar as duas, viu que a porta já estava fechada.

A casa estava fria quando chegou, e escura. Acendeu as luzes e o aquecimento e foi preparar algo para comer, mas, quando foi pegar leite na geladeira, viu meia garrafa de vinho e se serviu de uma taça. Sabia que beber não ajudaria seu estado de espírito melancólico, mas que fosse tudo para o inferno. Ela ficou na dúvida se fazia algo para comer e decidiu que sim. Para ela e para Howard, já que era seu primeiro dia de volta de uma conferência de trabalho, e ele não tinha avisado que chegaria tarde.

Ter algo para fazer a deixou um pouco melhor, e ela ligou o rádio e começou a preparar um molho à bolonhesa. Quando ouviu o elevador subir do covil, tudo já estava pronto. Decidiu que, em vez da sala, jantariam na cozinha aquela noite. Seria uma mudança e lhes faria bem se sentar em um lugar diferente, algum lugar em que os velhos hábitos não tomassem conta. Tinha acabado de se sentar na mesa quando Howard entrou. Ele parou quando viu o que ela estava fazendo.

— Oi. Está com fome? — ela perguntou animada, as mãos cheias de colheres e garfos.

Ele olhou para o fogão.

— É espaguete à bolonhesa.

Howard assentiu e foi lavar a mão na pia.

— Posso pegar uma bebida para você?

Howard ficou tenso.

— Pode parar?

— Parar com o quê?

— Com esse fingimento estúpido.

Laura sorriu, sem entender, o que pareceu irritá-lo ainda mais. Então ela percebeu como ele estava frio e zangado.

— Nunca imaginei que você fosse tão...

— O quê?

Ele hesitou.

— Rancorosa.

Ela ficou chocada em perceber o quanto ele ainda conseguia magoá-la. Howard colocou a mão no bolso, pegou uma carta e colocou-a no balcão da cozinha. Ela olhou para o envelope. Estava endereçado para Marianne Parker. Instintivamente ela se encolheu. Cartas da namorada dele? Então olhou mais de perto, franzindo o cenho. A letra — *era dela!* Laura puxou o envelope lentamente em sua direção.

— Abra. Embora é claro que você já saiba o que tem dentro.

Ela tirou de dentro um papel de carta — *seu* papel de carta, que ficava em sua escrivaninha — e o desdobrou.

Cara Marianne,

Estou esperando para escrever isso há um tempo, mas nunca parecia ser o momento certo. E então percebi que nunca haveria um momento certo. O que eu estava esperando? Que você fizesse a coisa decente e tirasse as mãos do meu marido? Estou cansada de ser ignorada, de ver você levando vantagem. Você é um ser humano vil. Só pega o que quer, sem pensar nos efeitos que pode causar nos demais. E, aparentemente, faz isso sem consciência. Espero que seja punida por isso, que as piores coisas aconteçam com você e sua família. Espero que sofra um acidente horrível. Seria apenas carma se a desfigurasse.

Seria justiça.

Pronto, sinto-me melhor agora. Algumas coisas precisam ser ditas.

Laura Cavendish.

Laura largou a carta como se corresse a pele de seus dedos.

— Eu não escrevi isso.

Howard fez uma careta.

— Juro que não. — Mas parecia sua letra. Então, de súbito, ela soube. Sua mente entrou em choque, enquanto tentava entender. Como ela fizera aquilo? Como sabia como era sua caligrafia? Como conseguira imitar não bem, e quando conseguira o papel de carta? Viu que Howard a observava.

— Howard, Cherry forjou esse bilhete, fez parecer como se fosse meu. — Ela empurrou a carta na direção dele. — *Parece* minha caligrafia, mas não é exatamente a mesma. — De repente, ela notou algo. — Olhe para as letras “p”. Eu não faço essa volta que ela fez... *olhe*.

Ele se sentou em silêncio por um momento, e ela podia ver que ele estava tentando controlar sua irritação.

— Cherry? Sério, Laura? Daqui a pouco você vai me dizer que ela também é responsável pela crise no Oriente Médio e pelo aquecimento global.

— Não, não. Você tem que me ouvir. Howard, há mais ou menos um mês, ela foi até meu escritório. Me disse que sabia que eu tinha mentido sobre Daniel. E disse que tiraria tudo de mim. Ela me *ameaçou*. De algum jeito, ela conseguiu esse papel. Ela estava em casa... — A ideia a gelou.

— Por que você não disse tudo isso antes?

— Não achei que fosse acreditar em mim. — Dava para ver que não acreditava agora, e isso a deixou frustrada. Ela olhou a carta novamente. — De qualquer forma, como você conseguiu isso?

— Chegou esta manhã.

— E por coincidência você passou por lá e aproveitou para consolá-la. Achei que estava em uma conferência de trabalho.

— Laura, quero o divórcio.

Algo apertou seu coração, que quase parou.

— O quê?

— Marianne está deixando o marido.

— Que bom para você.

— Não seja assim.

— Assim como? Quer que eu parabeneze vocês? Tive que aguentar firme e me fingir de cega por *anos*, enquanto vocês dois... — Ela explodiu.

— Sinto muito.

— Não, não sente. Está pensando em você mesmo.

— Ok, sim, em grande parte estou. Sou infeliz. Você não é?

Laura não ousou responder; não queria admitir.

— São *anos*, Laura. Quanto tempo supostamente temos que continuar? Quer passar o resto de sua vida dessa forma? Nós dois mal funcionamos juntos. Não acha que vai olhar para trás e achar que foi um desperdício de tempo valioso, *precioso*? Quanto tempo ainda temos? Em alguns anos, eu já terei sessenta. *Sessenta!* Também acho que você é infeliz. Se eu for embora, você fica livre para mudar as coisas. Talvez encontrar outra pessoa.

A raiva ardeu dentro dela.

— Não preciso de seus conselhos sentimentais, obrigada. Tinha planejado que meu primeiro casamento desse certo.

Ele olhou para ela com tristeza.

— Eu também. — Então se levantou. — Acho que é melhor se eu não ficar. Se vale alguma coisa, eu *estava* em uma conferência. Marianne veio me ver de manhã no escritório.

Claro, na única vez que ela o confrontava, ele era inocente. Laura odiava toda aquela situação. Queria chutar e gritar com a injustiça de tudo aquilo.

Ele pegou o casaco.

— Daniel entrou em contato?

— Não.

Não parecia haver mais a dizer. Howard foi para o hall. Laura esperou, então sentiu a necessidade de vê-lo partir, na esperança de que talvez isso não acontecesse, e o seguiu.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Fantástica, considerando que meu marido acaba de me abandonar.

— Você pode se divorciar de mim. Tem motivos. Mas, na verdade, eu estava perguntando se você estava bem com a situação com Daniel.

Lágrimas arderam em seus olhos. Ela queria dizer não, queria que ele a consolasse, queria que tivessem um relacionamento em que isso fosse possível, mas não tinham. A solidão a inundou e a deixou amarga.

— Parece que ele puxou ao pai na escolha da mulher errada.

Referia-se a Marianne, mas tarde demais percebeu que poderia ser ela. Humilhada, deu as costas e voltou para a cozinha. Esperou até que ouvisse o elevador descer até o porão e soube que Howard estava pegando o carro. Teve certeza de ouvir o elevador de carros subir. Em algum lugar lá fora, ele estava dirigindo para a mulher que amava.

Ela pegou o vinho e sua mão tremeu. Tudo isso era parte de sua punição? Teria dado início a esse caminho longo, horrível e destrutivo? O vinho ficou preso em sua garganta. *Ela era uma mentirosa.*

A casa parecia muito grande e vazia quando Laura acordou na manhã seguinte, e, pela primeira vez desde que se mudara para lá, não se sentiu inteiramente confortável. De repente, “via” tudo, estava consciente das portas, das paredes e dos móveis. Coisas com as quais estava tão acostumada que eram confortavelmente invisíveis de repente pareciam estranhas, como se ela não as reconhecesse. Uma poltrona no canto da sala de estar. Espelhos refletindo seu rosto. Estava ansiosa por sair e chegar ao trabalho o mais rápido possível, então chamou um táxi. Chegaram até Drury Lane, onde se depararam com um acidente. O trânsito estava parado, e, enquanto esperavam, uma ambulância soou atrás deles, desesperada para alcançar os feridos, mas incapaz de se mover. Os carros subiam nas calçadas. Laura decidiu andar o resto do caminho. No tempo que levou para pagar o motorista e sair do táxi, a ambulância só tinha conseguido avançar alguns metros, e Laura sentiu pena de quem aguardava socorro. Nunca tenha uma emergência em Londres, ela pensou com tristeza. A pessoa podia sangrar até morrer, e ninguém a alcançaria por causa do congestionamento.

Ela seguiu na direção de qualquer que fosse a crise que estivesse ocorrendo, planejando pegar alguma rua lateral. Pouco antes de desviar, olhou para o acidente. Dois ou três carros tinham batido; ela podia ver as portas amassadas e uma capota destruída. Então, terrivelmente, viu um ciclista deitado na rua. A bicicleta estava a pouca distância de seus pés, a roda de trás retorcida. Ela estava prestes a se aproximar e ver se podia ajudar, mas viu que uma ambulância já estava ali, com dois paramédicos obviamente aguardando reforço, e a polícia estava mantendo as pessoas afastadas. Ela estremeceu e desejou que ele estivesse bem. O rapaz parecia jovem. Estava de mochila, e Laura pensou na mãe dele. A segunda ambulância finalmente passou por ela, as luzes piscando freneticamente, um uivo desolado de tempos em tempos para lembrar as pessoas que tinham que sair da frente.

Ela entrou em uma rua estreita, depois outra, e se dirigiu para seu escritório. Caminhava rápido; o acidente a perturbava ainda mais, e queria chegar ao trabalho. O programa já estava se preparando para as filmagens e os chefes dos departamentos — arte, figurino, maquiagem, câmera e diretor — começariam a se preparar em algumas semanas. Quando pensou nisso, sentiu a onda familiar de excitação, misturada com uma emoção infundida de ansiedade pelo que estava prestes a começar, o rolo compressor da produção e tudo mais para alguns minutos diários diante das câmeras. Ela tinha que visitar algumas locações hoje e, mais tarde, se encontraria com o diretor de elenco para ver as gravações das audições de alguns personagens secundários.

O pé direito de Laura estava grudando na calçada, e, enojada, ela parou e ergueu o sapato. Chiclete! Eca... Tentava raspar o pé no chão quando escutou um ruído, uma tossida. Alguém atrás dela também tinha parado. Ela abaixou o pé e ficou parada por um minuto, o medo tomando conta dela quando percebeu sua estupidez. Estava em um beco ermo, cercado de construções pelos dois lados, uma ligação entre duas vias. Sentiu que a tensão começava a segurar sua respiração. Seu coração começou a acelerar, e ela viu que estava a poucos metros do final da rua. As pessoas cruzavam diante dela. Pessoas que não saberiam se ela fosse atacada naquele beco estreito. De repente, saiu correndo, só parando quando estava a uma boa distância.

Agora havia muita gente ao seu redor. Só então olhou para trás.

Não havia ninguém ali. Ninguém além de pedestres ocupados e turistas perambulando, todos concentrados demais com seus afazeres para prestar atenção nela. Ela ficou olhando para a saída do beco, mas ninguém apareceu. Esperou pelo que pareceu uma era, obrigou-se a ficar um pouco mais e então se perguntou se devia voltar e ver se alguém estava por ali, mas encolheu-se com a ideia. Não, ela queria o santuário de seu escritório, queria mergulhar no trabalho. Era a única coisa que podia afastar sua mente dos problemas. Então ela se virou e saiu correndo.

CAPÍTULO 46

SEXTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO

Era incrível o quão rápido alguém podia se sentir em casa, Cherry pensou enquanto quebrava os ovos na mistura de manteiga e açúcar e apertava o botão da sua batedeira — correção: da batedeira *deles* — uma KitchenAid vermelha, novinha em folha. A pá bateu gentilmente e, depois de alguns segundos, ela desligou o aparelho.

Já fazia um mês desde que Daniel mandara a mãe embora e três semanas desde o noivado, e ela estava preparando um bolo. Só uma coisinha para ele, uma surpresa enquanto ele estava fora com os amigos, antes que tivesse que voltar para a agenda cansativa do hospital; mas bem que podia ser uma comemoração. Um aniversário. Algumas vezes, ela não acreditava em sua sorte.

Ela estava morando no apartamento mais incrível, que seria dela — *deles* — em um futuro previsível, e esse era só o início da vida mais maravilhosa do mundo com o homem mais maravilhoso do mundo. Ele lhe dera o guarda-roupa maior, o maior espaço nas gavetas e seu cartão de crédito para que ela pudesse comprar algumas coisas “para se sentir em casa”. Gargalhando, implorara para ser poupado de idas às compras, e ambos sabiam que ela preferia mesmo ir sozinha. Por fim, comprara os lençóis novos dele — *deles*.

Cherry acrescentou farinha e, então, colocou a mistura terminada do bolo em duas formas e as levou ao forno. Satisfeita, ajustou o temporizador. Enquanto estava assando, ela pensaria em sua ideia de negócio. Faria algumas pesquisas. Era importante manter a aparência de que estava procurando uma vocação, mesmo se fosse apenas algo em tempo parcial depois que estivessem casados. Ela se sentou com o notebook de Daniel no sofá cor de limão, perfeito, emoldurado pelo papel de parede creme e dourado, visualizando sua condição atual. Tinha atingido um nível de vida do qual se orgulhava, e tudo o que tinha que fazer era existir nele para sentir-se silenciosamente eufórica. E pensar que Laura fizera o possível para impedir que aquilo acontecesse, para impedi-la de sentar naquele sofá, viver naquele apartamento, e teria arruinado alegremente toda sua vida sem pensar duas vezes. Ela ainda a deteria, se pudesse. Cherry não podia permitir que Laura pensasse que ela era uma pessoa comum, que podia ser intimidada. Quando disse que mostraria como era ter alguém destruindo tudo com o que ela se importava, Cherry estava falando sério. Era o único jeito de fazer a mulher entender quem ela era. Talvez pensasse duas vezes antes de fazer de novo. Porque parte de Cherry ainda tinha medo de que tudo aquilo ainda pudesse ser tirado dela. Nunca quis brigar com Laura, mas ela tornara o relacionamento de ambas impossível com o que tentara fazer.

Recostou-se e deixou que seus olhos descansassem no quadro que comprara para Daniel em Saint-Tropez. Embora consertado, nunca valeria tanto quanto antes de rasgá-lo. Mesmo assim, fora o melhor investimento que ela fizera. Logo voltaria à casa da mãe, para pegar o resto de suas coisas. Não quisera ir antes, já que estava se divertindo muito. Queria se livrar da maioria daquelas coisas, já que a velha Cherry fora aniquilada há muito tempo, mas havia seus livros. Caixas e caixas deles. Os livros eram inocentes. Eram portais para um futuro diferente, para uma nova vida, e ela queria mantê-los consigo. Estava esperando que Wendy sugerisse que levasse Daniel para um chá, algo que iria postergar indefinidamente. Os antigos sentimentos de culpa voltaram, e ela pensou, não pela primeira vez, que se sua mãe não fosse tão *errada*, ela não se sentiria daquele jeito.

Cherry se perguntou por quanto tempo Daniel e ela conseguiriam manter aquela bolha de felicidade, sem que nenhuma das mães atrapalhasse. Até onde sabia, Laura ainda não falara com ele, e ela se assegurara de que não recebesse a carta. Mas ele falava com o pai. Fora na semana passada, e ela teve que esconder a alegria quando Daniel lhe contou que Howard deixara Laura. Ótimo. Aparentemente, ele a estava traindo com aquela Marianne há anos, o que era bem o que Cherry suspeitava. Ele telefonara para Daniel e lhe contara o mínimo, só que estavam se divorciando e que ele não precisava se preocupar. Ela segurou sua mão, em apoio, enquanto ele repetia a conversa, e esperou que sua carta tivesse causado isso. Fora necessário muito treino para imitar a caligrafia. Quão suave era a escrita? Laura mantinha a caneta no papel? Havia áreas onde a pressão da caneta era mais suave ou mais firme? Então ela fez um alfabeto guia e praticou e praticou antes de escrever o bilhete. Apostara em duas coisas: Howard não aparecera no clube de golfe enquanto ela estava investigando, e Marianne não reconheceu o carro de Daniel, algo que deixou Cherry bem confiante de que era improvável que a outra mulher tivesse passado algum tempo na casa dos Cavendish. E fora um golpe de sorte Howard não vê-la. Depois foi só questão de colocar a carta no correio, de um lugar longe de Chelsea e Croydon. Ela a postou no centro da cidade e aproveitou para entrar na John Lewis e encomendar sua batedeira. Era incrível como era possível ir às compras simplesmente pegando as coisas, e depois alguém daria um jeito de entregá-las, quando se era a senhora da mansão. Não precisava nem ficar on-line e fazer isso você mesma.

O temporizador tocou. Cherry voltou até a cozinha e tirou os bolos do forno. Cheirou-os, aprovando, e depois os deixou esfriar. Vestiu o casaco e pegou suas chaves. Suas chaves! Seu próprio conjunto! A vida era boa. E agora iria buscar outra surpresa, algo que seria apenas dela e de Daniel.

Cherry tentou manter a raiva controlada, mas era difícil quando via cachorrinhos e gatinhos desesperados para sair, as patinhas tropeçando umas sobre as outras, tentando agarrar as laterais de vidro de suas caixas enquanto ela passava, ansiosos por sua atenção. Provavelmente tinham sido comprados de criadores de fundo de quintal, pobrezinhos, arrancados de suas mães e jogados naquele pet shop. Ela se ajoelhou perto de uma das gaiolas de gatinhos. Sorriu para as bolas de pelo macio que queriam alcançá-la, e provavelmente ronronariam alto com o contato

humano se ela os pegasse. Esses eram os sem sorte; suas vidas eram determinadas pelo acaso do nascimento. Nenhum início de vida estimulante de um criador respeitável e, provavelmente, um lar questionável quando — e se — fossem comprados por alguém. Que tipo de futuro tinham? Era sempre o mesmo na vida: tudo era baseado no lugar onde você nascia, e de quem.

Ela olhou para os gatinhos, cinco no total, mas aquilo seria demais para cuidar e, em todo caso, Daniel preferia cães. Havia menos cachorrinhos, apenas dois de uma ninhada de três. Eram cocker spaniels. O mesmo que Laura tinha quando era jovem, Cherry lembrou. Pelo marrom claro, quase dourado. O macho tinha uma mancha branca na barriga. Ela apontou para o homem que administrava o lugar, que estava alimentando alguns peixes.

— Eles já saem para passear?

— Todos os dias — ele respondeu, rápido e de maneira automática.

Ela pensou em desafiá-lo — era óbvio que era mentira —, mas provavelmente aquilo não mudaria as coisas.

— Vou levar o macho — ela falou, e ele colocou o cãozinho cuidadosamente em uma caixa de transporte, com furos nas laterais. Pegou a certidão de nascimento e os documentos médicos do bichinho, com a mesma apatia que ele os entregou.

— Quer uma guia?

Ela olhou a prateleira atrás do balcão.

— Sim, por favor.

Enquanto saía da loja, olhou para a cadelinha restante. Ela estava parada, olhando em silêncio, e Cherry sentiu de repente uma pontada de culpa. A pobrezinha nunca vira a luz do dia, e não tinha espaço para correr. Provavelmente não tinha nenhum cuidado ou conforto, além do necessário para mantê-la como mercadoria, como algo para ganhar dinheiro. E Cherry acabara de levar seu irmão. Ela hesitou. Talvez houvesse um modo de acabar com a miséria daquela cadelinha.

— Vou levar a outra também — ela disse.

A cadelinha abanou o rabo, enquanto Cherry a tirava da gaiola. Pegou a bolsa novamente.

— Outra guia? — o homem perguntou.

— Não... está ok — Cherry falou. — Mas vou levar uma dessas caixas pequenas de comida de hamster.

Dirigiu até Richmond Park, a caixa de transporte dos cachorros no banco dianteiro. Depois que estacionou, ela a pegou, juntamente com a sacola de plástico que continha a guia e a comida de hamster. As duas coisinhas macias e peludas tentaram lambe seus dedos pelos buracos da caixa de papelão. Ela apertou o casaco de encontro ao corpo e caminhou pelo parque, um dos poucos lugares em Londres onde era possível ficar distante de outras pessoas. Adiante, viu um bosque de coníferas; caminhou até lá, e, ao entrar por sob as árvores, os sons do espaço aberto diminuíram. Ela estava escondida e sozinha.

Ajoelhando na terra macia, ela abriu a caixa; os dois cãezinhos estavam deliciados em vê-la. Ela coçou-os sob o queixo. O som de freios parando a fez enrijecer, e ela viu um menino se aproximando em sua bicicleta. Ela o observou através das árvores enquanto ele girava os pedais, examinando a corrente, e, depois de alguns segundos, foi embora. Ela esperou até que tudo

ficasse em silêncio, os cãezinhos lambendo sua mão, e então tirou a fêmea da caixa. Teria sido cruel deixá-la lá, disse para si mesma, e pelo menos podia tornar aquilo rápido. Colocando as duas mãos ao redor do pescoço do animal, torceu-o rapidamente. O bichinho ficou mole. Ela pegou a caixa de comida de hamster, esvaziou-a no chão e colocou a cadelinha imóvel lá dentro. Depois pegou o celular.

— Alô. Estou ligando para denunciar uma crueldade... Alguns gatinhos. Em uma pet shop em que acabo de ir. Eles parecem realmente maltratados, magros. E vi o rapaz que trabalhava ali. Ele... Deus, foi horrível... Ele simplesmente jogou um dos gatinhos na gaiola de vidro. De longe, como se fosse uma bola. Arremessou. Ele achou que eu estava do outro lado da loja, olhando alguma outra coisa... Não, eu não quis comprar nenhum... Sim, é o Pet's Kingdom, em *Worcester Park*... Ah, meu nome? É Polly Hammond. — Ela deu um número falso e prosseguiu, agora ainda mais desesperada. — Vocês vão até lá, não vão? Não é isso que o departamento de proteção aos animais faz? Tenho certeza de que os bichinhos vêm de criadores de fundo de quintal. Vocês não podem fechar lugares assim?

Ela conferiu o relógio de pulso. Daniel estaria em casa em duas horas. Tempo suficiente para ir até o correio e depois voltar para gelar o bolo. Ela prendeu a guia no outro cachorrinho, que ficou deliciado por passear ao ar livre, provavelmente seu primeiro passeio desde que nascera. Ela viu o animalzinho passar as patinhas na grama — grama de verdade — e seu coração se aqueceu com a óbvia euforia dele. De repente, segurou a respiração. Não comprara uma daquelas coisas para jogar bola! Que completo desleixo. Desanimada, Cherry se desculpou com... Rufus, ela o chamaria de Rufus, e jurou compensá-lo assim que saísse novamente para fazer compras.

— Isso está *delicioso* — Daniel falou mais uma vez, enquanto dava uma mordida generosa na segunda fatia de bolo.

Cherry se inclinou sobre sua cadeira, beijando-o no rosto.

— Tem certeza de que não é a cerveja que está melhorando seu gosto?

— Sem chance. Will e Jonny mandaram lembranças, aliás.

— Para eles também.

— Ele... Will está esperando ser chamado para uma entrevista. Será uma grande promoção, se conseguir.

— Então vocês se divertiram?

— Muito. — De repente, Daniel percebeu que era um de seus raros dias de folga. — Você não se importa de eu sair com os rapazes, não é?

— Claro que não. Estava muito ocupada...

— Ah, é? — Ele a agarrou, puxou-a para seu colo e lhe plantou um beijo com gosto de chocolate nos lábios. — Fazendo o quê? Além, é claro, de comprar esse nosso novo amigo. — Ele estendeu a mão para pegar o cãozinho, que tentou lambe-lo seu rosto.

— Rufus! Danadinho! — Cherry o pegou. — Você não se importa, não é?

— Não, eu lhe disse... ele é lindo. Sabe que, comigo no hospital, provavelmente vai sobrar para você limpar o xixi do chão?

— Vou conseguir ensiná-lo em pouco tempo. — Ela colocou os braços ao redor do pescoço de Daniel. — E, em resposta à sua pergunta, estive planejando um dia muito especial.

— Aham. E posso dar palpites neste dia muito especial?

— É claro. Desde que você concorde que deve ser em janeiro. — Ela segurou a respiração por um momento, enquanto o observava ponderar.

— Não é muito frio?

— Lua-de-mel no Caribe?

Ele assentiu: bem pensado.

— Muito perto? É só... o que, daqui a três meses?

— Você realmente quer que eu continue a falar sobre casamentos? Eu posso me alongar por um ano, se você preferir.

Ele gargalhou.

— Não, obrigado.

Ela estava feliz por ter conseguido o que queria.

— Também encontrei um local. Se quiser, podemos começar a mandar os convites.

— Sim. — Ele pareceu melancólico.

— O que foi?

— Ah, você sabe, meus pais se divorciando. A coisa toda com minha mãe... Ainda não contei a ela que estamos noivos.

— Talvez devêssemos simplesmente fugir — ela falou animada. — Casar em alguma praia por aí.

— Isso pouparia muito trabalho. Rápido, fácil, só nós dois.

Ela prendeu a respiração. Não pensara nem por um instante que ele levaria a sério, mas na verdade era uma ideia brilhante.

— Sabe, acho que posso organizar isso em poucas semanas.

— Sério? Parece ótimo.

— Você consegue uma folga no trabalho?

Ele gargalhou.

— Você está falando sério.

O rosto dela se contraiu.

— Você não?

— Bem, eu não... quero dizer, queremos nossas famílias e amigos em nosso casamento, não queremos? — Cherry saiu do colo dele. — Ah, meu Deus, desculpe. Não percebi... Pensei que só estávamos brincando sobre isso. — Ele a seguiu até a cozinha, pegou o prato de suas mãos e o colocou na lava-louças. Depois enlaçou os dedos nos dela. — Isso é porque você acha que minha mãe pode estragar tudo?

— Ela não ficará feliz. Certamente tentará impedir.

— Como faria isso?

O jeito como ele não levava aquilo a sério a irritava, e ela se afastou.

— Cherry, pare... Desculpe. É só... você sabe que amo você. Somos o que realmente importa agora. Isso que está acontecendo com minha mãe... bem, tenho certeza de que vamos resolver.

Temos três meses.

— Ela tentará tirar você de mim.

— Deixe-a tentar.

— Ela vai inventar alguma história de novo. Contar a você coisas que supostamente fiz.

— Não acho que ela vá fazer isso, sabe. — Cherry franziu o cenho. — Mas, se fizer, vou colocá-la em seu devido lugar.

Ela ponderou sobre as palavras dele, querendo acreditar.

— Sabe, também andei trabalhando no meu plano de negócios hoje. Está indo muito bem. Caso esteja pensando...

Ele a puxou para perto.

— Psiu. Não acho que esteja comigo pelo dinheiro, apesar do que minha mãe possa dizer.

Ela olhou para ele, tentando descobrir se estava sendo genuíno. Então envolveu os braços ao redor de seu pescoço e o beijou gentilmente nos lábios.

CAPÍTULO 47

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO

De vez em quando, ela achava que estava ficando louca. Como tinha chegado a isso? Laura não conseguia ver uma saída. O medo a seguia por todo lado. No fim do dia, sentava-se para ver TV, mas era incapaz de se concentrar, enquanto uma mistura de ansiedade e solidão acomodava-se perto dela no sofá. Odiava ser capaz de ver o hall de entrada, escuro e silencioso, de onde se sentava, e começou a deixar as luzes do andar de baixo acesas para que houvesse algo para recebê-la quando se levantava para buscar outra bebida, ou simplesmente ia até a cozinha se perguntar se devia se incomodar em fazer algo para comer.

À noite, ficava mais consciente do que nunca de que jamais pensara ser possível a ausência de Howard e sua presença solitária naquela casa. Começou a trancar a porta da frente, em cima e embaixo, primeiro só quando ia para a cama, mas depois também quando chegava do trabalho. Raramente ia caminhando para qualquer lugar, preferindo a cápsula de segurança do táxi. Tinha medo de ser seguida. Tinha medo de não saber com certeza se *tinha* sido seguida.

Subiu as escadas até seu escritório, a manhã chuvosa de segunda-feira arranhando as janelas lá fora. Willow foi lhe preparar um café na cozinha. Laura entrou no escritório, ligou o notebook e olhou para ver se o último rascunho do final da série estava ali. Sua roteirista prometera para hoje, mas escritores com frequência prometiam prazos que não conseguiam cumprir. Em poucas semanas, começariam a filmar, ela ficava grata pela distração que aquilo traria. Seu celular tocou e ela, olhando o nome na tela, atendeu.

— Alison.

— Alô, Laura.

— Como vai?

— Não muito bem.

Alerta, ela endireitou o corpo.

— Estive com sua protagonista no telefone.

Laura imediatamente ficou cautelosa. Por que Julie tinha telefonado para o canal, e não para ela?

— Temo que tenhamos notícias ruins. Ela recebeu uma encomenda, sua, segundo o bilhete. Chegou esta manhã.

Dedos gelados de pavor percorreram a espinha de Laura.

— O que era?

Alison suspirou.

— Não sei muito bem como dizer isso. Era um cachorrinho morto.

— O quê? — Laura sussurrou.

— Em algum tipo de caixa. O bilhete também dizia algo sobre ela resolver seu primeiro crime.

— Cristo!

— Ela estava histérica. Ainda pode estar, considerando tudo.

— Vou ligar para ela.

— Não.

— Mas eu preciso...

— Laura, ela não quer falar com você. Com ninguém, na verdade. Ela foi embora.

— O quê?

— Precisamos demitir todo mundo.

Willow apareceu na porta do escritório com o café, mas Laura acenou furiosa para que fosse embora, e ela se retirou.

— Mas espere um minuto... ela não pode simplesmente abandonar a produção!

— Podemos processá-la se quisermos, mas acho que ela terá um bom argumento, considerando que vem recebendo pacotes ameaçadores pelo correio.

— Vamos achar outra pessoa.

— Quem? Você sabe que o financiamento estava sujeito ao elenco. Os americanos não vão aceitar.

— Então você está *cancelando* o programa?

— Laura, não temos atriz principal. Não temos um programa.

Ela começou a entrar em pânico.

— Tem que me deixar falar com ela. Vou ligar para ela agora.

— Ela não vai atender... desligou o telefone. Acha que há a possibilidade de alguém ter conseguido o número... — Alison parou de falar, deixando um silêncio pesado no ar.

— Alison, você sabe que isso não tem nada a ver comigo, não sabe?

— É claro. Mas esse não é o ponto. Alguém lhe mandou aquilo. Sabe quem foi?

Ela pensou em mentir, mas, considerando a destruição, percebeu que tinha que dar uma explicação suficientemente digna.

— Eles não queriam atingir Julie. Acho que pode... é para mim. Tem uma garota, uma garota estúpida que está em uma vingança fantasiosa.

— Entendo. Você vai chamar a polícia?

Laura fez uma pausa.

— Você vai?

— Julie quer que seja abafado. Por isso, nada de imprensa, obviamente. Não acho que precisamos de polícia para conseguir o seguro. — Ela fez uma pausa. — Laura, como essa garota conseguiu o endereço de Julie?

Laura gelou, olhando culpada pelo escritório.

— Não tenho ideia.

Ela segurou a respiração, esperando que Alison dissesse mais alguma coisa, e por um

momento pensou que ela falaria, mas: — Certo. Sinto muito, Laura. Parece um triste fim. Os advogados entrarão em contato. Temos que recuperar o atraso quando tudo isso acabar.

Quando isso seria? Em meses, anos, provavelmente nunca. E a ITV não seria a única porta a se fechar em sua cara. O fim abrupto de um programa tão esperado seria comentado por toda a cidade em questão de dias. Pela janela do escritório, ela viu Willow se levantar de sua mesa e, ao vê-la, sentar-se novamente.

Laura se sentou em silêncio, enquanto a escala verdadeira de sua perda começou a fazer sentido. A taxa de produção, as reprises, a segunda, terceira, quarta temporadas. As vendas internacionais, os DVDs. Os esperados elogios. Sua reputação. Sua empresa. Sua carreira. Tudo perdido. Teve um ímpeto súbito de raiva. *Como ela ousa?* Laura pegou sua bolsa e, sem dizer uma palavra, saiu do escritório. A raiva não diminuiu no táxi; em vez disso, condensou-se em brasas incandescentes que arderiam no minuto em que fossem remexidas. Sentiu que ficava tensa ao se aproximar do apartamento de Daniel... e então ela a viu. Caminhando mais feliz do que nunca, de salto alto e calça jeans justa, uma bolsa cara pendurada no ombro, as mãos envoltas em luvas elegantes, lançando sorrisos benevolentes ao redor, coisa que podia fazer, já que corrompera seu caminho até o maior golpe que tinha conseguido dar. Laura entregou algumas notas para o motorista, desceu do táxi e saiu atrás dela. Quando estava a um toque de distância, colocou a mão no ombro de Cherry e a fez se virar. Empurrou os óculos de sol para o alto da cabeça.

— Laura! Você me assustou.

— Com quem *diabos* você pensa que está brincando?

— Desculpe?

— Ah, pare de fingir. Sabe exatamente do que estou falando.

Cherry lançou um olhar de relance para os curiosos que passavam pelo local.

— Aconteceu alguma coisa?

— Você se diverte em postar animais mortos para desconhecidos aleatórios? Sabe o que isso me custou?

— Realmente não sei do que está falando, Laura, mas não gosto do seu tom de voz.

— O programa foi cancelado, e *você*... — Ela tremia de raiva, balançando o dedo em seu rosto, mas de repente parou. Ia gritar mais com ela, ameaçá-la, mas Cherry não parecia assustada, nem mesmo enervada. Seus olhos eram gelados. Uma onda de mal-estar atravessou Laura. Ela respirou profundamente. — O que quer que esteja fazendo, qualquer que seja sua vingança, eu gostaria que isso parasse. Isso foi longe demais. O que você fez... é completamente irracional. Você está zangada comigo, eu entendo, mas isso é... bem, é completamente desproporcional.

Cherry a observava em silêncio. Talvez, pensou Laura, talvez estivesse desistindo. O silêncio durou mais. E mais.

— Bu! — Cherry exclamou bem no rosto dela.

Laura engasgou para estrangular um grito, cambaleando para trás.

— Sabe, tive um pouco de azar recentemente. Alguém invadiu minha conta e publicou um tuíte que meu chefe pensou que era meu. Fui demitida.

Os olhos de Laura brilharam de culpa, e ela rapidamente afastou o olhar.

— Como você se sente perdendo o emprego, Laura?

— Você é maluca.

— Parece que você está passando por uma fase de azar também. O divórcio, o programa... sabe, dizem que vem em três. Espero que não seja verdade.

Laura a encarou, ultrajada. Mas, ao mesmo tempo, um medo primitivo tomou conta dela.

— Você está me ameaçando?

— Você realmente tem o hábito de ler as coisas mais fantasiosas em tudo o que digo.

— Eu sei que foi você.

— Você não sabe nada. E devia pensar com muito cuidado antes de dizer isso de novo. Lembre-se, Laura, três. Ou quatro, ou... bem, não vamos nos adiantar demais.

Cherry se virou e saiu andando, e Laura não pôde fazer nada além de olhar, enquanto era rapidamente dominada por uma sensação aterrorizante de impotência.

Laura estava sentada em sua sala de estar, diante de dois oficiais da polícia metropolitana. Tinha adiado ligar. Isso assinalava uma gravidade da situação que ela tinha tentado evitar. E havia a reação de Cherry... pois significava que ela ia descobrir. Mas não havia mais a quem recorrer.

Da primeira vez que foram à sua casa, ela contou tudo, como se fosse uma grande represa estourando, e o alívio de compartilhar aquele peso tinha sido doce. Eles tinham ido embora e feito algumas investigações. Laura estava mais nervosa do que nunca, esperando, rezando para que voltassem logo, para que pudesse parar de olhar por sobre o ombro.

Agora estavam de volta, e Laura sabia que sistemas e processos seriam colocados em prática. Logo tudo aquilo chegaria ao fim. Eles recapitularam os fatos com clareza tranquilizadora, o chá foi bebido, os biscoitos comidos. Um último biscoito foi deixado no prato de porcelana, e o homem olhava ansiosamente para ele de vez em quando. A mulher olhava para seu bloco de anotações.

— Então, só para ser completamente clara, você não teve nenhum incômodo ou recebeu ligações maliciosas?

— Não.

— Alguma comunicação eletrônica?

— Não.

— E não está sendo seguida?

— Não. Bem, acho que não. — Laura sentiu um cheiro de desinteresse, de aborrecimento emanando da policial enquanto ela fechava o bloco, e sinos de alarme começaram a soar. — Eu lhes disse, ela não está *me* incomodando, não diretamente.

— Laura, entramos em contato tanto com Marianne Parker quanto com Julie Sawyer, e nenhuma das duas quis fazer nada em relação às supostas comunicações. De fato, a sra. Parker diz que acredita que a carta veio de você, e a srta. Sawyer nega ter recebido um filhote ou qualquer tipo de animal pelo correio.

— Ela é uma atriz muito conhecida. Não quer publicidade, é só isso. Mas aconteceu!

— Você tem provas?

— Bem, é claro que não, mas... e quanto a Cherry? Vocês falaram com ela?

— Não há nada sobre o que falar com ela, não há queixas.

Laura inclinou-se em seu assento.

— Não, vocês não podem fazer isso... Não podem ignorar tudo o que contei. Ela me ameaçou...

— Temo que não haja nada que possamos fazer.

— Cristo, o que preciso fazer para que vocês me levem a sério? — ela explodiu.

Nenhum dos dois respondeu no início. Laura engoliu em seco.

A policial falou:

— Laura, estamos levando-a a sério. Só que temos que seguir os canais adequados.

Não podia ficar histérica, mas aquelas pessoas, ela estava *confiando* nelas.

— Por favor, não sei mais o que fazer.

A policial demonstrou uma nota de simpatia.

— Se começar a receber qualquer comunicação indesejada, então isso pode ser útil. — Ela colocou um panfleto da Linha de Apoio Nacional contra Perseguições na mesa de centro. Dois minutos depois, foram embora.

Cansada, Laura pegou as xícaras e viu que o biscoito tinha sumido. O policial devia ter surrupiado enquanto ia embora. Ela se largou no sofá. Abandonada. Sozinha. O medo arrepiante que tomava conta toda vez que ficava com seus pensamentos voltou. Ela sabia que Cherry tinha escolhido o cocker spaniel deliberadamente porque era o cão que tinha quando criança. O cachorrinho era tanto para ela quanto para a atriz. O que mais dissera ou revelara meses atrás para aquela garota? Nunca se lembraria, nunca saberia, a menos que Cherry resolvesse recordá-la.

De repente, a vida de Laura parecia muito instável. Podia ser cortada, interrompida. Ela fora mais cedo ao escritório naquele dia e procurara papéis desaparecidos, listas de contatos do elenco, trancando alguns documentos e destruindo outros. Então apagara alguns e-mails, coisas que não gostaria que outras pessoas lessem. Perguntava-se se Cherry poderia invadir sua conta de e-mail, seu provedor — essas coisas que supostamente eram o reino dos jovens, das crianças geniais, como aquele garoto que invadira o sistema do Pentágono. Ela rapidamente entrou em contato com sua empresa de TI, e eles tentaram acalmá-la, mas ela insistiu em um nível de segurança maior. A sensação de estar sendo seguida tinha aumentado. Quando deixou o escritório para pegar um táxi, parou diante de uma vitrine, fingindo olhar lá dentro, e então se virou rapidamente para ver se alguém a olhava.

Laura se levantou, verificando pela segunda vez se tinha trancado a porta da frente, enquanto seguia para a cozinha. Sua mente ainda estava tomada pelo cachorrinho. Quem em seu juízo perfeito mandava um animal morto para alguém? Foi então que Laura percebeu que Cherry devia ter matado o bichinho, ou o embalado vivo, e o horror a paralisou, um arrepio percorrendo sua espinha. Cherry não tinha medo de nada, de ser pega, do que estava preparada para fazer. Era implacável, e sua vingança era palpável. Nada a aplacava; nada podia detê-la. Ela parecia não ter limites morais, e seu cérebro era incrivelmente rápido, desonesto e criativo. E assegurava-se de

que nada pudesse ser rastreado até ela.

De repente, Laura ficou com medo do que restava. Com o que mais ela se importava que Cherry podia planejar lhe tirar? Sua mente seguiu em todas as direções, saltando de um horror para outro. Estendeu a mão para pegar o telefone. Não podia ligar para Daniel ou Howard. Tinha que ser Isabella.

CAPÍTULO 48

TERÇA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO

Laura seguiu Isabella até a cozinha e ficou parada ali, nervosa, sabendo que não tinha muito tempo, já que a amiga viajaria para Cotswolds ainda naquela tarde. Quando telefonara, fora um pouco constrangedor entre elas. As duas não se falavam desde o dia em que Laura fora se desculpar. E então Isabella disse que estava de malas prontas — para o que parecia uma semana muito longa para Laura. A ideia de mais sete dias presa em casa, com medo de cada batida na porta e de cada noite sozinha, a mente dando voltas enquanto tentava adivinhar o desconhecido, era muito para aguentar. Ela implorou para ir vê-la.

— Uma xícara de chá? Ou algo mais forte? Não posso, porque vou dirigir.

— Como vai sua mãe?

— Reclamando que os médicos estão tentando matá-la, mas pelo menos está tomando os remédios. George está cansado, e é minha vez de ser babá. Depois meu querido irmão pode assumir novamente, em especial porque ele mora quase do lado, embora tenha que ir de Land Rover, e eu não acredite nem por um segundo que sua viagem a Estrasburgo seja “crucial” para seu “sucesso eleitoral”. Então, chá preto? Hortelã? Camomila?

— Sim, por favor.

Isabella ia perguntar qual dos três, mas Laura deu as costas e ficou olhando pela imensa porta dupla de vidro para um jardim minimalista, com flores brancas.

— Você nunca se sente exposta? Como se alguém pudesse entrar?

— Querida, pode ser grande e valer um bom dinheiro, mas ainda é um pátio. Estou cercada por todos os lados.

Laura se virou e aceitou a infusão de camomila. Percebeu que suas mãos estavam agitadas.

— Quer me dizer o que está acontecendo, Laura? — Isabella perguntou.

— Não sei por onde começar.

— Sente-se.

Ela se sentou, grata por outra pessoa assumir o controle da situação. Girou a xícara entre os dedos, tentando enunciar o que sabia que tinha que dizer.

— Não quero apressá-la, mas se eu não chegar na minha mãe antes do anoitecer, ela vai chamar o coronel carrancudo no final da rua e pedir que venha me buscar em seu helicóptero.

— Há alguns dias, a ITV me disse que meu... que nosso projeto estava cancelado.

— *O quê?*

— Izzy, isso vai soar maluco... horrendo... Ah, Deus, não estou perdendo o juízo, mas você pode pensar isso quando ouvir o que estou prestes a lhe contar.

— Vá em frente.

— Tenho medo de dizer...

— Você pode me contar qualquer coisa — Isabella falou.

— Prometa que não vai me julgar.

— Claro.

Laura olhou para ela; fora uma promessa descartável, só para continuar a conversa. Agora que tinha a atenção da amiga, não sabia por onde começar. Brincou com a xícara e, de repente, inesperadamente, começou a chorar. Quase ao mesmo tempo que a primeira lágrima caiu, ela se recompôs, pegando rapidamente um lenço na bolsa.

Izzy colocou a mão sobre a dela, confortando-a.

— O que foi? Laura?

— Cherry voltou.

Izzy se sentou.

— Voltou em que sentido?

— Está morando com Daniel. Disse algo a ela meses atrás que não era verdade. Eu a fiz ir embora, mas, quando ela descobriu minha mentira, quis voltar. Ele a convidou para morar com ele. Enquanto isso, para me punir pela mentira, ela me disse que tiraria tudo de mim. Daniel não atende minhas ligações, Howard quer o divórcio e, há alguns dias, descobri que ela mandou um cachorrinho morto para a atriz principal do meu novo projeto. O projeto que seria minha salvação.

A boca de Isabella ficou levemente entreaberta enquanto absorvia tudo aquilo, um crescente e incrédulo ultraje em nome da amiga.

— Um cachorrinho morto? O que, em nome de Deus, você lhe disse?

— Eu disse que Daniel tinha morrido. Enquanto ela estava viajando pelo México. Ela voltou, e eu não queria que o visse. Telefonei assim que ela desceu do avião e disse que ele estava morto. E que ela não poderia vê-lo, já que ele tinha sido cremado, e suas cinzas espalhadas.

Isabella ainda tentava sorrir em encorajamento, mas os cantos de sua boca se retorceram e caíram. Laura viu a confusão nos olhos da amiga, junto com a descrença.

— Você disse que não me julgaria.

— Não! Não estou julgando — Isabella falou rapidamente.

— Na época... Achei que ele estava morrendo. Que só tinha alguns dias de vida.

— E depois...?

— Eu tinha descoberto algumas outras coisas... Coisas que ela dissera e que deixavam claro que ela só se ligara a ele por causa do dinheiro. Então... fiquei quieta.

Laura esperou que Isabella falasse.

— Diga alguma coisa...

— Não sei o que dizer. Não consigo acreditar... quero dizer, posso entender que você quisesse algum tempo com Daniel, mas, *Laura*...

Laura apoiou a cabeça entre as mãos.

— Ah, Deus, não, não... Armei uma confusão e tanto.

— Ok, ok. Está tudo bem. Podemos consertar tudo.

— Podemos? Como?

— O que você fez... foi terrível. Mas eu me lembro de quão horrível foi para você, quão desesperadora era a situação. O que Daniel pensa sobre isso? — Isabella perguntou com cautela.

Levou um momento para Laura responder.

— Não falo com ele há quase dois meses.

Isabella estendeu o braço pela mesa da cozinha e apertou sua mão, algo pelo qual Laura seria eternamente grata.

— *Um cachorrinho morto*. Quero dizer, essa garota é louca?

— Louca... esperta... extremamente focada. Não sei. Provavelmente as três coisas. Mas ela mirou isso em mim, e não sei o que fazer. Estou com medo de ir para casa.

— Entendi que Howard não está lá? Você contou tudo isso a ele?

— Alguma coisa. Não faria diferença. — Laura não levou em consideração o olhar exasperado da amiga. — De qualquer forma, não o quero ali.

— Você falou com a polícia?

— Sim. Eles não podem fazer nada. A atriz não quer publicidade e nega tudo. Ela partiu para uma estada em Ibiza. E a carta que Marianne recebeu supostamente escrita por mim... bem, ela ainda afirma isso.

Isabella arregalou os olhos.

— *Cherry forjou uma carta*? O que dizia?

— Só coisas desagradáveis, jogando tudo no ventilador. O tipo de coisa que alguém traído durante anos poderia querer dizer. Isso fez Howard perceber que o tempo não pode ser desperdiçado. Resolveu aproveitar a deixa. Ele quer o divórcio.

— Canalha — Isabella murmurou.

— E... eu a confrontei.

— Quem? *Cherry*? O que ela disse?

— Disse para eu me afastar. Ou mais coisas azaradas apareceriam em meu caminho.

— Jesus! Ela é insana. Quem pensa que é? Ela é só uma criança, pelo amor de Deus. Da mesma idade dos nossos. Meu Deus, se Brigitte algum dia tentasse algo assim...

Isabella inspirou e deu a Laura um olhar de condolência, de pena, que a fez se sentir um tanto sozinha. — Ah, Laura...

— Eu sei — Laura falou rapidamente. — Sei que fiz algo horrível... — Ela se calou, querendo perguntar a Isabella se ela teria feito o mesmo, mas com medo demais da resposta. — Não sei o que fazer — completou, impotente.

— Pode tentar falar com Daniel de novo?

— Ele não quer. Acredite em mim, eu tentei. Até escrevi. Acho que ela interceptou a carta.

O celular de Isabella tocou sobre a mesa. Ela olhou para a tela.

— Minha mãe.

— Você tem que ir.

Ela assentiu e mandou a ligação para a caixa postal.

— Ligarei para ela daqui a pouco.
Laura se levantou e assou o nariz.
— Não se apresse.
— Está tudo bem. Você precisa sair.
— Ainda não chegamos a lugar algum.
— Eu ficarei bem.
— Não quer vir comigo?
Laura deu um pequeno sorriso.
— Você só quer uma aliada.
— Você está certa. — Isabella a abraçou. — Voltarei o mais rápido possível, e você tem que prometer que vai me ligar se qualquer coisa acontecer. Na verdade, vou ligar para você. Todo dia.
— Obrigada.
— Sinto muito que tenhamos rompido.
— Não rompemos — Laura respondeu. — Na verdade, estou feliz que esteja indo embora.
Izzy gargalhou.
— O quê? Você acha que a pequena arrivista vem atrás de mim?
— Poderia. — Laura permaneceu séria. — Ela é capaz disso. Nada a detém.

Laura verificou os cômodos quando chegou em casa, acionou a trava de segurança, mas não podia deixar de se sentir assustada cada vez que ia à cozinha encher a taça de vinho. A geladeira fazia um ruído estranho quando ela abria a porta; a taça de vinho parecia ecoar no tampo de granito do balcão. Ela parou e ouviu a casa vazia: silêncio. Talvez ajudasse colocar um pouco de música. Ligou o rádio, mas a música clássica era melancólica, e todas as outras estações musicais também abalavam seu estado de espírito: pareciam barulhentas demais e alheias à necessidade que ela tinha de acalmar os nervos. Então desligou o aparelho novamente, e pareceu mais silencioso do que nunca. Deus, como gostaria que Isabella estivesse ali.

Laura inspirou profundamente. Tinha que se recompor. Cherry não estava esperando por ela em algum canto da casa. Ciente de que não comeria nada desde o café da manhã, e já eram quase seis, ela abriu a geladeira mais uma vez e pegou uma pasta de iogurte e pepino e uma pimenta vermelha, que picou grosseiramente. Sentou-se no balcão, comendo o jantar rudimentar, a mente vagando. O que Cherry faria em seguida? Pois tinha certeza de que haveria mais. Quão longe ela iria? Listou em sua mente todas as coisas com as quais se importava. Havia a casa, seus amigos... *Cristo, havia Moisés*. Ela saltou e saiu correndo pela porta dupla, abrindo-as e chamando o gato com urgência, batendo o pratinho de comida para fazê-lo vir correndo, e, quando ele apareceu, ela o examinou cuidadosamente. Só depois de ver que estava ileso ela relaxou aliviada. Mas depois disso fechou as portas, para descontentamento de Moisés.

— Desculpe, Moisés, mas preciso de você em casa esta noite. Tem uma garota louca aí fora que quer me atingir. E isso talvez signifique você também.

Ela se sentou no balcão da cozinha. Não conseguia sossegar. Apesar de saber que ele não

falaria com ela, pegou o celular e ligou para Howard. Ele não atendeu. Derrotada, não deixou mensagem. Ia ligar para Daniel, mas, incapaz de aguentar outra rejeição silenciosa, deixou o telefone de lado.

Preso em casa, Laura olhou pela janela, para o jardim escuro, perguntando-se onde Cherry estava, no que estava pensando, o que estava planejando.

CAPÍTULO 49

QUARTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO

Um motorista tocou a buzina, enquanto Laura percorria o que devia ser a pior rotatória de Londres. Estava no sul de Croydon, em Purley, um sistema de mão única, engarrafado, sufocado de um lado por essa rotatória monstruosa, que agora a cuspiu na via de entrada de um supermercado extremamente grande. Ela passou pelas lombadas e dirigiu-se para o estacionamento, passando por promoções que gritavam para ela dos cartazes no caminho: três caixas de pizza com falsos italianos sorridentes por três libras.

Ela estacionou e parou um momento para pensar. Ficara acordada por várias horas na noite anterior, ouvindo. Em sua mente, vagava pela casa, cada cômodo tomado pelas sombras, capaz de esconder alguém. Imaginava movimentos atrás das cortinas, ouvia o som de respiração atrás da porta.

Em meio ao medo, tinha ímpetos de raiva, raiva de estar assustada em sua própria casa, de ter perdido contato com Daniel. Cherry era uma *criança* e, como Isabella dissera, se Brigitte tentasse fazer algo assim... Ela o quê? Certamente interferiria, colocaria um fim em tudo. Foi quando teve a ideia. Levantou-se e ligou o notebook. Tinha que encontrar a mãe de Cherry. Com certeza não seria um tiro mortal; na verdade, havia uma boa chance de aquele ser o pior movimento que poderia fazer. Cherry sabia cobrir seus rastros e fingir ar de vítima inocente, e uma mãe achava que seu filho era mais perfeito do que qualquer um... Mas as mães também conhecem os filhos melhor do que ninguém, e talvez, apenas talvez, ela soubesse algo sobre Cherry.

Laura espiou pelo para-brisa. Aquele era o lugar onde esperava que a mãe de Cherry trabalhasse. Ela se lembrava de que uma vez Daniel lhe dissera que ela trabalhava em um supermercado, e, na esperança de que tivesse o mesmo sobrenome de Cherry, Laura pesquisara a equipe e os gerentes chamados Laine. Passou por três redes de supermercados, até que na Tesco encontrou uma mulher chamada Wendy Laine. A loja ficava no lugar certo — o lugar ainda fazia parte de Croydon —, mas Laine era um nome comum, então era bem possível que não houvesse conexão.

Se a mãe de Cherry trabalhasse ali, Laura não tinha certeza de qual seria a melhor forma de se aproximar dela. Sua história era estranha e chocante — nenhuma mãe queria ouvir que o filho fizera algo horrível. E se ela ficasse na defensiva, zangada? E se batesse nela ou algo assim? E se Cherry já tivesse lhe contado sobre a mentira e ela a odiasse à primeira vista? Ansiedade e medo tiraram Laura do carro. Uma mulher com calça de ginástica passou, arrastando uma menina com

não mais do que três anos, brincos nas orelhas e uma camiseta chamativa da Disney. A garotinha estava ficando para trás, mais preocupada em comer qualquer que fosse o doce embrulhado no longo papel verde e amarelo do que em seguir a mãe, cujo carrinho estava cheio de sacolas, no alto das quais estavam caixas da pizza congelada dos italianos falsos.

Laura trancou o carro e seguiu até a entrada do supermercado. Wendy Laine era gerente de caixa, dizia o site, mas ela obviamente trabalhava em turnos. Não havia como saber se estava lá no momento — só que, quando entrou, Laura viu um quadro na entrada com todos os gerentes trabalhando.

O nome de Wendy estava ali — ao lado de sua foto. Laura encarou e ficou desanimada. O cabelo da mulher tinha um tom bem vivo de castanho-acobreado, e ela não se parecia em nada com Cherry. O segurança a olhava.

— Está tudo bem? — ele perguntou, com uma nota de suspeita na voz.

— Preciso ver Wendy Laine, por favor.

— Tem hora marcada? Sobre o que é?

— Assunto pessoal.

Ele pareceu prestes a discutir, mas então se afastou para um dos corredores, provavelmente para chamá-la. Dois minutos depois, uma mulher pequena apareceu ao seu lado.

— Posso ajudá-la?

Laura a examinou em busca de alguma semelhança com Cherry, mas não viu nada.

— Olá. Sou Laura Cavendish.

A mulher franziu o cenho por um momento, então abriu um sorriso satisfeito, embora perplexo.

— A mãe de Daniel?

O coração dela saltou.

— Isso mesmo.

— Cherry não falou... Tínhamos algum encontro marcado?

— Não foi planejado. Não falei para Cherry que viria.

— É quase hora do meu intervalo. Espere aí... — Ela mexeu no rádio. — Holly, pode assumir? Vou tomar um chá.

Laura ouviu uma concordância confusa e então seguiu Wendy até o café, um cubículo sem graça e com pouca luz natural ao lado da loja.

— Eles têm um *latte* delicioso — Wendy garantiu, insistindo em pagar, já que tinha desconto de funcionária.

Laura pediu um chá de hortelã, Wendy um *latte*, e as duas se sentaram em uma pequena mesa redonda com bordas marrons.

Wendy olhou para Laura com curiosidade.

— É ótimo conhecê-la finalmente. Peço para Cherry nos apresentar há décadas, mas ela sempre arranja alguma desculpa, em geral diz que você não tem muito tempo livre. Claro, somos duas mães que trabalham — ela falou, sorrindo.

Laura devolveu o sorriso.

Era claro que Cherry não dissera nada sobre o desentendimento entre elas: Wendy estava

muito amigável, até mesmo encantada por estar em sua companhia. Na verdade, ela estava tão feliz em conhecê-la, tão abertamente calorosa que Laura sentiu uma pontada inesperada pelo que estava prestes a fazer. Respirou fundo e colocou as mãos no colo.

— Wendy, há alguns meses, eu fiz uma coisa realmente horrível com Cherry.

O rosto dela estava sem expressão.

— Fez? Ela nunca me disse.

— Cherry e eu nem sempre nos entendemos, e quando Daniel não tinha expectativa de vida... Você soube que ele esteve doente?

— Sim, notícias horríveis. Senti muito por você.

— Sim, bem, quando os médicos disseram que era improvável que ele sobrevivesse, eu falei para Cherry que ele tinha morrido, para que pudesse passar os últimos dias sozinha com ele. Apenas seu pai e eu.

Ela não compreendeu bem no início.

— Você o quê?

Laura falou de novo.

— Ah, meu Deus.

— E quando ele *sobreviveu*, eu não contei para Cherry. Fiz uma coisa terrível e sinto muito pelo sofrimento que causei na época... mas desde que Cherry descobriu, ela está... bem, para dizer sem rodeios, ela ameaçou destruir minha vida.

— Como é?

Laura ficou cautelosa. Notou a indignação no rosto da outra mulher, o clarão de raiva.

— Sei que provavelmente é muito difícil ouvir isso. Eu acharia difícil...

— Espere um minuto. Como você tem coragem de vir até aqui para dizer que minha filha é algum tipo de monstro?

— Eu não disse isso exatamente...

— O que você tem contra ela? — Wendy ergueu a voz.

Laura apoiou as mãos na mesa.

— Wendy. Por favor. Por favor, me escute.

— Vá em frente — Wendy falou a contragosto.

Laura explicou sobre a carta para Marianne, o cachorrinho e tudo mais, enquanto o rosto de Wendy tentava negar o choque.

— Isso é muito improvável.

— Acha que estou inventando?! — Laura exclamou. — Eu não queria vir até aqui e contar isso, e certamente não queria irritá-la ou ofendê-la, mas não sei o que ela vai fazer a seguir, e isso me deixa... extremamente nervosa. — Ela fez uma pausa. — Não sei como detê-la.

Laura olhou para Wendy, esperando que ela tivesse alguma palavra de conforto, alguma solução para fazer o pesadelo desaparecer, mas ela parecia apenas uma mulher cujo agradável chá da manhã com a outra mãe tinha azedado de uma maneira que jamais poderia imaginar.

— Quem você pensa que é... vindo até aqui e insultando a mim e a minha filha?

Ela fez que ia levantar, mas Laura também se ergueu, implorando.

— Não vá. Por favor. Não sei o que fazer. Meu próprio filho não fala comigo. Você não tem

ideia de como é isso.

Ela tinha imaginado ou Wendy recuara? Depois de um momento, ela se sentou, para grande alívio de Laura.

— Ela foi morar com ele, não foi? Com seu Daniel?

Laura assentiu.

— Ele acha que sou tão contrária a Cherry que meu julgamento está obscurecido. — Ela pareceu constrangida. — Recentemente, não fiquei muito entusiasmada com o relacionamento deles.

— Por quê?

Devia dizer? Isso poderia ser um insulto muito grande. Poderia fazê-la voar em seu pescoço.

— Eu tinha a impressão de que Cherry poderia gostar do meu filho em primeiro lugar por causa de seu dinheiro.

Wendy balançou a cabeça, zangada.

— Não mesmo. Ela tinha aquele emprego... mais de trinta mil por ano.

Laura estava constrangida.

— Ela não trabalha mais.

— Não, mas está procurando.

Laura falou baixinho.

— Acho que não.

— Mas Daniel... Sem *ofensa*, Laura, mas ele ainda é residente, não é? Ainda não está exatamente formado, e não consigo vê-lo bancando os dois. E ele vive em uma parte elegante de Londres, não é? Deve ser uma hipoteca e tanto.

— Ele tem um fundo fiduciário. E o apartamento... está pago. O pai comprou para ele.

Wendy arregalou os olhos.

— Daniel recebe cinco mil libras em sua conta bancária todos os meses. Mesmo que ele tenha uma carreira, que esperamos que tenha sucesso, ele na verdade não precisa trabalhar... — Ela parou de falar, vendo que a outra mulher finalmente compreendera. Wendy estava rosada e, pela primeira vez, parecia completamente fora de si.

— Meu Deus.

O silêncio caiu entre elas. Wendy tinha se fechado. Estava envergonhada por não entender todas as escalas de riqueza. Laura teve medo de estar prestes a perdê-la, e segurou sua mão com força.

— Por favor, Wendy. Não sei mais o que fazer.

Ela não estava muito confortável com aquele aperto de mão, e Laura soltou-a desajeitadamente.

— E agora ela vai se casar — Wendy disse para si mesma.

Laura cambaleou, um milhão de pequenas farpas de dor, seus ouvidos zumbindo.

— Você não sabia.

— Casar? Daniel e Cherry vão se casar? Quando? — ela perguntou, o pânico aumentando.

— Janeiro.

Suas mãos começaram a tremer.

— Não, por favor, Deus... Eu não posso... Por favor, Wendy. Sei que ela é sua filha, mas por favor, não a deixe fazer isso.

— Não entendo o que está me pedindo.

— Isso vai além do dinheiro... Transformou-se em uma situação em que ela o quer, quer tudo dele, e não quer que eu o tenha. Eu nunca mais o verei de novo: ela vai me tirar da vida dele completamente. Você conhece sua filha melhor do que ninguém. Por favor, qualquer coisa que possa fazer.

Wendy tomou sua bebida, e lentamente abaixou a xícara, que tamborilou ruidosamente no pires, a porcelana grossa, feita para aguentar o manuseio das massas.

— Não.

Laura sentiu um aperto no peito.

Wendy se levantou.

— Você precisa entender, Laura. Ela é minha filha.

Laura observou enquanto Wendy, trêmula, foi embora.

CAPÍTULO 50

QUINTA-FEIRA, 5 DE NOVEMBRO

Cherry entrou no apartamento da mãe e indicou para o homem que contratara para a mudança o caminho até seu quarto, onde as caixas estavam cuidadosamente empilhadas. Tinha sido a coisa certa a fazer — levar suas últimas coisas quando a mãe estivesse no trabalho —, já que era muito mais fácil não ter que se esquivar das perguntas sobre quando Wendy poderia conhecer sua nova casa. Ela não queria que a mãe aparecesse por lá, soltando exclamações sobre tudo, fazendo comentários embaraçosos sobre quão caro ou chique tudo era, ou, pior ainda, levando algum presente do supermercado para a casa nova.

Como sempre, sentiu-se culpada por esses pensamentos e decidiu que levaria a mãe para jantar em algum lugar legal, talvez em algumas semanas, quando estivesse devidamente acomodada. De fato, deixaria um bilhete prometendo isso. Sim, era a coisa certa a fazer, Cherry pensou satisfeita, e foi até a sala pegar um pedaço de papel.

— Mãe!

Wendy estava sentada no sofá.

— Você veio dizer adeus?

— Eu-eu não sabia que você estava aqui. — Franziu o cenho. — Não deveria estar no trabalho?

— Mudei meus turnos.

— Ah, certo.

— Você não parece satisfeita.

— Ah, não... isso não me incomoda. Por que incomodaria?

Wendy se levantou.

— Você não pareceu muito interessada na ideia quando sugeri anteriormente. Achei que seria bom. Sabe, nos encontrarmos.

— Claro que é bom, mãe. Eu só não queria atrapalhar você. — Cherry estava desconfortável sob o olhar da mãe. Qual era o motivo daquilo tudo? Ela queria pegar suas coisas e ir embora, e certamente não planejava um encontro improvisado.

— Não acho que seja verdade, Cherry. Acho que a verdade é que você não quer perder tempo comigo.

O estômago de Cherry se retorceu, mas ela riu.

— O quê?

— Não sou rica. Gosto de pensar que tenho uma vida confortável e trabalho duro.

— Claro que sim — Cherry falou rápido para tranquilizá-la.

— Não seja condescendente comigo — Wendy replicou, e Cherry se encolheu. — Acho, Cherry, que sou um constrangimento para você. Indigna de você.

O coração de Cherry martelava em seu peito.

— Do que está falando?

— Eu trabalho em um supermercado; não uso roupas chiques, não falo tão bem quanto certas pessoas. Você sempre quis algo melhor, tinha altas expectativas, gostos caros. É por isso que ficou chateada com o que aconteceu com aquele tal Nicolas. Eu sempre achei que você era boa demais para ficar por aqui, mas nunca pensei que fosse boa demais para mim. — A voz dela falhou, mas ela se recompôs. — Uma mulher foi me ver na loja ontem.

— Quem? — Cherry perguntou ansiosa, mas no fundo sabia.

— Laura Cavendish. Eu não ia dizer nada, mas o que ela me contou... me deixou acordada durante a noite toda. Ela implorou que eu a ajudasse. A deter você. — Ela fez uma pausa. — Isso tudo é verdade?

— Ah, não seja tão melodramática.

Wendy ficou imóvel.

— Ah, meu Deus — sussurrou.

— Ela contou o que fez? Ela mentiu para mim! Disse que o filho estava morto, para que eu não pudesse mais vê-lo.

Cherry esperou que suas palavras tivessem o impacto certo, que sua mãe recuasse como sempre costumava fazer. Que ficasse com medo de irritar a filha e dissesse o que Cherry queria ouvir para não afastá-la ainda mais. Porém, dessa vez, Wendy a olhava de um jeito diferente, um jeito que Cherry nunca vira e que a assustava.

— Não posso acreditar que você fez isso, Cherry — Wendy falou. — Todas aquelas coisas. Você matou um cachorrinho...? O que há de errado com você?

— Ah, Cristo, quer parar com isso? Eu o salvei de uma existência miserável. Você devia ter visto, pobrezinho, todo encolhido, sem lugar para correr, sem luz, sem ar. Não tinha futuro por causa de onde ele tinha *nascido* — ela cuspiu as palavras.

A voz de Wendy ficou presa na garganta.

— Está falando de você, não é? — Deu um passo na direção da filha. — Depois que seu pai morreu, trabalhei duro todos aqueles anos. Quase me matei algumas vezes, para que nunca lhe faltasse nada. Eu não a via tanto quanto gostaria, mas esperava que você visse algo de bom no que eu estava fazendo, que olhasse para mim. Eu posso não ter muito, mas *trabalhei* por tudo o que consegui. Nunca me aproveitei de ninguém como uma sanguessuga.

Tremendo, Cherry lhe deu um tapa no rosto. Wendy engasgou e levou a mão à bochecha.

— Com licença? — O homem da van estava parado, constrangido, na porta. Cherry se virou.

— O quê?

Ele ergueu as mãos.

— Já carreguei tudo. Vou embora. — Ele foi embora o mais rápido que pôde.

Cherry se virou para a mãe, apreensiva.

— Sei que você tem vergonha de mim — Wendy falou baixinho —, mas eu também tenho vergonha de você. — E deu as costas.

Os olhos de Cherry brilhavam. De repente, sentia-se ninguém, a garota de Croydon de novo. Aquela cujo futuro era limitado, que não conseguiria manter um namorado com uma formação melhor. Estava sobrecarregada de emoções, e tinha que sair dali. Fugiu do apartamento e desceu os degraus de pedra até o ar fresco.

O homem com a van se fora, e agora seguia para Kensington. Cherry desceu a rua, tremendo, até a Mercedes de Daniel, braços cruzados, olhos ardendo. *Como ela ousava? Como aquela maldita Laura Cavendish ousava se meter assim?* O ódio brotava nela, contaminando o ar que respirava. *Que diabos ela estava fazendo, indo ver a mãe dela? Como se ela fosse uma criança! Ela era insuportável, o jeito sufocante que tinha em relação a Daniel. Tão possessiva! Não era justo controlar a vida das outras pessoas daquele jeito, acabar com seus sonhos.*

Cherry secou as lágrimas ferozmente com as costas da mão, e apertou a garganta para que não viessem mais. Quando chegou no carro, a raiva se acomodara como uma pedra em seu peito. Então Laura ainda estava decidida a separá-los. Não tinha entendido nada. Cherry estava irada.

Por que ela não ia se foder? Não desaparecia? Se ao menos um ônibus viesse e a atingisse. Algum acidente ou coisa assim. Essa era a coisa com os acidentes — nunca dava para saber quando aconteceriam, mas uma escorregadinha, um momento mal calculado, e você virava história. Apagado. O problema não existia mais e ninguém tinha culpa. Isso seria fantástico. Ela mergulhou na ideia por um momento, impregnada de ressentimento e autopiedade. Mas a realidade a atingiu. Acidentes não aconteciam quando você queria.

Ainda zangada, foi embora rapidamente, raspando a marcha do carro. As mãos apertadas no volante, ela olhava adiante, xingando qualquer um que não acelerasse rápido o bastante no semáforo verde, qualquer um que hesitasse em uma rotatória.

Dirigiu na direção de Webb Estate, sem estar bem ciente de fazer isso; então parou o carro e olhou através do portão automático que se fechava rapidamente. Luzes ofuscantes vieram por detrás dela, e Cherry observou enquanto outro carro passava, os portões se abrindo para ele.

Sem pensar, engatou o carro e seguiu atrás. O outro veículo virou em uma das ruas residenciais, e Cherry pegou o caminho que lembrava, até a casa de Nicolas. Chegou em Silver Lane, ladeada por quatro fileiras de bétulas prateadas, e parou no meio do caminho. Ali estava a grande mansão de oito dormitórios. Ela moveu o carro mais um metro, para que pudesse ver o quarto de Nicolas por entre as árvores, e perguntou-se, ansiosa, esperançosa, se o veria.

Os braços ao redor da esposa, a silhueta de ambos na janela. Talvez ele a visse. Descesse até lá. Ela se asseguraria de que ele visse seu anel, colocando Daniel casualmente na conversa. De repente, sentiu-se uma completa idiota. Ele se fora. Ele e a esposa. Tinham sua própria casa agora; viviam sua própria vida. Tinham seguido em frente. Com uma sensação esmagadora de humilhação, Cherry foi embora o mais rápido que pôde.

CAPÍTULO 51

SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO

Eram seis da manhã. Daniel, já vestido, olhava para Cherry dormindo na cama deles, o cabelo escuro e brilhante espalhado ao redor do rosto levemente corado. Os braços estavam para fora do edredom, a pele suave e convidativa. Ele se perguntou se devia lhe dar um beijo de despedida. Tinham tido o primeiro desentendimento na noite anterior, e ainda não tinham feito as pazes, não adequadamente. E ele ainda não sabia realmente qual fora o motivo de tudo aquilo.

A noite começara de um jeito bem agradável. Enquanto Cherry estava no apartamento da mãe, Daniel recebeu uma ligação de seu amigo, Will, feliz por encontrá-lo fora de um plantão. Will estava procurando alguém com quem pudesse comemorar, já que acabara de saber que conseguira a promoção.

Ele se convidou para passar na casa de Daniel, e os dois ficaram esperando que Cherry voltasse para que todos pudessem sair juntos. Daniel estava ciente de que nenhum de seus amigos encontrara Cherry desde o acidente, e achava que, agora que estavam juntos novamente, seria bom se eles se conhecessem um pouco melhor. Os rapazes pegaram cervejas na geladeira enquanto aguardavam Cherry.

— Tenho que dizer, Dan, você é muito indulgente. Em especial depois do jeito que ela o largou — Will comentou, enquanto abria a garrafa.

Daniel permaneceu reservado. Não queria incriminar sua mãe, divulgando a história toda, então se contentou com um vago: — Não foi tão ruim quanto você pensa.

Como acontecia com os homens, Will não insistiu muito no assunto. Bateu sua garrafa na do amigo, brindando.

— Boa sorte para você — falou, sem malícia. — O que gostaria de fazer esta noite? Poderíamos experimentar aquele japonês novo... você sabe qual, aquele que cujo dono é amigo do Theo. Cherry gosta de comida japonesa?

Daniel não sabia. O interfone tocou, e, ao responder, ele viu na tela o homem da van já descarregando as caixas na rua, pronto para carregá-las para cima.

— Ela vai chegar em um minuto. Vamos perguntar.

O homem levou as caixas pelas escadas até o apartamento. Mal disse “oi” e não estava interessado em uma xícara de chá. Daniel lhe perguntou onde Cherry estava, e se ela o seguira no caminho de volta, e o homem ergueu as sobrancelhas.

— Espero que não, cara. Ela o esbofeteia do mesmo jeito que faz com a mãe?

Daniel ficou boquiaberto, e, percebendo que falara demais, o homem se apressou em ir embora.

— Eu tenho que ir embora, se estiver tudo certo. Está com o dinheiro?

— Espere aí, o que quis dizer com “esbofetear”?

— Olhe, não vou me meter em assuntos domésticos. Se não se importa, quero ser pago e seguir meu rumo. — Estendeu a mão, teimoso, e Daniel pôde ver que o homem não diria mais nada. Pagou as 200 libras devidas e ele se foi. Deixou Daniel com uma sensação de inquietude, embora achasse que o homem devia ter cometido algum tipo de engano. Juntou-se a Will na sala de estar.

— Está tudo bem?

Daniel foi rápido em sorrir.

— Tudo bem. Então, vai ter seu próprio escritório agora?

Enquanto ouvia Will contar sobre o novo trabalho, Daniel estava atento ao retorno de Cherry. Quase vinte minutos depois, ele ouviu a chave na entrada. A porta se abriu. Ela parecia tensa, cansada e nem um pouco satisfeita em ver Will. Daniel levantou-se de um salto para lhe dar um beijo, que ela aceitou oferecendo o rosto. Ele se virou para apontar para o convidado.

— Will conseguiu o trabalho novo.

— Ah, certo.

— Você sabe, gerente de engenharia de risco.

— Você disse. — Ela inspirou fundo, sabendo que devia se esforçar. — Parabéns!

Will levantou a garrafa.

— Saúde!

Daniel colocou o braço ao redor dela.

— Ele veio aqui ver se não queremos sair e comemorar. Gostaria de jantar?

— Hmm... estou com uma dor de cabeça horrível, mas vocês dois podem ir.

Constrangido, Will tomou um gole de sua bebida. Obviamente sentia que tinha trombado em algum tipo de discussão de namorados.

Cherry ficou parada ali por um momento, ciente do que fizera, mas incapaz ou sem querer consertar a situação. Sentia-se sufocar, e precisava sair daquela sala.

— Vou me trocar.

Depois de um segundo, Daniel foi atrás dela, no quarto.

— Está tudo bem?

Cherry tirou as meias e as jogou no chão. Deitou-se na cama.

— Tudo.

— Sua mãe está bem?

— Sim, está.

Ela estava obviamente cortando o assunto. Ele não sabia como trazer à tona o que o homem da mudança dissera, e instintivamente soube que não seria uma boa ideia.

— Não parece que está tudo bem — ele falou gentilmente.

— De verdade, está tudo bem. É só essa dor de cabeça.

— Vou dizer a Will que não posso sair. Eu invento alguma coisa...

— Não, mas você pode ir. — Ela rolou para o lado, rindo para ele. — Sinto muito, foi um longo dia, é só isso. Mas você pode ir — acrescentou apressadamente. — Acho que vou tentar dormir cedo. — E, com um beijo casto nos lábios, ela acenou para que ele fosse.

Daniel não tinha mais como persuadi-la e, por fim, foi ao restaurante japonês com Will, dizendo-lhe algo sobre Cherry estar com enxaqueca.

A situação se tornou um tanto constrangedora, e ele ficou com a sensação de que Will tinha se arrependido de convidá-lo para sair. Daniel descartou sua pergunta sobre se estava “tudo bem em casa”, e pensou em ligar para Cherry, mas achou que ela poderia estar dormindo. Quando voltou, lá pelas dez e meia, ela estava.

Assim como agora. Ele olhou mais uma vez para aquele belo rosto, os cílios escuros contra a pele, e decidiu que um beijo poderia acordá-la. Pegou Rufus, que se esgueirara atrás dele, e que, além de mastigar qualquer sapato que estivesse no chão, tinha a tendência de pular na cama e lambê-los no rosto. Então saiu do quarto e foi trabalhar.

Cherry despertou às oito e meia com uma distração incômoda, como uma mosca zumbindo pelo quarto antes de ficar quieta e, quando você já tinha se esquecido dela, começava de novo. Então se lembrou. Comportara-se de maneira estúpida na noite anterior, e se encolheu ao pensar em como inventara aquela desculpa esfarrapada para o amigo de Daniel. Como era o nome dele? Will. Ela o vira algumas vezes antes, muitos meses atrás. Ele era legal, mas um pouco satisfeito demais consigo, uma característica que a irritava. Não era desculpa, no entanto, e ela devia ter sido simpática; devia ter saído para jantar com os dois. Tinha ficado estranho entre ela e Daniel, e tentaria fazer as pazes, mas tudo no que conseguia pensar naquela hora era em sua mãe, no que acontecera.

De repente, curvou o corpo em uma bola de dor e culpa. *Tinha batido na própria mãe.* Aquilo a deixava doente de culpa, mas, pensou com ferocidade, Wendy estava errada sobre o motivo pelo qual estava com Daniel. Ela o amava. Era só sorte que ele fosse tão rico. Sorte que tivera uma mãozinha dela, claro, mas não havia um ditado famoso que dizia que cada um fazia a própria sorte? Cherry se encolheu ao relembrar dos acontecimentos mais uma vez. A coisa que tentara esconder por tanto tempo, o fato infame e horrível de que sentia vergonha de sua própria mãe, viera à tona, e tudo porque Laura foi até lá dizer coisas, coisas dolorosas sobre ela. A raiva cresceu de novo. Deus, como odiava aquela mulher.

Em um momento na noite passada, ela quase quebrou. Queria contar tudo para Daniel — como ela o manipulara fingindo não saber que estava vivo, o que dissera e fizera para Laura para lhe ensinar uma lição, e como Laura *não a deixava em paz*. Mas sabia que não podia. Nunca. Ela o mandou para algum restaurante e ficou deitada na cama, perguntando-se se ele telefonaria antes que ela dormisse. Em algum momento, ele voltou e foi para a cama sem acordá-la, e saiu da cama da mesma forma na manhã seguinte.

Inquieta, ela saiu da cama. Aqueles casais antigos nos noticiários que sempre diziam que nunca iam para a cama sem resolver uma discussão estavam certos. Ela não devia ter deixado a coisa pendente enquanto dormiam. Teria que fazer as pazes, e decidiu surpreendê-lo com uma

bela refeição quando ele chegasse em casa. Um clichê, ela sabia, mas daria certo. Ela foi até a cozinha e pegou alguns dos livros de receitas que comprara na livraria local, folheando cada um deles. Rufus latiu, e ela o pegou e o deixou ajudar a escolher. Tinha uma receita de tagine. Exótico o bastante para compensar o esforço, mas, na verdade, bem fácil, a julgar pelas instruções.

Com isso decidido, começou a fazer café, e a mosca zumbia em sua mente novamente. A mosca Laura. Aquilo a deixava nervosa, e ela odiava a sensação. Se pudesse dar um tapa nela, esmagá-la, limpar suas entranhas com papel toalha e jogar tudo fora. Talvez alguém fizesse isso para ela. Meio divertida com a ideia, ligou a tv, vendo o noticiário da manhã para saber se tinha ocorrido algum acidente. Uma mulher que tivesse colocado o pé na rua e, no segundo seguinte, fosse atropelada, ou jogada da plataforma do metrô. Não era provável. Em geral, Laura não pegava o metrô. Algo tinha que acontecer com ela. Algo que não exigisse esforço; na verdade, uma coisinha que a fizesse perder o equilíbrio. Intrigada pela simplicidade, decidiu procurar no Google “como causar uma morte acidental”. Abriu o notebook e tinha começado a digitar no buscador quando seus dedos se paralisaram sobre o teclado. Deus, tinha sido por pouco. Cherry sabia que era impossível apagar completamente um histórico de navegação. Ainda bem que só chegara até o “causar”. Não que estivesse realmente planejando alguma coisa. Era só se, por acaso... Ela fechou o computador e decidiu, em vez disso, divertir-se um pouco com sua imaginação. Relâmpago... um pouco difícil de controlar. Ser picada por abelha... Talvez Laura fosse do tipo que sofresse um choque anafilático. Seria possível treinar abelhas? Talvez desse para colocar algo na pele que as atraísse. Mas ainda havia uma alta taxa de insucesso nesse plano: dependeria de a pessoa estar irritada o bastante para tentar afastar os insetos, e de as abelhas realmente resolverem picar. Hmm... e quanto a afogamento? Isso exigiria uma correnteza forte — e nenhum observador. Envenenamento? Ah, por que Laura não podia ser diferente? Por que era tão possessiva, por que insistia tanto que ela, Cherry, não era boa o bastante para seu amado filho?

Lá pelo meio-dia, ela já se sentia muito melhor. Claro que não pretendia ir até a casa de Laura e colocar água sanitária no chá dela, mas fora uma boa terapia especular sobre o tema.

Depois do almoço, ela foi comprar os ingredientes para o jantar de reconciliação e começou a cozinhar. O tagine encheu o apartamento com o cheiro de canela, louro e cominho, e o rocambole de merengue ficou majestoso na bancada. Depois das seis e meia, ela arrumou a mesa. Vinte minutos depois, Daniel chegou em casa. Imediatamente ela viu que tinha feito a coisa certa: a visão da mesa, com as taças de vinho e os talheres cuidadosamente arrumados, trouxe um sorriso e acabou com a frieza entre eles.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Meu jeito de pedir desculpas. Por ser uma mala sem alça ontem.

— Você foi um pouco.

— Ei!

Ele guardou as chaves e a carteira.

— Fiquei preocupado. Ainda estou. Está tudo bem?

Ela sorriu.

— Claro que sim. Como eu disse, só tive um dia ruim. De verdade. Você viu o pudim?

Daniel se aproximou para investigar a sobremesa branca, açucarada, coberta com creme e geleia de morango. Enfiou o dedo e fez cara de apreço.

— Isso está *bom*. — Aliviada por afastar o assunto da noite anterior, Cherry sorriu.

— Teve um bom dia?

— Vi uma angioplastia.

— É quando abrem uma artéria bloqueada?

— O paciente melhorou bem ali, diante dos meus olhos. O sangue começou a fluir melhor pelo corpo e o tom de pele mudou imediatamente.

— Deve ser algo incrível de ver.

— É sim. — Ele fez uma pausa. — Minha mãe me ligou hoje. Deixou uma mensagem. A primeira em semanas.

Era como uma facada nas costas, mas ela se obrigou a permanecer despreocupada. Tirou o cuscuz do pacote e colocou-o em uma tigela.

— Eu me sinto mal. Não gosto de estar longe. Ela parecia muito chateada.

— O que ela disse?

— O mesmo de sempre. Que sente muito. Quer fazer as pazes.

Cherry assentiu com naturalidade.

— É difícil para mim. Você entende isso?

— Eu sei.

— Não gosto que vocês duas não se deem bem — ele disse com um suspiro. — Minha noiva e minha mãe. Vocês poderiam pelo menos gritar uma com a outra.

Cherry sorriu com a piada sem graça.

— Não podemos tentar fazer alguma coisa? E, você sabe, ainda não contamos para ela sobre o noivado.

— É claro! Nada me deixaria mais feliz.

— Sério?

— Sim. — Ela o beijou. — Fico triste por não nos acertarmos e você ficar no meio.

Ela se virou para abrir o forno e ver o tagine, bem ciente de que deixara Daniel surpreso com o quão fácil fora persuadi-la. Homens gostavam de uma vida sem confronto, e ela sabia que o que dissera era fácil demais, e que nada estava realmente resolvido. E nem seria, mas, quando ele percebesse isso e trouxesse o assunto à baila novamente, com sorte Laura já teria desaparecido.

— O cheiro está delicioso — ele falou, olhando para o tagine. Colocou os braços ao redor dela e a beijou na nuca. — Obrigado, Cherry. Você é incrível. Sei que ela não facilitou as coisas para você e aprecio que não esteja contra ela.

— Cuidado... quente!

— Acho que eu deveria vê-la.

Cherry se virou.

— O quê? Esta noite?

— Só por meia hora, mais ou menos. Depois do jantar. Tem algum problema? Ela está passando por maus bocados. Sabe, com o divórcio e tudo mais.

Uma onda de pânico a esmagou. A última coisa que queria era que Daniel soubesse da história de como Laura fora visitar Wendy.

— Eu... eu só não estou me sentindo muito bem.

— O que foi?

— Nada demais, só a dor de cabeça. Da noite passada. — Ela esfregou a testa, tentando pensar rápido. — Não parece querer passar.

Ele esperou um momento, e disse:

— Você precisa se sentar. Vá, eu vou tomar um banho e depois termino o cuscuz. — Ela se deixou ser levada até a sala e se recostou no sofá cor de limão. Assim que ele saiu da sala e ela ouviu o chuveiro, se sentou. A sensação tensa, nervosa, aumentando. Era como o demônio em suas costas, e, não importava como se sentasse, ficava inquieta, querendo fugir. Colocou um pouco de música para tentar se livrar dele, e fechou os olhos, tentando não pensar na mosca zumbindo ao redor de sua cabeça.

— Pensei que estivesse com dor de cabeça. — Daniel tinha voltado, com camiseta e calça jeans, o cabelo despenteado e molhado do chuveiro. Rufus vinha atrás dele, pulando em suas pernas, tentando lambe seus tornozelos.

Ela se assustou.

— E estou. Quero dizer, tomei um comprimido.

— Eles não fazem efeito tão rápido — ele falou, abaixando o volume.

Maldito Daniel por ser médico, ela pensou, sabendo que ele estava certo e que não podia discutir. Em vez disso, lançou o sorriso mais radiante possível.

— Você me animou. Acho que todo o estresse da mudança me atingiu.

— Não está feliz de estar aqui?

Ela o olhou surpresa.

— Estou extremamente feliz. — Ela queria perguntar *E você?*, mas algo a deteve. — Está com fome?

— Faminto.

— Vamos comer?

Ele a seguiu até a cozinha.

— Uma taça de vinho?

O rosto dela se abateu.

— Ah, não!

— O que foi?

— Esqueci o vinho!

— Não se preocupe com isso.

— Não, quero dizer, quero que tudo esteja perfeito. — Ela pegou a bolsa. — Vou só até a loja do Henry buscar uma garrafa de Shiraz ou algo assim. Além disso, já é hora do Rufus dar uma volta — ela disse, contendo o cãozinho animado enquanto prendia a guia.

— Você não precisa ir.

Ela já estava fora do apartamento.

— Por que não fica de olho no cuscuz até que eu volte? Sabe como ele é... nem sempre se

comporta do jeito que queremos.

A porta se fechou atrás dela, e Cherry tentou acalmar a respiração. Não queria esperar o elevador, e então desceu correndo as escadas, Rufus todo ansioso, acelerando as perninhas atrás dela. O ar fresco ajudou a acalmá-la, e ela percorreu a curta distância até a loja de vinhos, amarrando Rufus do lado de fora. Em geral havia um punhado de clientes discutindo vinhos com a seriedade de um tratado de paz, mas ela era a única na loja e foi atendida com rapidez. Segurando a garrafa em uma sacola plástica, ela ficou parada do lado de fora. Ainda não estava pronta para voltar ao apartamento — não havia passado tempo o bastante para o clima se dissipar —, e então desamarrou Rufus do poste e o levou para o passeio que afirmara que ele precisava.

Laura passava de um canal para o outro, irritada com a falta de qualidade da televisão. Não queria assistir a mais um programa de estilo de vida fracamente disfarçado de programa de culinária sério. Perturbada como de costume, passara a manhã andando de um lado para outro na casa, sentindo-se agitada. Depois da visita desastrosa a Wendy, ela estava sem planos. Não havia nada que pudesse fazer, e isso a assustava, como se, ao não fazer nada, fosse um alvo fácil.

Laura pensou em verificar o celular novamente, mas já sabia que Daniel não respondera. O buraco dolorido em seu peito se acendeu, e ela se levantou rapidamente, procurando uma distração. Tentaria ler um de seus livros.

Foi até o quarto, mas o romance que estava lendo não estava na mesa de cabeceira como ela pensava, e, sentindo um pânico de dobrar os joelhos, perguntou-se se alguém estivera na casa. Apenas a sra. Moore, ela se lembrou, um tanto envergonhada. Talvez ela tivesse colocado o livro em outro lugar quando fez a limpeza. Laura olhou no peitoril da janela e, puxando um pouco as cortinas, achou o que procurava. Estava prestes a soltar a cortina quando um movimento lá fora chamou sua atenção.

Cherry estava parada do outro lado da rua, sob a iluminação pública, encarando a casa. Laura imediatamente se encolheu, soltando a cortina. O tecido caiu parcialmente, deixando um pequeno vão, uma fatia de luz pela qual soube que Cherry poderia ver tudo perfeitamente. Se quisesse deixar o quarto, Laura teria que passar na frente daquela abertura. Ficou parada ali, encolhida em si mesma, encostada na parede... Deus, estava *se escondendo*. Olhou para a cortina, um gemido de raiva escapando antes que pudesse segurar a respiração. *Ela não podia deixá-la fazer aquilo*, mas estava paralisada. Laura ficou parada pelo que pareceu uma era, incapaz de decidir se olhava de novo, para ver se Cherry ainda estava ali, quando ouviu um cachorro latir. Um cachorro pequeno, já que era um som leve, feliz... Ou talvez um filhote. Um filhote. Laura puxou a cortina novamente e ali estava, sendo impedido por Cherry de entrar no jardim do vizinho, um filhote de cocker spaniel dourado. Ele saltava ao redor dela, enroscando-se na guia, lambendo sua mão quando Cherry se abaixou para acariciá-lo.

Laura ficou olhando. *O mesmo que ela mandara para a atriz*. Aquele que Cherry matara. Que diabos ela estava fazendo ali perto da casa...? Meu Deus, ela estava *insultando-a*.

De repente, Cherry levantou os olhos, e Laura se encheu com uma raiva frenética ao ver aquela arrogância descuidada. Sem pensar, soltou a cortina e desceu as escadas tão rápido que

quase tropeçou. Abriu a porta da frente e saiu correndo para a calçada.

A rua estava vazia. Ela inspirou com dificuldade e olhou dos dois lados, mas Cherry tinha ido embora. A noite estava silenciosa e escura, com apenas pequenas áreas de luz espalhando-se a pouca distância de cada poste. Então algo apareceu atrás do muro do vizinho de frente. Uma raposa. O animal a viu e ficou parado um momento, antes de virar e sair trotando rua acima. O medo retornou, e Laura percebeu que a porta ainda estava aberta em suas costas. Com o coração acelerado, ela recuou rapidamente e trancou a porta.

Daniel ficou olhando perplexo para a porta fechada. Cherry não queria que ele fosse visitar a mãe, isso era mais do que óbvio. Parte dele não a culpava — afinal, ela fora tratada de um jeito abominável —, mas... Ah, quem sabia? Então ele se sentiu exausto e se sentou apático na mesa. As taças de vinho, os talheres, os guardanapos, pelo amor de Deus, de repente pareceram um ataque completo, e ele imediatamente se sentiu culpado. Ela se esforçara muito para fazer as pazes naquela noite. Talvez ele estivesse sendo insensível, sugerindo ir visitar Laura. O telefone dele soou, e ele o pegou, esperando uma foto de um rótulo de vinho, a sugestão de Cherry para a noite, mas era um e-mail do Facebook, dizendo que havia recebido uma mensagem. Ele não reconheceu imediatamente o remetente e, quando abriu, leu, confuso:

Oi, Daniel. Espero que não se incomode por eu entrar em contato, mas há algo sobre o qual quero falar com você. Poderia me ligar quando possível?

Obrigada, Wendy.

No fim da mensagem, havia um número de telefone de Londres. Ele levou um segundo para perceber que a remetente era a mãe de Cherry. Não tinha ideia do motivo pelo qual ela mandara aquela mensagem, mas algo o fez retornar a ligação.

— Alô?

— Wendy, é Daniel.

— Meu Deus, você foi rápido.

— Recebi sua mensagem.

— Ah, bom.

Ela não adiantou muito mais, e ele sentiu que tinha que dizer: — Você me pediu para ligar.

— Eu sei, eu sei. Cherry está com você?

— Não, ela foi até a loja de vinhos.

Ela ficou em silêncio, e ele percebeu que soara um pouco esnobe: loja de vinhos. Mas não era só isso; era como se ela estivesse reunindo coragem para dizer algo.

— Encontrei você no Facebook.

— Ok.

— É muito difícil para mim dizer isso... mas sinto que preciso. — Ela fez uma pausa. — Sua mãe veio me ver outro dia. Ela me disse algumas coisas que não gostei de ouvir...

Daniel podia sentir que estava ficando irritado, e deve ter bufado ou coisa assim enquanto Wendy continuava: — Sei o que está pensando. Ela está pegando no pé de Cherry. E pega, de

certa maneira, mas... Ah, Deus... — Wendy inspirou profundamente. — Essa é provavelmente a pior coisa que já fiz, mas... tem uma boa chance da sua mãe estar certa.

Ele achou que sabia do que ela estava falando, mas perguntou mesmo assim.

— Certa sobre o quê?

— Ah, meu Deus, tenho que soletrar? Já estou me sentindo mal o bastante por dizer isso da minha própria filha... — Ela fez uma pausa. — Cherry não é tão doce e simples como aparenta. Ela quer vencer. Coloca uma ideia na cabeça e quer aquilo. Se essa ideia é uma vida na qual ela não tenha que trabalhar em algum emprego de merda como... um supermercado, então ela fará de tudo para conseguir. E não vai desistir facilmente, é por isso que ela está fazendo da vida da sua mãe um inferno, e não sei dizer onde ela vai parar.

Daniel estava brincando com o garfo na mesa, pressionando os dentes para que o cabo se levantasse. De repente, o garfo caiu no chão.

— Você ainda está aí? — Wendy perguntou.

— Sim.

— Sinto muito em dizer isso, eu não ia falar nada, mas você foi tão gentil comigo. Naquele dia em que fomos todos almoçar. Embora eu tenha estragado seu encontro com Cherry, você foi tão amigável, me fez sentir bem-vinda. Nunca esquecerei isso. De qualquer modo, eu não podia deixar você continuar no escuro. E sei sobre a coisa horrível que sua mãe fez, mas mesmo assim... — A voz de Wendy estava falhando, e Daniel percebeu que ela estava à beira das lágrimas. — Escute. Quando Cherry era criança, lá pelos catorze anos, ela cortou a camisa de uma garota na escola, enquanto a menina estava na aula de educação física. Dois buracos na parte da frente, porque a outra tinha roubado a ideia dela em uma competição na escola. O prêmio era cinquenta libras. A garota nem ganhou, foi Cherry, mas acho que ela estava querendo lhe dar uma lição.

Era uma coisa pequena, uma coisinha estúpida que uma adolescente faria. Então por que aquilo fez seu sangue gelar?

— Bem, acho que já falei o bastante, então vou desligar. Sinto muito, Daniel. Sinto que isso é, em parte, minha culpa. Como se eu não a tivesse criado bem ou coisa assim... Até mais. — E desligou.

Daniel colocou o celular na mesa e encarou o ambiente, sem entender. De repente, a fresta indesejável que sua mãe tentara teimosamente abrir em seu relacionamento tinha se ampliado. Ele não sabia o que fazer com o que Wendy lhe dissera; precisava de tempo para pensar. Ouviu o barulho da chave na porta e deu um salto quando Cherry entrou.

— Australiano. “Saboroso e poderoso, com intensos toques...” O que foi? — Ela levantou os olhos do rótulo.

— Nada — ele a tranquilizou rapidamente.

— Alguma coisa aconteceu.

Ele sorriu e estendeu a mão.

— Posso abrir?

Ela o observou enquanto entregava o vinho, e ele podia ver que estava pensando se devia ou não pressioná-lo; ficou feliz por aquele ser um jantar de reconciliação e ela recuar. Intimidá-lo

não estava no cardápio. Ao mesmo tempo, ele estava perturbado pelo instinto poderoso, quase de sobrevivência, de que precisava guardar o que lhe havia sido contado em segredo. Daniel serviu vinho para ambos, enquanto Cherry servia o jantar. Estava delicioso, mas a conversa não engatou. Os dois estavam cautelosos, incapazes de relaxar, e Cherry reclamou da volta da dor de cabeça. Comeram rapidamente e acabaram na frente da tv. Às dez e meia, nenhum dos dois via motivo para continuar ali, e então foram ao banheiro, um de cada vez, e depois para a cama.

— Gostaria de ler seu livro? — Daniel perguntou, e Cherry soube que era o que ele queria fazer. Queria escapar para qualquer outra coisa que não fosse aquela noite.

— Na verdade, acho que vou dormir — ela falou, apagando a luz do seu lado. — Mas você pode ler.

Ele leu por quase dez minutos antes de desligar a luz. Enquanto estava deitado na cama, Daniel sentiu que ela ainda estava acordada. Chamou seu nome baixinho uma vez, mas ela não respondeu.

Assim que o ouviu ressonar, Cherry permitiu que sua mente trabalhasse. Sabia que rachaduras estavam aparecendo. Algo acontecera naquela noite, algo que o mantinha afastado dela. Algo o deixara com suspeitas. Rachaduras tinham o hábito de aumentar, se aprofundar, mais rápido do que se podia contê-las. Ela tinha que resolver isso logo, ou ele cairia fora.

CAPÍTULO 52

SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO

Laura ouviu quando a correspondência foi jogada pelo vão da porta. Como sempre, ela se aproximou com algum receio, mas tudo parecia bem comum. Um monte de propagandas de vendedores de blusas de caxemira e investimentos no exterior. Ela folheou tudo aquilo e parou em um envelope cor de creme, caro, tão grosso quanto o papel dentro. A campainha tocou antes que tivesse a chance de abrir a correspondência, e ela se pegou espiando pela janela do hall de entrada, ciente de que se comportava como uma velhota tímida. Eram os empreiteiros que tinham vindo consertar o vazamento na janela. Ela lhes preparou um chá, enquanto eles asseguravam que tirariam o vidro até o final do dia e, com sorte, colocariam de volta no dia seguinte. Assim que foram para o jardim, ela levou a correspondência para a tranquilidade da sala de estar. Abriu primeiro o envelope grosso.

Cara sra. Cavendish, Escrevo em nome de Howard Cavendish, meu cliente. Ele sente que muito tempo já se passou desde que discutiram a questão do divórcio sem que a senhora enviasse alguma correspondência detalhando seu pedido para começar os procedimentos. Ele ainda é muito receptivo a que você inicie os procedimentos, em vez dele, mas isso deve acontecer em catorze dias ou eu serei obrigado a entrar com uma petição na corte. A fim de facilitar o processo, recomendo, se ainda não fez isso, que consiga aconselhamento jurídico independente.

Ansioso em ter notícias suas a tempo.

Alastair Lloyd-Edwards

Laura largou a carta na mesa de centro. Quem se importava com quem se divorciava de quem? O relacionamento tinha acabado, e ninguém parecia notar ou pensar que fosse uma coisa importante. Ou talvez não fosse, não para Howard, por causa de Marianne. Talvez o casamento deles não importasse há anos. De repente, ela ficou cansada e soube que não perderia tempo em responder. Tampouco estava trabalhando muito, vagamente ciente de que isso combinava com o plano de Cherry contra ela, mas, desde o cancelamento do programa, perdera toda a energia.

Ela não estava dormindo bem à noite, sua pele estava pálida, tinha olheiras. Tinha medo de sair. A comida era entregue pelo supermercado. Quando as cartas caíam no chão, aquilo a assustava, e ela se aproximava como um animal cauteloso, com medo do que poderia ser. E então houve a visita noturna de Cherry. Laura se perguntou quanto tempo ela teria ficado parada

lá, e o que estava procurando, o que estava planejando. Quando Izzy telefonou pela primeira vez para vez como ela estava, ficou tão zangada que ameaçara ligar para a polícia de lá mesmo, mas Laura sabia que teria uma resposta similar à que já recebera. Não podiam fazer nada até Cherry fazer alguma coisa. Laura percebeu que estava esperando que algo acontecesse e que aquilo a estrangulava lentamente. Tinha que fazer alguma coisa. Tinha que ver Daniel. Laura pegou a bolsa e o casaco e saiu.

Ela se aproximou das portas duplas com a placa “Cardiologia”, apreensiva. Uma jovem enfermeira negra estava atrás do balcão.

— Posso ajudá-la?

— Estou aqui para ver o dr. Cavendish.

— Ele está em cirurgia.

— Ah, certo. Quando... quando deve acabar?

A enfermeira olhou para o relógio.

— Difícil dizer. Pelo menos mais duas horas.

Seu rosto ficou desanimado.

— Algo mais que eu possa fazer?

— Não, está tudo bem. Volto depois, então.

Laura saiu rapidamente antes que lhe fizessem mais perguntas. Tinha pavor de hospitais desde o acidente de Daniel, mas se resignou com a espera. Os minutos passavam com uma lentidão excruciante, e ela ficou na cafeteria por quarenta e cinco minutos e então pensou: *E se Cherry vier encontrá-lo depois do plantão? E se ela vier aqui?* O estômago de Laura se contraiu e ela se levantou de um salto. Perambulou pela loja de caridade, cheia de roupas tricotadas por benfeitoras bem-intencionadas, depois pela loja de presentes, cheia de balões metalizados em bastões, e por fim pelo minimercado. Por volta das três e meia, voltou até a ala.

— O dr. Cavendish já está liberado? — perguntou para a mesma enfermeira, que levantou os olhos e acenou com a cabeça na direção do fim do corredor.

Ele estava absorto em uma conversa com alguém e não a viu a princípio, então ela aproveitou a chance para observá-lo sem ser notada. Era a primeira vez que o via de uniforme, e seu coração se encheu de orgulho. Então ele levantou o olhar.

Ela não sabia se ele estava satisfeito em vê-la ou não. Primeiro, achou ter vislumbrado alívio, alegria, mas sua expressão ficou séria antes que pudesse ter certeza. Ele se aproximou.

— Mãe, o que está fazendo aqui?

— Vim ver você.

— Estou trabalhando.

— Sim, eu sei, mas acho que não posso ir ao apartamento, posso? — Laura tentou conter a ansiedade. — Eu... eu deixei uma mensagem ontem. Várias, na verdade.

Ela viu um clarão de culpa. Ele a puxou para longe do balcão da enfermagem, consciente das fofocas e dos olhares atentos.

— Sinto muito. É só que... tem acontecido muita coisa. — Ele fez uma pausa. — Wendy

entrou em contato.

Ela o olhou, chocada.

— O que ela disse?

A enfermeira chamou o nome dele. Daniel se virou.

— Estou indo. — Ele encarou a mãe de novo e abaixou a voz. — Não posso conversar aqui.

— Posso esperar até seu intervalo.

— Será só em cinco horas, e nem sempre consigo parar.

Vendo sua expressão desolada, ele cedeu.

— Passo na sua casa.

— Quando?

— Não sei...

— Depois do plantão.

— Vai ser tarde.

— Não importa. Mas telefone antes — ela falou rapidamente, sabendo que estaria escuro quando ele batesse na porta.

— Ok, vou tentar.

— Promete?

Ele a segurou pelo braço e a levou até as portas duplas. Ela parou e se virou para ele, implorando.

— Por favor?

Ele ficou surpreso com a emoção em sua voz.

— Ok. Agora vá para casa e tente descansar um pouco. Parece exausta.

Laura partiu e, no caminho para casa, descobriu que estava tremendo. Estava tão agradecida, tão feliz por ter falado com o filho de novo, e isso a fez sentir o quanto sentira sua falta. E Wendy entrara em contato. Laura estava apreensiva com o que a outra mulher dissera, mas Daniel não parecia mais zangado com ela, então talvez algo de bom tivesse saído daquela visita desastrosa. O problema com Cherry ainda estava muito presente, mas ela deixou tudo de lado e se concentrou nas pequenas coisas boas. Daniel estava disposto a encontrá-la. Talvez começasse a acreditar nela.

CAPÍTULO 53

SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO, 22H39

— Oi, mãe. Estou indo para casa trocar de roupa. Então, se ainda quiser conversar, passo aí. Mas, se estiver dormindo, não se preocupe. Também estou bem cansado e sempre podemos fazer isso amanhã. Vou esperar meia hora, e se você não me retornar, vou presumir que foi para a cama. — *Para ouvir a mensagem novamente, pressione dois. Para salvá-la, pressione...*

Ela não atendera a ligação dele. Furiosa consigo mesma, Laura verificou quando a mensagem chegara. Só vinte minutos atrás, graças a Deus. Retornou a ligação imediatamente, amaldiçoando-se por ter dormido e não ouvir o telefone. Ela voltara do hospital e tentara se manter ocupada; então, com o passar do dia, começou a ficar mais ansiosa. E se ele mudasse de ideia? E se Cherry ligasse com alguma desculpa para ele ir direto para casa? Quando a noite chegou, ela tentou se distrair lendo alguma coisa, mas, depois de um tempo, o peso das noites de insônia foi demais, e ela caiu em um sono profundo e sem sonhos. Ela se levantou do sofá e caminhou pela sala, ouvindo. Cada toque fazia seu coração afundar ainda mais, e então a ligação caiu na temida caixa postal.

— Daniel, perdi sua ligação. Ainda quero vê-lo. Você disse que ainda estaria acordado... Por favor, pode vir até aqui? Talvez esteja no banho ou algo assim... Me avise. Vou esperar acordada, então não se preocupe que seja tarde.

Ela desligou e subitamente foi inundada por uma sensação de isolamento. Olhou o relógio. Eram dez e quarenta e três. Ainda havia tempo. Ela tentou se acomodar diante da TV. Depois de dez minutos, levantou-se e fez uma xícara de chá, colocando o celular no bolso da calça; não queria perder outro telefonema. Enquanto aguardava que a chaleira fervesse, percebeu que Moisés não estava em casa. Abriu as portas biarticuladas e, parada em segurança na claridade, mas ainda dentro da cozinha, bateu o pratinho de comida dele. Ele não veio correndo. Em vez disso, ela ouviu um miado fraco e sentido vindo de algum lugar no fundo do jardim.

— Moisés? — ela chamou, e ele respondeu com um miado. Algo estava errado.

Ela tinha que ir buscá-lo. Olhou para o jardim escuro e amaldiçoou o gato. Ao acender as luzes de fora, conseguia ver o caminho pelo gramado, as barreiras de plástico dos empreiteiros, a cascata de aço inoxidável, mas nada nas sombras da outra extremidade, onde Moisés miava.

Laura decidiu fazer aquilo o mais rápido possível. Foi para fora, e o frio da noite a envolveu. Seguindo pelo jardim com mais coragem do que sentia, ela manteve a mente focada em sua tarefa, chamando Moisés até que conseguiu localizar seus miados. Foi só quando chegou ao

fundo do jardim, onde as árvores cobriam a cerca, que ela o viu, ou melhor, viu sua pata atravessando um pedaço de cerca rompida, tentando abrir espaço para conseguir passar.

Laura se inclinou para conseguir ver melhor. De algum modo, um pedaço fora deslocado, mas balançava e fechava o buraco cada vez que Moisés tentava movê-lo. As raposas deviam ter feito aquilo, Laura pensou, já que o buraco tinha poucos centímetros de largura e ela as vira entrando no jardim pelos fundos.

— Não se preocupe. Vou tirar você daí — ela falou e empurrou o pedaço de cerca para o lado, mas, por algum motivo, ele não passou.

— Vamos, vamos logo — Laura podia sentir as sombras que começavam a cercá-la, e queria voltar para casa, mas Moisés ainda não tinha se movido.

— Qual o problema? — Ela perguntou, seus cabelos arrepiando-se na nuca. Ela se virou para olhar a casa e, de repente, ela pareceu muito distante, do outro lado de uma grande extensão de jardim que teria que atravessar. Nas laterais, fora do alcance das luzes, ainda estava escuro, e ela não conseguia ver nada. Enfiou a mão pela cerca e tentou agarrar Moisés pela parte de trás do pescoço, mas ele estava relutante em se deixar pegar. Por fim ela conseguiu. Então colocou-o em seu ombro, onde ele começou a ronronar descontroladamente. Laura olhou para a porta aberta da casa com a luz que saía da cozinha. A brisa tinha aumentado, e as árvores farfalhavam atrás dela. Ela estremeceu. Assim que começou a correr, sentiu como se alguém a perseguisse. Agarrou Moisés e se ouviu gemer, sem ousar olhar ao redor. O medo pinicava sua pele, aumentando de intensidade enquanto ela corria pelo jardim, até que finalmente entrou em casa e fechou a porta. Tentou freneticamente virar a chave, mas suas mãos escorregavam. Solto Moisés; então, com as duas mãos, conseguiu rodar a chave e ouvir a tranca. Quase sem fôlego, espiou pela janela. Não havia ninguém.

O celular bipou em seu bolso, assustando-a. Era uma mensagem de Daniel. “Desculpe. Estava no banho. Estou indo agora.”

Ah, graças a Deus. Ela quase gritou de alívio.

— Daniel está vindo, Moisés. — Ela odiava ficar em casa sozinha. Estava ficando tarde e seria ainda mais tarde quando ele chegasse; talvez conseguisse convencê-lo a passar a noite ali. Ela mandou uma resposta rápida, então voltou para a sala e se sentou na beira do sofá, esperando-o chegar. *Daniel estava vindo*. De repente, ela foi tomada por uma sensação de quase euforia. Ainda estava com o celular na mão. Seria tarde demais para ligar para Izzy? Decidiu tentar.

— O que aconteceu? — A amiga atendeu rapidamente.

— Ah, nada, nada. Desculpe, sei que é tarde, mas nada de ruim aconteceu. Na verdade, é o contrário. Daniel está vindo aqui conversar. Eu o vi no hospital hoje, e ele disse que passaria aqui depois do plantão.

— Ah, querida, isso é ótimo. Já não era sem tempo.

— Eu acho... acho que ele está ficando um pouco desconfiado ou algo assim. Percebeu que nem tudo é o que parece com Cherry.

— *Sério?* Como você sabe disso?

— Algo que ele deixou escapar no hospital.

Izzy deu um suspiro profundo.

— Aleluia.

— Eu sei — Laura falou baixinho. — Eu sei.

Depois que se despediram, Laura ficou mudando os canais da TV para passar os poucos minutos até que ele chegasse. Os programas policiais e os filmes da década de 1990 não ajudavam em nada sua sensação de afastamento, como se todos aqueles com vidas normais e famílias normais há muito tivessem abandonado a TV para os marginalizados e os solitários.

Às onze e vinte e oito, Laura ouviu a campainha. Levantou-se de um salto e rapidamente foi deixá-lo entrar. *Eu nunca quis tanto uma companhia*, ela pensou enquanto abria a porta. Quase no mesmo instante em que fez isso, soltou um grito de susto, mas Cherry já tinha entrado e batido a porta atrás de si. Laura recuou, trombando na mesa do hall de entrada.

— O que você está fazendo aqui? — conseguiu dizer.

— Sei que não era eu quem você estava esperando — Cherry respondeu, colocando a bolsa na mesa como se morasse ali. Laura observava, o coração acelerado, enquanto tentava adivinhar o que Cherry estava fazendo, e viu que ela parecia relaxada, pragmática, como se visitar alguém àquela hora da noite fosse algo comum para ela.

— Onde está Daniel?

Cherry não respondeu, apenas a olhou de um jeito estranho, e de repente Laura teve um arrepio de medo.

— O que você fez com ele?

Cherry balançou a cabeça, divertindo-se com a imaginação ativa de Laura.

— Nada! Mas essa atitude é algo sobre que realmente precisamos conversar. — Ela ergueu a mão e começou a se sentir bem irritada. — Vou falar sem rodeios. Você é muito, muito desconfiada. Estou cansada disso. Se tivesse me dado meia chance, teria descoberto que não sou tão ruim assim.

Cherry pensou que Laura parecia agitada, até assustada, e por um momento teve um ímpeto de satisfação, antes de se controlar. Estava ali para tentar resolver aquilo. Laura não merecia, mas ela estava disposta a abaixar as armas. Pensara muito nos últimos dias e, honestamente, a vida seria muito mais fácil se não tivesse que continuar com aquela vingança. Achava que já tinha feito o bastante para lhe dar uma lição e, se Laura recuasse, ela estava preparada para esquecer tudo aquilo. Perseguir Laura fora satisfatório no início, mas consumia muito tempo, e parecia que estava domando um cavalo. Quanto mais a mulher queria enfrentar, pelo amor de Deus?

Essa benevolência lhe dava uma sensação boa, de estar fazendo a coisa certa. Tinha chegado àquela conclusão depois de um dia de espera, reflexão e inação — e ficara entediada e irritada pelo fato de ter perdido o controle da situação por um tempo. Daniel tivera um plantão até tarde naquele dia, e isso lhes deu a chance de tomarem o café da manhã juntos. A atmosfera fora de amabilidade forçada, e nenhum dos dois mencionou a noite anterior, embora Cherry estivesse decidida a descobrir o que abalara a confiança implícita dele, o que o fizera se comportar de maneira dissimulada perto dela. Instintivamente, sabia que se fizesse uma pergunta direta, ele fingiria não saber do que ela estava falando. Tinha descartado a ideia de que ele tivesse encontrado algo que a incriminasse — ela era cuidadosa, tão cuidadosa que nada existia além de suas esperanças e sonhos, dos planos em sua mente. De todo modo, ela era uma pessoa honesta e

genuína. Podia amá-lo, apoiar a carreira dele, cuidar da casa e dos filhos. Não, o que precisava era olhar seu celular. Devia ser a fonte mais provável, já que ele estava bem até ela ir buscar o vinho. Ele devia ter falado com alguém ou ouvido alguma coisa de alguém enquanto ela estava fora. Esperando para fuçar enquanto ele estivesse no banho, irritou-se quando viu que ele tinha levado o celular para o banheiro, para poder ouvir músicas. Ele não se separou dele por mais do que um minuto, talvez dois, e depois disso já estava lhe dando um beijo de despedida e deixando o apartamento, levando a fonte de informações com ele.

Sentou-se pesadamente no sofá cor de limão, pela primeira vez confusa, e percebeu que teria que esperar até que ele voltasse para casa, para forçar uma situação na qual ele ficasse longe do telefone e ela pudesse verificá-lo sem ser pega. Xingou-se por não pensar nisso antes — agora teria que desperdiçar um dia inteiro. A fim de chamar sua atenção, ela lhe mandou uma mensagem, algo sugestivo, brincalhão e provocador, que mandava sinais de que ela estava alheia à sua suspeita e morrendo de vontade de transar. Com sorte, isso o distrairia ou o traria para casa o mais rápido possível para que ela pudesse dar uma olhada naquele celular.

Cherry passou o dia inteiro esperando, pensando, planejando como pegar o celular, e praticando como lidaria com o resultado. Havia uma boa chance de Laura ter ligado, e ela mantinha conversas imaginárias com Daniel enquanto andava pela sala, aflita, mas calma.

— *Daniel, não sei o que dizer. Sabemos que ela pretende me afastar de você. Não acha que ela é um pouco... não sei como dizer isso... obsessiva?*

Ela também treinava sua reação magoada às acusações, tanto que começava a acreditar em suas próprias negativas. Era um bom sinal. Nos intervalos, presenteava a si mesma com alguns sites de casamento, começando a planejar onde seria, o que usaria. Não era tão divertido quanto deveria, já que não ficaria totalmente relaxada até que as coisas com Daniel voltassem aos trilhos.

Quando ele chegou em casa, Cherry foi até a porta recebê-lo, pegando solícita sua bolsa e massageando seus ombros.

— Isso é gostoso — ele falou de maneira apreciativa, girando o pescoço, mas não ficou ali muito tempo e foi até a cozinha pegar uma bebida. — Eu disse que iria ver minha mãe essa noite. Se não for muito tarde para ela — ele comentou enquanto enchia um copo de água.

Era um dos cenários que ela previra.

— Já são quase dez e meia — Cherry falou, fingindo surpresa, mas sem amargura, com cuidado para não afastá-lo. Pela primeira vez desde que chegara, ele a olhou nos olhos, e ela manteve a aparência de indiferença.

— Eu sei. Ela deve estar dormindo. Deixei uma mensagem pedindo para ela me ligar se ainda estivesse acordada. — Ele lhe deu um beijo rápido. — Vou só tomar um banho — e foi para o banheiro, mas dessa vez deixou o celular no balcão da cozinha. A animação ardeu dentro dela, mas Cherry esperou até ouvir a água correndo, e estava prestes a pegar o celular quando ele começou a tocar. Assustada, ela afastou a mão. “Mãe” estava escrito na tela. Cherry deixou que os toques parassem, e então veio o bipe que dizia que havia mensagem. Ela pegou o telefone e ligou para a caixa de mensagens de Daniel.

— Daniel, perdi sua ligação. Ainda quero vê-lo. Você disse que ainda estaria acordado... por

favor, pode vir até aqui? Talvez esteja no banho ou algo assim... Me avise. Vou esperar acordada, então não se preocupe que seja tarde.

Cherry não queria que ele fosse até lá. Precisava de mais tempo, sem que nada acelerasse o pavio que já queimava rápido. Pressionou “3” para apagar e depois excluiu a mensagem de texto que dizia que havia uma mensagem de voz. Na sequência, olhou o histórico de chamadas. A ligação de Laura estava listada no alto, e, com alguns gestos, ela a apagou. Rolou a tela para baixo, para ver as outras ligações de quem supunha serem colegas de trabalho, Will, o pai dele, e então ela viu. Não estava listado com o nome, mas com o número completo. O único que ela sabia de cor, já que tinha morado ali. O telefone da casa de sua mãe. Daniel e sua mãe tinham conversado às oito e trinta e sete da noite anterior. Rapidamente ela recapitulou. *O horário exato em que saíra para comprar o vinho.* Seu coração estava acelerado. Então ele sabia tudo, ou pelo menos o suficiente. Era por isso que mal a olhara nos olhos quando ela retornara, e por isso estava distraído e distante. Também era por isso que iria se encontrar com Laura naquela noite.

Só que ele não iria, ela lembrou a si mesma rapidamente. Tinha apagado a mensagem. Cherry com frequência descobria que seu cérebro era ótimo sob pressão; sentia um burburinho físico ao resolver problemas contra o relógio, e naquela noite não foi diferente. Na verdade, naquela noite ela estava inspirada, genial, e, principalmente, sentia o que *era exatamente a coisa certa a se fazer.*

Ela iria se encontrar com Laura.

Cherry sentiu uma sensação estranha de fatalidade, como se, ao reconhecer o que fazer, tivesse dado início a uma sequência de acontecimentos. Ainda não sabia quais eram, mas de algum modo sabia que teria sua resposta.

Mas tinha que se preparar, e rápido. O chuveiro tinha sido desligado, e ele estaria vestido em um minuto. Ela vasculhou a cozinha e, pegando duas fatias de pão, cobriu-as com maionese e colocou algumas fatias de rosbife. Encheu um copo de água e colocou tudo no balcão, bem quando ele voltou.

— Espero que esteja com fome. Achei que um lanche seria rápido, em especial se você for ver sua mãe.

Ele pareceu tocado pela consideração dela.

— Obrigado. Meu telefone tocou?

Ela negou com a cabeça. Daniel olhou o relógio da cozinha. Eram onze e cinquenta da noite.

— Eu disse que daria meia hora para ela. Vou comer. Se ela não ligar, provavelmente é porque caiu no sono.

Cherry observou atentamente enquanto ele devorava o sanduíche. Depois que terminou, bateu palmas e alongou os braços, livrando-se do cansaço do dia. Então pegou o telefone mais uma vez, e Cherry segurou a respiração, perguntando-se se ele ligaria para Laura. Mas ele guardou o aparelho.

— Preciso dormir também. Amanhã tenho plantão às seis da manhã.

— Não se culpe — Cherry falou, colocando o prato dele na lava-louças.

— Desculpe. Não fiz muita companhia para você hoje, não é? — Ele bocejou, uma onda imensa de exaustão que o pegou de surpresa.

— Vá para a cama — Cherry falou com severidade. — Vou me juntar a você em um minuto. Só vou arrumar isso. — Ela começou a encher a lava-louças com sabão em pó.

Ela demorou de propósito e, quando foi até o quarto, ele estava, para satisfação dela, dormindo. Cherry parabenizou-se pelo sanduíche. Tinha acrescentado meio comprimido de zipiclona, sobra da época da “morte” de Daniel, quando ela pensara que tinha perdido tudo e estava com dificuldade para dormir. Meio comprimido seria suficiente para colocá-lo em sono profundo, mas não poderoso o bastante para que deixasse sinais reveladores na manhã seguinte.

Ela esmagou o comprimido e espalhou-o no rosbife e na maionese com alho, o que ajudou a disfarçar o gosto fraco. Só estava faltando mais uma coisa... Ela pegou o celular de Daniel, que estava carregando em cima do balcão, enviou uma mensagem e depois apagou da caixa de enviados: “Desculpe. Estava no banho. Estou indo agora.”

— Acho que é hora de resolvermos essa nossa... diferença de opinião — Cherry começou a falar com tato.

Laura apenas a encarava, parecendo um pouco imbecil, para ser sincera. Aquilo fazia Cherry se sentir bem, até honrada, por estar preparada para oferecer a bandeira branca.

— Em vez de continuar tentando me afastar, e de eu ficar... retaliando — ela viu Laura enrijecer o corpo a esse reconhecimento sutil de seus planos —, por que não paramos antes que isso saia do controle?

O que havia de errado com ela? Por que ainda a encarava como se tivesse sofrido uma lobotomia ou algo assim? Era claro que Cherry teria que soletrar. Ela avançou e viu Laura encolher.

— Pare de ficar tão assustada. Eu só gostaria de me sentar, é tudo. — Ela levou Laura até a sala de estar e relaxou no sofá. Laura ficou parada ao lado da porta.

— Suponho que seja muito pedir uma bebida? Ah, não se incomode. Deixe-me apenas dizer o que vim aqui dizer. Realmente tentei muito, Laura, me encaixar, ser uma boa pessoa, a namorada ideal para Daniel. — Lembrando-se de algo, ela olhou pela sala e deu uma risada. — Eu estava tão nervosa no dia em que vim para a ceia, na primeira vez que nos vimos, e tudo o que você fez foi fazer eu me sentir ainda mais uma estranha. Eram Daniel e você, sem espaço para mais ninguém. Mas não sou uma estranha, não mais, e você simplesmente não vê isso. Mas estou pronta para esquecer tudo isso. Devemos ser amigas. Eu *quero* que sejamos amigas.

Depois de um tempo, Laura falou.

— Você é louca?

Cherry olhou ao redor da sala, como se pensasse que ela estava falando com mais alguém.

— Não. Eu realmente não sei o que fiz para você desgostar tanto assim de mim.

Incrédula, Laura abriu a boca para falar, mas Cherry sabia o que ela diria, e isso a irritou.

— Ah, eu sei, o cachorrinho, a carta para Marianne, embora ele tenha decidido se divorciar de você por conta própria — ela acrescentou, maldosa. — Mas essas coisas foram *depois* que você foi tão cretina comigo. Aquela mentira foi... imperdoável.

Laura se encolheu.

— Não dá para argumentar contra isso, não é? Eu só estava lhe dando um gostinho do seu próprio remédio. — Cherry se levantou e foi até a cozinha. O aposento estava imerso nas sombras, iluminado apenas pelas luzes do armário.

— Vou ter eu mesma que pegar uma bebida? — Ela suspirou, tirando uma garrafa de suco da geladeira.

Laura a olhou com cautela, mas não falou nada. Viu seu celular onde o deixara e se perguntou se conseguiria pegá-lo e ligar para a polícia sem ser notada. Mas certamente Cherry escutaria a ligação sendo atendida, e Laura não tinha muita certeza de seu estado mental. Sabia que provavelmente devia estar tentando falar com ela, argumentar ou algo assim, mas estava muito nervosa; não sabia com o que estava lidando. Ela lentamente abriu um armário, pegou um copo e deslizou-o pelo balcão. Cherry pareceu agradavelmente surpresa.

— Obrigada. Veja... não é tão difícil. Ser gentil. — Ela se serviu de um pouco de suco. — Você está fazendo a vida de Daniel impossível também, sabia? — Ela viu os olhos de Laura se avivarem com a menção ao filho e suspirou impaciente. — Ele não sabe que estou aqui, e não está atualmente em condições físicas de vir para cá. Ele está *dormindo* — acrescentou ao ver o olhar alarmado de Laura —, e provavelmente não despertará durante algum tempo.

— O que você fez com ele? — Laura perguntou, zangada.

Cherry parou o copo a meio caminho da boca.

— Sabe, você devia se escutar de vez em quando. Ele é um homem adulto. Não precisa da mamãe interferindo em sua vida. — Olhou para Laura. — Formamos um belo casal, ele e eu. Sou uma boa pessoa; não fiz nada errado; trabalhei *duro* por isso.

— Então você admite? — Laura perguntou baixinho.

— O quê?

— Que armou para ficar com Daniel. Que ficou com ele pelo que ele tem.

Cherry bateu o copo na mesa com raiva. Essa mulher era tão tacanha, não estava preparada para ver as coisas do ponto de vista dos outros. Não gostava do fato de que ela queria se dar bem, melhorar. Cristo, pessoas pobres *podiam* pensar em dinheiro, embora não tivessem nenhum.

— Ah, pelo amor de Deus. — Ela foi até a porta dos fundos e olhou para fora. Estava escuro, mas as luzes do jardim tinham sido deixadas acesas.

Nervosa, Laura a observou e, incapaz de se conter mais, soltou todo o medo e a preocupação represados. Sua voz falhava.

— Você diz que é uma boa pessoa... Nunca ouvi nada tão ultrajante na minha vida. Você é uma mentirosa, conspiradora e manipuladora. Só está interessada em uma coisa: o que pode conseguir para si mesma.

Os ombros de Cherry ficaram tensos.

— Não...

— Você não passa de uma parasita egoísta...

— Não, não sou.

— ... e meu filho deu o azar de estar no lugar errado, na hora errada, quando entrou naquela imobiliária...

— Pare! — Cherry colocou as mãos sobre os ouvidos.

— ... e você está sistematicamente arruinando a vida dele. Até sua mãe tem vergonha de chamá-la de filha...

— CALE A BOCA!

O grito de Cherry ficou no ar e, por um instante, nenhuma delas falou nada. Cherry tentou conter a respiração, controlar o impulso de voar no pescoço de Laura, arrancar a expressão pretensiosa e crítica do rosto daquela mulher privilegiada. Concentrou-se no jardim, medindo as respirações e obrigando-se a controlar a fúria que ameaçava tomar conta dela. Tremendo, seus braços ficaram tensos e ela apertou as mãos. De repente, foi tomada por uma tristeza, uma sensação de derrota que ameaçava desestabilizá-la. Oferecera sua amizade para Laura, seu respeito, até desejara formar um laço mãe e filha, e o que tivera em retorno? Rejeição e hostilidade. *Ela nunca se encaixaria*. Angustiada, apoiou as mãos contra a janela, e foi então que viu. Bem no meio do gramado. Olhou mais uma vez, com cuidado, só para ter certeza de que não tinha se enganado. Estava definitivamente vazio; o painel de vidro se fora. Ela se virou.

— Laura, sinto que ainda se sinta assim, mas não acho que entenda o que estou tentando dizer... Daniel e eu nos amamos. — Antes que Laura pudesse protestar, ela colocou a mão na maçaneta. — Importa-se se eu for tomar um pouco de ar fresco? Estou achando tudo isso um pouco estressante.

Ela destrancou a porta biarticulada e dobrou a primeira parte. Então deu um passo até o pátio. Estava frio, mas a baixa temperatura aguçava ainda mais sua mente, e havia algo na escuridão que deixava seus nervos vivos com o momento.

Laura a observou com cautela, o coração martelando contra a caixa torácica. No mesmo instante em que terminou seu discurso, arrependeu-se de sua impulsividade. A calma de Cherry era inquietante, e agora ela estava no jardim. O que devia fazer? Pensou na possibilidade de fechar a porta e trancá-la, mas Cherry ainda estava perto demais. Podia se virar e colocar o pé na porta — não, ela nunca conseguiria fechá-la a tempo. Deu um passo adiante, meio pensando que esse gesto faria Cherry avançar também, entrando mais no jardim e se afastando da porta.

De repente, Cherry se virou e abriu a porta completamente.

— Venha, está uma noite agradavelmente clara — ela falou, gesticulando para que Laura saísse.

Laura pensou por um momento. Se seguisse Cherry lá fora e conseguisse que ela avançasse o bastante no jardim, enquanto mantinha distância suficiente, poderia, talvez, correr de volta para casa e trancá-la lá fora. Deixou a casa e foi para o jardim, e Cherry começou a caminhar pelo gramado.

Era como um milagre, Cherry pensou, como se estivesse destinado a ser. Aquele buraco, bem no meio do jardim. *Laura poderia sofrer um acidente*. Era o tipo de coisa que podia acontecer com facilidade, mesmo se Cherry não estivesse ali. Ela sabia que tinha que deixar Laura zangada de novo, como quando ficara nervosa, descuidada.

— E se você me oferecesse algo para me manter longe de Daniel? — Cherry avançou um pouco mais em direção ao buraco no chão enquanto falava. Não rápido demais. Passos pequenos, pequenos. Sorriu para si mesma quando ouviu que Laura a seguia.

— Quer dinheiro? — Laura perguntou, sem fôlego com o ultraje. — Dinheiro para ficar longe

de Daniel? Você deve ser louca. Eu pago para você e depois você diz para ele que foi tudo minha ideia? Acha que sou estúpida?

Não, não estúpida, Cherry pensou, *apenas maravilhosamente distraída*. Ela andou um pouco mais, como se estivesse apenas pensando no que Laura dissera.

— Eu não faria isso. Eu iria embora e nenhum de vocês me veria de novo. — Ela chegou o mais perto que se atrevia sem causar suspeitas. Laura estava bem perto agora, há poucos metros de distância. Agora precisava circundá-la, ficar por trás dela. Então correria em sua direção, para que ela cambaleasse para trás e sofresse o acidente. Um tropeço inesperado e uma queda trágica no porão lá embaixo. Então Cherry voltaria para casa e iria para a cama. Acordaria com Daniel e esperaria as notícias, e não teria que encostar um dedo nela. Começou a manobrar ao redor de Laura. — Ou eu poderia dizer para Daniel que não está dando certo, que eu conheci outra pessoa.

O estômago de Laura se revirou.

— Não. Não faça isso. Simplesmente vá embora.

— Vamos dizer cem mil. Não, duzentos. Isso é troco para você.

— Por favor. Estou pedindo. Simplesmente vá embora da minha casa.

— Se eu desaparecer, essa onda de azar deve parar. Qual o valor disso, Laura?

Agora Laura estava tremendo, implorando.

— Deixe-me em paz. Você diz que quer que sejamos amigas... é isso o que eu quis, no início. É o que eu *tentei* fazer.

Agora Cherry estava quase atrás de Laura. Tudo o que tinha que fazer era se mover um pouco mais na direção da casa e estaria na posição certa. Não podia andar; teria que mover um pé após o outro, sem ser vista, enquanto falava. Movimentos minúsculos, indetectáveis. Começou a se inclinar para trás, tentando conseguir impulso.

CAPÍTULO 54

SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO, 23H46

Daniel gemia, ainda dormindo, e virava o rosto de um lado para o outro.

— Vá embora — ele murmurou, mas Rufus continuou lambendo-o. Em algum lugar no fundo de sua inconsciência, ele sabia que era o filhote, mas não conseguia acordar. Também estava bem consciente desse fato, e isso o fazia lutar contra o sono, então se obrigou mentalmente a atravessar a névoa em sua mente.

Mesmo quando deitou no travesseiro, pestanejando na escuridão, não tinha certeza se estava sonhando. Rufus estava satisfeito em vê-lo acordado, mas a cabeça de Daniel latejava. Ele se sentia grogue, e podia sentir que escorregava entre estar desperto e dormindo. Talvez estivesse doente ou coisa assim, mas não parecia ser isso — era como se tivesse sido drogado, e não conseguia entender como aquilo era possível. Levou tanto tempo para que recuperasse sua orientação mental e entendesse que estava realmente desperto que não notou a ausência de Cherry por quase cinco minutos. Sem acreditar muito, acendeu a luz da cabeceira. O lado dela estava definitivamente vazio, e, julgando pela arrumação da coberta e dos travesseiros, ela nem fora para a cama. Ele viu a hora no despertador. Eram onze e cinquenta e um. Deus, sua cabeça doía. Tirando os pés para fora da cama, ele cambaleou até o banheiro da suíte, pegou alguns comprimidos na caixa e engoliu-os com um pouco de água. Tentou afastar a nebulosidade, mas isso só fez sua cabeça rodar ainda mais.

Ele se perguntou onde Cherry estaria. Uma luz fora deixada acesa no hall de entrada, mas nada no restante do apartamento. Certamente ela não tinha saído, não a essa hora. Depois de verificar todos os aposentos com o filhote saltitando ao redor, só para verificar se ela tinha adormecido em algum lugar, ele começou a se preocupar e telefonou para ela, mas caiu direto na caixa postal.

— Cherry, onde você está? É tarde, e estou preocupado. Me ligue assim que ouvir essa mensagem.

Ele tentou pensar. Algo definitivamente não estava certo, mas seu cérebro não o deixava descobrir o que era. Pensou em ligar para a polícia, mas primeiro pensou se haveria mais alguém que poderia saber onde ela estava. Havia Wendy, mas, de algum modo, ele duvidava que ela soubesse. Mesmo assim, não havia mais ninguém, então ele pegou o telefone novamente e notou: uma mensagem de texto não lida. Pensando que era de Cherry, ele rapidamente entrou no menu, mas era de sua mãe.

“Ótimo. Vejo você em alguns minutos. Beijos.”

Ele não sabia do que ela estava falando. Fora enviada há quarenta minutos. Daniel lutou para compreender. Ela não respondera ao recado que ele deixara na caixa postal. Então por que parecia estar esperando por ele? Naquela noite? Ele ligou para o telefone dela, mas estava desligado. Estranho. E *onde* estava Cherry? Nada daquilo fazia sentido. Para quem sua mãe estava respondendo? De repente soube a resposta. Encarou o celular, confuso. Cherry tinha ido para lá?

Por quê?

Várias respostas indesejadas vieram, mas nenhuma completamente formada, e todas sinistras. Rapidamente ele pegou o casaco e as chaves e deixou o apartamento. O ar frio estava ajudando, ele pensou, enquanto caminhava pela rua. Então sentiu vontade de correr, embora seu corpo estivesse pesado de cansaço. Sua urgência alimentava o pânico crescente ou era o contrário? Se conseguisse manter esse ritmo, chegaria em cinco minutos. Fora das ruas principais, as calçadas estavam vazias. Luzes de segurança acendiam em casas esporádicas quando ele passava por elas. Quando chegou na casa de seus pais, suas pernas ardiam, e ele soube que tinha tomado algum tipo de droga soporífera. Havia uma única explicação possível para como ele tinha ingerido aquilo, e a percepção o chocou. *Cherry fizera aquilo com ele*. Mas a coisa que o preocupava mais, que agora começava a assustá-lo, era por quê? Ele dobrou a esquina até o número 38 e tocou a campainha. Uma faixa de luz era pouco visível pelas cortinas da janela do corredor à sua direita. Ele se afastou e olhou para as janelas de cima, que estavam escuras e sem vida. Então tocou a campainha de novo, mas desta vez não esperou; em vez disso, pegou sua chave do bolso.

Destrancando a porta, ele entrou, esperando ouvir os sons de sua mãe. Mas estava tudo em silêncio.

— Oi? — chamou. — Sou eu, Daniel.

Não houve resposta. Lentamente ele avançou pela casa, primeiro até a sala de estar. A tv estava ligada, e Moisés estava meio adormecido, deitado preguiçoso no sofá. Depois foi até a cozinha escura. Quase no instante em que entrou, sentiu a brisa gelada, e, do outro lado do aposento, viu que as portas do fundo estavam abertas. No jardim estavam sua mãe e Cherry.

No início ele não entendeu o que elas estavam fazendo. Cherry estava de costas para ele, e sua mãe estava zangada com alguma coisa. Embora ele conseguisse ouvir vozes, não conseguia entender exatamente o que estavam dizendo.

Na escuridão suave, com muros de quase dois metros cercando o jardim, Cherry teve uma sensação de privacidade, de estar encapsulada em sua própria bolha. Seria tão fácil. Ninguém estava por perto. Ela olhou para o céu e fingiu admirar a lua, as nuvens que passavam, mas, na verdade, estava conferindo as janelas da vizinhança.

— Uma lua nova — ela falou com leveza.

Nenhuma luz de nenhum lado, não até onde pudesse ver. Elas estavam completamente sozinhas em um lugar fora do tempo e do espaço. Podia acontecer com tanta facilidade. Laura ir até o jardim, chegar um pouco perto demais do buraco, tropeçar, escorregar e cair. Ela estremeceu. Realmente era muito perigoso, pensou com desaprovação.

Repassou as evidências em sua mente. Cenas de crimes eram uma coisa nova, e teria sido útil pesquisar com antecedência, mas ela vira programas suficientes para saber o que fazer. Daniel estava dormindo, então seu álibi com ele estava garantido. Na casa, ela encostara na campainha, na maçaneta interna da porta dianteira, na porta da geladeira, na garrafa de suco, no copo, na chave e na maçaneta da porta biarticulada. Era isso. Lembrava-se de tudo com a maior clareza e sabia com absoluta certeza que poderia refazer cada passo na exata posição antes de ir embora. Era como se ela estivesse se vendo enquanto se movia, como se realmente não estivesse ali, e outro ser se asseguraria de deixá-la em segurança e livre de vestígios. Ela olhou para as nuvens mais uma vez. Luzes apagadas por todos os lados, cortinas fechadas como se fossem para manter todos propositalmente ignorantes. Nenhum mal nessas ruas de classe alta.

Uma raposa se esgueirou pela cerca dos fundos, passando por uma parte que parecia quebrada. Por um microssegundo, ela se perguntou se seria sua raposa, de Tooting, antes de perceber que era ridículo. Antes que a raposa cruzasse o jardim, Cherry ergueu os braços e, abrindo a boca em um urro silencioso, correu como um animal raivoso na direção de Laura, cujo rosto se contorceu de repente em terror estupefato. Instintivamente ela cambaleou para trás, fugindo do ataque.

— Não! — Uma voz gritou, e Cherry se virou assustada para ver Daniel irrompendo pela porta dos fundos. Perdeu o equilíbrio no mesmo instante em que Laura balançou os braços, em desespero, buscando qualquer coisa que pudesse segurar.

Laura gritava agora. Na verdade, os gritos continuavam a sair de sua garganta; ela estava no chão e sentiu as barreiras de plástico voarem para longe dela. Não queria morrer; *não podia cair*. Balançou os braços com violência, sentindo o peso de Cherry contra si, e empurrou; depois, com as mãos e o rosto na terra, tentou se arrastar na direção da casa, ainda gritando aterrorizada. Então ouviu um baque distante, e Daniel estava com os braços ao redor dela. Soluçando, ela se agarrou a ele, enterrou o rosto nele, sua mente vazia de pavor. Como um animal ou uma criança pequena, ela estava encolhida no colo do filho, aterrorizada de que Cherry estivesse chegando, mas de algum modo ela não chegou. E, conforme os segundos passavam, ela começou a entender o que tinha sido aquele som.

EPÍLOGO

QUINTA-FEIRA, 14 DE JANEIRO

Laura olhava pela janela enquanto o homem da imobiliária colocava uma placa de “vende-se” na frente da casa. Não a Highsmith & Brown, é claro, mas havia vários outros corretores de respeito que estavam ansiosos em lidar habilmente com a venda de sua casa. Nem ela nem Howard queriam ficar ali depois do que acontecera.

Na verdade, Howard nem descera mais ao covil — preferiu deixar que os rapazes da mudança embalassem todas as suas coisas e as levassem para sua casa nova. Ela tentou não olhar enquanto seus pertences, coisas com as quais convivera por anos, eram levadas para uma casa em St John’s Wood, onde agora ele vivia com Marianne. Algumas semanas depois, Daniel se mudou para seu apartamento, não aquele em que morara com Cherry, mas outro, sem recordações. Algo que ele encontrou para si mesmo em uma parte mais barata da cidade, alugado. Desta vez, Howard não discutiu. Laura não se importava; na verdade, também estava se mudando para um sobrado, perto o suficiente de Daniel para que pudessem se encontrar com regularidade, longe o bastante para que tivessem suas próprias vidas.

Levou um tempo, mas Laura finalmente conseguiu reunir coragem para ir lá embaixo. Enquanto descia de elevador, não podia deixar de pensar nos paramédicos que tinham vindo semanas atrás para levar Cherry. Como ela estava, o que eles tiveram que fazer. Ela já estava morta quando eles chegaram. Ela sabia porque Daniel tinha ido direto até lá depois do acidente, para ver se podia ajudar.

Agora tudo estava limpo, claro, mas a imagem que veio até ela não era do corpo caído sem vida de Cherry no chão, mas a da noite da festa, quando as duas desceram juntas, sozinhas, e ela ficou com a sensação de mal-estar, meio esperando ouvir os saltos da outra mulher no chão. A janela de vidro fora consertada, e Laura olhou para cima. Sentindo-se repentinamente presa em uma armadilha, correu para longe dali e voltou para casa.

A polícia interrogara ela e Daniel, e também o vizinho, duas casas abaixo, que tinha ouvido seus gritos e aparecido na janela. Daniel era a testemunha-chave, já que ele realmente vira Cherry cair. Contou para a polícia que Cherry tinha escorregado. Que tinha tentado fazer com que sua mãe caísse para a morte, correndo até ela; então perdera o equilíbrio ao vê-lo e caíra, esbarrando em Laura ao fazer isso. Laura o observara cuidadosamente enquanto ele relatava o curso dos acontecimentos, e soube que era o que ele tinha visto. Seu relato doloroso apoiava o que o vizinho testemunhara à distância, da janela. Parecia ser o suficiente para o investigador,

que registrou o veredito de morte acidental.

Ninguém viu. Ninguém. Que risco... Ela tremia só de pensar no que seria se tivesse dado errado. Um momento de loucura. Claro, era quase certo que seria classificado como legítima defesa — Cherry tentara matá-la, afinal. Mesmo assim, ela não falou nada; estava assustada demais. Houve um instante em que seus olhos se encontraram — menos que um segundo —, e algo primitivo se acendeu em Laura. Ela podia ter salvo Cherry. Talvez. Mas tinha estendido o braço. Feito contato. Mas não para puxá-la em segurança. Tinha sido tão rápido que teria sido difícil de ver, a menos que alguém estivesse bem perto. E ninguém estava.

Ela não se lembrava de tomar essa decisão. Era o que a petrificava. Era o que lhe dava pesadelos. Como chegara naquele lugar sombrio. Quem era aquela pessoa.

Ela jamais esqueceria. Talvez, com o tempo, pudesse achar um jeito de conviver com aquilo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha maravilhosa agente, Gaia Banks, que me colocou no caminho certo, por todo o entusiasmo — combinado com o da igualmente maravilhosa Lucy Fawcett. Obrigada às duas por tudo o que fizeram e continuam fazendo. Muito obrigada a Joel Gotler, cujas palavras permanecem indelévels em minha memória, a Markus Hoffmann, a todos os agentes ao redor do mundo, e também a Melissa Mahi, Alba Arnau e Matthew Goulden.

Meu sentimento de profunda gratidão a Trisha Jackson, por seu brilhante discernimento, e por me fazer sentir tão acolhida, e à equipe da Pan Macmillan que fez tudo acontecer por trás das cenas.

Um agradecimento imenso a Alicia Condon e à equipe da Kensington Books.

A Barbara Heinzius, que estava ali desde o início.

A Viki Hill, sua ajuda nas pesquisas foi de valor incalculável.

Minha família: pai, Sally, mãe, Rhys, Neil, Tina, Leila e Brandt. O apoio e a animação de vocês significam tudo. Obrigada Ettie, pelas aulas de golfe.

Livi e Clementine, que são tão inspiradoras.

E obrigada a você, meu parceiro, Johnny, meu apoio, e por me deixar azucrinar seus ouvidos com meus “E se?”.

Primeira edição (julho/2018) Papel de Capa Cartão Triplex 250g Papel de Miolo Offwhite Lux Cream 70g Tipografias Century
Gothic e Minion Pro Gráfica LIS



MICHELLE FRANCES formou-se na *Bournemouth Film School*, em 1996, e em seguida cursou o mestrado no *American Film Institute*, em Los Angeles. Após esse período nos EUA, retornou a Londres e trabalhou por vários anos como editora e produtora de cinema e de televisão em produtoras independentes e também na renomada BBC.

UMA GAROTA. UM GAROTO. A MÃE DELE.
E UMA MENTIRA QUE VAI MUDAR TUDO.

O QUÃO LONGE VOCÊ IRIA PARA PROTEGER SEU FILHO?

Laura tem uma vida perfeita: carreira de sucesso, um casamento duradouro com um marido rico e um filho lindo e talentoso, o jovem Daniel. Porém, tudo muda quando o rapaz conhece Cherry e decide apresentá-la aos pais.

O desconfortável primeiro encontro estabelece uma zona de disputa entre sogra e nora. Laura, enciumada, começa a desconfiar das intenções de Cherry, que teve uma infância pobre. Ambiciosa, a garota sempre sonhou em ter uma vida como a de Laura.

A NAMORADA IDEAL é um best-seller internacional que surpreende do início ao fim. Michelle Frances mostra que a tensão entre nora e sogra pode ser muito mais perturbadora do que uma simples rivalidade cotidiana, principalmente quando uma mentira imperdoável transforma a vida de todos.



Ela pode dizer ao seu melhor amigo
qualquer coisa... **Exceto isso.**

A BARRACA DO BEIJO

BETH REEKLES



A barraca do beijo

Reekles, Beth 9788582467480

336 páginas [Compre agora e leia](#)

ELLE EVANS é o que toda garota quer ser: bonita e popular. Mas ela nunca foi beijada. NOAH FLYNN é lindo e um tanto quando bad boy - tá, o maior bad boy da escola - e o rei dos joguinhos de sedução. A verdade é que Elle sempre teve uma queda pelo jeito descolado de Noah, que, por coincidência, é o irmão mais velho de seu melhor amigo, Lee. Essa paixão cresce ainda mais quando Elle e Lee decidem organizar uma barraca do beijo no festival da Primavera da escola e Noah acaba aparecendo por lá. Mas o romance desses dois está bem longe de ser um conto de fadas. Será que Elle vai acabar com o coração partido ou conseguirá conquistar de vez o bad boy Noah?

[Compre agora e leia](#)

A história de Elle e Noah continua em...

A CASA DA PRAIA

BETH REEKLES

Mesma autora de

A BARRACA DO BEIJO



A casa da praia

Reekles, Beth 9788582468272

144 páginas [Compre agora e leia](#)

Quem disse que a história de Elle e Noah acabou? Para a sorte de todos nós, que amamos A Barraca do Beijo, Beth Reekles decidiu contar mais um pouco da história deles. Namorar o maior bad boy da escola jamais esteve nos planos de ELLE EVANS, mas aconteceu. Porém, isso teve um preço. Sua amizade com LEE FLYNN foi colocada à prova e ela teve que rever suas prioridades e abrir o jogo de uma vez por todas sobre o seu relacionamento secreto com NOAH FLYNN. Pode parecer um sonho finalmente conquistar o crush eterno de uma vida, mas uma hora o ensino médio vai acabar e Noah começará a faculdade. Entre fogos de artifício e confusões na praia durante as férias de verão, Elle e Noah precisam decidir qual será o futuro de seu relacionamento. Afinal, as coisas nunca mais serão as mesmas, nem mesmo na casa da praia.

[Compre agora e leia](#)



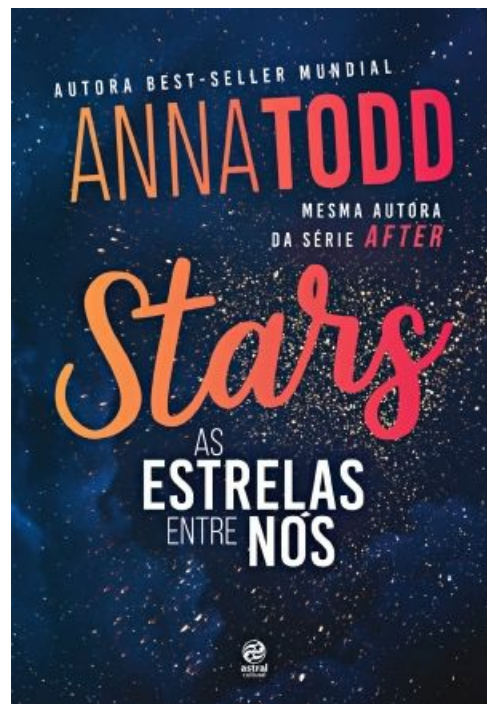
Ikigai: Os cinco passos para encontrar seu propósito de vida e ser mais feliz

Mogi, Ken 9788582467381

224 páginas [Compre agora e leia](#)

Viver uma vida plena, longa e feliz? Sim, é possível. A fórmula, segundo os japoneses, é encontrar o seu próprio ikigai, que vai ajudar você a definir e apreciar os prazeres da vida. Aqui, você irá descobrir os cinco passos para alcançá-lo e, assim, encontrar satisfação e alegria em tudo aquilo que faz. Esse antigo segredo dos japoneses pode fazer você viver mais, ter mais saúde, ser menos estressado e, principalmente, mais realizado com a sua vida.

[Compre agora e leia](#)



Stars

Todd, Anna 9788582467848

304 páginas [Compre agora e leia](#)

DEPOIS DE CONQUISTAR BILHÕES DE LEITORES AO REDOR DO MUNDO COM A SÉRIE AFTER, ANNA TODD ESTÁ DE VOLTA COM UM DRAMA EMOCIONANTE E ENCANTADOR. Karina sempre soube o quão difícil é a vida militar, desde a convivência com seu pai militar até mesmo a infância e a juventude dentro de uma base. Depois de tantos anos de rigidez, ela aprendeu que guerras nunca terminam, elas sempre deixam marcas inimagináveis e causam feridas naqueles que estão à espera de seus entes queridos. Com a intenção de se dedicar à sua carreira de massagista e finalmente ser livre, Karina compra uma casa fora da base militar. Porém, Kael, um cliente misterioso e de poucas palavras, surge em sua vida e desperta mais do que apenas a sua curiosidade, fazendo com que ela mude todos os seus planos. Aos poucos, Karina percebe que Kael carrega consigo muito mais do que dois períodos no Afeganistão. A carga de Kael e suas mentiras são muito maiores do que Karina é capaz de suportar, levando-a até mesmo a desconfiar de seus sentimentos e intuição.

[Compre agora e leia](#)



AuthenticGames: Vivendo uma vida autêntica 2

Túlio, Marco 9788582466766

160 páginas [Compre agora e leia](#)

Marco Túlio está de volta para compartilhar com os maninhos e as maninhas mais um pouco de suas histórias e aventuras. Sim, porque a vida autêntica continua... E como continua! Com uma vida completamente diferente e cheia de mudanças – não apenas de cidade, mas também de projetos –, Marco Túlio conta tudo o que aconteceu nos últimos anos, da emoção (e frio na barriga) de estreitar no palco às suas trollagens e viagens preferidas. Quem leu e curtiu AuthenticGames – Vivendo uma vida autêntica não pode deixar de conferir as histórias que o youtuber guardou para este livro, escrito como uma forma de agradecimento a todos da Família Craft.

[Compre agora e leia](#)